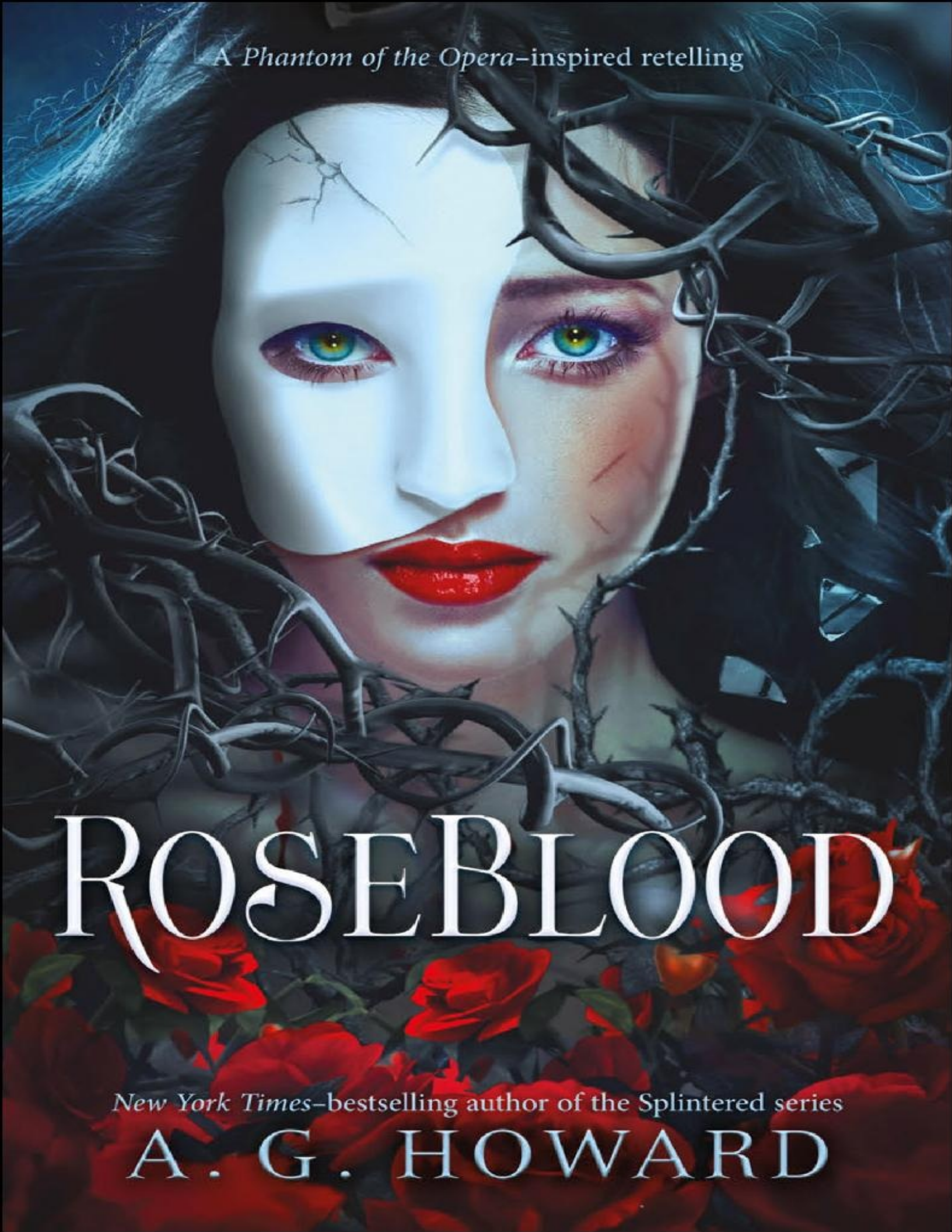

A *Phantom of the Opera*–inspired retelling
ROSEBLOOD
New York Times–bestselling author of the Splintered series
A. G. HOWARD

AVISOS

Prezem pelo grupo, não distribuam livros feitos por nós
em blogs, páginas do facebook e grupos abertos.

Nunca falem sobre livros que foram feitos por nós para autoras,
digam que leram no idioma original.

Prestigiem sempre os autores comprando seus livros,
afinal eles dependem disso não é mesmo?

NÃO GOSTOU DA TRADUÇÃO?
LEIA NO IDIOMA ORIGINAL.

A presente tradução foi efetuada pelo grupo Queens of Shadows (QOS), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição.

O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo QUEENS poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo QUEENS de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

Moderadoras

Lilly Draconi, Meghan Williams

Kamylee Bennett & Kendra Blu Notte

Staff

Tradução

Mara

Revisão Inicial

Kendra Blu Notte

Revisão Final

Meryn

Leitura Final & Conferência

Medusa

Formatação

Kendra Blu Notte

Disponibilização

Equipe Queens of Shadows Fantasy

2019

Sinopse



Rune Germain, de dezessete anos de idade, tem uma aflição misteriosa ligada ao seu talento operístico, e um erro horrível que ela está tentando esconder. Esperando que a direção criativa a ajude, a mãe de Rune a manda para um conservatório de artes francês para seu último ano, localizado em uma casa de ópera supostamente ligada ao Fantasma da Ópera.

Em RoseBlood, Rune secretamente faz amizade com o mascarado Thorn — um violinista indescritível que não só guia sua transformação musical através de sonhos que parecem mais reais do que a própria realidade, mas de alguma forma sabe quem ela é por trás de suas próprias máscaras. Enquanto os dois descobrem uma conexão sobrenatural e um romance de alma profunda floresce, a agenda sombria de Thorn vem à tona e ele é forçado a fazer uma escolha mortal: levar Rune à sua destruição, ou enfrentar a ira do fantasma que assombrou a casa de ópera por um século, e é o único pai que ele já conheceu.



1
Proposta

“O fantasma da ópera realmente existiu...”

Gaston Leroux, O Fantasma da Ópera



Em casa, tenho um cartaz na parede de uma rosa que está sangrando. Suas pétalas são brancas e o líquido vermelho escorre de seu coração, espesso e brilhante. Só que, se você olhar bem de perto, pode ver que as gotículas estão vindo de cima, onde o pulso de uma menininha - camuflado por um feixe de folhas – era espetado por espinhos enquanto ela alcançava o interior para pegar uma Monarca[1].

Eu costumava me perguntar por que ela arriscava ser fatiada só para tocar uma borboleta. Mas agora faz sentido: ela queria aquelas asas para poder voar, porque a dor de tentar alcançá-las era mais tolerável do que a dor de ficar de castigo, onde quer que esteja.

Hoje, eu abraço a sabedoria perfeita da criança. O que eu não daria por um conjunto de asas...



Do outro lado da janela da limusine, um céu cinzento se ergue acima de árvores densamente tecidas que revestem a estrada do país. As nuvens se erguem como criaturas vivas e que respiram, e gotas de chuva batem no vidro.

Não era a tarde de domingo ideal para viajar pelo interior da França, a menos que eu estivesse aqui para passar férias. O que eu não estou, não importa como alguém tente falar.

— A casa de ópera tem uma história violenta. Ninguém sabe como o fogo

começou todos esses anos atrás.
Isso não te incomoda? — Eu murmuro as palavras sob o zumbido do motor para que o motorista não ouça. Eles são para o benefício da minha mãe - do outro lado do banco de trás.

Mamãe pula quando os pneus mergulham em uma poça funda enquanto se voltam para uma estrada dilapidada de paralelepípedos e terra incompatíveis. Lama espirra pela janela.

— Rune... Você está compreensivelmente predisposta a odiar qualquer prédio que tenha sofrido um incêndio. Mas é um medo que você precisa superar. As dezoito centenas foram há muito, muito tempo atrás. Com certeza, até agora, todo o —karma— ruim se foi.

Olho para a tela de privacidade que nos separa do homem uniformizado no volante, observando os limpadores cortarem a sujeira marrom no para-brisa com um guincho abafado enquanto eles limpam uma linha de visão.

Mamãe usa o termo *karma* como se fosse uma palavra de cinco letras. Eu não deveria estar surpresa com o cinismo dela. Ela sempre teve uma visão diferente da herança do pai do que eu. Ela acha que minha ansiedade vem do impacto da vó Liliana em nossas vidas. Que as ações e acusações da minha avó aumentaram as superstições ciganas que meu pai já havia imprimido em mim e afetaram a maneira como vejo o mundo. Mamãe está parcialmente certa. É difícil escapar de algo tão profundamente arraigado, especialmente quando eu já vi provas de coisas sobrenaturais, tendo sido possuída a maior parte da minha vida.

— Seis semanas até o final de outubro— continuo a isca. —E vou estudar em uma escola assombrada por um fantasma. As coisas não parecem mais *Halloweenescas* do que isso.

— Um fantasma? — Uma pequena ruga atravessa as sobrancelhas franzidas da mamãe. — Estamos nisso novamente? Sua vida não é um musical da Broadway. Este lugar não é nada parecido com o da história. A Opéra Populaire de Leroux foi criada após o Palais Garnier na cidade. Você deveria saber disso, considerando que leu o livro pelo menos três vezes agora.

Eu agarro o painel da porta para me apoiar contra outro mergulho na estrada. Se ela acha que vou ignorar o que eu encontrei nos fóruns clandestinos de RoseBlood, ela está errada. É toda a razão do porque eu verifiquei o romance de Gaston Leroux da biblioteca algumas semanas antes de sairmos em primeiro lugar. Embora minha leitura do livro tantas vezes tivesse mais a ver com a história em si - um misterioso compositor usando seu dom natural de música

para ajudar uma garota a encontrar o poder em sua voz.

— Você viu a discussão. — Eu digo. — O projeto para Garnier foi inspirado em um edifício que pertenceu a um imperador parisiense excêntrico no século XVIII. Uma casa de ópera privada situada no país chamada Le Théâtre Liminaire. AKA: minha nova escola. Dizem que o Liminaire é onde a lenda fantasma se originou. — Folheio minhas buscas recentes em meu telefone, então levanto a tela para que mamãe possa ver o texto ao lado de uma ilustração mórbida e adorável de um homem de capa em meia máscara segurando uma rosa ensanguentada. — Então você está certa. Eu não estou entrando em um musical. É uma história de terror. Com um lado de obsessão e sangue.

Atingimos dois solavancos seguidos desta vez, quase batendo nossas cabeças no teto acolchoado da limusine. Um sopro de ar irritado escapa dos lábios da mamãe, embora eu tenha certeza de que é direcionado para mim e não para o motorista. — Eu te disse que esses fóruns não são nada mais do que estudantes que foram rejeitados por admissões. As pessoas dizem coisas ultrajantes quando se sentem menosprezadas. — Ela abre o panfleto da escola pela vigésima vez. — De acordo com a brochura, pós-renovação, a maior parte da casa de ópera não é mais a mesma. Lugar totalmente diferente.

Eu mexo no final da minha trança. — Simplesmente não parece certo. Por que demorou mais de cem anos para alguém reconstruir ou habitar aquele lugar novamente?

Mamãe pressiona a brochura até a coxa, sinalizando o fim do nosso debate. — Apenas pare de ser tão negativa e foque no positivo. Eles tiveram muita chuva aqui, então as folhas estão mudando cedo. Olhe pela janela e aproveite o começo do outono. Isso deveria te lembrar de casa.

Olho para o meu colo e faço um grande esforço para não ver as folhas cobertas de joias: os marrons e laranjas, os amarelos tão brilhantes quanto os dentes-de-leão que cobrem minhas flores todas as primaveras, até que saio com um balde e pá para cavá-los acima. Eu prefiro não me lembrar do que sinto falta de casa agora, ou do que eu vou sentir falta em seis meses quando o tempo quente se estabelecer em Harmony, Texas, e eu não estiver lá para cuidar do jardim do papai. .

Jardinagem é uma das duas coisas que mais me faz lembrar dele. Eu herdei seu polegar verde, mas também seu talento para a música. Embora eu nunca conseguisse dominar o violino como ele fazia. Meu instrumento é algo completamente diferente e me domina. Que é a verdadeira razão pela qual estou sendo mandada embora, embora mamãe não admita isso.

Minha trança drapeja no meu ombro esquerdo, o final batendo nas alças da minha calça jeans na hora certa com o movimento do carro. Eu puxo as fitas prateadas entrelaçadas, aliviada por ter trançado as ondas indisciplinadas esta manhã antes das nossas compras. Caso contrário, eu não teria controle sobre elas nessa umidade. Eu puxo meu gorro de malha artesanal para baixo, desejando que eu pudesse desaparecer por dentro.

Se eu fosse a qualquer lugar além de um conservatório de música, seria mais cooperativo. Algo aconteceu em Harmony recentemente... Algo que eu tenho razão para fugir. Algo que mamãe não sabe.

Mas me mandar para o RoseBlood? Ela está tão desesperada para me consertar, ela não parou para considerar o inferno que ela está me sentenciando.

— Eles encontraram um esqueleto no porão mais profundo, flutuando na água. Um esqueleto, mamãe. Eu realmente preciso de outro motivo para ter medo da água? Este clima... são um presságio.

— Certo — Mamãe zomba. — A qualquer momento você começará a pregar sobre auras e visões.

Nós de tensão se formam em meus ombros. Meu pai e minha avó falavam muito de auras, como se pudessem vê-las. E como vejo arco-íris quando canto, costumava pensar que essa capacidade me foi transmitida. Houve uma época em que me convenci — se eu me concentrasse o suficiente — eu podia ver auras de cor em volta do corpo de outras pessoas. Eu cometi o erro de contar a mamãe uma vez. Ela me levou ao oftalmologista, e eu acabei retratando a alegação, a fim de evitar usar óculos que eu sabia que não precisava. Agora, eu me convenci a parar de procurá-las. Não vale a pena o incômodo ou a confusão.

— Considere isso — continua mamãe. — Toda vez que você voltar à sua maneira de pensar, você lhe dá poder sobre sua vida. — A voz de mamãe vacila no esforço óbvio para não mencionar o nome da minha avó. — Eu sei que ela está trabalhando para ser uma pessoa melhor, então vamos cortar um pouco a sua folga. Ela falou com sua tia para pagar suas mensalidades. O mínimo que podemos fazer é deixá-la tentar fazer as pazes, já que ela está morrendo. Só não deixe ela entrar na sua cabeça novamente.

Eu pressiono meus lábios com força. Sofrer de insuficiência cardíaca congestiva tem que ser horrível e doloroso, e eu deveria pelo menos sentir algo pela vovó Lil. Mas eu me lembro de imagens do meu cabelo negro girando em águas escuras e profundas enquanto tentava escapar da caixa de madeira, mantendo-me submersa; Lembro-me de suas mãos enrugadas e desgastadas do outro lado das tábuas, apertando-as para me segurar. E por causa disso, qualquer

simpatia me escapa.

Eu estremeço. Sim, vovó tem muito que compensar, sem dúvida.

— Depois de todos esses anos sem contato — mamãe continua. — Para eles se aproximarem assim porque você está tendo tantos problemas? Isso me dá esperança de que podemos ser uma família novamente. Seu pai queria isso. Não foi fácil para a Lottie conseguir sua transferência para o topo da lista. Ela estava com medo de mostrar favoritismo. Mas ela está fazendo isso como um favor para nós. Vamos nos esforçar para mostrar nossa gratidão quando chegarmos lá. Ok?

A famosa tia Charlotte: aposentada de sessenta e alguma coisa, francesa, prima e irmã mais velha de papai. Eu tenho a sensação de que isso é mais um favor que ela está fazendo para sua mãe encarcerada - então a velha mulher pode salvar-se da prisão continuada pós-morte, no purgatório.

Eu corro minha mão pelo assento, o couro de pelúcia é estranho para a minha mão. Como quase todas as mulheres da família de papai, Charlotte era bailarina na companhia da Ópera de Paris. Como resultado, ela se casou com um marido aristocrático. Foi amor à primeira vista quando ele a viu dançar. Agora que ela é uma viúva rica, suas doações generosas renderam à nossa família um lugar entre os beneficiários mais qualificados do internato. O que explica minha aceitação como estudante sem o período de consideração de três meses.

Nada como o nepotismo para ganhar um lugar nos corações dos seus pares.

Espero que os outros alunos não saibam que minha tia mandou essa limusine para nos pegar no hotel esta manhã e nos levar para fazer compras o dia todo; que ela está pagando minhas mensalidades pelo ano; e que ela transferiu à minha mãe novecentos e cinquenta euros na semana passada - o equivalente a mil dólares, mais ou menos - para ajudar a comprar meus uniformes e acessórios de dormitório nas boutiques elegantes daqui.

Eu nunca a conheci, além de dez anos de conversas telefônicas frágeis e unilaterais com minha mãe, Charlotte nunca visitou a América e eu nunca estive em Paris até agora. De acordo com mamãe, ela costumava ligar uma vez por mês para conversar com o pai. Até que ele ficou doente o suficiente para pousar em cuidados paliativos; então ela parou. Ela não chegou a ir ao funeral dele, então não posso deixar de questionar seus motivos.

— Ele disse na brochura que eles coordenam seus calendários com as escolas públicas dos estados. Isso significa que já está um mês aqui. — Enrolo minhas mãos, uma tentativa de reprimir a dor em meu coração ao pensar na ausência de meu pai, a ferida que nunca cicatriza, mesmo depois de uma década.

—Você sabe o quão difícil é fazer amigos tão perto do final das primeiras seis semanas? — Não que eu pretenda tentar... Mas verdadeiras intenções ficam em segundo plano quando se trata de culpar a mamãe.

— Não é inédito — ela rebate. —Muitas pessoas estão se esforçando para enviar seus filhos, até tarde. Isso não diz algo para o crédito da escola? Apenas dois anos depois, e já há uma lista de espera. Havia pelo menos vinte nomes à sua frente. — Mamãe olha pela janela, onde as árvores úmidas engrossaram em nós multicoloridos, como uma manta enfeitada com glitter.

— Meu ponto exatamente. — Eu bato meus dedos em algum ritmo infinito girando dentro de mim... Uma melodia operística que ouvi em um elevador mais cedo é despertada e isso não é um bom sinal. A melodia vai se contorcer como uma cobra no fogo e queimar buracos atrás das pálpebras fechadas em forma de notas musicais até eu cantar. É uma tortura física, como uma faísca constante no meu crânio que queima minha coluna - vértebra por vértebra. —Eu vou estar ganhando amigos de esquerda e direita, uma vez que ouvi eu pulei a lista através da minha linhagem.

Mamãe chupa a língua. — Bem, de acordo com você, ainda há o fantasma. Tenho certeza de que ele não é muito exigente com quem ele anda.

Minha mandíbula aperta quando eu suprimo um bufo. *Touché*.

Eu traço a janela agora suja pela lama, imaginando o vidro rachando e estourando; imaginando-me brotando asas para voar através da abertura de volta para a América e meus dois amigos que eram tolerantes com minhas peculiaridades estranhas.

Ansiosa por mais um vislumbre do céu, acionei a janela automática para limpar a vidraça, permitindo que um vento fresco e frio introduzisse um jato de lama e chuva. Eu sorrio enquanto a umidade marca meu rosto e pescoço, facilitando a picada da música na minha cabeça. Mamãe grita e eu fecho a janela de novo.

— Rune, *por favor.* — Ela aperta seus lábios carnudos, vermelhos a uma carranca. Passando os dedos pelas gotículas sujas do cabelo curto, ela tira um lenço de papel da bolsa.

— Desculpe. — Eu sussurro, na verdade, significando isso. Usando meu cachecol de veludo, eu seco minhas bochechas, em seguida, me asserto no assento de couro.

Mamãe está esfregando a jaqueta de crepe taupe e saia lápis, que pendem como papel de seda em seu pequeno quadro. Com cada movimento, sua fragrância de assinatura sopra sobre mim: Lemon Pledge. Ela limpa casas de

outras pessoas para ganhar a vida e parece que nunca consegue se livrar do cheiro de poeira e do Pine-Sol.

Com sua delicada estrutura óssea e características marcantes, ela sentia falta de sua verdadeira vocação. Ela fez alguns modelos de impressão quando o papai estava vivo, mas ela não era alta o suficiente para estar na passarela. Uma vez que ele ficou doente, ela precisava de — segurança no emprego — para ajudar a pagar as contas. O serviço de limpeza preencheu esse nicho, mas sei que uma parte dela sempre se arrependeu de mudar de profissão. E agora ela está determinada que eu não perca minha chance em algo melhor, algo que ela pensa que eu nasci para fazer.

A luz cinzenta e as sombras roxas deslizam ao longo das maçãs do rosto quando atravessamos as árvores. As pessoas dizem que podemos nos passar por irmãs. Compartilhamos sua pele de marfim, as pequenas sardas salpicadas na ponte do nariz, os grandes olhos verdes dentro de uma estrutura de grossos cílios e o cabelo dela - preto como as asas de um corvo. A única diferença é que herdei meus cachos de um pai cuja risada eu ainda ouço quando danço em poças de chuva. Cujo rosto ainda vejo nos reflexos da água, como se ele estivesse ao meu lado.

Sem estar em casa, perto de nosso jardim, minhas únicas conexões restantes com ele são a música que ele amava e sua família, cada uma inseparavelmente entrelaçada com a outra. Como os pais da mamãe faleceram antes mesmo de eu nascer, ela não tinha ninguém em quem se apoiar quando papai adoeceu. Então, vovó Liliana veio da França para morar conosco em Harmony. Ela foi de muita ajuda no começo, mas alguns meses depois que meu pai morreu, ela deixou nossas vidas em uma explosão de horror, literalmente. A última vez que a vi, ela apareceu na minha festa do Dia dos Namorados na segunda série e propositalmente iniciou um incêndio que quase acabou com uma turma inteira de crianças de 8 anos.

Ela foi trazida de volta para a França e está trancada na cidade de Versalhes desde então, em uma prisão para criminosos insanos. Irônico, considerando que foi sua segunda tentativa de me matar. Embora eu sempre me pergunte se imaginei o primeiro... se os detalhes se misturassem no meu cérebro de sete anos porque eu estava lutando tanto pela minha vida. De acordo com o que a vó disse à mamãe, tudo foi um acidente.

Eu tremo e esfrego a cicatriz no meu joelho esquerdo que espia através do rasgo no meu jeans, um lembrete impresso na minha pele. Um lembrete da madeira lascada que eu chutei em meu caminho... um lembrete de que,

acidentalmente ou não, eu não imaginava isso.

— Você tem um presente. — A afirmação da mamãe relembra toda a memória intrusiva, rasgando as teias de aranha e balançando esperanças mortas em meu coração que se estabeleceram onde uma avó amorosa e sensata deveria estar. —Este lugar ajudará você a perceber seu potencial. Seja grata pela oportunidade.

Mamãe não entende que eu quero ser grata. Eu sinto falta de como o canto uma vez me fez sentir: livre, única, completa.

Mas e se vovó estivesse certa sobre mim? ... sobre tudo?

A melodia que eu ouvi mais cedo no elevador bate contra minhas costelas mais uma vez, fazendo minha respiração rasa. A partir do momento em que começaram a namorar, meu pai ensinou minha mãe francês. Ele fez o mesmo por mim desde meu nascimento, e ela continuou sua tutela depois que o perdemos. Por causa disso, eu sei o suficiente para estar confortável aqui. Mas a ópera passando pelos alto-falantes soava em russo. Não tenho ideia do nome ou do assunto. Eu não tenho que saber. Agora que as notas estão tecidas dentro de mim, as palavras são impressas ao lado delas. Quer eu possa ou não traduzir o que estou cantando, ainda vou me lembrar de como formar cada sílaba na minha língua quando chegar a hora de lançar a música.

É como se eu tivesse uma memória fotográfica auditiva, embora não seja algo que eu possa tranquilamente absorver, então, deixe-me sentar na parte de trás das minhas pálpebras como uma imagem, escondida da visão de todos os outros. Não há nada privado sobre minha habilidade.

O medo aperta minha garganta. Eu preciso aliviar a tensão, me livrar da música. Mas eu não quero perder isso na parte de trás de uma limusine. Está muito confinado; e depois tem o motorista...

Todo mundo experimentou o sentimento, entrando em uma sala e as outras pessoas pararam de falar. Isso acontece comigo toda vez que eu canto. Silêncio de parede a parede. Se uma gota de suor caísse, você a ouviria respingar no chão. Não é um silêncio constrangedor. Mais como um silêncio intimidador.

Não tenho o direito de me orgulhar porque não é nada que ganhei. Até recentemente, eu nunca tive uma aula de canto na minha vida. No entanto, desde que eu era pequena, a ópera tem sido uma parte viva de mim.

O problema é que, como cresci, tornou-se mais exigente... uma entidade que me controla. Uma vez que uma música fala ao meu subconsciente, as notas se tornam uma toxina que eu tenho que liberar através do meu diafragma, minhas cordas vocais, minha língua.

A única maneira de respirar de novo é através de uma compulsão e purga de música. A pior parte é o que segue - como terminar uma performance me faz sentir.

Despida, fria e exposta. Fisicamente doente. Apenas algumas horas depois, quando os sintomas de abstinência se foram, posso me tornar eu de volta. Pelo menos até a próxima melodia me possuir, como a que está me atravessando agora.

Minhas pernas começam a tremer e eu aperto minhas mãos nos joelhos. Eu tusso para suprimir a melodia que está subindo pela minha garganta como bile.

— Rune, você está bem? Você está muito corada. É isso...— Ela dá uma olhada no meu rosto e geme. Minhas bochechas coradas e pupilas dilatadas são sua única sugestão. Ela nunca viu o que vejo no espelho... O que papai costumava ver quando a música queimava dentro de mim: minha íris iluminando-se em um tom mais claro, quase etéreo, como a luz do sol atravessando o vidro verde. Papai chamou isso de energia, mas porque mamãe não podia ver, ela riu dele.

— Basta acabar com isso. — ela insiste.

Outra tosse - forte o suficiente para forçar minhas cordas vocais. — Eu não posso cantar aqui. — As notas irritantes emaranhadas na minha garganta. — E se eu atingir um C alto e quebrar as janelas? Suas roupas não vão sobreviver a muita chuva.

Ela franze a testa, indiferente ao modo como minha pele se arrepia sob a minha capa de chuva, às gotas de suor acumuladas na minha linha do cabelo debaixo do meu boné. Eu vasculho a sacola aos meus pés - uma sacola enorme, com contas cor de vinho, malva e verde costuradas na frente perolada para retratar rosas e folhas - e arrasto para o meu mais novo projeto de tricô.

Com a boca fechada, vou trabalhar no suéter cor de creme que comecei há algumas semanas. Com cada estalido de metal das agulhas, o chenile macio roía levemente as pontas dos meus dedos. Os instrumentos frios são firmes e fortalecedores em minhas mãos. Início o ritmo de looping e de rolagem para que o estímulo tátil possa me distrair - uma estratégia que às vezes funciona.

Os lábios carrancudos da mamãe amolecem para uma linha reta frustrada. —A única coisa boa que sua avó Lil lhe ensinou, e você a usa como muleta.

Ignorando-a, eu fecho meus pulsos para que as agulhas se enrolem e rolem, girem e girem. A chenille serpenteia ao redor do metal prateado cintilante como fios de algodão doce em um cone.

— A música não afetaria você assim se você simplesmente parasse de

lutar. — mamãe pressiona, tentando parar minhas mãos.

— Por que eu deveria ter que lutar para começar, mãe? Isso é normal? — Eu me liberto e volto para a minha fuga rítmica.

Mamãe sacode a cabeça, firme em sua negação. Seguro em sua fé em mim. Se eu pudesse pegar emprestado um pouco disso.

Eu gostaria de ser como aqueles mimos que vimos em uma esquina quando compramos. Se eu pudesse fazer uma pantomima pela saída de uma música do meu corpo - um assassinato silencioso e eficaz da melodia - talvez eu pudesse mais uma vez ser grata pelo meu presente, em vez de temer o seu consumo gradual e violento de mim: corpo, mente e alma.

2
As linhas que nos unem

“Às vezes, o Anjo [da Música] se inclina sobre o berço...”
Gaston Leroux, O Fantasma da Ópera



Meu pai descobriu meu “presente” quando eu tinha quatro anos. Eu estava na sala de estar com ele, construindo uma torre de blocos enquanto ele praticava em seu estimado violino Stradivarius. Até então, ele tocava apenas concertos, aberturas e sonatas. Mas ele decidiu tentar sua mão em um acompanhamento operístico naquele dia.

Parei o que estava fazendo, olhando para o instrumento de cordas. Papai disse que era como se eu estivesse vendo o violino pela primeira vez, embora eu o tivesse visto tocar desde o meu nascimento. Derrubando os blocos no meu caminho, eu me aproximei, coloquei minha mão em seu joelho e cantarolei a melodia da ópera - a que ele nunca tinha tocado antes - em tom perfeito.

Quando ele me perguntou sobre isso depois, eu respondi que seu violino cantava palavras para mim. Elas me disseram como ver um arco-íris e seguir as cores com a minha voz... Ele as chamou de auras. Ele estava convencido de que eu estava vendo escalas musicais ganharem vida - que eu tinha uma conexão com os pulsos energizados da música. Mamãe voltou da mercearia a tempo de pegar nossa discussão. Ela ficou irritada, insistindo que papai estava sendo melodramático. Ela culpou sua educação supersticiosa e imaginação hiperativa, duas coisas que eu - de acordo com ela – herdei dele. O pai dela era um fanático pregador de cidade pequena e forçara a religião por sua garganta por tanto tempo, ela tinha dado as costas para qualquer coisa remotamente espiritual ou sobrenatural no minuto em que ela tinha idade suficiente para sair de casa.

Até hoje ela ainda evita todas as coisas do outro mundo, mas seu ceticismo sobre minha voz morreu rapidamente quando ela se sentou alguns dias depois, atordoada e muda, enquanto papai tocava uma gravação de uma ária espanhola cantada por um vocalista em acompanhamento. Eu cantei, executando todas as letras estrangeiras e notei como se eu fosse a diva de renome mundial. Isto de uma criança que só recentemente aprendeu a cantar inglês.

Depois disso, papai começou a acompanhar gravações de ópera regularmente e, muitas vezes, eu participava espontaneamente. Um dia, quando fizemos um concerto para alguns amigos próximos, papai parou e baixou o arco, ouvindo em reverente silêncio todos os outros enquanto eu terminava a música em alemão perfeito. Mas sem o violino me guiando, algo mudou. Eu ainda carregava a música perfeitamente, até a última nota intocada.

Nesse ponto, as cores vivas e prismáticas da melodia que dançava ao redor da minha cabeça sangravam em um esmalte vermelho espesso que tingiu minha visão. Eu caí de joelhos, tremendo e enjoada. Eu fiquei doente a noite toda.

Papai decidiu que era ansiedade de performance, que eu precisava dele como acompanhante de apoio. Eu me tornei sua marionete e ele, meu marionetista, e adorei cada minuto disso. No início, ele se concentrou apenas nas melodias às quais eu respondia e, enquanto estávamos ligados por cordas de música, a voz de seu violino me guiando, eu podia cantar sem incidentes. Então ele me ensinou novas músicas. Cada uma me levando mais alto, me dando mais confiança. Aos seis anos, eu era invencível. Nenhuma nota estava fora do alcance, nenhuma composição era muito complexa.

Ele e mamãe concordaram que eu era jovem demais para ir a público. Eles queriam que eu tivesse uma infância normal, por isso não procuramos treinamento formal e mantivemos nossos ensaios privados.

Papai encorajou meu talento em cada turno - ele era meu maior fã - até que ele foi diagnosticado com câncer. Quando ele ficou fraco demais para me acompanhar com seu violino, tentei continuar cantando para ele, na esperança de lhe dar a força que ele me deu uma vez. Mas desde que os laços musicais entre nós foram cortados, minhas performances me deixaram exausta. Eu ignorei os sintomas de gripe e continuei me esforçando apenas para vê-lo sorrir.

No entanto, não importava o quão imaculada a clareza das notas, ou quão genuínas e evocativas as emoções interpretavam através da música, eu não conseguia tirá-lo da lama de tubos de alimentação, cateteres e quimioterapia. Eu não consegui mudar seu destino.

Depois que ele morreu, minha avó insistiu que era minha culpa. Que meu presente antinatural de alguma forma drenou meu pai da vida e o matou.

Eu não posso anular a crença de que talvez, de alguma forma, ela esteja certa. Como algo tão estranho e inexplicável pode ser saudável ou bom? Não é. Eu sei muito disso. Eu sei disso pelo que aconteceu entre eu e Ben. Embora eu esteja esperando que ele fique bem, eu também estou esperando que, se ele acordar do coma, ele não se lembre de nada. Ele é a única outra testemunha.

Meus ombros caem com o pensamento da última vez que o vi, ligado a máquinas no hospital, assim como meu pai antes de morrer.

Pela minha parte na morte do papai, vovó Liliana queria me mandar para o inferno. Uma velha apavorada por uma criança. Considerando que minha mãe estava e está convencida de que sou a única com medos. Ela está alheia aos perigos, vê minha maldição como um talento e pensa que, com a prática, vou

superar meu medo do palco e aprender a atuar para o público um dia.

Se fosse apenas isso.

Já era difícil se sentir normal no Texas. Pelo menos lá, uma melodia operística aparecendo inesperadamente no rádio era um evento raro. Eu não sei exatamente qual é o gatilho. Embora seja sempre uma melodia de mulher, não é todo que eu ouço. Alguns falam comigo, outros não. Mas uma vez que a faísca foi acesa, a música finalmente ganha. E em RoseBlood, eu vou estar exposta a ópera todos os dias e forçada a limpar as notas na frente de estranhos que me verão nos meus lugares mais vulneráveis.

Não mais me misturando, quieta como uma gota de chuva sugando um córrego em uma vidraça.

Pequenos riachos de água se empurram na janela da limusine, e eu descanso as agulhas de tricô no meu colo, a testa pressionada contra o vidro. O frescor se infiltra para contrabalançar a corrida quente que sobe do meu pescoço até meu rosto. Através das folhas, o céu escurece como se estivesse tomando emprestado meu humor.

— Eu não sei por que você está sendo tão rabugenta hoje — diz minha mãe, a cadência de suas palavras dançando ao meu redor como um som de brincadeira. — Você sempre falou sobre estar envolvida com a Broadway ou o teatro. Como a ópera é diferente?

— Nos *bastidores.* — Eu tento argumentar com ela. — Uma fantasia ou designer de maquiagem. — Em um último esforço para mudar de ideia, eu pego todas as paradas. — Isso é tão injusto. Eu nunca pedi nada disso. — Eu começo as agulhas de tricô novamente, mais devagar desta vez, e meu pulso se acalma a um ritmo calmo. A música recua para o meu subconsciente, mas é apenas um alívio temporário. Estará de volta.

O terno da mamãe sussurra. Ela aperta os dedos firmes e quentes ao redor da minha mandíbula. Deixei meu suéter para estudar suas feições, cada uma delas sombreada de desapontamento.

—O h, você pediu por isso — diz ela. —Você fez escolhas ruins. Então agora vamos colocar sua vida de volta nos trilhos. E o primeiro passo é cercá-la com crianças da sua idade. — Ela solta meu queixo.

E é aí que a pequena população de cinquenta alunos da RoseBlood, composta por sessenta por cento de juniores e quarenta por cento de seniores, vem a calhar. Esse detalhe particular da brochura ficou em alto e bom som enquanto eu estava lendo no avião.

Enfio minha malha na sacola e me chuto pela milésima vez por ir àquela

festa da faculdade no começo da escola. Ficar bêbada naquela noite não tinha nada a ver com o fato de que eu me sinto mais confortável em torno de crianças de faculdade do que meus próprios colegas de classe. Mas eu sei que é melhor não admitir para mamãe, por que se ela soubesse a verdadeira razão pela qual eu tomei o primeiro gole de cerveja, ela viraria essa limusine e me deixaria em Versalhes com vovó Liliana. Pássaros de penas de sangue pertencem juntos.

— É a única vez que eu já toquei em álcool — Eu digo por causa de um nó na garganta. — Você não pode me dar outra chance? Eu cometi um erro estúpido e você está me mandando para a prisão. — Pode soar como uma farpa, mas a prisão é algo que eu provavelmente mereço, o que torna um medo legítimo. — Apenas admita isso. Você quer que eu vá embora para que você possa brincar de casinha com seu novo noivo sem mim lá.

— RoseBlood não é uma prisão — diz mamãe. — Quantos internatos estrangeiros oferecem entrada apenas para crianças americanas? Esta é uma oportunidade rara... um gosto da cultura francesa em um ambiente que você se sente em casa.

Suprimo o desejo de salientar que ela está citando a brochura Rose-Blood quase palavra por palavra e, em vez disso, concentro-me em como ela evitou minha acusação sobre seu noivo. Uma explosão de contentamento entra inesperadamente. Eu sorrio do lado esquerdo do meu rosto. Eu não arrisco o direito porque ela pode ver isso.

Estou tão feliz que ela conheceu alguém depois de todos esses anos me criando sozinha. E Ned, o corretor de imóveis, é um cara muito legal que trata a mamãe como uma rainha e eu como uma princesa. Estou realmente feliz por ele ter se mudado. É bom ter alguma aparência de uma família novamente. Ainda assim, não vou admitir nada disso desde que encontrei alguma vantagem.

— Não tem Wi-Fi no local — Eu digo. — Isso significa que não há acesso à Internet. E estamos no meio do nada, sem serviço de telefonia celular. Como eu devo ficar em contato com você? com Trig e Janine... Alguém do lado de fora?

—E les têm um telefone fixo, Rune. Você poderá ligar para casa. — A outra metade do meu sorriso encontrou o caminho até a boca. — Quanto à ausência de mensagens de texto... Eu tenho o substituto perfeito. — Ela se inclina para vasculhar as sacolas de compras a seus pés, as pequenas que sobraram depois de encher o baú cheio.

Eu observo, desconfiada, enquanto papel de seda se enrola sob seus dedos. Passamos a manhã dirigindo pelo bairro do Louvre-Tuileries, percorrendo as

grandes praças, lindos jardins e bistrôs da moda no conforto da nossa limusine. Visitamos várias boutiques, mas nunca nos separamos por mais tempo do que levamos para experimentar meus uniformes - três conjuntos compostos por uma jaqueta, colete, saia longa e camisa de babados - que mais parecem hábitos vitorianos do que qualquer código de vestuário moderno.... Até mesmo o esquema de cores cinza, branco e vermelho é monótono e sem vida suficiente para fazer com que todos pareçamos rejeitados pelo museu de cera. Mamãe ficou lá e me entregou as peças separadas do outro lado da porta do camarim. Então, quando ela teve tempo para fazer compras nas minhas costas?

Com o pulso em uma bolsa listrada de zebra com franjas de penas cor-de-rosa, ela desenha um retângulo. Papel de seda solta o presente.

Eu pego, mordendo minhas bochechas internas para conter um sorriso. Ela sabe o quanto eu gosto de presentes. Ambos recebendo e dando-lhes. — O que você fez?

Ela encolhe os ombros, a mesma mãe que costumava insistir para que abríssemos um presente de Natal por semana, todos os anos, porque ela não aguentava esperar mais do que eu. Eu amo esse lado dela.

Eu sinto uma picada atrás do meu esterno, porque a maior razão pela qual eu não quero ir a essa escola estrangeira me bate forte e repentinamente. Pela primeira vez desde que perdemos meu pai, minha mãe e eu estamos prestes a nos separar.

Um oceano à parte.

Eu me forço a não olhar para ela, com medo de quebrar.

Com dedos duros, eu desembrulhei uma caixa coberta de tecido de brocado rico - preto e cinza listrado com enfeites de fita vermelha. Uma tampa com dobradiça se abre para revelar papelaria francesa sofisticada. Vieiras pretas rendadas cortam as bordas. O papel é de um tom acinzentado, tão macio e translúcido quanto à luz filtrada através das nuvens do lado de fora. Quando levanto um pedaço e abro a mão atrás dele, posso ver a silhueta dos meus dedos e palma da mão. Uma fita em relevo, vermelho brilhante para complementar os acetinados na caixa, embeleza o topo da papelaria. Os envelopes correspondentes estão dobrados no canto ao lado de uma pena preta. O set é exatamente o que eu teria escolhido para mim.

— Assim... Eu deveria escrever para todo mundo? — Pergunto, escondendo o quanto estou emocionada. — Meio arcaico, não acha?

Ela inclina a cabeça, presunçosa. — Parece que você não vai estar em confinamento solitário depois de tudo.

O sorriso que eu tenho reprimido empurra para fora. —Mas eu não tenho endereços ou cartões postais.

— Ah. — Ela escava um rolo de selos globais e um livro de endereços de sua bolsa de zebra. Ela deve tê-los escondido em sua bolsa de noite.

Sorrateira. Outra coisa que sempre amei nela.

Ela aponta para a fita vermelha em relevo na papelaria.

—Você realmente acha que eu deixaria você estar a milhares de quilômetros de distância de mim sem um fio para nos prender?

Apenas aquela referência e estou de volta no começo da primeira série, com medo de sair do lado dela até que ela enfiou a mão na bolsa e pegou uma longa faixa vermelha de fios, amarrando-a no meu pulso. Nós passamos a noite anterior no quarto do hospital do papai, falando em um telefone de brinquedo feito de latas de sopa vazias e fios. Eu derramei todos os meus medos para ambos, e eles me confortaram. Quando saímos do hospital, mamãe tirou o fio das latas e prometeu que todo o amor e a proteção de seu pai estavam entrelaçados, e enquanto eu estivesse comigo, eles estariam lá.

Eu ainda tenho essa tira de fios, marcando uma passagem no meu livro de contos de fadas favorito que papai costumava ler para mim: *Les Enfants Perdus*, que se traduz em — As Crianças Perdidas. É uma versão francesa do mundo antigo de Hansel e Gretel, um pouco mais sombrio, com o diabo e sua esposa-bruxa segurando dois irmãos perdidos - Jean e Jeanette - reféns em uma floresta. Juntas, as crianças escapam, usando suas mentes e vontades para assassinar e superar seus atormentadores escuros antes que possam ser comidos. Embora as páginas do livro estejam danificadas pela água e amassadas, eu nunca joguei fora.

Eu estava tão chateada no avião quando percebi que me esqueci de trazer qualquer uma dessas lembranças para Paris. Mas mamãe achou um substituto para a corda vermelha.

— Uau, mamãe.

— Ah, e tem isso também. — Ela me entrega uma outra bolsa recheada de tecido.

— Hmmm. Talvez eu devesse ir para a escola com mais frequência, afinal. — eu provoco, arrastando o tecido. Meu fôlego pega o brilhante, novinho em folha ***Crianças perdidas,*** olhando para mim - como se ela estivesse lendo minha mente o tempo todo.

Ela encolhe os ombros quando eu viro um olhar interrogativo em sua direção. — Foi em uma vitrine em uma das lojas esta manhã. É uma edição

moderna... e as ilustrações são diferentes. Mas é a mesma história. Agora você tem seu fio e seu livro para nos unir todos juntos.

Meus olhos ardem. —Obrigada.

Ela dá um tapinha na minha mão e nós compartilhamos outro sorriso. Meus lábios tremem enquanto folheio as páginas, lembrando-me da voz profunda e forte do pai lendo o texto para mim em francês impecável. Eu sinto muita falta disso. Assim como eu sinto falta dele falando comigo com seu violino. Quando ele ficou mal o suficiente para que tivéssemos que levá-lo ao hospital, eu dormia com o instrumento debaixo da minha cama todas as noites. Quase parecia uma parte dele - talvez porque cada vez que ele tocasse, ele o embalaria como se fosse uma criança preciosa.

Eu ainda teria comigo até hoje, se não tivesse desaparecido quando a vovó Liliana chegou pela primeira vez na América. Mamãe suspeitou que ela pegou, e a confrontou. Vovó admitiu ter mandado de volta para Paris. Mamãe ficou furiosa, supondo que ela queria vendê-lo devido ao seu valor. Era um Stradivarius único, feito à mão de madeira tão negra e brilhante que eu costumava pensar que tinha sido esculpida em uma mancha de óleo. O pergaminho enrolado na ponta do pescoço como uma concha de caracol, acrescentando a sua singularidade. Mas a vovó vendendo isso não fazia sentido. O instrumento era uma herança familiar desde o início do século XIX. Um de nossos ancestrais, Octavius Germain, até gravou suas iniciais na parte inferior, a poucos centímetros da cintura do instrumento. Eu costumava traçar meus dedos ao longo daquela O e G, imaginando um homem em elegância vitoriana tocando o próprio instrumento que meu pai amava.

Agora, sentada aqui com este livro em minhas mãos, acho que talvez tenhamos julgado mal os motivos da vovó. Talvez - assim como eu precisava daquele pedaço de fio vermelho para enfrentar sem meus pais naquele dia na primeira série, e este livro para me dar coragem em uma nova escola - ela precisava de um pedaço de seu filho para estar esperando em casa por ela, então, quando ela voltasse, poderia sobreviver em um mundo que ele não mais ocupava.

Eu olho para a distância e engulo as palavras que eu quero dizer: *Mãe, eu ainda sinto falta dele. Todo dia. Eu não quero ficar longe de você também. Eu não quero ficar sozinha.*

Nossa limusine se afunda enquanto pegamos uma ponte de pedra sobre um rio gigante. Eu me inclino para a janela, nervosa com a proximidade da água. Se surgisse apenas mais alguns metros, ela se sobreporia à ponte. O rio engloba a

academia por todos os lados, semelhante a um fosso. A única terra é a colina onde fica a academia e os oitenta e tantos hectares de floresta que a cercam. Sem qualquer maneira de cruzar, seria como uma ilha em si.

Eu devolvo a caixa de papelaria e meu livro para as malas. O desconforto percorre minhas veias a tempo com as profundezas azul-negras que rodam sob a limusine. De acordo com o panfleto, a água até sobe debaixo da fundação da propriedade, inundando o terceiro porão.

Água. Meu elemento menos favorito, perdendo apenas para o fogo. E agora eu vou estar cercada por isso. O fato de que a chuva finalmente diminuiu me relaxa uma fração. O nevoeiro assenta na paisagem, agarrando-se à estrada quando saímos da ponte. A academia RoseBlood se ergue, sombria e sinistra. A arquitetura barroca, imponente e majestosa, parece mais um castelo do que uma casa de ópera neste local isolado.

A cúpula do auditório - uma tampa de bronze que corta o céu sombrio como uma coroa fantasmagórica - desce até um telhado de duas águas onde um cavalo alado monta guarda ao lado de Apolo. O deus levanta a lira, como se fosse arco e flecha. No livro Fantasma, um telhado semelhante desempenhou um papel fundamental e romântico na linha da história. É onde Christine se encontrou com Raoul e eles reivindicaram seu amor eterno. Eles foram espionados pelo Fantasma, que então desencadeou uma série de eventos para puni-los e torná-la sua para sempre. Mas a brochura da escola afirma que a escadaria do telhado foi fechada junto com os três últimos andares após o incêndio.

O motorista leva o carro para a longa estrada de cascalho que leva à casa de ópera. Árvores reluzentes se curvam sobre nós como atores de lantejoulas fazendo sua última reverência. Ao nos afastarmos dos membros pendentes, começo a entender os uniformes. É como se tivéssemos cruzado em um horário alternativo.

Hera e líquen se agarram ao enorme edifício. A fachada molhada reflete nossos faróis para que pareça um branco etéreo, mas à medida que nos aproximamos, a verdadeira cor da pedra é vista. O tempo corroeu para um verde turquesa escamoso, como o rabo de uma sereia. Lâmpadas antigas de rua - do tipo que você esperaria ver em um cartão vitoriano - pontilhavam o terraço da frente e lançavam um estranho brilho amarelo na neblina acinzentada. Tão absortos na paisagem, mal ouço as sacolas sacudindo quando mamãe tira os selos e a agenda de endereços.

O internato é flanqueado de um lado por um jardim enorme. As primeiras

flores do outono seguem seu próprio chamado; folhas verdes prateadas, rosas vermelhas e flores brancas espumantes despencam como ondas por uma cerca de ferro forjado que outrora as mantinham contidas.

Atrás do jardim, ao longe, fica um cemitério e uma capela. O prédio de pedra abandonado é alto e orgulhoso, apesar de ser tão antigo e decrépito quanto às lápides e estátuas que o cercam. Janelas de vidro manchado brilhavam como as garras de alguma violenta criatura do arco-íris que cortava a neblina. No entanto, mesmo em sua beleza sinistra, parece se encolher com medo da sombra da floresta invasora se aproximando com a chegada da noite.

Nossa limusine viaja para o outro lado da academia. Seixos moem sob os pneus em nossa costa em uma área de estacionamento de cascalho em frente ao jardim.

Mamãe começa a cavar em sua bolsa, murmurando sobre o batom. Com o canto do olho, eu pego alguém meio coberto por uma roseira que paira sobre um espigão de ferro. Eu me inclino para vê-lo melhor, o nariz pressionado contra o vidro gelado.

Seu corpo alto se vira e nos observa ombros largos tensos. Ele agarra um grupo de rosas vermelhas profundas - tão aveludadas que são quase negras nas bordas - e segura um par de tesouras de podar na outra mão. A cauda de sua capa gira ao vento, apunhalando a névoa em torno de suas botas enlameadas. A roupa vintage parece fora de lugar no nosso século, mas em casa neste ambiente.

Ele parece estar perto da minha idade. A metade esquerda de seu rosto se destaca sob o capô: um lado de lábios carnudos, um ângulo quadrado de queixo. Dois olhos cor de cobre olham para mim - brilhantes e metálicos. A visão me faz pensar duas vezes. Tanto quanto ele é do carro, eu não deveria ser capaz de distinguir a cor, mas eles brilham na sombra de sua capa, como moedas que captam o brilho de uma lanterna em um poço profundo.

Eu já vi esses olhos antes - inúmeras vezes - desde os sete anos de idade. Mas eu não posso nem considerar porque os reconheço. Eu não consigo pensar além do que eles estão transmitindo, alto e claro: ele está nos alertando para não nos aproximarmos dele - uma parte do deserto, negligenciada, mas bonita e próspera em sua solidão.

Petrificada, eu não paro de olhar até que mamãe abra o painel de vidro para falar com o motorista. Um rubor quente subiu pelo meu pescoço e eu olhei para as minhas botas Timberland desgastadas, muito consciente do colete bordado de retalhos embaixo do meu casaco e do jeans desbotado e rasgado que segurava minhas pernas. Pela primeira vez desde que comecei a costurar e

desenhar sinto-me desconfortável em meu estilo boêmio, mesmo que seja um tributo à herança do papai. Aqui neste castelo, diante da formalidade sombria do estranho, eu me sinto muito casual... rebelde e extraviada.

Estou quase com vontade de colocar esse uniforme escolar desatualizado.

Quando a limusine para, volto a olhar de novo, em busca da figura encapuzada e daqueles olhos cintilantes. As tesouras de jardinagem estão abandonadas no chão, e o cacho de rosas vermelhas que ele segurava está agora murcho, deixando para trás um turbilhão de pétalas - negro de carvão e enrugado - agitado pelo vento.

Uma sensação gelada de mau presságio arrepia os nervos entre minhas omoplatas. O jardineiro sumiu sem deixar vestígios, como se nunca estivesse lá.

3
Fantasma caminhante

"Os fantasmas... Tente lembrar a luz do sol. A luz desapareceu do céu deles."

Robinson Jeffers, "Apology for Bad Dreams"



Ele tirou o capuz da capa enquanto deslizava para o subsolo, respirando o cheiro de mofo e solidão. O gotejar da água ecoava no túnel oco. As sombras o abraçaram - um conforto acolhedor.

Ele andou como um fantasma nas entranhas sombrias desta casa de ópera por tanto tempo, que a escuridão se tornou sua irmã; o que era apropriado, já que seu pai era à noite, e a luz do sol seu amigo esquecido.

Apertando a mandíbula, ele segurou os remos nos braços e esticou os

braços para revelar a pele entre os punhos das mangas e as luvas de couro. A onda quente de vitalidade ainda pulsava luz vermelha nas veias de seus pulsos. Ele passou a tarde toda no cemitério. Estar em algum lugar tão desprovido de vida drenara-o e provocara uma visita não planejada ao jardim.

Ele nunca deveria ter se arriscado a perambular tão perto do estacionamento. Maldita sua fraqueza pelas rosas híbridas; Não havia como resistir ao cheiro, ao sabor, à maturidade.

Descontando seu aborrecimento, ele começou a remar mais uma vez, a água batendo nas laterais da caverna. Ele não esperava que alguém estivesse no terreno tão cedo. Não com o que estava acontecendo dentro da academia. Todos os estudantes e instrutores estavam preocupados. O jardim deveria estar seguro e isolado.

Mas lá estava ela - aparecendo do nada - várias horas antes do que ele esperava. Maldito seu descuido. Felizmente, ele teve o bom senso de usar sua capa com capuz; caso contrário, ela o teria visto desmascarado.

Ainda assim, nem tudo estava perdido. Se ele aprendeu alguma coisa assistindo e tocando nos palcos durante os anos, foi improvisação. Ele usou o avistamento não planejado a seu favor, desaparecendo e deixando nada além de rosas mortas em seu rastro. Embora ele odiasse desviar sua essência de vida, era um sacrifício necessário. Um cartão de visitas apenas para os olhos dela.

Sem dúvida, ela estava intrigada com o evento naquele exato minuto.

O barco parou em um barranco lamacento. Ele saiu, alertado pelo movimento na escuridão. Sua capa varreu seus tornozelos enquanto ele girava bruscamente no familiar som musical - semelhante a uma trombeta ainda mais suave e mais baixa.

Ele jogou uma de suas luvas no casco do barco e floresceu sua mão nua, acenando com a força vital de mil vaga-lumes ao longo do telhado da caverna. Em reação, cordas finas revestidas de orbes iluminaram o ambiente com uma suave névoa esverdeada - como fios de pérolas brilhantes penduradas no alto. Este gênero em particular não era nativo para este lugar, mas foi trazido de uma terra estrangeira e mantido vivo por mais de um século através de uma troca de energia.

Reflexos de ondulações de água brilhavam nas paredes de pedra lisa e nas pilastras curvas que sustentavam a casa de ópera acima dele. Um cisne vermelho saiu das sombras, anunciando outra saudação. Ela ergueu o pescoço longo e esbelto e estalou a nota, as asas se abrindo enquanto se afofava magnífica e rica em fogo - a mesma profundidade das flores que ele matara antes.

— E olá para você, doce Ange. — Ele se ajoelhou e acariciou suas penas de seda, deixando os dedos nas trilhas das plumas carmesins. — Mantendo vigília para a nossa nova chegada, não é?

Ela cutucou uma mecha de cabelo da têmpora dele com o bico. Ele sorriu para sua carinhosa agitação.

— Você não deveria estar tão perto da superfície. — Ele repreendeu. — Diable está à espreita. Nós não queremos que o diabo pegue nosso anjinho.

O cisne mordiscou o polegar, enquanto sua advertência ecoava na caverna. Sua voz ampliada — baixa e estrondosa — um som alienígena, como se pedrinhas enchessem suas cordas vocais e se juntassem a cada palavra. A grosseria o fez estremecer.

— Vá em frente. — Ele sussurrou desta vez e acariciou seu pescoço cintilante antes de ficar de pé. — Faça.

O cisne vermelho observava-o com olhos azuis leitosos muito perceptivos para qualquer pássaro comum, especialmente um que estava ficando cego. Ela andou para a água e atravessou a superfície - flutuando e esperando.

Ele estudou sua pose inquisitiva. — Eu não posso ir ainda. — ele respondeu suavemente. — Você conhece seu caminho através de todas as armadilhas. Vá para casa. Eu vou seguir em breve.

Sua cabeça inclinada em uma onda elegante, um aceno de cabeça, na verdade, como se ela fosse à realeza e ele um camponês que precisava de sua permissão para ficar. Ela navegou em direção às profundezas do túnel - ficando menor à distância. Ele assistiu até que ela se assemelhou a uma pétala de rosa aveludada à deriva em cima de uma poça de meia-noite. Tirando a luva do barco, ele deslizou os dedos de volta para a bainha de preto.

Ele estudou os fios de larvas bi luminescentes que ele despertou acima, perdido em pensamentos na menina. Ele nunca esperou que ela fosse à única. Para sair das visões que ele teve desde sua infância neste lugar e desta vez. Tudo estava errado.

Talvez ele estivesse enganado.

Seu polegar pressionou a têmpora esquerda, esfregando a pulsação latejante ali. Mas mesmo que ela fosse à pessoa de suas visões, não poderia mudar as coisas. Ela estava aureolada por uma aura que flutuava entre o branco e o cinza... pureza e melancolia. Ela estava inquieta por estar aqui. Perdida mesmo. O contraste perfeito para aquela outra prima jovem narcisista e ambiciosa que foi trazida há mais de um ano devido a sua linhagem.

Havia profundidade sob o verniz ferido dessa nova chegada... A essência

da luz e da vida em sua forma mais crua: a energia da rapsódia. A música pulsava dentro de seu sangue - inculta e indomável. Ele podia sentir muito isso.

Sua boca se encheu de água, faminta por sentir essas melodias, zombando de sua luta para refrear seus desejos. Ele nunca viu o rosto da menina em suas interações subconscientes. Estava sempre coberto por seu cabelo preto e selvagem, ou submerso em águas turvas enquanto ela lutava para sair da caixa de madeira que a prendia. Mas ele vislumbrou os olhos dela muitas vezes - um verde brilhante e eletrificado com pupilas alargadas quando eles estavam cheios de música, reflexos de seu chakra em seu coração.

Ele tinha que a ver de perto, com certeza; independente de que ele não conhecesse suas características, ele conhecia sua alma.

E se suas suspeitas estivessem certas...

O que então?

Nada.

Seus músculos do peito se emaranhavam entre o desespero e a esperança, a raiva e a urgência. O que quer que ele tenha descoberto hoje, ele não conseguia esquecer o motivo pelo qual ela estava aqui. Ela era um meio para um fim. Pagamento por uma dívida pendente. Nada mais.

Ele olhou para o ponto mais baixo da casa de ópera onde o túnel encontrava a fundação. Um alçapão esperava ali, uma entrada para as passagens escondidas do prédio: paredes espelhadas - os pontos de vista perfeitos para ver o interior do vestíbulo e das salas de aula. Para ele, eram janelas, sem o conhecimento dos ocupantes da academia. Por seu lado, eles simplesmente viram extensões de vidro reflexivo.

O rastro atingiu sua garganta ao pensar em estar tão perto dela. Ele podia fingir que a reação era um subproduto de outro tempo, outro lugar; um passado sombrio e cruel que encobria e obscurecia quaisquer interações humanas que ele tivesse, como a nuvem de tinta de um polvo. Mas havia mais - essa possibilidade recém-nascida que ele não ousava aceitar - que ameaçava toda a sua determinação.

Ele bateu com o punho contra a coxa, usando o flash da dor para lhe dar clareza.

Não havia espaço para hesitação.

Se ela fosse à única, ele teria que se aproximar ainda mais. Ele teria que atacar ela... interromper sua rotina diária, seduzir sua curiosidade, atraí-la para as profundezas de sua casa. O inferno dele.

Seus dedos se contorceram em suas luvas. Havia passos a seguir que

garantiriam o sucesso. Cartões telefônicos para sair, estranhas novidades que a levariam a procurar a iluminação que só a escuridão poderia proporcionar. Ela o encontraria por vontade própria; e ela encontraria a si mesma e seu propósito, estivesse ela preparada ou não.

Até então, ele não teria outras chances de ser visto. Paciência era fundamental. Ele já estava esperando pelo que parecia uma eternidade. O que seriam mais algumas semanas?

Uma perturbadora mistura de antecipação e pavor agitou-se ao longo de sua espinha. A lama sugando suas solas de botas, ele escalou a inclinação do aterro em direção à janela.

Deixe a dança começar.



Mamãe e eu subimos as escadas de pedra até a entrada. Um corvo voa acima de nós. Hesito quando ouço seu grito - um chiado tenso, como um gatinho em perigo. Eu sacudo minha cabeça. Agora eu não estou vendo apenas coisas, mas também as ouvindo? Meus nervos estão por todo lado.

O cheiro do solo úmido se mistura com o perfume das flores e me traz de volta, lembrando-me das minhas perenes[2] em casa. Eu não vou estar lá para lutar contra as ervas daninhas para que elas possam florescer. Eu sempre honrei a memória do papai mantendo seu jardim de flores vivo. Tendo perdido o violino, não quero perder mais uma gravata para ele.

Eu paro no meio da escada e olho de novo para o jardim enorme onde o cacho de rosas mortas balança ao vento. É isso que o cara estava fazendo antes? Lutando uma batalha contra as ervas daninhas? Considerando o que sobrou em seu rastro, parece mais que ele é a erva em si, como o fantasma nas histórias - alguém que contamina o ambiente com a morte e a violência.

Um pária, como eu...

Eu nunca afetei as coisas ao meu redor negativamente. Eu costumava ser a que viria quando alguma de suas plantas estivesse morrendo. Talvez seja por isso que estou aqui, para encontrar o lado da cura novamente... Para salvar este jardim. Talvez seja por isso que os olhos brilhantes do jardineiro pareciam tão familiares - era minha imaginação, tentando reviver aqueles momentos preciosos com papai.

Eu estou totalmente perdendo isso. Eu bato o final da minha trança contra os meus lábios, mexendo os fios para que eles se enruguem entre os meus

dentes.

— Rune, você está mastigando seu cabelo, querida. — Mamãe dá um tapinha nas minhas costas.

— Você o viu? — Eu pergunto.

— Quem? — Ela segue meu olhar para o jardim.

— O cara das rosas mais cedo. Ele se foi agora. Eu acho que ele trabalha aqui...

— Como ele é? — Ela pergunta.

— Eu só conseguia ver metade do rosto dele.

Ela revira os olhos e olha por cima da minha cabeça, onde o motorista extrai sacos do baú da limusine. — Você não está seriamente me pedindo para acreditar que você acabou de ver o fantasma em sua meia máscara, não é?

— Eu não disse isso. — Murmuro em torno do meu cabelo molhado. — Não exatamente. — Mas agora que penso nisso, o lado que estava escondido da vista poderia ter uma máscara.

Mamãe pega minha trança e seca o final entre as palmas das mãos. — Querida, eu entendo que você está nervosa. Mas eu realmente preciso que você tente. Pare de se convencer de que esta será uma experiência ruim antes mesmo de você ter uma chance. OK?

Ela beija minha testa quando eu aceno. Não ouso dizer a ela sobre o corvo e sua estranha ligação. Isso apenas validaria o que ela deixou de dizer: que tudo está na minha imaginação.

Quando chegamos ao degrau mais alto, as portas duplas — adornadas com querubins de latão manchados — se abrem em um rangido de mau presságio. O ar quente e os aromas de óleo de limão e cera de vela flutuam sobre nós.

— *Boa tarde querida Emma!* — Uma mulher mais velha grita o nome da minha mãe. A abertura se alarga, revelando sua altura, mais alta do que a nossa estatura média de um metro e noventa por dois centímetros.

Longas tranças branco-acinzentadas pendiam de suas orelhas e roçavam sua fina cintura. Um lenço de seda envolve a cabeça dela para segurar os fios soltos. Óculos redondos de aro dourado suavizam as rugas nas bordas dos olhos.

Ela está vestida com uma camisa azul de manga curta e calça cáqui. Sapatilhas estilo balé abraçam seus pés. A julgar pelo avental desbotado em seus ossos do quadril e o pano de poeira no bolso, imagino que ela esteja com a camareira.

Mamãe pula em seus braços abertos, quebrando minha hipótese.

— Lottie — ela murmura no pescoço de cisne da outra mulher. — Já faz

muito tempo.

Então esta é a tia Charlotte. Eu esperava que ela fosse envolta em peles e joias. O que acontece com as mulheres da minha família serem empregadas domésticas? É uma maldição que elas não podem escapar, mesmo depois de uma série de fama e sucesso? Ainda assim, ela parece bem por sessenta. Talvez Ponce de León devesse ter recolhido espanadores em vez de procurar por toda a Flórida o segredo da falta de idade.

Dando a minha mãe um último aperto, os olhos da mulher mais velha se estreitam sob suas lentes. — Rune? — Ela pergunta com uma voz áspera, e ambas se voltam para mim. Minha tia empurra os óculos sobre o lenço cobrindo seus cabelos, balançando a corrente que liga os fones de ouvido. Há a semelhança: o nariz voltado para cima e as íris de avelã macia sombreada por cílios curtos. Ela é a parecida com a minha avó, mas eu também vejo papai lá. O desejo se encaixa dentro de mim enquanto eu imprimo sua imagem nela.

— Sim — Responde mamãe. — Cresceu um pouco desde seu batismo, não é?

— Ela é requintada. — O sabor da França apimenta o inglês da minha tia, mas não mascara o tremor da emoção em sua voz. —Parece muito com você na idade dela.

Mamãe e papai se tornaram namorados do ensino médio quando ele veio da França para a América como um estudante de intercâmbio na décima segunda série. Uma amarga ironia, agora que estou pisando em sua terra natal durante meu último ano e ele não está mais no mundo.

Tia Charlotte se aproxima graciosa e recatada como qualquer bailarina. A mulher é alheia ao espaço pessoal. — Você chegou mais cedo do que o esperado. Nós não antecipamos você até mais tarde hoje à noite.

— Somos compradoras experientes. — Mamãe pisca para mim.

Eu balanço à beira do limiar, meio dentro e meio fora, incapaz de me fazer atravessar como ela já fez.

— E você achou a unidade adequada? — Tia Charlotte aponta a pergunta na minha direção. O hálito dela cheira a peras em conserva e caramelo, lembrando-me do papai e de como nós preservamos frutas juntos no último mês de agosto antes de ele morrer - algo que a mãe dele fazia com ele enquanto crescia.

— Hmm... Sim. Isso é.... legal. — Não posso nem dizer obrigada por tudo o que ela fez antes de tirar o boné, tirar a tira do meu cabelo e soltar minha trança. As fitas voam para o chão. Várias gotículas que sobraram da chuva

chuviscam da moldura da porta acima, afundando frio no meu couro cabeludo.

— Ela tem o cabelo dele. — Diz tia Charlotte, e eu não posso dizer se ela está triste ou feliz enquanto ela enrola meus cachos em seus dedos. Eu aperto meu aperto na minha sacola.

— Sim, ela tem. — Responde mamãe. — Grosso e indisciplinado, assim como o de Leo.

Meus dentes rangem. *Você quer dizer antes de ele ficar calvo.* Eu nunca entendi porque Charlotte ficou longe quando seu único irmão estava morrendo. E eu não tenho certeza se posso perdoá-la também.

Minha tia envolve um dos meus cachos em torno de seu polegar. Eu poderia muito bem ser uma boneca sentada surda em uma prateleira, sem personalidade ou opinião. Eu agarro meu boné para trás e pego na minha cabeça, arrastando minhas ondas por cima do ombro e longe de seu escrutínio.

—Ah-ha! Ela tem a sua raia teimosa, no entanto. — Tia Charlotte sorri para minha mãe.

Ela não viu a metade da minha teimosia. Franzindo a testa, eu pego minhas fitas e enfio no bolso da jaqueta.

Minha tia enrola minha faixa de cabelo no dedo e joga a cabeça para trás com uma gargalhada... Um som de pura loucura. Eu olho para a mamãe, que está sorrindo como uma tonta, depois de volta para o nossa parente lunática. Sua risada reverbera em uma nota musical, ecoando no enorme foyer. Na última batida, outra música ganha vida — uma surdina abafada de instrumentos — em algum lugar no terceiro andar.

Eu reconheço a melodia. É a melodia que ouvi no elevador esta manhã.

Não. Não aquela. Qualquer coisa menos isso.

Eu puxo meu boné sobre meus ouvidos na esperança de desligá-lo. — Aquela música... — sussurro, lutando contra o alongamento instintivo nas minhas cordas vocais enquanto elas coçam para liberar a melodia reprimida.

Tia Charlotte sorri e puxa o pano de pó, acenando. —Ahh, Sim. A escola realiza o Anjo Fiery no final do ano. Nosso objetivo é lidar com projetos controversos. Aqueles que você não encontrará em qualquer escola nos Estados Unidos. As funções menores já foram atribuídas aos participantes juniores. Hoje, um punhado de aspirantes a sênior compete por Renata - a heroína. As eliminatórias de primeiro nível sempre acontecem no terceiro andar, nas salas de ensaio. As audições finais serão no teatro no último domingo de outubro, uma vez que reduzimos para um número finito de candidatos para os papéis principais. — Meu corpo fica tenso enquanto eu olho para a chuva torrencial de

notas.

Tia Charlotte estreita os olhos, me observando com suspeita velada. — Esta é sua confissão, de seus encontros com Madiel, seu anjo da guarda. Você está familiarizada com a ópera de Prokofiev?

— Não muito. — E eu não quero estar. Eu estou morrendo de vontade de encontrar algum lugar privado onde eu possa exorcizar meus demônios musicais, mas a tia Charlotte se planta entre mim e o caminho para dentro.

— Bem, isso deve mudar em breve. — Ela ainda está falando, mas eu mal estou ouvindo.

Meu olhar se arremessa ao redor, buscando escapar.

— Você deve ser educada em pedagogia vocal. — Diz ela. — E a história da ópera. Você vai aprender. Não cedo o suficiente para a competição de primeiro nível. No próximo semestre, talvez. Alguns dos papéis menores se abrirão. Há sempre um ou dois alunos que perdem suas partes - seja para notas ou nervos. Mas espero que, no futuro, você tenha todos os papéis principais na Broadway. Você é a filha do seu pai... nascida para a música.

Ela troca um olhar estranho com a mãe — talvez tristeza, talvez pavor. Ou pode ser o meu próprio medo que estou sentindo, porque ela está errada.

Eu não sou nada como o papai. Ele era um sábio, capaz de provocar sons exuberantes e saborosos que derreteriam o coração. A música era prazer para ele. Ele sempre dizia que de todos os instrumentos, o violino mais se assemelhava à voz humana por sua capacidade de expressar profundidades de emoção. Quando tocadas com paixão, técnica e visão, as cordas chorariam palavras - uma persuasão tonal tão abrangente, que poderia quebrar os céus e pôr um coro celestial de joelhos.

Ele já havia dominado a técnica de “expressar” suas peças aos 14 anos. Quando ele conheceu mamãe aos dezessete anos, ele tinha escolhido suas sinfonias em qualquer lugar do mundo, mas amá-la tornou-se sua obra prima e ele escolheu ser professor de música em nossa pequena faculdade comunitária em Harmony, tocando apenas para família e amigos...

Eu compartilhei sua paixão pela música apenas tempo suficiente para saber o quão desesperadamente sinto falta dela, agora que cantar traz dor e humilhação.

Como se desencadeada por esse pensamento, o clima da melodia muda para o andar de cima — uma mudança caleidoscópica de cordas e ventos. Os cabelos na parte de trás do meu pescoço se levantam em resposta, a melodia se tornando um pulso elétrico sob a minha pele. Prismas de cor surgem em minha

mente enquanto um solista se junta ao caos. Sua voz ressonante e estrondosa se enfurece em russo indecifrável contra os instrumentos, provocando-me a seguilo.

Girando no meu calcanhar para me retirar do lado de fora, eu bato no baú de tijolos do motorista. Eu esqueci que ele estava esperando atrás de nós, junto com sacolas de compras e malas cheias de roupas de cama, luminárias, uniformes, pijamas, roupas de baixo e artigos de higiene variados. Seu olhar para baixo sacode meus nervos já esgotados. Eu enrugo meu nariz com o cheiro de amido e odor corporal.

— Rune! — Mamãe grita. — Peça desculpas.

Murmuro:

— Perdão, monsieur. — Viro-me novamente e enrolo a franja do lenço entre meus dedos. Meu coração martela meu esterno. Estou presa — um cervo em uma floresta pronta para queimar. Até o ar parece denso, como se a fumaça me envolvesse.

Por fim, tia Charlotte se move para o lado com uma reviravolta do pano, mas o resto de sua linguagem corporal permanece tensa.

Minhas botas batem no chão de mármore na minha corrida passando pela minha mãe. Eu paro no meio da sala. Minha bolsa desliza do meu ombro e eu não faço nenhuma tentativa para pará-la o enquanto a enormidade do lugar rouba minha respiração.

Três gigantes escadas douradas se cruzam no meio de um grande salão. As escadas dividiam-se em colunas, cada uma serpenteando como o esqueleto de uma cobra para os outros seis lances, onde os balaústres de latão abrigam varandas circulares. Murais de anjos e querubins chamam minha atenção, junto com estátuas de bronze colocadas ao longo do chão. Janelas intricadamente detalhadas persuadem a luz externa. Tudo brilha como se fosse feito de diamantes. Obras de arte penduradas nas muitas paredes, e os corredores estão alinhadas com elegantes portas esculpidas. Portas incontáveis.

As três principais esquadrilhas estão fechadas, mas ainda restam centenas de salas para uso da escola. Algumas são agora as suítes privadas que servem como dormitórios. Outras são as salas de palestras e ensaios, onde passarei a maior parte dos meus dias nas aulas.

O motorista segura nossas malas contra uma parede de mármore. Tia Charlotte lhe dá uma gorjeta e ele sai. As portas duplas se fecham e um eco leva de uma ponta a outra do saguão, canalizando minhas costelas e empurrando a melodia em minha garganta.

— O que você acha, Rune? Não é incrível? — A voz da mãe é reverente, como se estivéssemos dentro de uma igreja ou mausoléu. Esse último pode estar certo, considerando que eu posso morrer se não limpar a música em breve. Mamãe e minha tia discutem a viagem aqui. Mastigando as pontas do meu cabelo de novo, eu murmuro baixinho... Quieta o suficiente para eles não ouvirem. Mas o desejo de cantar em voz alta aumenta até que minha boca se aumente.

Na extrema direita, espelhos cintilantes revestem toda a parede. Felizmente, as únicas reflexões olhando para trás são os três de nós. Se não fosse pela ópera no andar de cima, eu diria que a academia foi abandonada.

A esperança vibra no meu peito. Todos devem estar na audição. Se eu perder o controle, o outro desempenho irá camuflar minha voz.

— Todos os instrutores e alunos estão lá em cima? — Eu pergunto.

—Sim. Deixe-nos arrumar a bagagem e desfazer as malas antes dos testes serem finos. Você gostaria de ver suas acomodações?

De pé junto à parede de espelhos, ignoro a pergunta. Perto o suficiente para que meu nariz quase toque o vidro, eu estudo meu reflexo.

Está acontecendo... Brilhantes, brilhantes manchas verdes, minhas pupilas dilatando a cada segundo que passava. A cor das minhas bochechas se aprofunda também, como se eu tivesse sido esbofeteada. Eu sempre me perguntei se vovó era como papai e podia ver todas as mudanças em mim - a manifestação física da música borbulhando por dentro. Isso explicaria porque ela achava que eu era malvada. É assustador, até para mim. Quase tão estranho quanto os olhos brilhantes do jardineiro.

A sensação de estar sendo observada desliza pelo meu corpo, depois há movimento do outro lado do vidro... Uma silhueta.

Eu pisco e ela sumiu.

Estremecendo, eu coloco as palmas das mãos sobre as bochechas para esconder a cor que rasteja sobre elas. É só a música me deixando louca.

— Rune! — Minha mãe chama do outro lado do foyer. Eu assisto a reflexão da minha tia enquanto ela examina as coisas que o chofer deixou. — Você não ouviu sua tia Charlotte? Pegue alguns desses sacos. Eu não quero ficar acordada a noite toda ajudando você a desfazer as malas. Meu voo sai de manhã cedo.

Mamãe vai passar a noite para me ajudar a me instalar. Mas eu não vejo como algo sobre esse lugar pode estar se estabelecendo. Eu não pertenço aqui. Estar constantemente em torno dessa música vai matar qualquer sanidade que

me resta.

Eu fico tremula toda louca para cantar.

— Rune — A voz de mamãe novamente, desta vez com uma vantagem. Ela sabe. — É isso...

— Eu só preciso de um banheiro. — Eu interrompo, tentando ignorar a inflexão musical tecida na palavra final, ou como eu termino com a mesma nota de ópera que a voz no andar de cima.

— Claro. — Minha tia responde enquanto luta com a grande bolsa rosa que segura meus uniformes. —Há uma casa de banho debaixo da escada central. Do outro lado do teatro, bem ali.

Não importa o que ela disse embaixo da escada; meus pés não escutam. Os instrumentos tomaram conta - uma ponte para o clímax do solista. Eu não tenho chance contra músicas tão poderosas.

Apesar dos esforços de mamãe e tia Charlotte para me ligar de volta, estou no topo do segundo lance de escadas e no terceiro andar antes mesmo de me lembrar de dar o primeiro passo. Arrasto minha jaqueta e a jogo atrás de mim.

Os crescentes da música e a voz do solista explodem sobre ela, não apenas nos meus ouvidos, mas na minha própria garganta. Minha música aumenta para corresponder ao volume do outro cantor. Sou atraída para um quarto no final da varanda curva, como se alguma entidade tivesse anexado um cordão fantasmagórico às notas em minha garganta, puxando cada uma delas como um peixe da cor do arco-íris em uma linha — mas nunca soltando — puxando meu espírito cada vez mais perto da música que me possui.

A porta, ligeiramente entreaberta, acena. Empurro-a no clímax, sustentando a melodia - redonda e suave através da minha laringe esticada. Janelas altas alinham a sala circular, alternando com espelhos. Uma rajada de sol filtra as nuvens do lado de fora, refletindo a luz do abricó de um reflexo para o outro. Uma plateia de alunos e professores está sentada em cadeiras dobráveis de madeira diante de um pequeno palco, nada mais que sombras no súbito borrão de brilho.

O solista fica em silêncio. Até os instrumentistas param. Minhas pernas endurecem e minha coluna está rígida. Cada nervo do meu corpo lateja. Estou presa por espinhos líricos, assim como a garotinha em meu pôster em casa, procurando aquelas asas tão fora de alcance, abraçando a dor para encontrar a liberação.

Eu sou tudo o que resta para levar a melodia agora, e eu faço... Até o fim, quando a nota final, alta e cheia, irrompe da minha garganta. O acorde reverbera

sobre o silêncio como um lamento fantasmagórico - belo e trágico.

Redemoinhos vermelhos na minha periferia e minhas pernas saem. Um cara pula de sua cadeira na primeira fila para me pegar. Mortificação se arrasta como veneno através do meu sangue quando o transe cai.

Eu bato meus cílios fechados, fazendo a única coisa que posso para salvar a cara. Caio contra o meu salvador, pretendo desmaiar.

4
Línguas e teclas de Esqueleto do diabo

"Os homens odeiam as coisas que eles temem e temem aquelas coisas que não entendem."

Susan Kay, "Phantom"



Eu mantive meus olhos fechados enquanto eu estou no andar de baixo. Os músculos do cara se esforçam a cada passo da nossa descida. Sua pele quente irradia um tempero familiar: canela e sálvia infundida com feromônios

masculinos e calor corporal. Meu estômago se contrai, uma reação anormal que me deixa enjoada. Eu luto contra a sensação junto com a terrível lembrança da última vez que deixei um cara chegar perto demais.

— Obrigada, senhor Reynolds. — Tia Charlotte murmura para ele. — Leve-a para o quarto cinco. — Ela se move em algum lugar atrás de nós. — Você me contou sobre seu medo no palco. Mas isso? É extremo, não? — Há uma ponta preocupada em sua voz.

— Ela sempre fica fraca dos joelhos, mas ela nunca desmaiou antes. — Mamãe esfrega minha canela, reconfortante. — Eu acho que ela estava muito preocupada com tudo. Ela está pesquisando o lugar... ouvi dizer que estava ligado ao livro O Fantasma da Ópera. Então ela pensou ter visto algum cara mascarado do lado de fora. Ela não tem apenas o cabelo de Leo, ela tem sua natureza supersticiosa. Você sabe como é tentar argumentar com alguém nesse estado de espírito. — Sua voz é acusatória, e eu estremeço interiormente. Não apenas por causa da referência à impressão digital enlouquecida da vovó em nossas vidas, mas porque eu ouço muitos passos atrás de nós nas escadas. Tudo o que preciso é que os outros alunos saibam da minha recente obsessão literária.

Mas mamãe não está pensando nisso. Ela está com a sua sagacidade com minhas “superstições”. Ela fez sacrifícios financeiros nos últimos dois anos, despejando cada centavo em aulas de canto para mim. Embora ela tenha procurado professores que tocavam violino, nenhum de seus instrumentos falou comigo como o do papai. Eu não pude realizar sem ficar doente. Em vez de ajudar, as sessões semanais de técnicas operísticas e práticas diárias de três horas pareciam ter o efeito adverso - empurrando o meu desejo de cantar para uma compulsão.

Mamãe aperta minha mão, me pedindo para acordar. Culpa bate na minha consciência com a preocupação em sua voz, mas o batimento cardíaco tentador do cara ao lado da minha orelha me mantém envolta em minha falsa inconsciência, tanto pelo seu bem quanto pelo meu.

Eu fico mole quando estou deitada em uma cama. Com o tempo, o calor perigoso e o tempero apimentado do cara desaparecem substituídos por um sopro de canja de galinha que inalma em uma fome normal.

Há uma dispersão de movimento por toda parte: bolsas sussurrando, passos embaralhando, sussurros preocupados, suaves demais para serem decifrados. Somente quando os sons se apagam eu ouso espiar através dos fios de cabelo cortando meus olhos.

Um brilho de lavanda ilumina a sala sem janelas. O teto se estende alto,

com vigas de madeira escura se encontrando no epicentro. Há um pequeno armário no canto, diagonal de onde minha cama está enfiada dentro de uma antecâmara arqueada. Na parede externa, ganchos de cortinas de ferro forjado esperam para segurar as cortinas cor de gengibre que compramos antes, para oferecer mais privacidade quando eu durmo. Eu gostaria que eles já estivessem no lugar para que eu pudesse me esconder.

Do outro lado da sala há um espelho de corpo inteiro e outra antecâmara. Uma escadaria de madeira escura serpenteia acima até uma plataforma com um trilho correspondente, formando um mini-loft. Lá, uma espelheira e cadeira são organizadas para trabalhos de casa ou para fazer o meu rosto e cabelo. Sob o loft, no espaço aconchegante onde a parede e a plataforma se encontram, uma espreguiçadeira barroca com uma moldura de nogueira e estofamento de veludo se curva para uma área de estar. Eu empurro meu cabelo para o lado e tento distinguir a silhueta borrada reclinada lá.

— Mãe? — Eu pergunto, minhas cordas vocais esticadas e cansadas.

— Ela foi até a cozinha buscar um chá de camomila para você. Disse que isso ajuda quando você está se sentindo mal. — Eu me sento sob minhas cobertas, pego de surpresa pelo forte sotaque sulista.

— Quem é Você?

— Eu sou Sunflower Summers. Mas você pode me chamar de Sunny. Fui designada como sua conselheira de pares. Para ajudar você a se orientar.

— Então, você é estudante?

Ela faz um som de sopro. — Deixe-me adivinhar. Você está se perguntando por que uma caipira como eu está em um lugar elegante como este.

Eu olho para a sua forma sombria, procurando uma maneira de garantir a ela que não era o que eu queria dizer, mas minha língua estava tão dura, seca e quente na minha boca quanto o diabo se banhando no deserto.

— Olha, eu posso ser uma camponesa. — Ela continua — Mas eu posso tocar um violoncelo como se eu nascesse no fosso da orquestra da Sinfônica de Londres. Mais diz que eu tenho a mente de uma progênie e a língua de um inferno. Meu tio é um magnata do petróleo. Ele se certificou de que eu aprendesse gramática antes que ele pagasse minha mensalidade, mas às vezes eu saio da carroça um pouco. — Ótimo. Eu a ofendi.

— Eu sinto muito. Eu não quis dizer nada...

— Não, que isso, não esqueça. Eu ainda sou sua fã número um.

— Hã?

Ela sai do salão e sai do lado de fora da antecâmara. O cabelo dela é

vermelho, mas a iluminação estranha brilha ao longo das extremidades dos ombros.

— Eu nunca ouvi alguém cantar assim. — Diz ela, encostada no corrimão da escada. — É como se você fosse treinada pela própria Christine Daaé.

Eu tento administrar um bufo sarcástico, mas isso parece mais um soluço. Para ela mencionar a heroína do livro de Gaston Leroux, ela deve ter sido uma das alunas que nos seguiu na escada.

— Eu estou apostando que Kat nunca ouviu nada parecido. — Continua Sunny antes que eu possa dar uma desculpa para a afirmação de minha mãe de um fantasma.

— Quem?

— Catarina. A solista que você jogou debaixo do trator quando você veio para as provas.

Eu me encolho. Embora eu estivesse envolvida com a música, eu me lembro vagamente da expressão chocada da linda garota quando parei para cantar ao lado do palco - seus olhos azuis cristalinos se arregalando, bochechas coradas de pêssegos e creme para uma ameixa profunda que quase combinava com a risca. Duas longas ondas loiro-caramelo. Ela parecia simultaneamente impressionada e furiosa.

Não posso acreditar que foi assim que causei minha primeira impressão. Entrando na audição de alguém e fingindo ser uma idiota desmaiada. Um arrepio doentio rola no meu estômago. Talvez eu devesse tomar um gole daquela sopa de galinha, afinal.

A caneca espera no criado-mudo junto com a lâmpada de lava que mamãe e eu compramos. Ela já está conectada, o que explica a iluminação estranha. Minhas malas estão empilhadas em um canto ao lado do armário, e eu tenho o desejo de recuperar as cortinas da minha cama e me fechar.

Em vez disso, mudo o assunto para algo seguro. — Todos os dormitórios são pequenos? — Uma tentativa de alcançar a caneca da sopa me faz lembrar que meus membros ainda estão em modo de choque. Eu estou doendo toda, como se eu fosse à única jogada debaixo de um trator. Apoio meus ombros contra a parede atrás de mim e fico enterrada em minha caverna.

— Sim. Eles costumavam ser camarins. Eles colocaram os guarda-roupas e os baús de roupas nos cantos das paredes para ocupar menos espaço. E essa...— Ela aponta para a sacada do segundo andar. — Desde que os tetos eram tão altos, eles vieram com aqueles lofts adolescentes. É um layout maluco. Mas você se acostumar com isso.

Concordo com a cabeça, embora esteja lutando contra uma sensação de tristeza sem o pôr do sol entrar. Eu sempre me sinto melhor quando estou me aquecendo ao ar livre. Outra razão que eu amo jardins.

— Os meninos e os professores do sexo masculino estão no segundo andar e as meninas estão no nível do solo. Todos, exceto o diretor Fabre e sua esposa. Eles dividem um quarto aqui embaixo. O terceiro andar é onde nossas aulas e ensaios acontecem.

À luz dessa informação e considerando a expansividade da ópera, a lista de espera da escola parece desnecessária. — Por que eles não renovam e abrem o quarto até o sexto andar para mais alunos?

— Parcialmente porque ainda não precisamos deles. Temos sete instrutores ao vivo para os cinquenta alunos. Bem, cinquenta e um, contando contigo. Eles querem manter a escola pequena até poderem contratar mais professores.

Ela se aproxima, seus passos descalços silenciosos através dos azulejos de mármore. Ela é da minha altura, mas mais tonificada e musculosa. Onde eu pareço quase magra demais, ela parece forte e em forma. Calça jeans desbotada e um boné de manga comprida abraçam seu corpo.

Portanto, os alunos não precisam estar uniformizados nos finais de semana. Bom saber.

— Mas o maior motivo de ninguém ter estado nos três primeiros andares é porque as escadas são fechadas a partir do quarto nível. Há um benfeitor misterioso. Um arquiteto rico ou algo assim. Ninguém nunca o viu, mas ele elaborou os planos para renovação. Cada nova sala foi redesenhada por ele. Ele é dono da terra e do castelo. Assim, os investidores precisam de sua permissão e chaves para abrir os pisos fechados e renovar. E ele se recusou a dar isso até agora... diz que quer manter os quartos para armazenamento.

— Mas a brochura dizia que havia mais de trezentas chaves. Acredita sinceramente que todos os melhores quartos são para armazenamento?

Ela encolhe os ombros. — Os quartos extras que vi aqui em baixo são. No ano passado, algumas garotas pensaram ter ouvido ruídos. Cadeiras tinindo e um bebê chorando. Então, tirei as chaves de um dos professores e, depois das nove e meia da noite, olhei em todos os cômodos vazios. Eu pensei em nunca escolher essa bagunça de adereços e roupas velhas. Foi como se eu tivesse entrado em outro momento. Você sabe?

Suas palavras me fazem pensar no jardineiro desaparecido e suas roupas desatualizadas. — Você já ouviu os rumores, certo? Sobre o covil secreto... os ossos que encontraram flutuando no rio subterrâneo?

Um riso irrompe dos lábios de Sunny. — Nada mais que um cachorro afogado. Nossas chaves do quarto são os únicos ossos ainda flutuando. Você ainda não viu a sua... aqui — Ela segura uma chave de latão envelhecida. O eixo é longo e ornamentado, com dois dentes irregulares no final. A cabeça parece um crânio.

Embora o design seja estranho e inquietante, forço um sorriso. — Dá um novo significado ao termo 'chave de esqueleto.' — Sunny sorri de volta. — Certo? Mas os dentes são todos diferentes e os números dos quartos estão gravados nas costas. Cada um deles abre uma porta diferente na academia. Então não precisa se preocupar com alguém invadindo seu dormitório.

— Além de alguém com uma queda por roubar chaves. — Eu provoco.

Ela levanta a palma da mão como se estivesse fazendo um juramento. — Eu juro apenas usar meus poderes para o bem. Então veja, nada estranho está acontecendo aqui. Além do autor baseando alguns personagens em pessoas reais, essas histórias fantasmas nesse fórum são todas loucuras. Sim, há um rio subterrâneo, mas ninguém nunca encontrou uma entrada para qualquer casa subterrânea. Nem mesmo naquela outra ópera da cidade... Aquela que este edifício inspirou. — Ela está agora com minhas sacolas de compras, cavando através delas. Ela puxa o meu livro de contos de fadas francês e olha para ele como se estivesse hipnotizada.

Eu tento suprimir a imagem em minha mente: o jardineiro com aqueles familiares olhos cintilantes, rastejando pelos corredores à noite e tocando centenas de chaves de esqueleto, procurando por seus ossos roubados... Porque eu não estou nada convencida de que eles pertenciam a um cachorro. — E os sons que os alunos ouviram?

Sunny desvia o olhar do livro e o coloca de volta na sacola. —Oh, era apenas o velho Diable rondando por aí. Ele é o gato residente. Bug feio e feroz como uma raposa. Ele parece um bloco SOS ambulante. Os sinos no pescoço dele causaram os jingles. E ele gosta de gritar. Pode soar como uma birra de bebê quando ele realmente está indo. Nem sei por que ele fica, já que ele não deixa ninguém tocar nele. Ele deve ter pertencido a alguém uma vez... o nome dele está escrito em jóias no colarinho dele. Os garotos dizem que ele é um gato fantasma, devido à como ele entra em nossos quartos mesmo quando estão trancados.

Meus olhos se arregalam.

— Desculpe. — Diz ela, bufando novamente. — Estando tão longe no país, este lugar pode ser assustador como um campo de línguas do diabo. O

cemitério lá atrás não ajuda. Alguns de nós já viram luzes estranhas saindo da capela abandonada à noite, mas a escola tem oficiais de justiça que ficam de guarda do lado de fora da entrada da frente e de trás para impor o toque de recolher das oito horas. Então não há como fugir. Mas honestamente, se alguma coisa é assombrada, é a floresta. — Ela diz isso como se fosse uma reflexão tardia, embora sua voz seja ameaçadora.

— Por que você diz isso? — Eu pergunto, não tenho certeza se quero ouvir mais.

— Bem, eu não saio muito sozinha, então isso é tudo boato. — Ela franze a testa. — Sou muito alérgica a picadas de abelha, então os bosques estão fora dos limites. Minha mãe não me deixaria vir aqui sem o fornecimento de um ano de EpiPens. — Ela encolhe os ombros. — De qualquer maneira, os meninos vagam lá fora às vezes. Eles foram tão longe quanto à cabana. E eles viram coisas. Ou devo dizer que ouviram coisas... coisas que não estão certas. — Uma expressão de desgosto cruza seu rosto. — Quero dizer, não está certo.

— Como?

— Um rato do campo que coalha como um sapo, um lagarto que grita como um porco selvagem, uma raposa que pia como uma coruja. Os caras ficam realmente inventivos quando tentam assustar as meninas.

Minha língua fica seca de novo quando me lembro do corvo chorão que imaginei ter ouvido.

Sunny parece ler o desconforto no meu rosto, porque ela ajusta o tom. — Aw, apenas me escute falando sem parar. Esqueça tudo o que eu disse. Todas são histórias inventadas de qualquer maneira. E eu sou apenas uma porta. Venha bater sempre que você se assustar.

Eu murmuro:

— Obrigada. — Mas não vou me aproximar de ninguém enquanto estiver aqui. Não há como fingir que sou um pouco normal. Dentro de algumas semanas, vou ter a reputação de roubar os holofotes que serão impossíveis de viver, e ninguém vai querer ser meu amigo.

— Sobre Katarina. — Eu enrolo meu cabelo em uma trança lateral, amarrando as pontas em um nó. — Ela é do tipo que guarda rancor?

De novo envolta em sombras, Sunny procura no bolso e depois tira o que parece um cigarro. Ela toca nos lábios, respira fundo e sopra para fora. O final acende em resposta, como um brilho de LED. — Você pode apostar que ela é. E não só você mostrou, você conseguiu uma carona nos braços de Jackson Reynolds. Isso é mais ação do que ela viu no ano e meio que ela está rondando

por ele.

Ótimo. As coisas poderiam piorar? Se eu pudesse dizer a Katarina que ela não tem nada com que se preocupar. Eu não vou buscar algo físico ou romântico com ninguém. Não depois do que aconteceu em casa com Ben. Apenas sendo levada pelas escadas por esse cara, Jackson acionou um lembrete suficiente para permanecer fiel a essa promessa para mim mesma. Mas não há como fazer algo tão estranho. — Ok... então, você está dizendo que eu vou ser o novo posto de coçar da Kat.

— E, ao contrário de Diable, suas garras são muito piores do que o chiado.

Eu gemo e desço, deslizando para os travesseiros com uma palma sobre os olhos. — Como fazer inimigos em menos de sessenta segundos. Eu escrevi o maldito livro.

Sunny ri. — Não se preocupe. Não foi como se você estivesse fazendo um teste para o papel de Renata. Audrey é sua única competição real. Mas ninguém nunca conseguiu derrotar Kat. Eu gostaria de ver essa mudança.

Um cheiro de caramelo paira sobre mim, lembrando-me da minha tia quando ela entrou no meu espaço pessoal mais cedo. Eu movo minha mão para encontrar Sunny em pé ao lado da cama com o cigarro empoleirado em seu lábio inferior. Seu rosto é oval com sardas escuras salpicadas em seu nariz e bochechas na forma de uma máscara de arlequim. Na luz fraca, seus olhos são de um tom marcante de roxo azulado e suas feições são delicadas. Ela se parece com uma criatura de madeira selvagem, vestida para um baile de máscaras.

Ela dá outra tragada no bastão brilhante. Sua exalação se enrola como a condensação da boca de uma pessoa em climas congelantes. Não é um cigarro tradicional. É um e-cig[3]. Ela tem um suporte elegante - uma versão menor do preto fino que Audrey Hepburn usou no Breakfast at Tiffany's.

— Eles sabem que você fuma? — Por insistência da mamãe, li o manual do aluno no caminho até aqui. O tabaco é um bilhete de ida para a expulsão e para casa. Eu guardei aquele pedacinho escondido na chance de ser expulsa deste lugar. Agora eu sei onde eu poderia conseguir um suprimento. Embora isso prejudicasse o relacionamento de mamãe com a tia Charlotte, então teria que ser um último recurso.

— Não. Eles são alheios. Não há fogo ou fumaça para me entregar. Está vaporizado. Estou praticamente exalando água. — Ela entrega o cilindro para mim.

Eu corro debaixo do meu nariz, cheirando o doce aroma, depois o entrego de volta.

— Eu tenho um atomizador extra no meu quarto. — Diz Sunny. — Se você quiser um. Eu tirei o suco da sua tia. Ela os pede em massa de algum lugar online, então ela nunca perde um ou dois. Eu gosto dos de cravo, mas os chocolates são melhores. Não havia nenhum desses em seu último esconderijo, no entanto. A menos que eles estejam escondidos atrás das caixas de contatos descartáveis em seu armário. Falando nisso, espero que não sejam apenas para os próximos acessórios de figurino. Ela precisa incorporá-los ao seu estilo. Os óculos dela parecem que são da coleção especial de Ben Franklin.

Eu mal posso registrar os balbucios de Sunny sobre as opções de moda questionáveis da minha tia; é muito insignificante em comparação com sua outra confissão. — Espera. Você entra no quarto dela e rouba dela?

— Eu te disse, eu uso meus poderes para o bem. Ela está tentando parar de fumar desde que eu estive aqui. Eu decidi ajudá-la. — Ela franze o nariz sardento. — Você não é uma dedo duro, não é? Vai correr para ela porque ela é sua tia? Se ela descobrir que eu tenho andado pelos quartos dos professores...

— Não. Nós não somos tão próximas. — Faço um gesto para Sunny se juntar a mim dentro da minha caverna. Antes de ela se sentar, ela pega minha sopa e entrega para mim. Eu aceno um agradecimento. — Para ser honesta, esta é a primeira vez que encontro Mademoiselle Français de fantaisie na minha vida.

Sunny late uma risada que vem de sua barriga — um som alegre e cheio que me aquece quase tanto quanto a caneca fumegante na minha mão. — Então você pegou isso? Sua tia até nos leva em viagens de campo, às vezes, para que possamos ter uma experiência real em Paris. Ainda não tenho certeza se ela é uma diplomata francesa ou nossa professora de dança.

Eu saboreio meu caldo de galinha e sorrio. Talvez eu faça pelo menos uma nova amiga. Sunny é peculiar o suficiente para ignorar minhas próprias excentricidades — como Trig e Janine sempre fizeram. E seu talento para “levantar” coisas poderia ser útil.

— Que tal isso? — Eu pergunto quando a sopa reveste minha garganta com conforto. — Vou ficar quieta sobre seus extraordinários 'talentos', se você puder me fazer um favor em troca.

Sunny inclina a cabeça. — Uma garota que canta como um anjo e sabe como confundir a linha entre lisonja e chantagem. — Dando uma tragada em seu cigarro ela sorri. — Um espírito afim. OK. Qual é o favor?

Engulo mais sopa para acalmar meu estômago revolvendo e tentar parecer levemente interessada - ao contrário de como eu realmente sinto por dentro: desesperada por informações. — Diga-me qualquer coisa que você saiba sobre o

jardineiro da propriedade. Você mencionou que há uma cabana em algum lugar na floresta. É onde ele mora?

Minha companheira engasga com seu vapor com sabor de caramelo. — Você não viu o jardim? Não havia guardião... Bem, desde o tempo todo que eu estive aqui. Temos um zelador - o sr. Jippetto - que mora no chalé da floresta, mas cuida principalmente do cemitério... mantém tudo limpo. Ele faz algumas coisas e termina em torno da escola. Podando os arbustos que ficam muito perto do estacionamento, varrendo as folhas, ajudando-nos a fazer cenários para o palco. Manutenção simples. Mas ele é velho demais para disputar todas aquelas plantas e ervas daninhas.

— Velho demais? Eu pensei que ele parecia ter a nossa idade. — Eu esfrego minha testa. — Talvez tenha sido um dos alunos fantasiados. Ele vestia roupas vitorianas, passeava pelo jardim com um conjunto de tesouras de poda.

Os olhos de Sunny encontram os meus; tanto a honestidade quanto a inteligência brilham intensamente dentro delas. — Eu não sei o que você acha que viu quando chegou aqui, mas todos nós estávamos em audições. Eles levam a lista. Presença é obrigatória. Houve uma época em que o jardim era lindo. Eu vi fotos em preto-e-branco na biblioteca da escola no andar de cima. Mas isso foi em 1925, quando um jornalista se espalhou pela casa de ópera abandonada para celebrar o quinquagésimo aniversário do Palais Garnier. O anônimo guardião daquele jardim estaria morto há muito tempo agora.

Minha mão faz espasmos e eu largo minha caneca, encharcando minha calça jeans e a cama com uma sopa quente.

Ele chegou à entrada secreta do apartamento e encontrou o cisne tremendo na beira do banco.

Algo estava errado.

— O que aconteceu? Por que você não está lá dentro? — Perguntou ele, saindo do barco e entrando no cais que dava para sua casa subterrânea.

Ange bateu as asas carmesins, incitando-o a se apressar. Ele tirou as luvas, as botas e a capa para evitar que a lama arrastasse ao longo dos ladrilhos luxuosamente estampados dentro do apartamento. O cisne tremeu baixo em sua garganta - um som preocupado e irritado. Seus pés palmados golpeavam atrás de seus passos silenciosos em grossas meias de lã.

As lanternas ao longo das paredes tinham diminuído, e estar tão fundo no

subterrâneo significava que não havia janelas para convidar as últimas correntes de crepúsculo dentro. Ele estaria cego, não fosse pelo brilho de seus olhos iluminando seus passos. Abriu caminho pela sala, passou pela mobília fortemente estofada, pelas tapeçarias de parede e pela ornamentação berrante.

Ele lutou contra uma onda familiar de frustração que eles ainda honravam a época vitoriana da antiguidade, independentemente de quantas vezes ele tentou trazê-los para o século XXI. As únicas partes da casa que mereciam lâmpadas a gás ou eletricidade de um gerador eram o elevador antiquado com uma porta gaiola fechada, o laboratório da adega que levava e o aquário de quatrocentos litros que ficava numa plataforma. No quarto dele.

O cabelo em seu pescoço se erguia quando ele passava os pássaros, animais e répteis em gaiolas e ternários sombreados nas paredes da sala de cada lado do órgão de tubos: um jay azul com uma asa quebrada, um coelho com uma pata roçada , um lagarto sem um olho - e muitas outras criaturas. Alguns ficaram feridos ou órfãos e precisavam de sua ajuda; outros eram pacientes de procedimentos que ele fez o melhor para bloquear de sua mente, embora não houvesse chance de esquecer.

Todos eles confiaram nele para costurá-los de volta junto com novas peças e partes, e cuidá-los da saúde antes de serem devolvidos à natureza. Esta noite, eles pareciam olhar de dentro de suas prisões temporárias, julgando... Acusando. Era como se eles pudessem ver seu próprio quebrantamento, como ele ansiava por cometer uma traição tão egoísta, que ele próprio deveria ser enjaulado.

Ele engoliu um gemido. Todo esse tempo ele esperou, esperando que um dia pudesse se conectar com o pedaço de espelho de sua alma. Sua chama gêmea.

Para a nova chegada da academia, esse espelho era uma reviravolta do bisturi. Ele desprezava a confusão e o conflito que ela inspirava nele, e ele se desprezava por ser atraído por ela.

— Rune. — Ele murmurou em voz baixa. Nos tempos antigos, as runas eram liturgias místicas e divinas, suficientemente poderosas para lançar feitiços. Isso explicava porque ele estava enfeitiçado por ela.

Tudo o que ele podia fazer hoje era cometer erros. Teria sido prova suficiente para ver os olhos dela do outro lado do espelho, o modo como eles brilhavam com energia não gasta. Se ele só tivesse saído então, em vez de segui-la pelas estreitas passagens secretas dentro da parede até o terceiro andar; em vez de olhar através dos espelhos e ouvi-la cantar...

Ele a conheceu no momento em que viu a alma dela arrasada, no instante

em que ela soltou a primeira nota. Ele a ouviu em visões por anos. Ela inspirou incontáveis composições em seu violino.

Hoje, depois de ouvi-la na realidade, a música tocou em sua cabeça e queimou uma marca por trás de seus olhos. Tantas cores e emoções, um espectro de auras - vividas e vivas. Uma abundância de energia tão pura, cada receptor sensorial em seu corpo reagiu. Ele provou a música, mais luxuosa do que um favo de mel fresco derretendo na língua; ele sentiu as notas em sua pele, suaves como as gotas de chuva em um dia quente.

Ele nunca experimentou nada tão curativo e doce.

No entanto, quase a quebrou para cantar.

Ele tentou calcular, tentou lembrar a si mesmo que isso era como deveria ser; que isso funcionaria a seu favor - o modo como doía para ela usar o presente dela. Ela deveria desprezar a música agora.

Em vez disso, ele não conseguia parar de pensar que se isso fosse outra hora, outro lugar, nada o impediria de chegar. Quando ela caiu de joelhos, sua aura se desvaneceu para um cinza escuro muito próximo do preto, sem vitalidade; Era tudo o que ele podia fazer para ficar oculto. Ela era tão pequena em estatura, tão magra e frágil - como os outros pássaros que ele curou ao longo de sua vida. Ele entendeu a dor dela. Suas energias eram desequilibradas. Ele tinha a capacidade de ajudá-la. Sua música nunca a quebrou em suas visões. Em vez disso, sua música era seu poder, porque ele tocava para ela.

Ele olhou de relance para o Stradivarius, fechado dentro de um estojo no canto, revestido de açúcar e coberto por teias de aranha. Ele não tocou no violino por dois anos, desde que a academia foi inaugurada. Ele se perguntou se ela tinha perdido seus duetos tanto quanto ele.

Mas hoje, a energia melódica que ele absorveu de sua música sacudiu o gemido silencioso das cordas do violino e sacudiu a gaiola de suas costelas. Um pedido tão visceral que sugou o núcleo de seu coração seco, fazendo-o murchar e enrolar como as rosas mortas que ele deixou para ela se preocupar mais cedo.

Como ele faria o que se esperava dele agora? Ter a menina em qualquer lugar perto dele só abriria suas veias e o sangraria a seco.

Ele a evitaria o máximo possível. Ele tinha seis semanas até o Halloween, quando eles se encontrariam. Até então, a base para trazê-la para baixo poderia ser interpretada nos bastidores... Todas as suas pistas colocadas sem nunca ter que estar cara a cara. Durante esse tempo, ele encontraria outra saída para sufocar seus anseios - uma maneira de afastar sua voz de sua mente consciente. Embora houvesse pouco que ele pudesse fazer pelo subconsciente.

Não importa o que, ele não perderia de vista seu objetivo. Ele iria atrair Rune para baixo, então isso seria o fim para ele... E o fim da vida como ela sabia disso para ela.

5
Pássaros em sons Quebrados

"Para ver os pássaros, é necessário fazer parte do silêncio."
Robert Lynd



Ele passou por seu violino negligenciado e pelo órgão de tubos ao lado do recanto da sala de jantar, parando quando chegou aos três quartos nos fundos de sua casa. O da esquerda pertencia a ele e o da direita estava reservado para *ela*... Uma vez que ela viveria novamente.

Mas era a porta preta no centro onde Ange esperava que contivesse seu interesse agora. Mesmo depois de todos esses anos, a algema da porta da gárgula segurava-o no escravo de seu rosnado horroroso, porque o que guardava era igualmente grotesco, poderoso e fascinante.

Escolhendo não usar a aldrava, seus dedos tamborilaram a porta levemente. —É Thorn. Você está decente? — Ele esperou por uma resposta.

Onze anos antes, aos oito anos de idade, ele invadiu o local, ansioso para mostrar o pássaro ortodoxo que resgatara de um gato. Seu guardião estava de pé no espelho — à mostra da máscara ajustada que geralmente escondia os três quartos superiores de seu rosto.

Thorn tinha ficado horrorizado com o reflexo exposto: a pele ictérica, enrugada e cerosa... Esticada e tão fina que cada veia e capilar desgastado se manifestava como um roteiro horrível, revelando grandes hematomas vermelhos e pulsantes por baixo; os recortes cavernosos acima de suas sobrancelhas, fazendo seus olhos parecerem afundados; e, o mais terrível de tudo, a ponte de um nariz quase parava antes de começar, não deixando nenhuma cartilagem para cobrir os dois grandes buracos negros de onde ele respirava. Um lábio superior faltando se abriu para uma fileira de dentes, tão perfeitos e retos, que, como o queixo forte e impecável lá embaixo, zombavam da cara do quebra-cabeça acima.

Thorn nunca tinha visto nada parecido - a cabeça apodrecendo de um cadáver no topo da forma viva de um homem. Ele gritou e apertou as mãos em uma reação instintiva, esmagando o pequeno pássaro entre os dedos.

Os seios agonizantes do hortelão romperam seu estado de transe e ele a jogou no chão. Seus maus tratos descuidados da ave lhe renderam um tapa no ouvido do guardião, uma reprimenda tão aguda e instantânea que Thorn quase apagou a tontura resultante.

Foi a primeira e última vez que o pai Erik o atingiu. Ele tinha outras maneiras mais sutis de disciplinar Thorn, métodos muito mais eficazes do que o castigo corporal.

Thorn tinha lutado para ficar em pé. O zumbido em seu ouvido não conseguia abafar os suspiros assobiantes do pássaro enquanto ela se esforçava para respirar contra as costelas quebradas que perfuravam seus pulmões. Seu guardião se inclinou para pegar o pássaro moribundo.

Lágrimas quentes riscaram o rosto de Thorn. Ele fixou seu olhar no tufo amarelo e verde de penas dentro das mãos de ossos finos de seu pai, evitando uma segunda olhada naquela deformidade em seu pescoço.

Depois de embrulhar o pássaro em um lenço, Erik agarrou o queixo de Thorn. Thorn tentou fechar os olhos, mas seu guardião simplesmente precisava falar.

— Olhe para mim, criança.

As pálpebras de Thorn se abriram, incapazes de resistir a essa voz hipnótica. Era o poder supremo do pai Erik. Essas cordas vocais provocavam sensações decadentes — tão sobrenaturalmente persuasivas que não havia escapatória. Com apenas uma palavra falada ou uma serenata de canção, o homem tinha o poder de envolver uma cobra mortal dentro de um casulo de obediência enrolada, e trazer um assassino de coração frio para se afogar em uma poça de suas próprias lágrimas arrependidas. Uma vez que a rede de sua voz foi lançada, ele poderia capturar e manipular alguém e qualquer coisa. Às vezes, apenas por segundos e outras vezes por horas, dias ou anos, dependendo da força e vontade interior da vítima.

— Abrace sua repulsa. — O comando ressonante e magistral do Pai Erik havia embalado Thorn com suavidade naquele dia, acalmando o zumbido em seu ouvido latejante. — Mas nunca tenha pena de mim. Nunca. A pena nos faz, ambos, vítimas. Seja fiel ao seu horror instintivo. Vire-o para fora e use-o.

Erik segurou o pássaro mole e ofegante contra o peito de Thorn. Ele pegou a mão de Thorn e insistiu para que ele tocasse seu rosto desfigurado... Para sentir a carne ressequida que enrugava como folhas úmidas e em decomposição sob a palma da mão, para enfiar o polegar na borda das crateras esponjosas onde deveria estar um nariz. Thorn obedeceu, sem piscar um olho. Náusea e medo repelente se reuniram em torno de seu coração até que ele queimou. A sensação de fogo culminou e passou dele para o peito envolto em penas do pássaro. Um tremor de luz turquesa brilhou através de seus olhos, então sua respiração se aliviou e ela vibrou, animada.

Curado.

— Você viu a cor da aura, Thorn?

Thorn assentiu. Ele experimentou tais pigmentos de luz em pequenas amostras desde que ele estava morando lá, distribuído pelo seu guardião, mas ainda tinha que aprender a colher os flashes ele mesmo. E ele nunca viu essa transferência dar vida... Apenas pegar.

— As auras são vibrações de cor, significando a energia em torno de toda a matéria viva. — Dissera o Pai Erik, soltando a ave canora do lenço para que Thorn pudesse devolvê-la ao bosque do lado de fora. — As cores mudam com o humor.. Uma clareza brilhante que somente nosso tipo pode ver e comandar. E agora você sabe que uma das formas mais destiladas de energia é colhida das profundezas do pavor. No momento em que você domina o medo inspirado nos outros, você será o mestre deles. A única coisa mais potente que o desespero do terror é o arrebatamento da música. Como você lembra, do seu próprio passado.

O poder do terror que Thorn abraçou naquele dia não poderia se comparar ao remorso que ele sentiu por envergonhar o homem que lhe mostrara tamanha compaixão desde a tenra idade de sete anos... Que se tornou seu guardião, professor e amigo.

Naquele momento sem máscara, ele olhara para o único pai que ele conhecera como monstro. Embora agora Thorn entendesse que a aparência de alguém não era a medida para a predisposição da alma para o bem ou o mal, ele ainda lamentava o preconceito instintivo alimentado pela imaturidade.

Esticando a memória, Thorn bateu a porta do Pai Erik mais uma vez. Seu peito se contraiu no silêncio resultante. O ar úmido, resultado de estar tão perto da água, geralmente o acalmava. Mas hoje, entupia seus pulmões, espessos e pesados como uma mortalha mortal.

Ele empurrou a porta aberta. O caixão, equilibrado em cima de seu estrado e forrado de veludo vermelho, estava vazio. Assim como ele temia.

Amaldiçoando, Thorn olhou para o "*Dies Irae*" pintado em adorável roteiro preto em torno da borda superior da sala para formar uma borda contra as paredes vermelhas. Os versos nunca pareceram mais propícios - uma massa de réquiem tão medonha e rapsódia quanto o homem que construiu este covil há mais de um século para seu santuário: o compositor, o alquimista, o arquiteto, o mago, o mentor.

O fantasma.

Mas aquele homem lendário havia se enfraquecido e adoeceu ultimamente, e não mais se aventurara sozinho no lado de cima, nem nas passagens secretas da academia que guardavam apenas lembranças ruins para ele, nem para qualquer parte de Paris. Ele foi apenas quando Thorn o acompanhou para dar apoio.

Ou então Thorn pensou. Havia apenas uma razão pela qual Erik se arriscaria sem ele hoje. A mesma razão que ele perdeu todos os sentidos cem anos antes em uma casa de ópera muito parecida com esta - antes mesmo de Thorn nascer - e sequestrou a prima donna da ópera.

O olhar de Thorn mudou para a pintura pendurada na parede onde Christina Nilsson, a querida Christine de Erik, estava vestida como Pandora da mitologia grega. Um colar com uma aliança de casamento de rubi pendia de um prego ao lado.

Thorn rosnou. Se Erik fosse visto ou capturado, todo o seu modo de vida — tudo pelo que seu pai havia trabalhado e construído, junto com seus laços com o mundo subterrâneo — poderia ser exposto.

Voltando-se para a escuridão da sala, Thorn gritou o "*Dies Irae*", a tensão

em suas cordas vocais excruciante: — Dia do julgamento! Dia das maravilhas! Ouça! O som horrível da trombeta; mais alto que mil trovões, sacodem a vasta criação! — Ange respondeu com o próprio grunhido de trombeta enquanto o elevador fazia um zumbido lamentoso, os cabos puxando o carro do porão. Ela cambaleou em direção a uma figura sombria que saiu da porta do portão com uma lanterna na mão.

— Bravo, Thorn! — Os elogios profundos e doces de Erik flutuaram para ele, acariciando-o como um tapinha amoroso na cabeça. — Recitação impressionante. Embora você não deva esticar sua voz. E os hinos são melhores entregues em sua língua nativa. A versão protestante não contém nenhuma tocha para o latim. — Com um grunhido cansado, sua silhueta caiu no chão. O cisne se aconchegou em seu colo e o repreendeu, seu bico puxando sua orelha.

Thorn se agachou ao lado da dupla, aliviado por ter sido apenas um caso de Ange sem saber onde estava seu mestre. Mas esse alívio afundou na preocupação quando notou a aura cinza doentia em torno de Erik. Thorn lutou contra o ciúme habitual que o incomodava, vendo Erik dar tanto de si mesmo à sua causa no laboratório da adega. Seu pai estava sempre exausto aos domingos, depois de queimar toda a sua energia, mas isso era extremo.

— Você deveria estar na cama, economizando sua força. — disse Thorn, tirando a afirmação de uma garganta ainda crua e dolorida depois de sua birra em pânico.

— Assim como você deve respeitar suas próprias limitações. — A ponta do dedo instável de seu pai tocou o pomo de Adão de Thorn na luz suave da lanterna, então se moveu para seu rosto, como se assegurasse que todas as características de Thorn estavam no lugar.

Ele frequentemente comparava a aparência de Thorn — as sobrancelhas escuras definidas acima de olhos castanhos penetrantes e largos; maçãs do rosto altas; um nariz reto acima dos lábios rechonchudos bem feitos para ser mulher; quadrado, fenda do queixo; e definiu a musculatura - para os heróis nos tomos mitológicos que Thorn gostava de ler. Thorn, no entanto, preferia os monstros desses contos. Seus trágicos desequilíbrios e falhas eram muito mais convincentes do que qualquer perfeição poderia ser.

E assim era com Erik. Não tendo nenhuma beleza exterior para fortalecê-lo, ele aprimorou sua arte interior, as coisas que realmente o tornaram único: mente, talentos, voz e misticismo. Atributos que exigiam respeito, medo e admiração.

Thorn tinha assistido e aprendido durante os doze anos em que esteve sob

a tutela de Erik. Rostos bonitos não eram mais do que máscaras usadas para justificar a preguiça e a monotonia intelectual. Desde que Erik nasceu sem ele, ele criou uma miríade de suas próprias — máscaras que davam a ilusão de conformidade, mas podiam ser deixadas de lado sempre que ele desejasse liberar o brilho verdadeiro e ofuscante do desvio.

Thorn seguiu os passos de seu guardião, fez suas próprias máscaras — algumas de pano, algumas de cerâmica — para cobrir a metade direita do rosto em homenagem a sua linhagem mista. Embora ele não tivesse nada físico para esconder, um demônio espreitava dentro dele, com medo de forjar a luz do dia. Suas máscaras faziam com que ele se sentisse seguro, e tão habilidoso quanto ele era em se misturar ao seu redor, ele raramente andava pelos terrenos sem usar uma. Hoje sendo a exceção. Um erro que ele não faria novamente.

A palma de Erik cheirava a formaldeído e iodo enquanto ele acariciava a bochecha de Thorn. — Como eu poderia descansar esta noite, meu adorável menino? A garota chegou. Eu sinto isso. — Thorn podia ouvir Erik sorrir por trás de sua própria máscara escolhida, em forma de cobre e revestida de prata. A saudação entusiasmada de Ange derrubara a cobertura, bloqueando sua boca e revelando aquela cratera submersa na testa, onde uma de suas sobrancelhas se projetava estranhamente.

Quando a máscara estava no lugar, tudo o que mostrava era o quadrante inferior do rosto - queixo forte e lábio inferior cheio - fazendo-o parecer enganosamente normal, distinto. Um homem de meia-idade com uma cabeça de cabelos negros e bem-vestidos e olhos âmbar penetrantes que brilhavam quando ele estava mais forte.

Com a máscara e a peruca, não se saberia que ele esteve no mundo durante séculos, ou que ele estava desfigurado e tinha apenas um pouco de cabelo. Com tudo no lugar, não se podia ver a forma irregular das órbitas oculares, como elas se enterravam profundamente em seu crânio. Eles só podiam ver a expressão abrigada nessas profundezas: sábia, intensa e maníaca sob o peso do gênio irreprimível e das lembranças torturadas.

A palma de Thorn cobria o redemoinho quente e branco de energia da canção de Rune, ainda aconchegada sob o esterno. Ele tinha sido egoísta em pensar, por um segundo, que ele poderia guardar alguma coisa para si mesmo. Que ele poderia alimentar suas composições latentes com o fogo de um verde brilhante que pulsava através de seus olhos quando ela se apresentou. Erik precisava disso muito mais do que ele jamais poderia.

— Sim. — Respondeu Thorn por fim, ajudando o pai a endireitar a

máscara para que o nariz sintético de cobre se concentrasse na ausência de um. — É ela. Ela possui o presente. Assim como foi previsto. — Ele segurou a mão de Erik e colocou-a sobre o peito brilhante onde sua própria mão estava. — Eu seguro a prova. Sua voz é imaculada.

— Seráfico, o senhor quer dizer. — corrigiu o pai, meio brincalhão, quando sua mão começou a absorver o poder — um puxão que Thorn sentiu até os pés.

Com um sorriso triste, Thorn assentiu. — Inegavelmente. Uma boa partida para você ou qualquer coro no céu.

— Apesar disso, ela nasceu para um conjunto de demônios — Respondeu seu pai com aquele sinal de humor sombrio e autodepreciativo.

Eles compartilharam uma risada, embora Thorn não sentisse nenhuma alegria em seu coração enquanto observava as veias de Erik surgirem com a luz.

A luz de Rune. O branco mais puro que ele já viu... encarnado, raro... a essência de um anjo. Thorn queria de volta, aninhado dentro de seu corpo. Aquecendo-o e ressuscitando sua musa.

— Ela deseja ser livre. Senti isso. — Acrescentou Thorn, mais para se distrair da perda do que para justificar seus planos hediondos, embora servisse bem ao último propósito.

—E u não te contei? Assim como a velha bruxa previu. Vai ser um pouco convincente para ela desistir de tudo, sim? — O terno Milano listrado de prata e cinza, perfeitamente ajustado à estrutura fina de Erik, apertou seus ombros enquanto tentava se levantar. Ele sempre vestia suas melhores roupas nas boates, mas hoje era domingo. Suas permanências semanais nos túneis subterrâneos e em Paris eram reservadas para os sábados. Thorn ficou surpreso ao vê-lo em tão boa disposição enquanto trabalhava no laboratório. Ele supôs que queria dar o melhor de si, na esperança de que Thorn pudesse ter sido acompanhado por Rune.

Ultimamente, o desespero de Erik o fez esquecer sua paciência. Ambos sabiam que ainda não era hora. Eles tiveram que provocá-la com migalhas cuidadosamente colocadas. Uma vez convencida de que não podia confiar nos alunos e professores — na chance de pensar que estava enlouquecendo — ou mesmo em torno deles por medo de sua segurança, ela se aventuraria por conta própria, buscaria a verdade dentro da escola nas sombras.

Erik tinha muito a fazer em seu laboratório de adega em preparação, então era o lugar de Thorn conduzi-la por esse caminho. Mas só ela poderia se render à escuridão — corpo, mente e alma.

E uma vez que ela fizesse, Erik teria tudo que ele precisava, finalmente.

Thorn enrolou o braço do pai no pescoço dele. Anos atrás, a estrutura de 1,88 do homem se elevava sobre ele. Agora, Thorn ofuscava-o por dois centímetros. Usando os músculos da coxa, Thorn levantou os dois para ficar em pé. Apenas apropriado, depois de todas as vezes que Erik o carregara em sua infância.

— Você deve me levar para ela uma vez que a noite caia. — seu pai pressionou, admirando o brilho em seu peito, debaixo de sua gravata lavanda e camisa azul-marinho, onde a ária de Rune alimentou seu coração com uma explosão de força. — Deixe-me ver o pequeno pombo por mim. Sua aura será mais visível enquanto ela dorme.

Thorn sentou Erik na espreguiçadeira e apoiou o quadril no braço curvado do outro lado. Uma recusa flamejou na base de sua laringe. Ele não queria espionar ela enquanto ela estava tão vulnerável.

O pensamento absurdo se extinguiu tão rapidamente quanto se acendeu. Que risível, que tal coisa lhe ocorreria.

Sua espécie era descendente de caçadores... famosa por se infiltrar em quartos escuros e usar o fôlego de mulheres adormecidas como preciosas pérolas em sua carne, sequestrando seus sonhos e seduzindo seus corpos e espíritos — alimentando-se de sua paixão, necessidade e medo.

Mesmo que Thorn tentasse argumentar, Erik iria convencê-lo de que tudo era perfeito e apropriado com um ronronar hipnótico daquelas cordas vocais celestes e hedonistas.

Ao longo dos anos, Thorn tornou-se ciente das manipulações de seu guardião. Quando ele era aquele menino de oito anos, Thorn havia entregado o ortolão de volta à floresta naquela tarde depois de ter sido “curado” por Erik. Então ele observou como o pássaro tentava voar, mas em vez disso se afundava no chão, ofegando. Erik convenceu o pássaro que ele foi curado... mas suas costelas ainda perfuravam seus pulmões, e ele morreu do mesmo jeito.

Nada poderia viver para sempre. Pelo menos nada do mundo natural.

Thorn frequentemente se perguntava se ele teria forças para recusar a vontade de seu pai, agora que ele sabia. Mas isso evoluiu para algo além da teia de persuasão de Erik. Thorn lhe devia sua vida e propósito, e faria quase qualquer coisa para ouvir o orgulho e o elogio da bela voz de Erik — não importando o quão maníaco e horrível fosse o pedido. Ele queria ser o filho que Erik precisava.

O homem por trás das máscaras era seu pai em todos os aspectos que

contavam. E a família contava acima de tudo.

Então, é claro que Thorn o levaria para Rune, assim que Erik tivesse digerido a energia de sua música e pudesse fazer a viagem. Eles ficariam em silêncio em sua observância; ela nunca saberia que eles estavam lá. Um ligeiro desvio de sua relaxada rotina dominical de descansar em seus quartos não faria mal.

Thorn disse a si mesmo isso, na esperança de abafar a verdade: que ele mesmo queria vê-la novamente, e que mais tarde, quando ele e o pai voltassem para casa, pegaria o violino. Após dois anos de sono, sua musa despertou.

Hoje à noite, ele iria ter uma serenata com Rune em seus sonhos mais uma vez.



São os olhos dele que me chamam primeiro — acobreados e cintilantes. Eu olho, sem saber se eles são reais.

Então eu ouço a música, e não há como negar a realidade, ou que eu estou destinada a estar neste lugar. Significava ver, ouvir e sentir tudo. É a única maneira de eu ser completa e confortável em minha própria pele.

Eu tropeço no túnel escuro sem hesitação, seguindo os acordes do violino. Seguindo literalmente as notas. Cada passo dança ao longo da parede de pedra — uma cor diferente — como um show de luzes a laser. Minha mão os traça, atraídos pelas iguarias táteis que oferecem: vermelhos vibrantes, verdes temperados, amarelos aquecidos pelo sol e azuis tão frios e variáveis quanto as profundezas do oceano, onde cerúleo e marinho brilham como safiras nos rabos de peixes monstruosamente presas.

Ao longe, eu o vejo: meu maestro, envolto em sombras. Seus olhos brilham novamente — dois centavos no fundo do poço dos desejos. Ele pode tornar meus desejos realidade? Ele pode me ajudar a cantar sem dor?

Uma névoa pesada escorre de cima e nos separa.

Um som gotejante ecoa, e meus pés espirram através da água fria e crescente. Eu sou momentaneamente corajosa, mas minha coragem diminui quando o líquido fica preto e me engole até o meu pescoço.

Eu tremo nas ondas geladas. Minha garganta se contrai. Eu entro em pânico... lutando para manter minha cabeça exposta. Não é um túnel; é uma caixa. Uma caixa cheia de água que cheira a peixe podre e lama estagnada.

Estou me afogando.

Minha pele congela, meus pulmões queimam; minha mente fica tonta, entorpecida. Eu chuto contra as paredes de madeira, mas sou muito fraca, pequena demais, com muito medo de romper.

Inconsciência se desvanece.

O violino me revive. Torna-se mais que música. Isso se torna uma voz.

Meu maestro fala através disso, me persuadindo a lutar pelo meu caminho para a liberdade. Eu cerro os dentes e chuto novamente. Tudo o que faço é em câmera lenta, até que finalmente meu joelho esquerdo explode, deixando um corte na minha pele. Será uma cicatriz um dia.

Mas tudo o que importa agora é que estou livre.

A caixa se abre e eu nado para a superfície. Acima, o céu noturno me cumprimenta, coberto de estrelas.

O show musical de luzes se transforma em planetas em desordem caótica. Ando para cima até me juntar a eles, no meio, no epicentro da Via Láctea, onde é quente e reconfortante como um lance de veludo.

Minha própria música se solta para se juntar ao violino, um dueto ao mesmo tempo celestial e poderoso. Os espaços ressoam na minha cabeça, alinhando-se atrás da minha boca e nariz e fazendo a transição para o meu registro superior. Minha voz se eleva — um C alto tão puro que forma um brilho dourado — uma bolha feita de energia cintilante. Ele combina com os olhos brilhantes do meu maestro.

Os planetas e as estrelas da galáxia flutuam ao nosso redor, alinhando-se, montando a melodia que o violinista e eu agora carregamos como uma.

Duas metades unidas.

Com os céus alinhados, tudo está certo com o mundo. Música e amor e felicidade. Além disso, paz.

O universo pertence a nós. Juntos, nós possuímos isso.

Juntos vencemos.

—Rune.

O sussurro aquece meu ouvido. Eu me enrolo e puxo as cobertas sobre a cabeça, relutando em deixar o porto privado do sono REM.

—Vamos lá, querida. Eles estão servindo café da manhã no átrio. Você precisa comer para chegar na aula a tempo. Como você está se sentindo hoje?

A preocupação na voz de mamãe quebra minha utopia, mas eu já sei de cor os detalhes desse sonho.

É o mesmo que eu comecei a ter logo depois que meu pai morreu. O sonho que me fez passar pelo pior e mais sombrio evento da minha vida, quando minha

avó tentou me afogar. Quando eu estava caindo inconsciente, sua música me despertou e me deu o poder de me salvar.

Mesmo depois disso, meu maestro continuou a manter minha companhia subconsciente por um longo tempo durante os pesadelos do evento, até que de repente parei de sonhar com ele dois anos atrás. Eu sentia falta dos nossos duetos enquanto eu dormia. Foi tão bom finalmente estar naquele lugar de conforto novamente.

Todo esse tempo, eu sempre achei que o espírito do papai era tocar violino... meu distribuidor de música. E que seus olhos mudaram de avelã para cintilante ouro acobreado para servir como meus faróis na escuridão.

Mas ontem, eu vi aqueles olhos brilhando no jardineiro. E agora estou tendo meus sonhos novamente.

O que isso significa?

Eu tremo, só em parte porque mamãe tira minhas cobertas para expor minha pele para a sala fria. Eu olho para ela. Ela está segurando as cortinas abertas, e filtros de luz suave de lavanda na minha caverna confortável da lâmpada de lava. Ainda parece meia-noite no meu quarto minúsculo. Sua postura está bloqueando meu relógio digital.

— Que horas são? — Eu pergunto.

— Sete e meia da manhã.

A resposta me choca o suficiente para me sentar, tão rápido que quase bato o topo da cabeça no teto baixo e arqueado da antecâmara. — Você deveria estar no aeroporto às oito! Por que você não me acordou mais cedo? Eu queria tempo para dizer adeus. — Eu me sinto como uma garotinha novamente, precisando desse fio vermelho em volta do meu pulso para que eu possa deixá-la ir.

Mamãe dá um tapinha na minha mão. — Está tudo bem. Liguei e mudei o meu voo. Eu vou ficar até o final da semana, para conversar com Lottie e fazer um pouco de turismo sozinha. Eu posso comprar algumas roupas para usar enquanto estiver aqui. Talvez eu encontre o vestido de noiva perfeito, sim?

— Mãe... você deveria voltar para casa com Ned, para estar planejando o casamento. Recém-casado, e está sozinho em nossa casa, em vez de passar tempo de qualidade com sua noiva.

Ela sacode a cabeça. — Você é minha prioridade, Rune. Eu não me sinto bem em partir ainda. Seu feitiço foi... diferente desta vez.

Ela não disse que eu estou preocupada que você pode estar indo a loucura, como vovó Lil ecoa no silêncio. A lâmpada de lava faz um som suave e a luz fluorescente lança tudo em sombras misteriosas. Parecendo que metade do rosto

dela sumiu.

Eu me encolho e rolo meus ombros para aliviar a sensação de medo e confusão em torno de mim como a água gelada em meu sonho, aumentando a culpa que eu já estou lutando com tantas coisas - inclusive fazendo mamãe ficar mais tempo, tudo porque eu fingi ter desmaiando ontem.

Não só precisava ligar para o aeroporto, como também tinha que notificar seu chefe no serviço de limpeza da casa. Agora ela está usando dias de férias que devem ser salvos para sua lua de mel. Ela deve estar realmente chateada para atrapalhar sua vida assim.

E, para pensar, ela nem percebe o quanto sou maluca.

— Vamos seguir em frente. — Ela cutuca meu joelho esquerdo com a palma da mão, quase tocando a cicatriz que é exposta pelo meu pijama de renda curta. — Os sênior tomam o último café da manhã enquanto os juniores iniciam suas aulas. É o momento perfeito para conhecer as crianças com quem você vai se formar.

Eu me encolho. Após o incidente do “desmaio” ontem, fiquei no meu quarto o resto da noite e consegui evitar encontrar qualquer um dos alunos que não Sunny. No entanto, a maioria dos professores passou para se apresentar.

O professor Diamond Tomlin — o mais novo dos funcionários aos 25 anos e instrutor de todas as coisas teatrais e científicas — chegou, tendo acabado de voltar de um show de fim de semana em Paris com sua banda alternativa de punk. Além de sua jaqueta de tweed e calças plissadas, ele parecia a parte de um baterista, com sua barba escura e constituição forte. Mas o cabelo grudado em grossas ondas marrons por toda a cabeça e a nitidez de seus olhos azuis inquisitivos lhe davam uma vibe jovem e rebelde de Einstein, que se encaixava com o que Sunny me dissera: que ele gosta de fazer experimentos científicos em seu dormitório após as luzes apagadas, resultando em estranhos flashes alaranjados sob sua porta.

O diretor Norrington entrou atrás do professor e apertou minha mão, dizendo que estava ansioso para me ter em suas aulas de alfabetização financeira e planejamento de carreira no segundo semestre. Com seu sotaque e boa aparência, eu estava convencida de que havia um espião britânico escondido atrás de seus suéteres e óculos de aros de metal. A confirmação veio quando ele acidentalmente esbarrou com Madame Harris — bibliotecária da escola, professora de literatura clássica e conselheira em um pacote curvilíneo de cabelos loiros e olhos cinzentos - ao sair do meu quarto. Enquanto ele a ajudava a pegar os papéis que ela havia deixado cair, seus olhos se encontraram, e uma

vibe 007/Miss Moneypenny passou entre eles.

Seu momento romântico se abalou quando Madame Bouchard — instrutora de musicologia histórica, pedagogia vocal e toda a equipe mais assustadora da academia — apareceu. Bouchard se encaixava perfeitamente naquele lugar sombrio e assombroso, com sua postura rígida de ferro, rosto de lábios finos e muito pintados, e cabelos lisos e brancos sangrando até um trabalho corante rosa-choque antes de cair até a cintura. Ela era algo recém-saído da Noiva de Frankenstein. No entanto, pelo que Sunny me disse, Bouchard é mais cientista maluca do que monstro. Seu passatempo favorito é taxidermia[4]. Ela até transformou um dos vestiários vazios no segundo andar em sua oficina e sala de exposições pessoais.

Sua horrível reputação a precede, a julgar pela maneira como os outros três professores se espalharam quando Bouchard começou a me irritar sobre meu treinamento: quem era meu instrutor nos Estados Unidos, quantas vezes eu me apresentei em público e há quanto tempo —Um pássaro tão pequeno porque você deve ter praticado a melodia de Renata de *O anjo de fogo* por meses a fio para dominá-lo tão bem. — Tia Charlotte ajustou seus óculos e insistiu que eu tinha tido um dia estressante o suficiente e não era para ser entrevistada.

As duas senhoras começaram a discutir. Minha mãe e eu ficamos sentadas, estupefatas, até que o Diretor Fabre chegou e disse a Bouchard para salvar suas perguntas para outra ocasião. Ele tinha um rosto gentil e bonito e um sotaque francês; mas o cabelo branco grosso e a barba corpulenta eram mais uma reminiscência de um distinto capitão do mar que um francês. Bouchard não se atreveu a falar com o homem que a contratou e demitia o pessoal. Ela olhou para tia Charlotte, em seguida, saiu em uma onda de gaguejos e rosnados. Depois de me resgatar como ele fez, o diretor teria sido a minha escolha para o professor do ano, se não fosse por seus assuntos serem geografia mundial e estudos sociais, meus menos favoritos. Ele elogiou meu canto na audição, depois pediu desculpas por sua esposa, a figurinista e professora de saúde, estar em Paris em um desfile de moda.

Ela é a professora que eu mais queria conhecer e já decidi procurá-la hoje. Eu estou esperando para oferecer assistência com fantasias. Se vou ficar presa aqui, costurar e desenhar são as melhores coisas que tenho para manter a saúde.

— Onde estão esses uniformes que pegamos emprestado? — Mamãe interrompe meus pensamentos, vasculhando meu armário onde nós colocamos minhas coisas ontem à noite antes de nos acomodarmos — eu na minha confortável caverna com cortinas e ela na espreguiçadeira. Eu vou oferecer a ela

a cama hoje à noite. É injusto que ela tenha que se enrolar em um sofá que é quatro centímetros mais curto só por causa da minha desonestidade. Além disso, estou curiosa para saber se ela ouvirá as mesmas coisas que ouvi vindo da abertura acima da minha cama... farfalhando e respirando. Talvez esses sejam os tipos de sons que um edifício de cem anos faz. Mas me sentirei melhor sabendo que não estava tudo na minha cabeça, como tudo parece estar.

Mamãe arrasta algumas roupas do armário. A bolsa rosa que segurava meus uniformes desapareceu ontem entre minha performance não planejada de ópera e nossa tentativa de descompactar e fingir que tudo estava normal. Tia Charlotte teve que vasculhar uniformes antigos doados pelos sêniores do ano passado para me dar substitutos temporários.

Eu enrugo meu nariz, lembrando quão desajeitados e grandes eles pareciam na noite passada quando eu os experimentei. — Por que não posso usar roupas de rua até aparecerem? Estas são circunstâncias extenuantes, certo?

Mãe mastiga o lábio. — Regras são regras. Lottie já está dobrada o suficiente para você. Ela tem que traçar a linha nos acadêmicos. Afeta o seu grau se você for para a classe sem seu uniforme. Estes terão que servir até encontrarmos os que compramos. Tenho certeza de que eles aparecerão no final do dia.

Concordo com a cabeça, sem mencionar como me sinto violada, tendo minhas roupas roubadas, imaginando por que alguém pegaria algo tão pessoal em primeiro lugar.

A menos que fosse por vingança porque eu interrompi os testes...

Meu cabelo rebelde corre ao redor dos meus ombros, vários fios grudados nas minhas bochechas repentinamente quentes. Eu uso o pincel que a mamãe me dá para arranhar as ondas do meu rosto até que elas surjam com estática. Enfaixando uma faixa de malha no lugar, eu balanço meus pés sobre a borda da cama e bocejo.

Como eu estou derramando meus membros sonolentos no casaco cinza, saia longa e camisa de babados brancos que compõem o hábito de equitação presunçosa, o cheiro de bacon e algo com canela combina com ricas notas de café e flutua sob minha porta. Meu estômago ronca. Ontem à noite, depois que tomei banho para limpar a sopa pegajosa da minha pele, recusei-me a comer qualquer outra coisa. Eu disse que não estava com fome; mas a verdade era que eu estava muito assustada.

Como é possível que eu vi um cara em roupas vitorianas que ninguém mais conhece, que pode desaparecer e drenar a vida das rosas com apenas um

toque? Cujos olhos estão nos meus sonhos há anos, ao lado de música de violino que eu pensava pertencer ao meu pai?

Eu forço os pensamentos inquietantes lá no fundo. Eu tenho o suficiente para me preocupar hoje no mundo real. Apertando a cintura da saia emprestada com um cinto só faz com que o tecido em excesso plissar e se mexer em lugares estranhos. Pelo menos a gravata vermelha se encaixa. Depois de aplicar leves pinceladas de blush e protetor labial matizado com pêssego sem arriscar uma espiada no espelho, sigo minha mãe em direção à porta, resignada com meu destino.

Eu não vou conseguir sair disso até me provar capaz de me apresentar sem quebrar. O fiasco de ontem trouxe essa verdade à luz, e foi confirmada pela determinação da mamãe em ficar ao meu lado até que ela se sinta forte o suficiente para estar aqui sem ela. Durante anos, a mãe colocou sua vida em espera para lidar com a minha falta de uma.

É hora de descobrir por que essa capacidade avassaladora de cantar — que uma vez me trouxe tanta satisfação — está me atormentando como uma doença. Eu preciso saber por que estou quebrada, então posso me consertar. De uma forma ou de outra. Talvez este lugar possa me ajudar a fazer isso, e então finalmente posso esperar pelo meu futuro. Porque eu estou começando a perceber que há algo pior do que subir e encarar seus medos — e isso está vivendo como se você já estivesse morto.

6
Performance de arte

“O pensamento não superará o medo, mas a ação o fará.”
W. Clement Stone



Abandonando meu dormitório claustrofóbico pela vasta opulência do grande vestíbulo, mamãe e eu apertamos os olhos contra o brilho repentino. A manhã passa através de janelas altas de vidro lapidado, moldando marcas

salpicadas de diamantes, quadrados e estrelas ao longo de pisos de mármore, estátuas de bronze e a parede espelhada.

Eu me concentro no meu reflexo, e essa estranha sensação de ser observada me arrepia. No folclore de Leroux, o fantasma frequentemente observava sua presa através de espelhos, até os usava como entradas para atrair Christine ao seu mundo subterrâneo.

Uma rajada de gelo passa sobre mim e provoca meu cabelo. Assustada, olho para as aberturas, respirando aliviada ao encontrar o ar-condicionado funcionando.

Eu começo a relaxar, me aquecendo na dissonância do sol quente dançando com o ar gelado. Sempre havia algo em estar em luz natural que me revigora e me faz sentir capaz e forte. É quase como se eu absorvesse seu poder de alguma forma. Papai diria que eu estava me aquecendo em sua aura. E mamãe teria rido dele. Mas não importa se ela acredita ou não. Eu sei o que sinto.

Eu ponho diretamente em um raio de sol e meu sangue responde, faíscas de energia estourando através de meus membros e músculos. A sensação de energização alimenta minha coragem. Enquanto mamãe e eu subimos as escadas, seguindo os aromas de comida para encontrar o átrio, eu me convenço de que posso fazer isso. Esta é uma escola fundada na teatralidade. Eu posso agir confiante. Eu posso enfrentar os outros alunos, pedir desculpas por interromper as audições e conquistá-los.

Meu otimismo vacila quando chegamos ao átrio no terceiro andar, em parte devido à tagarelice silenciosa que entra pela entrada escura e arqueada, mas ainda mais por causa da música sendo tocada suavemente pelos alto-falantes. Reconheço as ricas nuances do idioma — marcadas com consoantes agressivas e rígidas — como o russo. É da ópera que os alunos fizeram o teste para ontem; embora esta peça pertence a um dos artistas do sexo masculino, o que explica por que o arco-íris orquestral que floresce na minha mente não está me consumindo. Apenas as árias femininas parecem ter esse efeito.

Hesito no limiar, esperando que se outra das músicas de Renata chegar hoje, não fale comigo... ou se isso acontecer, que o volume baixo subjugará minha coceira para purgar. Eu gostaria de um dia ou dois para recuperar antes de enfrentar outro ataque de humilhação.

Mamãe cruza o limiar e me dá um aceno de encorajamento. Mordendo as pontas do meu cabelo para provar a laranja doce e a baunilha do meu xampu, eu sigo atrás dela e passo para a personagem.

Eu esperava que o refeitório espaçoso — feito de três salas de aula com as

paredes batidas entre eles — fosse bem iluminado, com janelas a cada curva para deixar entrar a luz do lado de fora. Isso é o que são os átrios, certo? Grande, brilhante e cheio de sol, florescendo com plantas e flores como uma floresta tropical?

Esse não. Eu nem sei por que eles chamam isso de átrio. Não há uma planta à vista e é tão triste quanto os nossos dormitórios. Espelhos redondos foram substituídos pelas janelas quando o layout foi redesenhado. As superfícies refletivas — manchadas e pretas em lugares onde o revestimento de prata era apagado para parecer afligido na moda — assemelham-se às escotilhas de um navio fantasmagórico afundado.

Impulsionada por aquele sentimento inabalável de algo do outro lado das reflexões, aumentei meu ritmo. O piso brilhante, um desenho vermelho e preto, desliza silenciosamente sob meus sapatos de viagem.

Mary Jane. Azulejos quadrados vermelhos e pretos continuam o esquema de cores até o teto. A longa sala é dividida longitudinalmente. Cadeiras vermelhas brilhantes e mesas à luz de velas, a maioria delas cheias de alunos envoltos em sombras, abraçam as paredes distantes.

Esta metade — o lado de entrada — é aberto e fornece um caminho para o buffet localizado na esquina na extremidade direita da sala. Um lustre de estilo gótico está pendurado no baixo teto vermelho acima de nós, como velas pretas e douradas de doze polegadas de comprimento viradas de cabeça para baixo. Múltiplas pontas brilhantes, o tamanho e a forma de minúsculas chamas, iluminam a passarela com uma névoa amarela sutil.

Enquanto seguimos o caminho iluminado, ficando perto da parede, eu tenciono meus ombros... esperando os sussurros começarem. Depois de alguns passos, olho de soslaio para os clientes e encontro todos preocupados comendo, mergulhando em suas próprias conversas ou escrevendo notas em espirais ou diários, aparentemente sobre a ópera que acontece nas duas TVs de tela grande suspensas nas extremidades da sala para oferecer uma visão clara de todas as direções.

Agora eu entendo porque a cafeteria está tão mal iluminada. As músicas transmitidas pelos alto-falantes são sincronizadas com a imagem no estilo de cinema. O manual do aluno enfatizava que estaríamos imersos no mundo da ópera, especialmente no programa de fim de ano. Não apenas aprendíamos a música, mas também dominávamos a teatralidade por trás de cada performance: abraçar os aspectos visual e auditivo. E que maneira melhor do que tocar cada ato repetidamente na TV, em oposição a filmes populares ou clássicos, reality

shows ou outras programações adolescentes?

É óbvio pelo número de alunos que se concentram e anotam que algum tipo de atribuição foi dado sobre o desempenho da ópera ocorrendo. Nas telas gigantes, um palco azul iluminado por uma multidão de jovens freiras em diferentes poses aparece. Um cardeal católico seduz uma das irmãs que está meio vestida. Sua expressão só pode ser descrita como um terror apaixonado, como se o desejo ilícito que eles compartilham combinasse e terminasse o mundo em um holocausto de dor e arrebatamento. Uma plateia de homens estranhos olha para a dupla e os anima, seus rostos pintados como palhaços grotescos. O espetáculo é igualmente sensual e perturbador.

Mamãe e eu andamos pela esquina até a alcova bem iluminada onde o piso liso se rende ao tapete preto e dourado que cerca um balcão de bufê. Uma placa de menu digital sobressai da sobrecarga, repleta de cozinha americana e parisiense, juntamente com uma lista de preços. Mamãe me entrega meu bilhete de refeição para estudantes — pré-pago por tia Charlotte — e prepara seu cartão de crédito, esperando que as duas garotas à nossa frente decidam sobre suas escolhas.

Cinco estudantes — vestidos com uniformes cáqui — ocupam-se atrás da longa superfície de mármore preto, recebendo pedidos e reabastecendo a comida: pãezinhos de canela, baguetes, croissants e muffins dentro de caixas de vidro, ovos, panquecas e bacon. Banheiras de aço inoxidável fumegantes na outra extremidade.

Um aluno polia prataria, endireita as canecas e mantém as cafeteiras em funcionamento. Há também uma estação de frutas e queijos. Lá, um cara com olhos azuis brilhantes e cabelo loiro pálido — quase cintilando branco na iluminação fluorescente — prepara um pouco de melancia de uma tigela de aço inoxidável meio enterrada no gelo. Uma menina bonita hispânica chega para o serviço. Ela não pode ter mais de um metro e meio.

Elevando-se sobre ela em cerca de um metro e setenta, ele retira a tigela de modo que ela não consegue alcançá-la, então finalmente a entrega com um sorriso provocante. Ela sacode o rabo de cavalo longo e escuro, dá uma carranca brincalhona e diz algo em espanhol. Ele sorri quando ela se afasta. Aparentemente, ele conhece a língua e acha que marcou alguns pontos. Ele me pega olhando e mostra um sorriso sedutor. Eu coloco as barricadas necessárias e desvio meus olhos para uma lousa em um cavalete que bloqueia parte da parede ao lado da caixa registradora.

A escola tem quatro chefs residentes, mas os estudantes são responsáveis

por ajudar na cozinha e no balcão, além da limpeza. É em parte para economizar dinheiro, mas mais para ensinar-lhes responsabilidade. É por isso que eles também são encarregados de limpar o chão, limpar os banheiros e chuveiros, manter os quartos do dormitório arrumados e espanar os muitos corrimãos, junto com qualquer outra manutenção manual da casa de ópera.

Os alunos são cobrados com essas coisas, ou seja, eu também. Como parte da nossa série, cada um de nós é obrigado a fazer uma tarefa semanal. O quadro-negro serve como lista de tarefas, onde todos escrevem em seu horário de trabalho para a semana. Os professores lideram os voluntários e se revezam ajudando. É por isso que, quando conheci a tia Charlotte, ela estava empunhando um pano de pó e usando um avental.

Eu examino o quadro-negro, tentando encontrar o nome de Sunny. Ela sugeriu que eu pegasse carona em sua tarefa — insistindo que a maioria dos estudantes que chegam sigam esse protocolo com seus conselheiros, para ajudar no período de adaptação. Mas decidi que vou encontrar uma tarefa minha e procurar o jardineiro misterioso no processo. Eu discuti a minha ideia com a tia Charlotte na noite passada... que eu gostaria de me voluntariar para um trabalho que ninguém fez em anos. Ela me deu uma certeza, embora tenha levado um pouco de persuasão.

Levantando o giz da bandeja do cavalete, rabisco o número 51 para começar uma última linha na segunda coluna de nomes. Então escrevo: Dever de jardinagem — Rune Germain, enquanto tentava não pensar na floresta ou no cemitério do outro lado do jardim.

Eu mal tive tempo de esfregar o pó de giz dos meus dedos quando mamãe e eu fomos chamadas à caixa registradora. Eu peço uma tigela de frutas, um bolinho de centeio e um cappuccino de amêndoa. A mulher que recebe pedidos se apresenta como Diretora Fabre, a professora que eu esperava encontrar.

Meu coração dança uma batida nervosa e animada.

Ela tem quarenta e poucos anos e é magra e alta como uma modelo, com uma pele impecável um tom mais claro que o rico pão marrom que ela recupera da caixa de vidro e envolve em um forro de papel. Ela transmite minha ordem de frutas para o menino com o cabelo loiro-branco, as sobrancelhas perfeitamente arqueadas emoldurando olhos castanhos fulvos. Seus cabelos — espirais de ébano, cobertos de mechas cinza-azuladas — franzem os ombros quando ela pega meu ingresso de refeição no balcão. Pelo que posso dizer de suas roupas sob o avental, elas são tão elegantes e chiques quanto a moça que as usa.

Eu procuro por alguma maneira de trazer os trajes para a ópera, e estou

prestes a encontrar minha língua quando ela fala.

— Meu marido me contou sobre sua performance ontem. — Sua voz é sedosa, como sua palma roçando a minha enquanto ela me entrega de volta o meu bilhete. Ela entrega cada palavra em inglês perfeito sem nenhum sotaque francês. Estou curiosa sobre sua história pessoal — como ela conheceu seu marido estrangeiro e acabou aqui.

—Ele não é uma pessoa de estar sem palavras, mas ele disse que eu teria que ouvir você para acreditar. Ele disse que não havia nada para comparar. Há quanto tempo você pratica?

Prática? Eu nunca precisei. Meu rosto se alarga no tom de uma fogueira. Mamãe limpa a garganta nervosamente. Antes que eu possa inventar uma mentira acreditável para salvar a nós duas, um familiar sotaque sulista surge por cima do meu ombro.

— Ai está você! — Sunny caminha até o balcão ao meu lado, seu sorriso acolhedor tão grande que eu posso ver dois dentes tortos em sua mandíbula que eu não notei ontem. Suas sardas se juntam com a tensão de seus músculos faciais, aumentando o efeito da máscara arlequim. Ela trançou o cabelo em uma trança do lado bagunçado. Um borrifo de flores de veludo falsas entra e sai, o mesmo vermelho que nossos laços de encaixe.

— Madame Fabre, vocês garotas têm algo em comum. — Sunny pega o muffin que a professora segura, enrugando o forro de papel enquanto me entrega depois de beliscar um pedaço para encher sua boca. — Ela é uma fashionista. Vi padrões e coisas assim na bagagem dela.

Eu sorrio. Ontem à noite, mencionei a Sunny quanto gostaria de fazer parte do figurino. E agora ela forneceu a introdução perfeita. Estou explodindo com um agradecimento que não tem chance de escapar antes que a Diretora Fabre volte a assumir o cargo.

— É assim mesmo? Bem, eu poderia usar a opinião de outra costureira. Você viu a cena que estava passando nas TVs? As freiras?

— Eu vi a maior parte. — Eu respondo, ansiosa para finalmente mostrar um talento que eu realmente tinha que trabalhar para dominar.

— Preciso decidir sobre um tecido que seja barato, mas versátil e durável. Há uma cena de alívio cômico no ato quatro que acontece em uma taverna. Usamos as mesmas atrizes para ambos os cenários, o que significa duas vezes mais as fantasias — hábitos de freira e uniformes de garçonete. Se não tiver cuidado, não teremos dinheiro suficiente em nosso orçamento para os figurinos dos papéis principais.

Eu franzo minha testa. O último olhar que eu dei na TV, as freiras estavam pulando pelo palco, seus olhos enormes e selvagens, como se possuíssem. — Precisa estar confortável o suficiente para poder se movimentar... leve, para que elas não fiquem superaquecidos sob as luzes do palco. Mas deve parecer forte e pesado - como hábitos autênticos de freira. Certo?

Madame Fabre assente com a cabeça. — Exatamente...

Bloqueando o tilintar de talheres sendo despejado em uma divisória, eu olho novamente para o cabelo de Sunny e as minúsculas flores de veludo — como a luz fluorescente doura certas pétalas, tornando-as mais brilhantes do que outras, dependendo da direção que elas colocam. — Você precisa de um tecido que tenha uma leveza. Como veludo. Corte-o no viés e termine todas as costuras com um graveto para que as vestes sejam reversíveis. Quando a luz brilha na frente para as vestes das freiras, ela ficará emaranhada e escura. No verso, será um tom e uma textura diferentes - mais brilhante. Converta os véus que as freiras usam nos pescoços e dirigas para toucas e aventais que podem apertar a cintura nos uniformes das mulheres, segurando as bainhas dos robes depois de terem sido dobradas nos joelhos para vestidos curtos e pequenos. Mesmo padrão, mesmos acessórios, aparência totalmente diferente. E você só precisará comprar tecido suficiente para um conjunto.

A diretora Fabre sorri — uma extensão de dentes brancos por trás dos lábios carnudos. — Isso é brilhante. — Ela me oferece um muffin extra. — Da casa, por sua ajuda.

Eu aceno com um agradecimento, mas o muffin na palma da mão dela está em cima do balcão enquanto ela repensa.

— Diga, como você se sentiria em me ajudar depois das aulas? Eu vou começar a fazer medições amanhã para que, uma vez que as eliminatórias e as audições finais tenham terminado, possamos pular direto para cortar os padrões. E podemos começar os trajes para os papéis de apoio imediatamente, já que eles já foram escolhidos. Vamos costurar das quatro até a hora do jantar, pelo menos duas ou três noites por semana. Isso lhe renderá crédito extra.

Sunny me empurra. Eu olho para ela, depois para a mamãe que está tomando uma xícara de café de um dos alunos atrás do balcão. — Isso soa bem. — Eu respondo. Sorrindo, eu passo para Sunny o muffin que ela já provou, e pego o outro.

— Perfeito. — Madame Fabre me dá um cappuccino para a minha mão livre. — Já é hora de pegarmos um aluno que saiba uma ou duas coisas sobre uma agulha e um fio.

Sorrindo, mamãe dá um tapinha no meu braço. —O lhe para isso. Nos bastidores, exatamente como você queria. Mas mantenha suas notas em todas as suas aulas.

— Eu pessoalmente garanto que não faço lição de casa de saúde. — Diz Madame Fabre. — E eu tenho alguma influência com o professor de estudos sociais, então vamos ver que você tem tempo na aula para terminar o trabalho lá dentro. — Ela pisca.

— Sra. Fabre é uma garota de muitos chapéus. — Sunny desliza na observação, sorrindo enquanto coloca outro pedaço de muffin em sua bochecha.

A professora ri. — E esse é o argumento não tão sutil de Sunny para pedir emprestado um dos meus chapéus para o passeio neste próximo fim de semana. — Ela franze a boca em pensamento. —Estou pensando no meu fedora flexível... com a margarida do lado.

Feixes ensolarados. — Aquela que só acontece para combinar com as minhas meias da margarida?

— Pura coincidência, certo?

— Eu vou passar pelo seu quarto no sábado de manhã, antes de sairmos. — Com um aceno de cabeça, Sunny me puxa para o cara na barra de frutas, que agora está servindo as maçãs e as cerejas que eu pedi.

Mamãe faz um sinal para que ela possa ficar e conversar com Madame Fabre.

— Então, que saída você está fazendo neste sábado? — Pergunto a Sunny enquanto nos dirigimos para a barra de frutas.

— Shhh. Vamos discutir isso em breve. Mas primeiro você conhece o homem dos sonhos de Katarina.

Eu ponho os freios atrás dela, o tapete estalando com estática sob minhas solas enquanto ela tenta me arrastar. — Você quer dizer o cara que-

— Que levou você por dois lances de escada? Sim. Na carne fina. — Sunny me planta na frente dos olhos azuis que me pegaram observando mais cedo.

Esse sorriso voltou ao seu rosto. Não é exatamente uma expressão maliciosa, apenas perceptiva, como se ele soubesse mais sobre mim do que deveria. É o mesmo que ele olhou para a garota rabo de cavalo. Ele tem um excesso de autoconfiança — suave, brincalhão e um pouco arrogante. O típico menino rico que se esperaria encontrar em uma academia de elite como essa. Sua atratividade o torna perigoso... Alguém que eu deveria evitar.

— Rune, este é Jackson Reynolds. — Diz Sunny. — Seu cavaleiro de

armadura brilhante de ontem.

Ele coloca minha fruta na borda do balcão ao alcance. O cheiro de sua colônia temperada perdura — me provocando com a memória de seu batimento cardíaco ao lado do meu queixo, provocando a agitação da náusea que eu tenho lutado.

— O nome é Jax. — Ele canta em um barítono rico enquanto ele inclina a cabeça para mim. — E pare de dar o inferno, Sunny.

— Eu nunca vou lhe dar o inferno. Ela é minha heroína. Você a ouviu cantar?

— Sim, e você também sabe quem. — Ele gesticula com o queixo em direção ao outro lado do balcão. — Então, mantenha sua voz baixa.

Viro-me para ver Katarina ao lado do quadro-negro, esperando a chance de fazer um pedido na caixa registradora, onde a diretora Fabre ainda está conversando com minha mãe. O rosnar distorcendo as características impecáveis de Kat é intimidante, mas são seus olhos azuis que me entediam. Seu olhar podia derreter diamantes... ou espelhos, como aquele atrás dela na parede, a poucos metros do cavalete.

Eu não percebi isso antes com o quadro negro no meu caminho. Desse ângulo, vejo movimento do outro lado — uma silhueta fina - semelhante ao que vi ontem no foyer. Desta vez, dois flashes de cobre brilham, como os olhos piscando. Uma meia-máscara toma forma, branca e medonha. Eu grito e aperto minha mão sobre a minha boca.

Kat estreita os olhos, obviamente interpretando mal minha linguagem corporal para dizer que estou fingindo estar com medo de sua aparência. Balanço a cabeça, mas ela se afasta quando uma garota de cabelos curtos e curtos da cor de Jackson, agarra seu cotovelo e aponta para a lousa. Quando olho de novo para o espelho, a silhueta desaparece.

Voltando minha atenção para Sunny e Jax, digo a mim mesma que imaginei isso. Que não há ninguém atrás do espelho.

Ninguém além do fantasma. Eu vi a máscara desta vez.

Não é possível. Mesmo que alguma pobre alma desfigurada tenha realmente habitado esta casa de ópera e inspirado o livro de Leroux, ele ainda não estaria vivo hoje, mais de cem anos depois.

— Uma pequena compaixão que estou preso no meio... é tudo o que estou pedindo. — Diz Jax para Sunny, tirando-me das minhas meditações sombrias. Ele se vira para o garoto asiático atrás dele. —Li, eu estou saindo. — O menino acena.

Chegando ao nosso lado do balcão, Jax desamarra seu avental, revelando músculos tensos sob sua camisa polo de manga comprida e calça cinza. Ele devia levantar pesos porque o RoseBlood não tem um programa de exercícios — além das aulas de dança e coreografia.

Eu me repreendo por notar, e sigo seu olhar quando ele toca novamente a garota loira platinada no registro. Eu me forço a não olhar para o espelho.

— Minha irmã não calou a boca sobre o quão injusto é Kat ter que fazer um teste para as primeiras eliminações uma segunda vez. — Jax encolhe o casaco de uniforme.

— Pssshhh. — Sunny revira os olhos. — Roxie e Kat podem assobiar e gritar o quanto quiserem. Você e eu sabemos que a Audrey nasceu para interpretar a Renata. Sua irmã implorou para ela não visitar no Novo México no verão passado... ficar aqui e ter aulas particulares, porque ela quer que Audrey prenda essa parte. Isso é um grande negócio. Não é justo que Kat sempre receba as ligações, porque o seu tataravô era membro da Real Academia Sueca de Música.

— Não é justo. — Jax corrige, um brilho cômico em seus olhos.

— Blah, blah. — Sunny franze a testa. — Agora que as eliminações de primeiro nível foram adiadas até quarta-feira, Audrey tem tempo extra para dominar a nota final que ela tem tanto medo. E com alguma sorte, Kat vai tropeçar na cadência que estava lhe dando um bom tempo atrás. Não posso acreditar que ela conseguiu pregá-la mais cedo. Aqui está esperando que tenha sido uma coisa única.

A declaração de Sunny me leva ao presente. — Espera. Eles estão refazendo as eliminatórias da primeira eliminação por causa do que eu fiz?

Sunny arranca outro pedaço do seu muffin e coloca-o na boca. — Sim. Os professores votaram... decidiram que você deveria ter a chance de experimentar o papel também, já que obviamente conhece a ópera.

Eu sacudo minha cabeça. — Não, eu não quero... Eu não sei a parte. Foi tudo um... — Eu paro de dizer “acaso”. Como eu explicaria isso? — Eu não posso acreditar que eles estão fazendo todo mundo fazer por causa de mim. — Não é à toa que eu estou na lista de sucesso de Kat. Havia outras cinco meninas que estavam nessas audições. Elas podem estar frustrados também, mas pelo menos — além de Audrey — eles ainda não haviam cantado. Eu interrompi a interpretação impecável de Kat da melodia, e agora ela tem que passar por isso novamente, e possivelmente atrapalhar dessa vez. Minha garganta aperta em simpatia por quão nervosa ela deve estar. — Eu deveria me desculpar.

Sunny parece mortificada com a sugestão.

— Não é uma boa ideia. — Acrescenta Jax, e lança um olhar suplicante para sua irmã, que agora está voltada para nossa direção.

Suas feições bonitas são muito parecidas com as dele, eles devem ser gêmeos. As únicas diferenças notáveis são os olhos castanhos dela para o azul dele, a maquiagem cuidadosamente aplicada, e sua constituição delicada sob nossa versão mais feminina dos uniformes dos meninos, junto com a faixa de lantejoulas em seu cabelo. Ela faz uma careta de volta para ele, implacável.

— Vê? — Jax murmura. — Não há raciocínio com elas. Kat te arranharia em pedaços, e minha irmã fica feroz com o cheiro de sangue.

Sunny quase tosse o pedaço de muffin. — Ha. Certo? Rune, não se sinta mais culpada. Você fez um favor a todos nós. Em nossa interpretação de The Fiery Angel, os papéis de Madiel e Otterheim são interpretados por um intérprete. Jax está saindo para as partes, então ele pode ser o anjo da guarda de Renata e o interesse amoroso do menino mau, tudo na esperança de ser o anjo da guarda de Audrey na vida real. Considerando quem ele é contra, os papéis são tão bons quanto os dele. Mas...Audrey ainda precisa encontrar Renata para o plano de trabalho.

Um rubor corre pelas orelhas de Jackson. — Quem te disse isso? Você poderia amarrar uma bolsa de alimentos na boca dele ou algo assim?

— Que tal um focinho? — Oferece Sunny. — Ele já está na casa do cachorro. Me fez sentir falta da maratona de Clint Eastwood no último final de semana em nossa viagem de um dia, porque ele foi pego no fliperama.

Jax revira os olhos e se vira para mim. — Eu só saí para as partes da ópera porque não há futebol para ocupar o meu tempo aqui. — Ele joga seu avental em todo o balcão atrás dele enquanto nos movemos para fora do caminho para outros alunos para pegar suas ordens.

— Claro que sim, Jax. Quem precisa de esportes de contato quando você tem cenas de beijos com uma garota bonita, certo?

—Sunny. — Jax franze a testa, todo o rosto vermelho agora.

Eu não posso deixar de sorrir. Primeiro, porque é um alívio saber que ele não é um jogador rico em tudo; Ele é um grande intérprete, tentando esconder o fato de que ele está esmagando uma garota que parece não saber o quão apaixonado ele está. Segundo, porque eu nunca vi um cara do ensino médio corar. É cativante

Eu o julguei mal e estou muito feliz por tê-lo feito.

— A propósito. — Ele continua, franzindo o cenho para Sunny. — Você

realmente é péssima com essa coisa de conselheira.

Fingindo estar preocupado com minha falta de uma mão extra, Jax se oferece para levar minha tigela de frutas para a mesa para mim. — As bandejas estão ao lado do registro. Sunny deveria ter te agarrado, mas ela está muito ocupada sendo desagradável para ser responsável.

— Está tudo bem. — Eu digo.

— Não, não está. Mas não se preocupe. Eu vou ser o seu plano B, se você precisar de alguma coisa. — Seu sorriso de canto não me intimida neste momento. —Eu vou ajudá-la a aprender a rotina.

Eu dou de ombros. — Contanto que não atrapalhe você ganhar suas asas de anjo da guarda. — Eu mordo meu lábio, chocada, eu o provoco assim. O relacionamento fácil dele e de Sunny me embalou. Por um segundo, quase senti como se estivesse saindo com Trig e Janine.

— Boa, Rune! — Sunny me cumprimenta, sorrindo. Jax responde com uma risada. Eu me deixei sorrir, aliviada por não tê-lo ofendido. Talvez estar aqui não seja tão ruim assim... Contanto que eu possa evitar a música, a dupla de divas sedentas de sangue e a sombra do fantasma espreitando em cada esquina.

7
De frente para a música

“Somente quando você beber do rio do silêncio você realmente cantará.”
Khalil Gibran



Sunny, Jax e eu entramos na extensão mal iluminada da área de jantar principal. Felizmente, as imagens nas TVs desapareceram em uma tela em branca e a música não está mais passando pelos alto-falantes. Isso deixa as velas aparecendo ao fundo, os alunos conversando em voz baixa e os pratos tilintando como os únicos sons.

Nós três seguimos para uma mesa de sete lugares encravada no canto mais distante. Dois estudantes esperam ali, rostos piscando à luz suave das velas. Eu tomo um lugar no lado vazio, posicionando-me para que eu possa acenar para mamãe se ela decidir sair da área do bufê e se juntar a nós.

— Rune, esta é Audrey Mirlo. — Diz Sunny, apontando para a garota com o rabo de cavalo que Jax estava flertando mais cedo.

— Também conhecida como o nossa pequena melro.[5] — Sorrindo, Jax gira em torno de uma cadeira na cabeceira da mesa para sentar-se para trás, os braços em volta do quadro. Agora está claro por que ele queria me ajudar a carregar minha comida. Como ela pode não ver, com a maneira como ele olha para ela?

Audrey lhe dá um olhar ofensivo. Então ela acena olá. Eu aceno de volta, sentindo a tensão. Concentro-me no sabor saudável do pão de centeio e lavo-o com um gole quente de cappuccino de nozes, tentando não pensar se ela me considera um amuleto da sorte ou uma rival.

— Olá, Mancha solar. — Brinca com o garoto do outro lado de Audrey, seus olhos amendoados, inclinados, fixos em Sunny. —Salvei um lugar para você, senhora. — O falso sotaque do Texas persuade meus lábios pensativos a sorrir.

— Obrigada, mas não, obrigada, Moonpie. — Sunny toma o lugar ao meu lado, em frente a ele, fazendo uma demonstração de evitar a cadeira ao lado dele que ele empurrou com o pé.

Ele bufa. — Ainda com raiva de mim, hein?

— Ela não é a única, guppy[6] de boca grande. — Jax chega por trás de Audrey para beijar quem agora percebo deve ser o Quan acima mencionado na parte de trás da cabeça.

— Hey! — Quan esfrega seu couro cabeludo felpudo enquanto ostentava um sorriso travesso. Eu estou supondo que ele sempre parece travesso. Seu espesso cabelo preto brota em todas as direções no topo. Parece um gramado dianteiro despenteado quando comparado com os lados e costas zumbidos. Um olho é um pouco mais alto que o outro e seus lábios de menino estão em constante inclinação para o lado esquerdo — peculiaridades assimétricas que o tornam excepcionalmente adorável. Sunny deve concordar, considerando que agora ela está brincando com ele embaixo da mesa.

Enquanto os outros fazem brincadeiras e brincadeiras, Audrey assiste em silêncio, sorrindo timidamente em intervalos. Suas íris — a cor de mogno cintilante — estão profundamente assentadas dentro de uma franja de cílios riscados, desde que alcancem suas sobrancelhas escuras. Esta menina aperfeiçoou o truque de maquiagem esfumaçada.

A luz bruxuleante da luz traz marcas de ruivo nos cabelos. Há uma tatuagem cor de vinho de um pássaro voador — do tamanho de uma das sementes de alcaravia no meu bolinho — logo abaixo do olho esquerdo que chama a atenção para a boca bem-feita, pintada quase do mesmo tom.

Mastigando cerejas maduras, doces e maçãs crocantes, escuto enquanto meus colegas conduzem a conversa. Aprendi que Sunny e Quan são um casal desde o ano passado, quando se sentaram lado a lado na orquestra durante o showcase de Faust e se conectaram com seu apreço por spaghetti westerns e qualquer filme com Clint Eastwood. Eu também descobri que o sobrenome de Quan é Moon-soo, que é como o apelido Moonpie veio a ser, assim como o apelido de Audrey foi inspirado em seu sobrenome, Mirlo, que em espanhol significa melro.

Eu cometi o erro de perguntar a Audrey se é por isso que ela fez a tatuagem do pássaro, e toda a mesa ficou quieta. Há uma história lá, mas ela é obviamente muito desconfortável comigo para compartilhar isso.

Se eu pudesse garantir a ela que não estou aqui para roubar seus holofotes; mas não posso cumprir essa promessa. Eu não tenho controle sobre se vou ou não interromper quando é a vez dela fazer o teste. E como todos os alunos devem estar presentes como parte de sua série, não posso simplesmente não aparecer.

Estou prestes a jogar meu muffin no chão para poder me arrastar para debaixo da mesa e escapar do constrangimento quando Sunny salva o dia com uma referência à saída da diretora Fabre mencionada anteriormente. Todos os sábados, os professores e alunos fazem uma viagem de um dia a Paris.

Neste final de semana, os estudantes estarão indo para a Torre Eiffel, e depois os sêniores planejam pegar um ônibus aquático para um shopping de frente para o rio que tem um cinema com dez telas e uma enorme seleção de restaurantes.

— Desde que o Halloween está a pouco mais de um mês de distância. — Explica Sunny. — Vamos ver se podemos conseguir algumas decorações para enfeitar este lugar em outubro. No ano passado, tudo o que tínhamos eram velhos adereços dos depósitos. E depois de fazer compras, podemos pegar um filme. Eles estarão mostrando Casablanca em legendas em francês. Você está de acordo?

Eu hesito, batendo na caneca do meu cappuccino com a unha. Até agora, todo mundo no grupo parece genuinamente legal. Mas isso mudará depois de uma semana inteira de aulas e incontáveis serenatas improvisadas?

— Vamos. — Pressiona Sunny. — Você tem que ir.

Antes que eu possa responder, Kat e Roxie se aproximam da nossa mesa.

— Ah, não tenho certeza se isso está nas cartas, Sunny. — Roxie entra, cruzando o ombro de Sunny para pegar a última mordida de seu muffin. — Você tem que ganhar passadas terminando suas tarefas por uma semana inteira. Lembra como isso funciona?

— Mas talvez não no caso de Rune. — Kat praticamente ronrona enquanto se inclina entre mim e Jax, suas grossas ondas caramelo cobrindo seu bíceps esquerdo. Ele muda a cadeira para mais perto de Audrey, deixando o cabelo de Kat pendurado. Seu perfume de jasmim-amarrado se apaga sobre mim. — Parece que nossa nova soprano está isenta de todas as regras. Considerando como ela entrou na escola sem ser avaliada.. e como ela escreveu em seu próprio

trabalho, em vez de sujar as mãos com as que sempre tivemos que fazer... Ah, e como ela consegue fazer um teste para os papéis sem nunca ter ido aos ensaios. Ela realmente tem uma vantagem injusta, já que foi treinada pelo próprio fantasma. Ela o trouxe com ela. Vocês sabiam disso?

Minha língua seca. Parece que Kat foi uma das alunas que nos seguiu descendo as escadas ontem, quando minha mãe mencionou meu avistamento. Ótimo.

Sunny olha para Kat, mas antes que ela possa dizer uma palavra, Kat está de pé e correndo de novo. — O que você acha, Audrey? Parece que finalmente tenho uma competição real. Você ouviu como Rune pegou a nota final? Ainda está tocando nos corredores, intocada e clara como um sino.

Audrey olha para o prato, quase verde. Sem uma palavra, ela empurra a cadeira para trás e sai.

As bochechas de Sunny sopram como se ela fosse um baiacu prestes a explodir, mas Quan agarra sua mão e gesticula para Jax, que se levanta para encarar sua irmã.

— Qual é o seu problema? — Jax rosna.

Roxanne dá um tapinha na poeira imaginária da lapela do paletó. — Vamos, Jackio. Por que alguém deveria receber tratamento especial só por causa de quem é sua tia?

Ele aperta os olhos. — Você está brincando comigo? Kat está sempre se separando porque ela é parente distante de Christina Nilsson. Algum dos outros alunos do primeiro ano recebeu um convite formal do benfeitor anônimo para se matricular aqui no ano passado?

Tanto Kat quanto Roxie se olham inexpressivas, como se tivessem sido silenciadas por sua verdade.

— Sim, está certo. Kat é a rainha do nepotismo. Audrey é a única que já teve que trabalhar para isso. Trabalhando dois empregos. Empregada. Babá. Nenhuma herança para jogar fora como o resto de nós. Então, por que você não se demite dela pela primeira vez? Vocês duas.

Com isso ele se vira e segue a trilha que Audrey levou para o corredor, deixando-me tropeçar em suas palavras enquanto eu olhava boquiaberta para Katarina.

Christina Nilsson. Eu encontrei o nome durante minha pesquisa on-line do Fanstasma. Esse foi o nome artístico da soprano sueca da vida real — Kristina Jonasdotter — que teria inspirado a heroína de Gaston Leroux. Então isso significa que Kat está praticamente relacionada com a contraparte ficcional de

Christina, Christine Daaé. E ela foi convidada para cá por causa dessa relação, por um misterioso benfeitor que ninguém jamais viu, mas que redesenhou essa ópera. Um arquiteto recluso, assim como o fantasma dos livros.

Emparelhado com tudo o que vi desde que cheguei aqui, isso não pode ser uma coincidência, e não tenho mais dúvidas em minha mente.

Eu estou em uma história de terror.



Thorn ajustou sua meia-máscara, escondido atrás da parede espelhada que levava ao grande foyer. A silhueta de pelo cinza aos pés dele esfregou os tornozelos — o colar tilintando suavemente —impaciente para iniciar a tarefa.

O zumbido sutil de palestras desceu do terceiro andar, onde os juniores frequentavam as aulas, e o aroma de café, canela e croissants amanteigados indicava que os sêniores ainda estavam tomando café da manhã no átrio. Todos os professores estavam preocupados, assim como a mãe de Rune, que deveria ter deixado o primeiro andar abandonado e pronto para a colheita. Mas dois estudantes tinham acabado de vagar.

Audrey e Jackson. Ela estava chorando ao lado de sua porta do dormitório, e o menino a confortava. Thorn tinha visto a dança deles por muito tempo no ano passado para saber o quão profundo seus sentimentos corriam. Tempo suficiente para saber que ele os invejava...

Como teria sido ter esses problemas típicos crescendo? Ter pessoas da sua idade para aprender, discutir, conversar?

Thorn suspirou e se abaixou para acariciar Diable. O gato era um bom amigo, sem dúvida, mas não era o mesmo. Também não foi apenas o estilo de vida de Erik responsável pelo isolamento de Thorn. Honestamente, no começo, Thorn tinha sido muito frágil para estar perto de alguém, exceto do homem clandestino que o salvara.

Durante os dois primeiros anos juntos, Erik ensinou-lhe como a música poderia curar uma alma quebrada. Ele ensinou Thorn a tocar sua dor em um violino Andrea Amati. Ele mostrou a ele como o instrumento poderia falar com o coração, como a própria voz de Thorn, antes de suas cordas vocais serem danificadas. Como isso poderia substituir o que foi tirado dele, e torná-lo inteiro novamente.

Tão grato e ansioso para encontrar uma nova saída para suas músicas, Thorn tinha praticado doze horas por dia. Então, em seu nono aniversário, Erik o

recompensou com dois presentes. Foi uma surpresa ter o evento lembrado. Erik não gostava de aniversários, nunca tendo celebrado com ninguém. A mãe de Erik desprezava a data em que ele nasceu por causa de sua deformidade, e seu desdém cresceu a cada ano que passava.

Então, quando Erik mandou Thorn sentar-se na sala subterrânea e ofereceu as caixas embrulhadas para presente, Thorn sabia que era uma ocasião especial. E especial, pois era o único aniversário que ele e seu guardião celebrariam.

Thorn tinha começado a abrir primeiro o maior presente, os pequenos dedos arrancando avidamente o papel e as fitas, mas seu guardião o pegou de volta e entregou o presente mais pequeno.

—Abra este primeiro.

Thorn fez isso, e ficou emudecido com os brilhantes instrumentos médicos que repousavam sobre uma folha de algodão dentro da caixa.

— Eles são bisturis. — A metade inferior do rosto de Erik se iluminou em um sorriso. — Você está sempre trazendo para casa animais feridos. Você mostrou grande compaixão. É hora de te ensinar como ser um bom médico para eles. Você gostaria disso?

O peito de Thorn inchou de orgulho. — Sim! Pai, eu vou te deixar orgulhoso!

— Disso, não tenho dúvidas. — Erik inclinou a cabeça, oferecendo o presente maior mais uma vez. Ele segurou entre eles quando Thorn alcançou isto. — Eu devolvi suas músicas, exatamente como prometi. Não devolvi? — Os olhos por trás de sua máscara brilharam de emoção.

Thorn assentiu. —Sim, Pai Erik.

— Então, um dia, em breve, você retornará minha generosidade e me ajudará a adquirir as músicas que preciso, exatamente como prometeu.

— Eu vou.

O olhar de Erik foi para o laboratório da adega, depois de volta para Thorn. — Tudo bem então. Abra o presente.

Dentro da caixa havia um violino envolto em veludo vermelho: um Stradivarius preto, tão elegante quanto qualquer dama, e formado de madeira tão lustrosa e insondável quanto a tinta. O coração de Thorn aumentou com a beleza dele, e ele desejava brincar. —Obrigado. — Disse ele, tentando soar tão grato como ele se sentia. — Mas não há arco...

Erik recuou até que ele estava do outro lado da sala, seus dedos se enterraram nas dobras do casaco que ele usava sobre os ombros magros. — Ah, mas existe. Apenas segure sua mão.

Pousando o instrumento, Thorn fez o que lhe foi dito, com a palma voltada para cima. Uma luz brilhou dentro da jaqueta de Erik, então iluminou as pontas dos dedos de Thorn — uma transferência de energia quente que penetrou em suas veias e as iluminou em resposta. Quando o calor e o brilho diminuíram, a frieza de um arco longo e gracioso os substituiu, equilibrados no topo da palma de Thorn, como se fosse colocado ali pelo próprio Erik, embora ainda estivesse do outro lado da sala.

A boca de Thorn ficou boquiaberta. — Mostre-me por favor. Mostre-me como fazer o truque de mágica!

Erik riu — uma linda ressonância que ecoou em sua casa, envolvendo Thorn de felicidade até que ele também riu.

— Com o tempo, criança, eu vou te mostrar. — Erik atravessou a sala e sentou-se ao lado de Thorn na espreguiçadeira. — Você é muito especial. Nós todos somos. Nós temos a capacidade de manipular a matéria via energia. No entanto, esse truque específico pode funcionar apenas entre outros do nosso tipo. É uma troca simbiótica. Eu tenho muitas coisas mágicas para mostrar a você. Mas agora, gostaria de contar uma história.

Então Erik fechou os olhos atrás da máscara e abaixou as barreiras, abrindo-se sobre o papel que o Stradivarius desempenhara em sua história.

Ele havia roubado o instrumento quando ele tinha dez anos de idade. Havia até uma foto dele segurando-a, datada de 1840, tirada pouco depois de ele ter escapado do carnaval cigano que servia de casa depois de deixar a mãe. Com apenas o violino em seu nome, Erik encontrou consolo com um arquiteto gentil e dominou o instrumento enquanto aprendia sobre a elaboração de projetos e estruturas de edifícios. Ele foi forçado a sair seis anos depois, quando o antigo arquiteto morreu. Erik deixou lá um jovem, ainda aperfeiçoando seu talento musical, enquanto descobria a crueldade dentro do vasto mundo e de si mesmo: primeiro correndo com os circos como uma atração, depois se tornando um assassino magistral. Quando finalmente encontrou o caminho de volta a Paris aos vinte e seis anos, o Strad fazia tanto parte de Erik quanto um braço ou uma perna. Foi o violino que ele usou para seduzir Christina Nilsson — a garota que se tornaria sua amada Christine — e para liberar sua voz do outro mundo.

Durante seu tempo com ela, Erik gravou as iniciais O.G. na parte inferior, perto da cintura do instrumento. As letras simbolizavam Opera Ghost, a identidade sem rosto e sinistra que ele abraçava, então ele poderia assombrar as passarelas e porões do Théâtre Lyrique durante a odisséia de Christina, de uma garota do coro para uma diva. Erik só teve que ouvi-la cantar uma vez para saber

que ela era sua alma gêmea. Ele a levou sob sua asa, convencendo a garota jovem e ingênua que ele era um anjo, enviado para treinar sua voz. Ele assistiu sua prima donna subir por três anos, até uma turnê em Londres, e depois a perdeu para outra: uma financista parisiense com um rosto impecável, que ela conhecera desde a infância.

Que destino cruel de dados tinha rolado, para apresentá-lo com sua alma gêmea apenas para extinguir toda a sua esperança. Mas esse não foi o fim da jornada deles... eles se encontraram novamente mais tarde, como as almas dos espelhos vão fazer. Muitas outras camadas trágicas foram acrescentadas à sua história, antes de terminar com Erik fazendo serenata com sua amada Christine em seu leito de morte, tocando o mesmo violino que as unira pela primeira vez.

Ao ouvir a história de Erik, o coração de Thorn doeu de tristeza. — Pai, eu não posso. Eu não posso tirar isso de você.

Ele estendeu o instrumento, mas Erik balançou a cabeça.

— Lembre-se do que te ensinei sobre pena, criança. Esse violino foi criado por uma bruxa artesã. Ele possui sua própria magia especial. Uma mágica que quero compartilhar com você, meu filho. Se você quiser me homenagear, você vai tocar muitas vezes, e com todo o seu coração.

Todo o corpo de Thorn se iluminou, não com energia pulsante desta vez, mas com o esplendor do amor de um pai, pois Erik o chamara de filho. Daquele dia em diante, Thorn fez exatamente o que seu pai pediu. Ele o homenageava tocando violino todas as chances que ele tinha. Ironicamente, a primeira vez que ele tocou, ele experimentou sua primeira visão de sonho com sua própria alma gêmea, Rune — e a salvou de se afogar. Depois disso, ele decidiu que deveria ser a magia que o instrumento possuía: a capacidade de reunir duas almas quando elas precisavam mais uma da outra.

Diable choramingou baixinho, sacudindo Thorn de seus pensamentos. Audrey e Jackson estavam subindo as escadas e voltaram para o átrio. Thorn esperou até estarem fora de vista, depois abriu a porta espelhada, atravessando o chão de mármore. Ele e Diable seguiram o caminho sob as escadas, evitando os raios de sol e ficando perto das paredes. O gato estava aqui para oferecer distração, no caso de Thorn precisar fazer uma fuga rápida para uma das muitas passagens secretas. Seria mais seguro se houvesse alçapões em cada um dos dormitórios para que ele não precisasse arriscar uma caminhada ao ar livre. Mas desde que os investidores da escola supervisionavam as reformas domésticas para os padrões de segurança — tanto os aposentos quanto os banheiros — o Pai Erik deixou qualquer coisa suspeita fora dos projetos. Não há paredes espelhadas

de mão dupla, sem entradas escondidas. Mas ele providenciou aberturas em cada dormitório, o que permitia a escuta. Um fato que eles aproveitaram ontem à noite.

Thorn se virou quando eles entraram na passagem escondida para espiar Rune através das ripas na parede acima de sua cama. Ele não podia citar nobreza para o ato. Não era como se ele nunca tivesse se infiltrado no quarto de uma dama no passado —reivindicando sua presa sonolenta.

A questão era que ele e seu pai não seguiam mais essa prática. A maioria de seu tipo não. Tanto machos quanto fêmeas encontraram outros meios para apaziguar seus apetites. O que significava que Rune não era sua presa. Como ela poderia ser, desde que ela era uma delas sozinha?

Por isso Erik precisava muito mais dela do que se alimentar. Assim como Thorn, embora ele nunca pudesse admitir o que precisava.

Chegando ao lado das garotas, Thorn tirou as chaves do bolso e parou na porta fechada de Rune. Diable olhou para ele com os olhos verde-limão e as pupilas rasgadas, olhando com irritação o desvio.

— Só me dê um segundo. — Thorn sussurrou, divertido com o gato assumindo o ar. — Você continua... Abra a porta da outra garota para mim.

Com um espirro arrogante, Diable caminhou à frente, esfregando-se ao longo da linha de portas ao passar. Thorn tinha visto o gato destrancar inúmeros quartos na casa de ópera enquanto pendurava da maçaneta com uma pata dianteira como um macaco e usando a outra pata — garras estendidas — para cavar no buraco da fechadura e soltar o mecanismo. O truque iria mantê-lo ocupado pelos próximos minutos.

Thorn virou-se para o quarto de Rune, a palma enluvada segurando a alça da porta. A impressão de sua energia permaneceu ali, eletrizando-o através do couro.

Ela o tinha visto no espelho duas vezes agora. Por sua reação, não havia dúvida... ontem, quando ela chegou pela primeira vez, e esta manhã, quando ela encontrou seus colegas para o café da manhã. Ele suspeitava que ela pudesse ouvi-lo também.

Ele assombrava essa escola desde a primeira abertura; assombrada por dez anos antes disso, quando foi abandonada e nada além do passageiro ocasional ousou se aventurar por dentro. Todo esse tempo ele escorregou silenciosamente pelas passagens do espelho, ninguém o detectando. No entanto, ela estava sintonizada nele sem sequer tentar. Uma sensação de satisfação aqueceu-o nesse pensamento. Chamas gêmeas poderiam se encontrar do outro lado do universo.

Ele e Rune já tinham provado isso, compartilhando duetos e escapando para o seu próprio mundo desde que eram crianças. Portanto, não foi surpresa que ela pudesse senti-lo do outro lado de um fino painel de vidro.

Ele inclinou o lado exposto do rosto contra a superfície de madeira fria da porta. Que bem fez para celebrar sua singularidade? Para ter prazer em saber que ele finalmente a encontrou? Ele não podia dizer a ela. Ele não podia agir sobre isso — ou sair dessa solidão.

Ao contrário dos dois estudantes que estavam aqui momentos antes, lutando contra seus sentimentos enquanto tinham todo o tempo do mundo para encontrar seu caminho, ele e Rune nunca teriam esse luxo. Apertando a mandíbula, Thorn lutou contra a vontade de abrir a porta, apenas para entrar por um momento. Mas ele tinha que ficar longe para que ele pudesse cumprir com tudo o que ele prometeu fazer.

Ele amaldiçoou Erik por ser cego para o que já estava na frente dele... por sempre regredir ao passado. Thorn estava vivo e devotado, mas seu pai se agarrava a tristes e vazias esperanças que eram apenas meio-vivas, subsistindo de um tempo emprestado e de canções não cantadas.

Cinco portas abaixo, Diable conseguiu desbloquear e abrir o quarto de Katerina. A ponta do rabo cinzento e magro desapareceu no interior. Thorn seguiu, resolvido para completar a missão de hoje. Já era hora da diva ganhar seu lugar aqui. Tempo dela contribuiu para o plano.



Meus primeiros três dias no RoseBlood voam.

Eu não tenho tempo para perseguir o fantasma de um fantasma, imaginário ou não. As horas de luz do dia são dedicadas a aulas e a ensaios, tardes à tarefa diária escolhida e minhas noites a lição de casa. Embora eu ainda não tenha tido a chance de sair para o jardim, devido às tempestades da tarde. A desvantagem disso é que eu não me qualificarei para a excursão no sábado. Essa foi a penalidade de escrever no meu próprio trabalho; Eu escolhi algo dependente do tempo, mas ainda tenho os mesmos padrões de preenchê-los diariamente, assim como todos os outros.

Não seria tão ruim se eu não estivesse ficando louca. Atrás de cada parede, de cada espelho e de cada respiradouro, ouço sons: respiração, farfalhar, passos e murmúrios. Eu tento dizer a mim mesma que são apenas ratos fazendo seus ninhos atrás das barreiras, mas desde quando os roedores sussurram?

Ainda assim, há um lado brilhante no cenário sombrio e escuro: Sunny e meu novo grupo de amigos. Eles economizam meu lugar em nossa mesa no canto mais distante do átrio em todas as refeições, exceto nos jantares — que como mamãe e tia Charlotte — e tenho a sorte de ter pelo menos um deles em cada aula, às vezes três. Todos os dias, eles são mais engraçados, abertos e amigáveis do que no dia anterior, mesmo quando eu estrago e começo a cantar.

No entanto, aprendi a superar as melodias transmitidas pelas telas de TV durante as refeições. Eu descobri que, se eu me concentrar o suficiente nas brincadeiras cômicas dos meus amigos, posso reprimir a coceira até voltar ao meu quarto, onde posso cantar dentro da segurança das minhas paredes.

Todas as janelas de tempo livre durante a tarde são gastas ajudando Madame Fabre a fazer medições para trajes e roupas apertadas nas costuras dos meus uniformes emprestados, já que os meus novos ainda não apareceram. Quarta-feira, quando finalmente conseguimos alguns momentos tranquilos para costurar, sem que os alunos entrem para fazer medições, ela me diz que ela e seu marido são aficionados por talófitos — tudo de cemitério.

Seu passatempo favorito é ler epitáfios, esfregar pedras calcárias, tirar fotos de túmulos e aprender a história da morte das pessoas. Eu não sou fã de cemitérios desde o funeral do meu pai. Vendo seu nome completo, Leopold Saint Germain, gravado sobre uma pedra, deixou uma impressão indelével e mórbida. Mas desde que Madame Fabre e seu marido estão aqui há quase dois anos com seu próprio dinheiro para explorar, eu finjo interesse no hobby, esperando que talvez o cara que eu esteja vendo possa ter laços com um túmulo sem identificação. O fantasma não tinha entes queridos, então faz sentido; se tivesse uma lápide, ela poderia estar isolada e desprovida de sentimentos.

Minha professora me garante que o cemitério foi reservado para a família real que era dona da casa de ópera, e a única sepultura sem identificação pertencia a um bebê. Por mais trágico que seja, isso não explica as aparições de um cara que usa moda ultrapassada e esconde metade do rosto.

Mais tarde naquela noite, enquanto estou na espreguiçadeira assistindo a mamãe dormir com as cortinas da cama abertas, eu me pergunto se ela ouviu algum ruído dentro da abertura esta semana. Eu tento sufocar minhas superstições fantasmas olhando as coisas de sua perspectiva cínica. Talvez tenha sido o zelador idoso no jardim naquele primeiro dia, afinal. Eu ainda não o conheci, então não sei como ele é. Talvez a névoa, junto com meus nervos, me fizesse imaginá-lo como alguém mais jovem. E talvez esse suposto avistamento tenha alimentado minha imaginação a alturas febris, até que pensei em vê-lo nos

espelhos. É possível que esse tempo todo eu tenha captado as reflexões das pessoas atrás de mim e as tenha desproporcionado.

É claro que minhas superstições o invocaram. Eu quero com todo o meu coração que o meu maestro de fantasia seja real — mesmo que por alguma reviravolta impossível ele seja o fantasma — porque se alguém pudesse me ajudar a derrotar a doença da minha música, é ele. Com esse pensamento, fecho meus olhos e encontro meus sonhos. Ele já está lá com o violino, esperando para tirar minha dor.

8
Presságios

"Ela não conseguiu ver uma sombra que a seguiu como sua própria sombra, que parou quando ela parou, e que começou de novo quando ela o fez e que não fez mais barulho do que uma sombra bem conduzida deveria."

Gaston Leroux, O Fantasma da Ópera



Na manhã de quinta-feira, finalmente parece que eu poderia ter uma chance de sair no jardim no final do dia. Mas a chuva já começou de novo quando Quan e eu caminhamos do café da manhã para a nossa aula compartilhada do primeiro período.

A sala de ciências do professor Tomlin é tudo o que você espera de um

astro do rock de mente ecológica, Einsteiniana, que brinca na arte teatral. Há um esqueleto genuíno em um canto, vestido com uma fantasia de Shakespeare, pernas finas pintadas de azul, em vez de meias para combinar com sua túnica de veludo e chapéu. Um cartaz está pendurado sob a barba falsa que diz: Respeite o bardo. Tubos de ensaio revestem várias prateleiras, cada uma com água e sementes, algumas já florescendo em plantas. Uma foto de uma motocicleta naufragada em um quadro em pé ocupa um canto da mesa do professor, sentado ao lado de um capacete profundamente amassado. Tomlin bateu em uma parede de tijolos alguns anos atrás em alta velocidade e foi jogado de sua moto, mas ele sobreviveu. Há rumores de que ele usa essa história para demonstrar a lei da inércia de Newton. Macabro, mas memorável.

As superfícies das mesas dos alunos são lisas e brancas, e cada um de nós tem nosso próprio conjunto de marcadores de apagar a seco para elaborar fórmulas e teorias, depois apagá-las assim que anotamos nossas respostas, para evitar a necessidade de papel.

Tomlin sempre agenda laboratórios na quinta-feira, e esta manhã é sobre como “a força externa pode alterar a energia de um determinado sistema.” Ele separou todos em grupos de quatro e nos mandou para nossas mesas onde um peso de aço fica ao lado de duas pranchas de pé de madeira equilibrada sobre alguns livros no centro. A ideia é fazer uma rampa e alterar o número de livros abaixo para diferentes alturas. Em seguida, arrastamos o peso de gancho para cima e para baixo para medir a força.

Tem que ser algum tipo de piada de mau gosto que ele emparelhou Quan e eu com Kat e Roxie. Não há amor perdido entre Quan e a dupla diva, considerando como eles trataram Sunny e Audrey no ano passado. E eles certamente não me receberam de braços abertos. Um professor genial não pode ser tão sem noção, pode?

As coisas estão ainda piores desde as audições de primeiro nível para o papel de Renata ontem à tarde. É claro que eu não pude me impedir de pular e cantar sua melodia, e apesar disso eu caí de volta na minha cadeira fatigada no instante em que entreguei a última nota, minha interpretação foi impecável o suficiente para ganhar um dos três pontos para a final Renata Testemunhas, ao lado de Audrey e Kat, eu deveria escolher. Eu já estou planejando desenvolver laringite infecciosa nessa semana e ser colocada em quarentena no meu quarto. Mas Kat e Roxie não sabem disso.

— Em seus diários de laboratório, copie e registre seus dados para essas perguntas. — Diz Tomlin de costas, rabiscando no quadro-negro. Alguns dos

alunos têm seus olhares treinados para seus pães apertados. Eu admito que ele é o melhor professor da escola, mesmo em um terno de lã nerd de duas peças. — E não se esqueçam de incluir as variações de inclinação da sua rampa de cada passagem.

Enquanto esperamos para transferir as perguntas de Tomlin para nossos periódicos, Quan e eu brincamos de jogo-da-velha na metade da mesa. É a única maneira de me impedir de olhar para a parede espelhada no lado norte da sala.

O cheiro de pó de giz e produtos químicos irrita meu nariz, embora seja agradável em comparação com o perfume avassalador de Kat e o cheiro de marcadores de tinta seca que saturam o ar. Roxie, a artista residente, desenha esboços de mim em sua metade da superfície branca. Ela coloca uma impressionante semelhança em uma cruz feita de partituras musicais, minhas mãos e pés pregados no lugar por notas de um quarto e notas inteiras, meus olhos bloqueados com claves agudas. É uma referência óbvia ao idiota que eu fiz de mim mesmo durante os ensaios e audições nos últimos três dias, e minhas bochechas ficam quentes quando as duas meninas começam a rir.

Quan finge um espirro forte. Borracha na mão, ele passa a obra-prima de Roxie enquanto arrasta o braço para trás sobre a mesa. Eu digo obrigada e ele inclina um chapéu imaginário, esmurrando o olhar de adaga de Roxie.

No momento em que Tomlin chega até nós para deixar nossos materiais de laboratório restantes, limpamos toda a nossa mesa.

— Cada grupo precisa verificar o topo do parafuso em sua escala de primavera. — Salienta o nosso professor. — Certifiquem-se de que está calibrado para se alinhar com o N maiúsculo. É preciso uma quantidade específica de força para alongar a mola. Você quer ter certeza de que está medindo o alongamento com precisão ao gravar seus newtons.

Assim como ele entrega a escala final, há uma batida na porta. Ele abre o suficiente para sair, mas abaixa a cabeça. — Todos começam. O Sr. Jippetto está aqui para discutir os acessórios do teatro. Eu estarei no corredor se alguém tiver dúvidas. — Então a porta se fecha atrás dele.

A aula irrompe em sussurros e sons de livros sendo embaralhados, tábuas de madeira sendo ajustadas e páginas de diário sendo viradas.

— Bem, atire. — Kat beija seus lábios. — Nossa escala está quebrada. — Ela segura a ferramenta que eu poderia jurar que não estava perdendo a peça de cima mais cedo quando Tomlin a colocou ao lado dela. — Esta seria uma boa oportunidade para Rune ver o closet onde o Prof mantém todos os suprimentos extras, você não acha, Roxie?

As garotas trocam sorrisos gêmeos, desonestas o bastante para acender um aviso dentro de mim como um clarão flamejante vermelho.

Roxie se oferece para me mostrar o caminho, mas Quan se levanta. — Eu vou levá-la. — Diz ele.

Nós caminhamos lado a lado em direção ao fundo da sala, onde uma porta espera. Eu não tenho que tentar ignorar nossos colegas de classe nos assistindo. Minha mente está preocupada com o movimento que estou capturando nos espelhos através da minha visão periférica, como se algo ou alguém estivesse seguindo ao meu lado. Uma reflexão... uma mudança na atmosfera... um presságio, talvez.

Eu não vou me deixar lá, lembrando da minha lógica da noite anterior. Foi o zelador que eu vi no dia em que cheguei. Aquele que está no corredor agora falando com Tomlin. Assim que o encontrar pessoalmente, será confirmado.

Chegamos ao armário e Quan puxa a porta. O interruptor de luz não funciona, então nenhum de nós pode ver o interior. Ele encolhe os ombros. — Deixe-me pegar uma lanterna.

Concordo com a cabeça e optei por esperar no limiar enquanto ele se dirige para a mesa de Tomlin. Meus olhos se ajustam às prateleiras ao longo da parede esquerda. Há uma caixa com o nome: ESCALAS DE MOLA TUBULAR. Eu entro para cavar através dele.

Um arrepio percorre-me quando algo arranca o topo da minha cabeça. Levantando minha mão, sinto o contorno de um sapato puxando meu cabelo. Eu olho para cima no mesmo instante em que Quan chega e acende a lanterna, revelando um corpo balançando acima de mim em uma corda amarrada à luminária.

O terror gelado me congela no lugar. Eu grito, minhas cordas vocais se esticaram para quase quebrar e meus ossos tremendo como se eles quebrassem.

Quan me arrasta e me apoia contra a parede. O mundo parece se mover em câmera lenta. — Rune, você está bem? Foi um manequim. Alguém jogou uma piada de mau gosto. — Seus olhos se estreitam em fendas irritadas enquanto ele olha por cima do ombro para nossa mesa, onde Kat e Roxie estão dobradas, bufando de rir.

Meu coração bate no meu peito, tentando acelerar as coisas novamente. Tentando me martelar de volta.

Colegas intrigados se juntam ao riso — uma reação em cadeia tímida — primeiro confusão, depois alívio por não estarem no lado receptor da brincadeira. Tomlin corre com o zelador ao seu lado. O homem é minúsculo,

comparável à altura pequena de Audrey, mas corpulento. Ainda tentando recuperar o fôlego, concentro-me nele. A barba branca e a camisa de flanela combinadas com um lenço amarrado no pescoço são um cruzamento entre um lenhador do tamanho de uma cerveja e o Papai Noel. Ele levanta um feitiço de prata pendurado sob o lenço e sopra. A aula silencia quando o som do canto dos pássaros enche a sala.

Disseram-me que ele era mudo e se comunicava por meio de notas e gestos escritos, mas eu não sabia nada sobre um apito. Depois de apontar um dedo acusador para Kat e Roxie, o zelador se encaminha para o armário, onde Quan o ajuda a arrastar para baixo o que agora vejo ser um manequim. Antes de se tornar o zelador residente, Jippetto costumava fazer compras em Paris, e ele ainda tem uma coleção. Essas habilidades de marceneiro são a razão pela qual ele é o alvo dos sets e adereços na academia.

Eu deslizo para baixo da parede e enrolo meus braços em volta dos meus joelhos, barrando o choque da casca de todos os lados. Kat não só conseguiu sacudir minhas fundações, como também não tem como o senhor Jippetto ser o cara que eu vi meio escondido no jardim quando cheguei.

Eu não posso mais fazer isso. Alguém muito real está seguindo cada movimento meu, e eu preciso saber quem.

Desloco o olhar para os espelhos e, por um instante, vejo-o claro como o dia: uma mão enluvada pressionada contra o lado oposto do vidro, como se quisesse dizer que estou certa, ou talvez para oferecer apoio. Então se foi.

Quando estou de pé novamente, Tomlin reúne a turma sem perder tempo e todos conseguem terminar seus laboratórios. Dois minutos antes da campainha tocar, o professor diz à nossa mesa para ficar parada. Depois que todos saem, ele fecha a porta e dá a nós quatro um discurso sobre como estamos todos juntos na ópera, o que significa ser solidário e ser um time. Que a razão pela qual ele nos juntou para o laboratório, em primeiro lugar, foi na esperança de que pudéssemos aprender a trabalhar juntos.

— Vocês realmente precisam terminar isso aqui. O diretor Fabre e o diretor Norrington não estão levando os uniformes desaparecidos de Rune tão levemente quanto você imagina. As vantagens dos estudantes estão em perigo...

— Uh, espere um segundo. — Kat interrompe. — Não tivemos nada a ver com os uniformes! Essa coisa de manequim era ensinar a Rune e seu amigo cleptomaníaco Girassol Ensolarado uma lição sobre entrar no meu quarto e roubar minha escova.

— Summers. — Eu corrijii, irritada com sua sutil fala do nome de Sunny.

— E por que qualquer um de nós quer algo que tenha o seu DNA?

— Era uma escova Mason Pearson de cerdas de javali. — Diz Kat, com a testa perfeita franzida, como se não conseguisse entender minha ignorância. — Vale mais dinheiro do que o barato tingimento da Sunny.

— O cabelo de Sunny é naturalmente vermelho. — Interpõe Quan. — E ela não rouba.

Na maior parte do tempo, creio eu, e pelo olhar que Quan me lança, posso dizer que estamos compartilhando ondas cerebrais.

Roxie se levanta à mesa. É inquietante ver uma expressão tão difícil em um rosto que combine com o de Jax, que quase sempre sorri ou faz uma piada. — Coincidentemente coincidente como desapareceu o primeiro dia completo em que você esteve aqui. Kat não viu desde segunda-feira de manhã antes do café da manhã.

Tomlin bate na mesa, chamando nossa atenção de volta para ele. — Aqui está a minha oferta única. Eu não me importo com quem fez o quê. Eu não vou relatar nenhuma dessas conversas, ou o que aconteceu hoje na minha sala, mas somente se essas brincadeiras pararem agora. Porque se alguém fosse para o diretor com mais uma coisa, vocês podem esquecer de ter alguma atividade divertida por um tempo. Isso inclui as saídas de sábado e o baile de máscaras sendo cancelado. Vocês ouvem o que estou dizendo, senhoritas?

Nós três concordamos.

Ele se vira para Quan. — Ok, cara, eu estou te nomeando como árbitro. Veja que todo mundo se dá bem para que você e Sunny possam ganhar o título de melhor casal de fantasias novamente este ano.

Quan dá ao professor um de seus sorrisos assim como um polegar para cima. — Você entendeu, Prof.

Nós quatro saímos. Eu sou o última e assim que eu entro no corredor, Tomlin me interrompe. Nós nos movemos para a parede ao lado da porta, fora da onda de estudantes correndo para a aula.

Seus intensos olhos azuis me estudam. — Como está sua voz? Você a machucou gritando?

Sufoco o pânico que sua pergunta inspira, sentindo os olhos em mim também dentro das paredes. Minha voz é a menor das minhas preocupações. — Hum, não.

—Isso é bom.

Ele começa de volta para dentro quando eu murmuro: — Eu gostaria de ter.

Ele se vira e esfrega a barba. —Olha, você sabe sobre o meu acidente, certo?

— Sim. — Eu corto meus braços em volta dos meus livros e me esforço para ouvi-lo sobre os alunos que passam.

— Antes disso, meus pais costumavam me pressionar para ser médico porque eu era muito bom em ciências e biologia. Para satisfazê-los, eu estava indo para a faculdade de medicina, mesmo que eu não quisesse. Eu queria minha música. E eu queria tornar a ciência e o teatro divertidos para as crianças. — Diz ele. — Depois do acidente, percebi quanto tempo eu perdi tentando ser o que alguém achou que eu deveria ser. Então, acredite em mim, eu entendi. Só porque você é bom em alguma coisa, não significa que você quer fazer isso para sempre. Ou em tudo. Eu fiz a minha escolha e nunca mais olhei para trás. Um dia, Rune, você vai fazer a sua escolha e ser livre para fazer o que quiser. Apenas se cuide até então, ok?

Sua bondade me toca, mesmo que ele não tenha ideia. Meus problemas não têm nada a ver com qualquer escolha da minha parte. Eu vejo Sunny acenando no outro extremo do corredor, onde sempre nos encontramos antes do segundo período e oferecemos um aceno de cabeça. —Obrigada, professor Tomlin.

Ele mostra os dentes em um sorriso que o faz parecer muito perto da nossa idade, mesmo com os pelos faciais. — Me chame de Prof. E dê tempo. As coisas ficarão mais fáceis para você em breve.

Ele está errado de novo. Elas não ficam

.

Enquanto jantava com tia Charlotte e mamãe naquela noite, descobri que minha mãe não iria voltar para Ned ou seu trabalho até ter certeza de que estou segura. Os uniformes desaparecidos estão corroendo-a mais do que ela originalmente deixou transparecer. Seria tão fácil admitir que suspeito que Kat as tenha levado, considerando o manequim macabro pendurado na aula de ciências. Mas isso estragaria todas as fugas extracurriculares que os estudantes esperam, incluindo meus novos amigos. Então eu confesso uma confissão: que eu os escondi no começo porque eu estava com tanto medo de encarar meu medo do palco, mas agora eles desapareceram de verdade. Peço desculpas e prometo agir em conjunto. Mamãe dá um tapinha na minha mão, dizendo que está orgulhosa de mim por ser honesta e aliviada. Tia Charlotte nos observa em silêncio

enquanto mastiga sua costeleta de vitela. Eu tenho a impressão distinta que ela vê através de mim, mas ela não diz uma palavra.

Na sexta-feira ao café da manhã, digo a verdade a Sunny, Jax, Quan e Audrey: que não faço ideia do que aconteceu com meus uniformes, mas que mentir é a única maneira de mandar minha mãe de volta ao Texas para que ela viva a vida que trabalhou tão duro. Quan diz a todos a outra razão que estou fazendo para salvar todos nós de perder privilégios.

No entanto, fingir ter um caso grave de neurose que se transforma em medo do palco não me dá nenhum ponto com Kat. Ela canta soprano em vibrato quando eu a passo no corredor e cai no chão, agitando-se como se estivesse tendo convulsões. Eu decido não segurá-lo contra ela; ela não sabe como ver uma pessoa em estado convulsivo me afeta. Ela não tem conhecimento da minha experiência na festa da fraternidade.

Tudo o que posso fazer é me virar e ir embora, desejando baixinho que eu possa cortar e descartar a entidade musical que vive dentro de mim e, finalmente, ser normal. Mas mesmo assim, eu ainda não estaria. Porque, embora essa academia seja cheia de personalidades interessantes e peculiares, tenho certeza de que sou a única que deixou um cara em coma em um hospital do outro lado do oceano.

Minha lealdade para com meus amigos se compensa de outras maneiras. Durante a musicologia histórica do quarto período, Audrey me passa uma nota que explica o significado por trás de sua tatuagem, e por que sua futura carreira é tão importante que ela não pode se deixar distrair por um relacionamento romântico. Sua irmã bailarina foi vítima de um atropelamento no Novo México e ficou paraplégica. O nome dela é Ravyn, e como ela — nunca pode voar de novo — Como a própria Ravyn coloca, ela quer montar nas asas de ópera de Audrey. Então Audrey fez a tatuagem em homenagem a esse sentimento. Seu lindo vínculo ecoa minhas lembranças do papai e, a partir desse momento, eu também quero vê-la atingir todos os seus objetivos, não apenas para ela, mas também para sua irmã.

Infelizmente, Bouchard nos pega sussurrando e me faz ficar dez minutos depois da aula, tirando tempo do meu horário de almoço. Audrey argumenta que ela é a culpada também, mas eu a calo. Eu percebi que Bouchard é uma fã de Katarina, e como eu trilhei sua pupila durante os testes e vários ensaios, as instruções vocais e os estudos musicais da minha agenda foram ainda mais dolorosos do que eu já havia imaginado. Não há razão para Audrey sofrer por isso.

Assim que sou solta, encontro Sunny no corredor esperando por mim. Ela diz que eu mereço justificativa e me leva para ver o quarto de bichinhos de estimação de Bouchard no segundo andar — completo com as cabeças montadas de um periquito amado, uma chinchila mimada e uma placa mostrando três camundongos com asas de borboleta pintadas meticulosamente à suas costas. O cheiro de algo medicinal combina com pêlos de animais e ossos velhos, criando uma combinação sinistra e clínica que une meu estômago.

— Eu a ouvi falar com eles. — Murmura Sunny.

— Com as coisas mortas? — Eu pergunto enquanto nós duas olhamos maravilhadas e petrificadas.

— Sim, às vezes quando ela está aqui com a porta fechada. Ou talvez ela esteja falando por eles. Talvez ela seja uma daquelas... como eles chamam isso de novo?

—V entríloquos?

Ela acena com a cabeça. — Sim. E eles são suas marionetes.

— Ou talvez ela seja deles. — Digo meio brincando, olhando para uma cabeça de coelho branca ainda presa ao torso da frente e pernas dianteiras. Bouchard esculpiu uma janela no tórax do coelho, onde estava pendurada na parede, embutida em uma moldura oval de madeira, e inseriu uma imagem dela segurando o coelho premiado anos antes, quando ainda estava viva. Ela é mais jovem sem rugas, sem aquela camada de marca registrada de pó francês e rouge. Uma jaqueta branca de laboratório cobre uma camisa casual de botões. É inquietante como ela parecia feliz naquela época. Nem mesmo um traço da amargura severa que eu tenho medo cada vez que estou na aula dela.

— Ela foi reprovada da escola veterinária. — Sussurra Sunny. — Essa foto foi tirada antes. Ela obviamente nunca superou ter um bisturi na mão ou seu amor pelo cheiro de sangue.

Eu me encolho. Nenhum de nós percebe que a própria noiva de Frankenstein deu um passo atrás até ela gritar: —Saia!

Nós duas gritamos de surpresa e giramos ao redor.

Seus olhos são brilhantes, como contas azuis pontudas. Ela poderia muito bem tê-los tirado de um de seus projetos. Ela empunha uma tesoura assustadoramente afiada enquanto ela nos apoia no corredor. — Como é que entratraram?

Sunny gagueja, jurando que a porta já estava entreaberta. Só eu percebo a implicação da mão dela dentro do bolso da saia, onde ela deixou cair a chave que havia levantado.

O diretor Fabre aparece no topo da escada. — Há algum problema, Srta. Bouchard? — Sua presença dominante inala as bochechas vermelhas de Bouchard, colorindo-as da mesma cor do cabelo dela.

— Seja o que for. — Continua o diretor. — Acho que poderíamos resolvê-lo sem ameaçar fisicamente nossos alunos.

Bouchard bate as alças da tesoura contra a palma da mão. — O problema é uma falta de respeito deplorável pelos pertences e privacidade de outras pessoas. Na minha experiência, a melhor maneira de impressionar os não-civilizados é dando-lhes um gostinho de sua própria barbárie. — Ela volta para o quarto, resmungando em francês sobre enfiar olhos de mármore em um ouriço. A porta se fecha.

Sunny repete sua desculpa para entrarmos no quarto. Incapaz de provar o contrário, o diretor Fabre nos envia para os últimos quinze minutos de almoço com apenas um aviso.

Sexta-feira chega a um fim abrupto quando mamãe sai para o aeroporto. Nós nos ficamos no foyer, nos despedindo enquanto todo mundo está no jantar. Faço um esforço notável para não olhar para os espelhos... não deixar entrar aquela sensação desconfortável de estar sendo observada. O motorista reúne as malas da mamãe e se oferece para esperar do lado de fora com a limusine. Quando ele abre a porta, o aroma de rosas e folhas molhadas entra e a sala se ilumina com o suave rubor do pôr-do-sol. No estacionamento e no foyer, as luzes da academia são acesas para economizar energia — das seis e meia às nove e meia todas as noites.

Mamãe transmite uma onda indisciplinada atrás da minha orelha. Eu admiro o quão bonita ela é na neblina rosa, e penso no vestido transparente e delicado que ela encontrou em uma loja chique parisiense esta semana. Ela está planejando usá-lo para seu casamento em dezembro, quando eu estarei em casa para o feriado de Natal. Um sorriso nos meus lábios. Seu noivo vai buscá-la no aeroporto quando ela for amanhã. — Ned está morrendo de vontade de ver você.

Ela sorri e encolhe os ombros. — Não. Apenas levemente ansioso. Você sabe que suas verdadeiras paixões são banheiros e trabalhos de mogno entalhados à mão.

Eu rio de seu humor real, mas é forçado. Eu vou sentir falta dela. Eu me acostumei a compartilhar meu dormitório. Ela não estava disposta a dormir toda noite, então nos alternamos, mas a presença dela era a única coisa — além dos meus sonhos — que me faziam sentir segura.

— Vou ligar para você no telefone fixo. — Digo, ao invés do que quero

dizer: Por favor, não vá.

— Não se eu te ligar primeiro. — Ela brinca.

Eu sorrio. Então, contra tudo que me diz para não, eu pergunto: — Então, quando você dormiu na minha cama esta semana... Você ouviu alguma coisa estranha? — Certo, eu só ouvi os sons na abertura naquela primeira noite, mas talvez ela os tenha ouvido desde então.

Ela franze a testa, pálida quando as luzes do vestíbulo se acendem. — Não, querida. Como o quê?

Assustada com a preocupação nublando seus olhos, mudo de tática antes que ela decida ficar mais uma semana. —Oh nada. Somente... o ar filtrando através do respiradouro. Está com ruídos. Talvez eu pergunte à tia Charlotte se a manutenção pode dar uma olhada. Pode estar recheado com fiapos ou algo assim.

— Ok. — Ela sorri e suas bochechas aquecem novamente com um rubor saudável. — Tem sido muito legal ter esse tempo extra com a Lottie. Fico feliz que você finalmente vai conhecê-la também. Ela vê muito do seu pai em você. — Os olhos da mamãe rasgam um pouco. — Ele ficaria muito orgulhoso de você. Como você está enfrentando o seu medo do palco. E como você está fazendo amigos.

Eu gerencio um sorriso brilhante pensando apenas em meus novos amigos e bloqueando todas as coisas óticas ou fantasmagóricas. Desde ontem de manhã, não vi nenhum movimento dentro dos espelhos; mas eu não acho que minha sombra se foi. Nem por um segundo.

Mamãe envolve uma mecha do meu cabelo em volta do seu polegar. — Eu sei que você está desapontada por não poder viajar para Paris amanhã. Lottie diz que você pode ir com ela para Versailles. Ela está realmente contra você ficar aqui sozinha durante o dia. Na verdade, ela continua perguntando se tenho certeza de que você está na escola. Eu assegurei que você está. Que você está fazendo isso em homenagem ao seu pai.

Eu aceno, porque eu faria qualquer coisa por ele.

— Mas como você é da família. — Continua minha mãe. — A Lottie disse que você pode andar de skate pelas regras da tarefa semanal se estiver com ela. Você vai sair deste prédio por algumas horas, sabe?

Os pensamentos da vovó Liliana na enfermaria da prisão mordem minhas bordas já desgastadas. — Há apenas uma razão pela qual tia Charlotte iria para Versalhes.

Bolsa de lábios da mamãe. — Sim. Ela visita a mãe uma vez por semana.

Mas... A avó Lil parece lamentar. Ela organizou tudo isso para você. Talvez em breve ela confesse onde ela escondeu o violino de papai, ou porque começou o fogo. Talvez então possamos tentar perdoá-la antes que seja tarde demais. — Mamãe encolhe os ombros porque, em seu coração, ela sabe que há quase zero de chance de isso acontecer. Eu franzo a testa, porque é possível que a vovó Liliana estivesse apenas tentando livrar o mundo de uma praga, e que a mamãe poderia um dia entrar nos sapatos de balé de pele de tia Charlotte para me visitar em uma penitenciária.

— Tenho certeza que os outros alunos não considerariam uma viagem de um dia para Versalhes como um passeio em família. — Eu digo. — Eu já recebi favores suficientes. — Minha língua endurece, barricando o que quer escapar: que mesmo que eu tenha alguns amigos novos, eu não serei a favorita de classe tão cedo. Que alguém me odeia o suficiente para ter deixado um corvo morto na minha cadeira no almoço hoje cedo.

Eu notei isso apenas alguns segundos antes de me sentar. Como se a visão de suas penas negras e oleosas não fosse suficiente para me fazer perder o apetite pelos rolos de frango *cordon bleu* no meu prato, isso também despertou uma lembrança vívida do corvo miado que vi no dia em que cheguei.

Quan pegou o cadáver com um guardanapo e secretamente o jogou fora enquanto Jax tentava argumentar que o gato fantasma residente, Diable, atacara novamente. Era óbvio que Jax estava tentando impedir Sunny de atacar a dupla de divas, sua número um em suspeita. Mas uma parte de mim duvida que elas fizeram isso, porque elas não querem perder privilégios mais do que o resto de nós.

— Mãe. — Eu desvio a confissão do pássaro com outro, mais óbvio. — Eu não acho que estou pronta para fazer essa viagem para ver a vovó.

Ela aperta meu ombro. — Oh, querida, Lottie não esperaria que você fosse com ela para visitar sua avó. Há uma biblioteca a uma curta distância da prisão com computadores. Lottie vai lá para verificar o e-mail da escola a cada semana. Então ela deixaria você lá para que você possa acessar a Internet, verificar seus e-mails, fazer algumas coisas no Facebook. E você terá acesso a torres de celular para fazer chamadas telefônicas e texto.

Eu suspiro. Independente de que eu não deva visitar a vovó, eu não quero nem estar na mesma vizinhança. — Eu realmente preciso começar no jardim. Finalmente, o tempo deve terminar amanhã.

Mamãe balança a cabeça e depois examina o relógio. — Apenas certifique-se de sair do seu dormitório por um tempo. Eu não quero que você

fique presa por muito tempo. Pode mexer com sua mente.

Me fale sobre isso.

Puxando-me em seus braços, ela sussurra em meu ouvido:

—Você tem o potencial de ser alguma coisa... surpreendente. Por favor, Rune. Eu não quero que você passe sua vida com a poeira de outras pessoas e espuma de sabão debaixo das unhas. Seu pai queria muito mais para você do que isso.

Ela beija minha testa. Então ela sai pela porta e entra na limusine, desaparecendo na ponte e no pôr do sol, enquanto todo medo, falha e insegurança se enroscam em volta dos meus ombros — uma folha arrepiante para o calor do seu abraço de despedida.

9

Os mortos e os amados

"Você sabe o que significa ter a Morte sabendo o seu nome?"

Anne Rice, Entrevista com o Vampiro



Thorn se agachou ao lado de uma série de crisântemos enormes. Quando amanheceu pela manhã, o jardim estava intocado. Sol encharcado e cintilante de orvalho. Agora, várias horas depois, as nuvens enchiam o céu.

Ele enrolou os restos rasgados de uma meia cinza em torno das flores amarelo-brilhantes. Um aroma de mel saiu das pétalas e pousou em sua língua — doce e inebriante.

Ele tropeçou nos uniformes da escola de Rune atrás do palco no salão de ensaio do balé na noite em que ela chegou. Cada pedaço foi cortado com uma tesoura, rasgado nas costuras. O responsável jogou um jogava perigoso. Mas ela justificou um alívio, já que a manobra tinha fornecido o meio perfeito para levar Rune através de seu labirinto de horrores hoje.

Ele odiava colocá-la através de mais traumas depois do que aquela diva odiosa e sua companheira haviam feito com o manequim. Mas ele podia argumentar que era necessário; ele e Erik iriam levar Rune para a verdade que ela estava desejando. É só o jeito que eles estavam indo, não era nada gentil.

Enjoado pelo que havia pela frente, Thorn afastou um nevoeiro de mosquitos e pescou um colete rasgado na sacola de compras rosa. Ao longe, um esquilo territorial discutia com um tordo empoleirado em um arbusto de amora-preta. Seria uma cena típica da natureza, se não fosse o esquilo grasnando como um pato. Incapaz de suportar o som desviante, Thorn jogou uma pedra para interromper a luta, com cuidado para não acertar nenhum deles.

O esquilo saiu correndo e o pássaro levantou vôo, erguendo a atenção de Thorn para o céu, onde nuvens cinza-esverdeadas encobriam o sol do meio da manhã. Todo o plano ficaria comprometido se Rune não completasse o labirinto antes da chuva e, a julgar pela umidade do vento, seria dentro de uma hora. Idealmente, a tempestade chegaria no momento em que ela encontrasse a pista final e a perseguiria na capela.

Ela precisaria se aventurar em breve. Se ela não ficasse sozinha, ele iria atraí-la. Quando ele a olhou mais cedo, ela estava sentada nos degraus do primeiro andar dentro do vestíbulo, escrevendo uma nota em um pedaço de papel de carta tão translúcido quanto o vestido que ela usava. Se não fosse pelo suéter e pelas leggings, ele poderia ter admirado aquela extensão de pele, a maneira como ela brilhava suave e radiante de energia. Ele queria fazer mais do que assistir de longe. Ele queria mexer a música dentro dela, para beber a pura luz branca pulsando em suas veias.

Ele lutou contra o desejo, pensando na beleza do papel esculpido e embelezado sob sua pena — uma ilusão de renda e fita. Uma ilusão como Rune. Ela pode se assemelhar a um anjo, mas havia um demônio voraz esperando para ser despertado por dentro. Se ele apertasse aquele cordão escuro e sedoso de rapsódia que se soltava entre eles, ele poderia ajudá-la a acordá-lo... e juntos, eles poderiam domar isto.

Mas essa tarefa deliciosa não lhe pertencia. Embora deveria. Foi escrito nas estrelas. Ele apertou as mãos enluvadas e se levantou.

Maldita as estrelas e seu timing mal-feito.

Suas botas arrastavam-se através de um tapete de cogumelos e plantas em decomposição enquanto deixava cair pequenos pedaços de roupas danificadas em capuchinhas, dálias, rosas, mães e ásteres — cada flor brilhava com suas últimas explosões de cor antes que o frio do inverno chegasse para manchá-las. Mesmo com toda a beleza a seus pés, seu olhar continuava se distanciando, passando pelos portões de ferro forjado ornamentados e a cerca que separava o cemitério do denso dossel de folhas da floresta — em verdes, laranjas e ouro. Ele suspeitava que deveria ser como os olhos de Rune pareciam quando eles se

enchiam de energia recém-absorvida. Ele veria por si mesmo, em breve.

Ontem ele visitou a cafeteria. Ele assistiu por trás do espelho enquanto os estudantes seniores almoçavam. Um drama clandestino irrompeu entre Rune e seu novo círculo de amigos. Ele sabia quem havia plantado o corvo morto. Assim como quando ela roubou e vandalizou os uniformes de Rune, sua aura brilhava como um castanho teimoso e dogmático. Sua motivação era transparente. Mas as coisas já estavam em movimento e não havia como mudá-las. Ela teria que aceitar que o destino havia escolhido Rune para esse papel, assim como o próprio Thorn tinha que fazer.

Depois que o átrio desapareceu, e todos os alimentos aromáticos foram levados em carrinhos para os elevadores de serviço, Thorn entrou pela porta escondida e procurou o nome de Rune no quadro-negro.

Quando ele viu que ela havia escolhido a tarefa de jardinagem e não a completou durante a semana, era como se o próprio céu tivesse se aberto e a entregado. Isso deu a ele a chance de espalhar as migalhas e persuadi-la a entrar no jardim, atravessar a passarela e chegar à beira do cemitério, enquanto todos estavam fora do dia. Claro que ela ficaria assustada, mas sua curiosidade a faria corajosa. Ele sabia muito sobre ela, a partir de suas visões compartilhadas.

Pessoalmente, Thorn nunca sentiu medo entre as sepulturas e estátuas. Eles tinham sido seu playground quando criança. Irônico que ele estava mais em casa em um campo da morte. Depois de assistir os adolescentes na academia no último ano e meio, como suas vidas se pareciam com as peças encenadas no palco — ricas em relacionamentos, moral e romance — ele entendeu o quão estranho e diferente isso o fez.

De certa forma, ele ansiava por suas interações simplistas e vidas despreocupadas. Mas ele não era como eles. Ele não pertencia a este lugar, em um mundo cheio de viagens e atividades, e famílias e amor.

Ele deu as costas a qualquer chance daquele ano atrás. Ele tinha sido criado por um fantasma que dormia debaixo da terra em um caixão, e ele sem dúvida faria o mesmo um dia — para manter seu passado à distância.

O Pai Erik não era louco. Seu passado o moldara... entortando ele. Antes de entender o poder que sua deformidade poderia exercer, ele temia isso. Aos seis anos, depois de fugir durante semanas — tentando escapar do ódio e do abuso de sua mãe — Erik entrou em um acampamento cigano e foi pego roubando comida. Eles permitiram que ele vivesse, mas ele tinha que ganhar seu sustento, tirando a máscara e a camisa, e posando atrás das grades como o cadáver vivo de uma criança para aterrorizar os espectadores por dinheiro.

Demorou pouco para convencer os clientes que ele era um esqueleto envolto em uma camada de carne em decomposição.

Sua fama cresceu rapidamente, e multidões viriam, preparadas com ovos podres e frutas e verduras estragadas para jogarem a seus pés como oferta de comida — como se uma fera como ele não merecesse nada além de suínos para sustentar.

Foi a primeira vez que ele foi desmascarado e ficou vulnerável a qualquer um. Sua própria mãe o fez vestir a máscara, tanto acordado quanto dormindo. A vergonha e a repulsa que ele enfrentou ao ser descoberto bicaram qualquer semblante de autoestima que ele havia deixado. Os gritos horrorizados de outras crianças, de seus pais, sangravam em seus pesadelos e repassavam imagens espelhadas de seu próprio rosto horrível em cores vivas para assombrá-lo.

Finalmente, uma noite, depois de ter insônia por meses, Erik se refugiou dentro de sua gaiola, entrando no caixão usado como parte de seu ato. Fechou a tampa e dormiu profundamente até a manhã, fechando os lamentos aterrorizados, os gritos depravados e as imagens da monstruosa deformidade que sempre o acompanhava em suas horas de vigília.

O único modo que ele podia se sentir completamente seguro enquanto estava mais vulnerável — para garantir que ninguém o veria e gritar de horror — seria trancado dentro de um caixão. Então, esse veio a ser seu refúgio eterno.

Thorn entendeu a necessidade do pai de excluir o passado, como os outros nunca fariam. Ele viveu em uma jaula, três meses angustiantes antes de Erik encontrar e resgatá-lo.

As excentricidades do Pai Erik eram subprodutos de seu passado, assim como as de Thorn. Como era de qualquer um. Até o pessoal mundano que povoava a academia tinha suas próprias peculiaridades e segredos. Thorn conhecia todos eles. Ele estava observando das sombras e tomando notas. Esse conhecimento pode ser útil, caso ele precise capitalizar sobre isso.

Uma rajada gelada soprou sobre ele, puxando sua capa. Ele deixou o capuz cair enquanto posicionava a última peça de roupa da bolsa rosa. Sua máscara de cerâmica cobria um lado de seu rosto, o branco brilhante de ossos branqueados, e não havia chance de ser visto por ninguém de qualquer maneira. Além de Madame Bouchard e Rune, os ocupantes da academia estavam fora o dia todo.

Bouchard ficaria distraída, preocupada com seu passatempo horrível — corrigindo os animais até mesmo em sua morte, através de pontos, recheios e olhos vidrados. Uma excentricidade que a velha compartilhava em algum nível com o Pai Erik, para o desagradável desalento de Thorn.

Ele ficou tenso, seguindo o caminho através da passarela e para as sepulturas. Torrões de terra rangiam sob suas botas e seus ombros caíam, pesados sob a vil obrigação que ele estava esperando a vida toda para cumprir.



De pé junto a uma janela, posiciono minha terceira tentativa em uma carta para Trig e Janine, onde a luz cinzenta entra, para que eu possa ler a última vez:

Bem, eu deveria ir. Eu tive que ficar para trás enquanto todo mundo ia a Paris para uma viagem de um dia. Não estou feliz por estar presa aqui, mas vou aproveitar bem o tempo. Eu quero sair para o jardim antes que chova.

Oh... e mais uma coisa, você poderia me dizer se há alguma notícia sobre Ben? Ele está melhor? Ele está falando? O último que ouvi, ele estava mostrando sinais de acordar. Os médicos ainda acham que foi uma convulsão de uma lesão na cabeça? Quatro semanas é muito tempo para estar em coma, certo? Eu nunca deveria ter aparecido com ele depois que seu pobre crânio impediu minha queda daquela borda. Eu deveria ter insistido para que ele fosse checado por um médico naquele momento.

Por favor escreva de volta. Vocês são meu único link para todas as coisas da Americas Até mesmo a comida aqui me faz sentir falta de casa.

Viva la cachorros-quentes e hambúrgueres!

Rune

P.S. Sinto falta dos seus rostos

P.P.S. Eu tirei algumas fotos da academia com o meu celular. Vou mandar uma mensagem para eles quando chegar a Paris, onde tem serviço. Não estou brincando, é como viver em uma floresta primitiva aqui.

Satisfeita que essa nota não tenha que se juntar as outras no lixo, dobrei o papel, coloquei-o no envelope correspondente já endereçado a Trig e coloquei-o na caixa de correio de saída na caixa ao lado da porta de entrada principal...

Estou tão cansada de fingir que não conheço o Ben, mas por mais que eu acredite no Janine e no Trig — que sempre aceitaram minhas explosões de ópera sem me julgar — não posso dizer a eles o que realmente aconteceu naquela festa da fraternidade.

Quando eu conheci meus dois amigos no teatro durante o meu segundo ano na escola, eles eram ambos sêniores. Apesar de nossas diferenças de idade, fui atraída por eles porque eram excluídos como eu. Nós vivemos em uma cidade ultraconservadora. Você não pode ser um menino que gosta de garotos e

desenha moda feminina, ou uma bailarina bulímica cuja mãe arrecadou dinheiro para sua faculdade sendo uma dançarina exótica, sem a maioria das pessoas olhando para você através de lentes tingidas de desconforto e julgamento.

Ainda assim, a verdade dessa noite é algo que até meus dois melhores amigos não entenderiam. Sim, eles sabem porque eu estava bebendo na festa... que enquanto alguns dos convidados vagavam pelo convés ou chapinhavam na piscina (eu tinha vestido a parte - biquíni e maiô - mas não tinha sido corajosa o suficiente para me aventurar em algo mais profundo do que uma piscina rasa desde os sete anos de idade) os juniores da faculdade que estava hospedando levou outros de nós ao seu porão para mostrar seu toca-discos vintage.

Eu estava bem, ouvindo grandes bandas dos anos quarenta e rock dos anos cinquenta. Foi quando ele arrastou um vinil de Rigoletto que meu mundo desabou. Eu corri para as escadas no exato momento em que a melodia da heroína entrou em erupção, e meu destino foi selado.

Janine foi a minha carona, mas eu não consegui encontrá-la em lugar algum. Então eu bebi. Muito. Eu imaginei que se eu afogasse as notas em álcool, eu seria capaz de impedi-las de respirar... de aplainar. Infelizmente, eu ainda tinha menos controle com três cervejas no meu sistema. Sentada precariamente no corrimão da varanda do segundo andar, bati as mãos na boca para manter a música subjugada e perdi o equilíbrio. Um universitário gostoso no deque da piscina cuidou minha queda quando caí na cabeça dele.

Ele me ajudou a ficar de pé. Ele estava nadando, e seu torso superior brilhava nas luzes brancas cintilantes amarradas ao redor do convés. Seu cabelo ruivo estava molhado e desgrenhado, e seus olhos azuis — levemente envidraçados como se tivessem problemas para se concentrar — se arrastavam ao longo das minhas pernas nuas, onde eles se destacavam do meu encobrimento. Eu reconheci a expressão. Como se eu fosse um pedaço de carne e ele estivesse morrendo de fome. Ele cambaleou um pouco, mas não foi do meu pouso forçado. Ele estava ainda mais perdido do que eu.

Eu notei ele uma ou duas vezes enquanto visitava Janine no campus durante sua sessão de verão. Eu sabia que o nome dele era Ben e que ele não tinha namorada. Eu também sabia que ele era um jogador. Mas a melodia pressionou contra meu esterno e se arrastou em minha garganta, subindo como bile em direção à minha boca. Então, em vez de ouvir a voz da cautela, eu me joguei nele para silenciar as minhas cordas vocais, para suprimir a música que queimava por trás das minhas pálpebras em uma miríade de cores.

Eu derramei todas as emoções que ferviam em mim — todo o medo,

mortificação, paixão e saudade — em um beijo duro e exigente que tinha gosto de lúpulo amargo, malte doce e feromônios almiscarados.

Não foi meu primeiro beijo. Eu fui ao baile de formatura com um cara doce e nerd chamado Tate. Nós compartilhamos um beijo benigno de boca fechada na minha porta, quando ele me deixou em casa. Mas isso nunca significou outra coisa.

Meu beijo com Ben foi diferente — boca se abrindo, línguas procurando. Eu era a instigadora, levantando meus braços ao redor de seu pescoço para empurrar a ária para baixo. Ben gemeu — satisfação masculina profunda — e seus lábios pareciam ter pegado fogo. Sua língua escaldou enquanto lutava contra a minha. Ele me arrastou com força contra ele. O filme de água clorada entre nossa pele parecia chiar e seu peito queimava minha clavícula.

Nós ignoramos a música do rap nos alto-falantes na varanda, ignoramos os convidados sorridentes que abriram um caminho para que Ben pudesse nos apoiar na piscina vazia e bater a porta com força. Ele me colocou em uma pilha de toalhas de praia úmidas e mofadas no chão de cimento — seu corpo pesado me abrangendo.

Suas mãos estavam por toda parte. Não havia nada doce ou tenro dirigindo qualquer um de nós. Era espontâneo, duro, sensual e degradante. Eu odiava a rapidez com que estávamos nos movendo, como estávamos fora de controle e, por um instante, hesitei, até que as notas ressurgiram. Naquele estado confuso e histérico, eu me convenci de que a humilhação de um solo vocal improvisado seria de alguma forma pior do que deixar as coisas irem longe demais com um garoto que eu nem conhecia.

Esses são os fatos que compartilhei com Janine e Trig.

O que eu não compartilhei foi que, assim que o meu disfarce começou, os beijos ficaram intensos e ofegantes, o sabor de Ben mudou para algo chamuscado, doce e não natural — como folhas de outono torradas, enxofre e cobre embrulhados em caramelo. Eu devorei o gosto, morrendo de fome por mais.

Uma sensação de fogo soldou o peito de Ben no meu, como se alguém tivesse jogado uma caneca de gasolina em nós e seguido com um fósforo aceso. Um brilho amarelo-acinzentado brilhante zumbiu e acendeu no ponto de contato, onde meus seios envoltos em biquíni estavam nivelados com seus peitorais.

Eu estava tão perdida — não posso ter certeza de que guardei todos os detalhes. Tudo que eu lembro — vividamente — é que o brilho saltou do esterno de Ben para o meu, pegando fogo em meu sangue enquanto transformava seu

frio e empalidecia seu rosto para um branco mortal. Lembro-me de como ele ofegou por ar enquanto rolava de costas em cima do monte de toalhas... como ele arranhou a garganta, tentando respirar. Lembro-me de gritar quando seus lábios começaram a ficar azuis, quando as veias de suas têmporas e punhos pareciam afundar em sua pele, como se estivessem sendo escavadas por dentro.

Esquecendo o brilho estranho dentro do meu peito, eu tropecei da casa da piscina e gritei por ajuda. Quando os paramédicos chegaram, Ben estava convulsionando e o calor atrás do meu esterno se apagou. Mas mesmo antes de parar de queimar, ninguém pareceu notar a estranha luz no meu esterno. Algumas crianças, no entanto, comentaram meus olhos brilhantes. Eu não ousei dizer a eles que eu não estava usando nenhum.

Em vez disso, olhei para o chão até que o formigamento quente atrás da minha íris diminuiu, assustada e preocupada por Ben, ainda horrorizado por mim mesma. De mim mesma. Quando os paramédicos chegaram, ninguém mencionou nada sobre meus olhos serem anormais. Um EMT me assegurou que o que aconteceu não foi minha culpa, que Ben estava tendo um ataque e eu estava no lugar errado na hora errada. Eu deixei eles acreditarem, mas eu sabia que era minha culpa. Porque quando estávamos nos beijando, quando ele começou a se debater para a vida, eu me senti mais forte e mais viva do que nunca. Eu me alimentei de sua luxúria e, em seguida, seu terror. E eu queria continuar me alimentando... mas de alguma forma, voltei a mim mesma quando vi aqueles lábios azuis. Fui eu quem quebrou nossa conexão naquele instante.

Se não tivesse, ele estaria morto hoje.

Nas últimas semanas, tentei me convencer de que imaginava tudo. Mas eu não consigo explicar os olhos brilhantes mais do que o pulso torcido que sofri no outono — algo que eu estava bêbada demais para perceber na época. Se não fosse por eu ser levado às pressas para o pronto-socorro ao lado de Ben na ambulância, mamãe não teria descoberto sobre a festa, minha bebida ou minhas indiscrições com um cara que eu mal conhecia.

E nem valeu a pena. No final, o álcool não afetou minhas compulsões musicais — porque não mudou quem eu era. Não me consertou. Antes que mamãe chegasse para me buscar no hospital, eu já fiz uma serenata para a equipe com a melodia. Depois que eles se recuperaram de seu choque, eles aplaudiram, em seguida, me ligaram a um soro, confundindo meu mal-estar pós-performance com a desidratação.

Como eles poderiam saber que eu não estava mais com sede? Que me senti saciada e cheia de vida. Tudo porque eu quase drenei Ben dele.

Ainda pior, como eu não poderia me perguntar se eu estava amaldiçoada como vovó tinha dito o tempo todo, e que eu fiz a mesma coisa para o meu pai anos antes com o meu presente demoníaco da música?



Recusando-me a chafurdar com pena — por Ben, papai ou por mim — vou em busca de redenção. Se eu puder encontrar um emaranhado de ervas daninhas tomando algumas flores e reviver sua beleza e pureza, posso restaurar minha autoestima em algum nível, e talvez investigar a localização daquele primeiro jardineiro há quase uma semana.

Escorrego em um par de luvas de couro fino em pergaminho do estoque de minhas roupas de inverno e faço meu caminho para fora, armada com uma banheira de aço inoxidável, uma colher grande e garfo e um servidor de tortas serrilhadas do refeitório — substitutos temporários para um balde, pá, ancinho e espátula.

Esta manhã, no café da manhã, tia Charlotte me convenceu a esperar até amanhã, pois foi quando Senhor Jippetto prometeu trazer as ferramentas de jardinagem que eu pedi na última vez em que conversamos. Embora seu objetivo real fosse me convencer a ir com ela para Versailles. Felizmente, Bouchard acabou ficando, o que pareceu fazer a tia Charlotte se sentir melhor em me deixar para trás. Mas mudei de ideia sobre esperar para explorar o jardim. Eu tenho que fazer isso hoje.

Minha blusinha, leggings e um vestido de chiffon floral com estampa de ferrugem, seguido por um cardigã marinho com mangas raglan que eu tricotava alguns meses atrás para outonos no Texas, são mais adequados para a viagem de um dia que meus colegas de turma fizeram. Ainda assim, com a aparência do céu, não posso perder tempo mudando, além dos meus sapatos.

Eu ando pelo estacionamento, tomando cuidado para não escorregar no cascalho rolando sob minhas botas de cowboy — suas solas estão tão gastas que perderam toda a tração. Quando eu era pequena, papai e eu andávamos com os pés descalços para evitar esmagar as tenras plantas por baixo. À medida que envelhecia, e tinha que fazer as coisas sem ele, estes tornaram-se meus sapatos de jardinagem, porque as solas lisas protegiam as folhas e caules.

Vários pássaros sobrevoam e fico aliviada ao ouvi-los cantarolando e cantando. Eu tomo isso como um bom presságio. Quando chego aos arredores amarelados e cobertos de grama do jardim, fico admirada. Em casa, meu lote de

plantas perenes e vegetais é cuidado e domado. Lá eu sou o maestro.

Aqui, eu sou o público.

A natureza fornece os artistas — apimentando cada inalação com perfumes florais, madeira apodrecida, folhas mofadas e terra. Tudo, desde arbustos e silvas a vinhas e ervas daninhas, abrange a paisagem extensa, tão alta quanto meus joelhos em ambos os lados do caminho de paralelepípedos. À distância, roseiras que se elevam até o peito, ao ritmo das rajadas de chuva, como atores respondendo a um bis. Flores de outono explodem das sepulturas das flores mortas de verão, relutantes em deixar suas vestes de roxos, laranjas, dourados e azuis, apesar de como são berrantes contra a paisagem murcha.

As nuvens se agitam em uma massa acinzentada, diminuindo a luz. Uma fina película de névoa se agarra às plantas e ao meu rosto como teias de aranha etéreas. O sol sempre me restaurou quando estou cansada, triste ou inquieta. Eu poderia ter usado um pouco dessa positividade hoje.

Devido ao céu agourento, eu já havia cortado uma luz de livro de LED — a que mamãe comprou para nós usarmos no vôo de dez horas aqui - para a lapela do meu suéter. Depois que eu puxar ervas daninhas e quebrar os torrões com o garfo do refeitório, terei que remover quaisquer raízes deixadas no solo solto. Um pouco de iluminação extra me ajudará a encontrá-las. Algumas ervas daninhas, como o ancinho, a trepadeira e a grama do sofá, regridem se alguma raiz cortada permanecer. Eles são regenerativos, como caudas de salamandras, minhocas...

E fantasmas.

Eu desviei meu olhar para as rosas à minha direita, aquelas deixadas para morrer ao toque da mão de um homem no último domingo. A maneira como elas balançam em suas hastes, pesadas e negras, prova que eu não imaginei nada. Meu peito se aperta e meus passos vacilam quando noto um pedaço de pano cinza, pendurado em um aglomerado de flores douradas logo abaixo do arbusto espinhoso. Eu me aproximo. Em parte, porque o tecido parece familiar, mas mais porque está tão fora de lugar neste deserto intocado.

Engolindo o nó na garganta, me agacho para puxar o pano, reconhecendo-o como uma das meias que mamãe e eu compramos — parte dos meus uniformes desaparecidos. A costura lateral se abre, desgastada, mas sistemática, como se alguém a cortasse com uma tesoura.

Uma sensação de violação me atinge, chocante. Eu estou de pernas fracas, pegando movimento por toda parte agora — outros artigos esvoaçando como bandeiras em várias flores e plantas, ao longo do caminho.

Todo esse tempo, eu supus que Kat e Roxie as roubaram, apesar do que disseram a Tomlin. Mas quando teriam a chance de traçar uma trilha como essa?

Minha traqueia se estreita até o ar úmido parecer queimar. Eu me aventuro no crescimento excessivo, porque não importa quem seja responsável, não vou dar a eles o benefício de me perseguir.

Recolhendo os coletes, meias e saias danificadas, eu os coloco na banheira que eu pretendia usar como ervas daninhas e flores mortas.

A trilha de artigos danificados é como uma macabra caça aos ovos de Páscoa. Ao redor de cada curva do caminho, encontro outra peça esfarrapada ou desgastada, todas rasgadas, mas possivelmente aproveitáveis para alguém que sabe usar uma agulha e linha.

Por fim, vejo o último artigo — uma camisa branca com babados pendurada sobre uma estátua estranhamente em forma que não consigo distinguir — do outro lado da passarela, onde o jardim termina e o cemitério começa.

Eu faço o meu caminho sobre a água, tentando não olhar para baixo nas profundezas, com cuidado para não deslizar para fora da superfície curva, de paralelepípedos. A vários metros de distância, a capela lança sombras suaves nas sepulturas. O brilho cravejado de jóias dos vitrais quebrados enquadra a escuridão interior — um contraste desorientador que estimula a sensação de estar sendo observada novamente.

Eu saio da passarela. Ao contrário do jardim, o cemitério é fácil de navegar. A grama amarelada do tornozelo recobre um tapete verde e esponjoso de musgo entre as lápides. Folhas caídas dispersas espalham-se pelo vento. Eu paro no túmulo onde o punho da minha camisa bate, lutando contra a frouxidão no meu estômago.

É uma estátua antiga de um berço de bebê com uma cobertura — a pedra moldada e gravada para parecer vime. Este deve ser o túmulo do bebê sem nome que Madame Fabre mencionou. Há apenas um ano esculpido na superfície: 1883. Nem mesmo um mês ou um dia.

Dentro do berço de pedra, minha camisa cobre a abertura onde um bebê estaria. O pano estufado e manchas vermelhas, lembrando manchas de sangue, tingem a cor branca. O pavor gelado aperta meu pescoço, faz minha respiração apertar e assobiar. Depois de todo o tempo que passei no quarto do hospital do pai, observando-o sendo cutucado com agulhas, observando as veias dele serem drenadas para teste após teste, o sangue é a única coisa que me deixa enjoada...

Balanço a cabeça, desejando não o perder. Isso é sangue falso. Em uma

academia como essa, todo mundo tem acesso a maquiagem teatral. Raias de vento puxam os babados da camisa, criando a ilusão de algo se movendo por baixo.

Arrepios arrepiam minha pele. Eu fecho minha mão livre ao meu lado, tempo suficiente para me lembrar de que tudo é uma brincadeira. Uma piada cruel significava me assustar e me mandar correndo de volta para os estados. Abrindo meus dedos, levanto cuidadosamente a camisa. Um buquê de rosas brancas espera por baixo no lugar do bebê zumbi que minha imaginação selvagem conjurou.

Eu sufoco uma risada, mas é curta quando percebo como as manchas vermelhas ficaram na minha camisa. De dentro das espirais de pétalas escoa um rastro líquido e gotejante - como se as rosas estivessem sangrando em seus corações.

Um trovão ressoa no céu e uma gotinha de chuva atinge meu rosto. Eu tremo, embora não seja a tempestade iminente que me arrepia até os ossos; é como o fluxo de sangue se insinua nas fendas da pedra ao lado dos galhos espinhosos, formando letras, como se a própria morte estivesse escrevendo as palavras imprecisas diante dos meus olhos:

A – M – A – D – A R – U – N – E.

10
Junto veio uma aranha

“Uma aranha tece sua teia fio por fio.”

Autor desconhecido.



Meu nome, escrito em sangue, me prende no lugar.

O vento aumenta — frio e brutal. Ele bate no meu rosto com o cabelo úmido e puxa a camisa em minhas mãos, como as insistentes manobras de uma criança fantasmagórica. Quando o aguaceiro da chuva fria atinge — encharcando todo o caminho até o meu couro cabeludo e através das minhas roupas — eu ainda não consigo me mexer. Não até eu ver as pétalas de rosas brancas limpas, a caligrafia vermelha suja em correntes, as palavras apagando, ainda me deixando enjoada na ausência delas... violada e confusa.

Raios quebram — veias perigosas de eletricidade rasgando o céu. Na floresta, uma árvore brilha com brasas incandescentes, seus galhos em curto circuito caem no chão. Três segundos depois, o trovão treme ao meu redor.

A tempestade está muito perto. Preciso encontrar cobertura, e a academia fica do outro lado da passarela e do outro lado do jardim.

Minha única opção é a capela. Eu pego minha camisa ensanguentada e as rosas brancas, porque estou convencida de que elas são um adereço de palco com um mecanismo em suas hastes que bombeia tinta vermelha através das pétalas, como nós usamos uma vez em uma peça durante o meu segundo ano. Quando os levanto, percebo que a borda de cada pétala é orlada de vermelho escuro para formar um buquê duo tônico. Mesmo quando eu raspo as bordas, o contraste permanece. É o esquema de cores natural. Uma vez eu vi rosas assim em um viveiro de plantas no Texas. Elas são chamados de fogo e gelo. Eu devo ter estado muito em pânico antes para notar sua singularidade.

Depois de colocá-las em cima dos meus uniformes na banheira, eu penetro através de poças rasas, lama e musgo para o edifício sinistro.

O céu escurece para uma contusão que se assemelha à noite mais do que ao meio-dia. Explosões intermitentes de raios mudam a paisagem ao meu redor — imagens fraturadas de lápides em decomposição, um jardim caído e folhas soltando faíscas. Eu subo os degraus desmoronados até a capela. Meus dedos enluvados alcançam a porta, depois empurro para trás enquanto o trinco em forma de serpente parece deslizar e se afastar da minha mão. Eu me esforço para

recuperar o fôlego.

É feito de latão manchado... Apenas pareceu se mover por causa das sombras rastejantes geradas pelo raio.

Minhas tentativas de lógica são a única coisa que mantém minha coragem à tona. Eu não posso me deixar considerar que debaixo do vento uivante e das folhas raspadas, eu ouvi um silvo quando o céu se acendeu e o trinco se moveu; ou que, mesmo com um mecanismo dentro de suas hastes, como as rosas conseguiam sangrar uma tradução legível do meu nome?

Meu coração bate no meu peito, competindo com o trovão, enquanto estudo o trinco. Tendo passado tempo com meu pai ao ar livre, não tenho fobia de roedores, répteis ou insetos. O que está me assustando é o fato de que o metal não deve se mover como algo vivo. Mordendo meu lábio inferior, aperto a serpente de metal para abrir a porta. As dobradiças enferrujadas e molhadas dão lentamente, como velhos ossos, rangendo e rangendo enquanto eu as forço a abrir. Eu empurrei a banheira de aço inoxidável para dentro. Ele bate no chão com um ruído metálico, provocando outro assobio como o que eu ouvi mais cedo.

Uma dispersão perigosa de iluminação força meus pés para a frente. O vento fecha a porta atrás de mim. Eu inalo, ciente da escuridão sufocante.

Lâminas de ombro pressionadas contra a armação de madeira, eu permaneço no lugar — o ambiente negro pesado como um cobertor na minha cabeça. Os sons do lado de fora pareciam quase silenciosos: pingos de chuva abafados e o vento abafado. Minhas roupas pingam no chão de pedra em um ritmo perturbador.

O cheiro de pedra úmida, rosas molhadas e poeira permeia minhas narinas. Relâmpagos piscam através das janelas de vidro colorido, pintando prismas de cor ao longo das paredes. Algo embaralha nas sombras e um jingle segue — como o mais ínfimo sino.

O arrepio se espalha sobre mim novamente. Afasto-me do batente da porta, encostada à parede, até que a sensação de trepadeiras entrando e saindo da pedra se projeta através do meu suéter entre minhas omoplatas.

— Olá? — Eu tento, minha voz um eco estridente.

O tilintar entra em erupção novamente, depois para tão rápido quanto se fosse movido pelo movimento.

— Quem está aí? — Eu grito dessa vez.

Recupero a presença de espírito suficiente para procurar a luz do livro presa ao meu suéter. As luvas fazem meus dedos duros, então eu os retiro para

virar a lâmpada do tamanho de uma moeda de dez centavos. Eu giro o pescoço longo e magro para que ele lance um feixe de luz doze polegadas na minha frente. Meus olhos começam a se ajustar. A sala toma uma névoa escura, tudo borrado em contornos indiscerníveis sob o facho da minha lapela.

Estou prestes a andar por aí quando algo ataca meus pés. Gritando, eu ataco meus dedos em alguma hera na parede para ficar de pé. Uma videira corta a dobra interna de uma junta, levando a picada a um corte de papel. Eu coloco meu dedo na minha boca para aliviar o palpitar, provando o sangue, mas eu não consigo pensar além do que ainda está enrolado nos meus tornozelos. Cada músculo ficou tenso, eu empurro minha perna esquerda e a solto.

Um pacote de fralda acinzentada sai do emaranhado de minhas botas e saia e entra na luz LED.

— Diable? — Eu pergunto hesitante, quase sem fôlego. O gato me olha e rosna. Suas orelhas — desproporcionalmente grandes, como os de um morcego — se espalharam baixo em sua cabeça.

Eu me inclino para frente, os cotovelos pressionados contra os joelhos e rindo, aliviada por achar o gato tão real quanto eu, e não um fantasma.

Diable responde com um profundo e gutural uivo, seus olhos verde-amarelados me encarando. Ele obviamente não está tão impressionado por estar compartilhando o espaço. Sua cauda se contorce. É uma forma estranha e viciada — como se estivesse quebrada uma vez e nunca foi curada — tão fina que lembra um cabide embrulhado em feltro.

— Uau. Você realmente parece uma almofada SOS. — Eu provoco e estendo minha mão para uma oferta de paz.

Ele fareja uma respiração sobre mim e espirra na palma da minha mão, como se para me assegurar que ele poderia parecer uma esponja azeda, mas eu sinto o cheiro de uma.

Eu sorrio. Ele provavelmente está certo. Eu tenho estado temperamental desde que me estraguei no cemitério, e estar aqui piora. O ar está muito perto — claustrofóbico. Movendo a luz do livro para o corpete do meu vestido, eu tiro meu suéter encharcado e o coloco sobre as rosas na banheira para me distanciar do que aconteceu no túmulo — pelo menos por enquanto. Em seguida, puxo minha bandana e a uso para amarrar meu cabelo molhado em um rabo de cavalo, deixando apenas alguns cachos grudados nas minhas têmporas e na nuca.

Diable perde o interesse e sai do raio do meu feixe.

Eu me ajoelho e movo o pescoço da luz do livro para procurar o que o gato estava brincando aos meus pés quando ele me tropeçou. Uma pulseira de

plástico transparente, como as pessoas usam em um hospital, raspa sob a ponta da minha bota. Eu mudo, e outra coisa rola abaixo do meu calcanhar: um cordão de plástico flexível e transparente, com uns quinze centímetros de comprimento. Gotas de líquido vermelho se agarram ao interior. Isso me lembra de uma sonda intravenosa, retirada de um paciente. Meu estômago se revolve.

Esses itens são tão íntimos... lembretes de Ben e papai. É muito oportuno, depois de ter pensado nos dois hoje. Talvez eu esteja perdendo a cabeça para a culpa.

Eu cutuco o tubo com a ponta do dedo, provando para mim mesma que é real, e outra teoria toma forma. Talvez quem quer que tenha feito a brincadeira comigo tenha usado esta capela para os preparativos. Isso poderia ser das rosas que estavam sangrando — parte do mecanismo dentro de suas hastes. Determinada a fazer o meu caso, eu recupero os dois itens e os coloco na banheira ao lado de todo o resto.

Estou ansiosa para sair e me esconder no meu dormitório, onde posso juntar os acontecimentos no jardim e no cemitério, mas os relâmpagos continuam a queimar os arredores em intervalos. Eu tenho que esperar a tempestade.

O confidente Diable nas sombras me dá conforto. Ele não está nem um pouco inquieto, então não pode haver nada de perigoso aqui. Resituando a luz no meu corpete, movo o pescoço para ver mais pistas.

Não há esconderijos. Sem bancos... sem altar de oração e sem púlpito. Nada que se esperaria encontrar em uma tradicional casa de adoração — apenas uma sala espaçosa e vazia, com um ar de tristeza e solidão flutuando com as partículas de poeira do teto da catedral. Ao longo da metade esquerda — a parte de trás da capela — o piso desmoronou ao longo do tempo, inclinando-se para baixo. Uma capa de solo espessa reveste-a como carpete.

Seguindo os jingles de Diable, aproximei-me mais do lado direito — a frente — onde a progressão da natureza foi mais lenta. As ervas daninhas se ergueram das rachaduras da fundação, assim como as videiras atravessam as paredes, mas em intervalos esporádicos. Eu dou pequenos passos enquanto minhas botas escorregam em cima de um filme arenoso na superfície pedregosa.

A silhueta do gato salta para pousar no que já foi um batismo. Eu me junto a ele na bacia oval. A borda de tijolos me atinge no meio da coxa. Uma piscina de água escura reluz dentro — cerca de nove metros de diâmetro — lembrando-me de um poço. Parece incomumente largo e profundo. A cicatriz no meu joelho palpita, e eu estou revivendo a memória temida... Chutando meu caminho para

fora de uma caixa de madeira que me segurava debaixo d'água.

Eu sacudo o desconforto; deixo correr pela minha espinha como gotas de gelo derretendo.

Não há nada a temer aqui. É um batismo. As pessoas estavam ali. A água não pode ser muito profunda. É uma ilusão criada pela escuridão. O raio preso ao meu vestido brilha ao longo da superfície vítrea. Seu reflexo brilhante se move em ondulações quando algo se move para dentro.

Diable percebe as ondulações também. Ele parece intrigado. Suas orelhas longas e pontiagudas inclinam-se para frente e ele se equilibra no lábio da bacia, batendo na água com uma pata e emitindo um longo e baixo gemido que começa no fundo de sua garganta e termina com um rosnado agudo de dentes.

A água incha como se algo estivesse surgindo. Minha pele fica fria e úmida.

Tem que ser um peixe... ou um sapo.

Eu dou um passo para trás, porque estou mentindo para mim mesma. O que quer que esteja fazendo a água se agitar, é grande demais para ser. Eu li uma vez que os ratos são bons nadadores. Com sua capacidade aquática e corpos flexíveis, eles podem subir dos esgotos da cidade até os banheiros. Recuo mais dois passos, meu orgulho é a única âncora que me impede de fugir com medo.

— Ei gatinho... — Eu engulo em seco. — Você prendeu um rato lá dentro? — Os olhos de Diable ficam presos nas correntes, deixando minhas palavras para ficarem no ar, provocando minha imaginação furiosa.

Eu não sou uma garota nervosa. No verão passado, fui eu quem levou a casa de estimação da aula de biologia. Ninguém se ofereceu para cuidar da nossa tarântula mexicana de joelho vermelho por três meses. Mas a irmã Scarlett e eu nos demos muito bem. Especialmente no momento da alimentação. Por alguma razão, fiquei intrigada pela maneira como ela prendeu sua presa contra a parede do terreiro, pela maneira como ela dançava em volta do críquete saltitante até que ficou tão encantada com terror e fascinação, que congelou no lugar e praticamente implorou para ela comê-lo

Isso foi antes de Ben.

Náusea varre através de mim no pensamento. Depois do nosso encontro, percebi porque me encantava com os rituais de alimentação da aranha, que havia algo no meu sangue cigano — algo contaminado e errado... assim como vovó disse.

A água no batismal surge novamente. Se é um rato, é o maior que eu já vi. A protuberância que sobe por baixo é agora do tamanho de uma bola de

basquete.

Eu tento ajustar minha luz, mas meus dedos trêmulos derrubam o pescoço de modo que o raio se desloque para os dedos dos pés. Antes que eu consiga consertar, uma onda se eleva, derramando água em mim, no gato e no chão.

Penas e asas emergem em sincronia com uma cavalgada de relâmpago. Um pescoço longo e gracioso se desenrola no mais belo cisne que já vi — tão vermelho, brilhante e vívido quanto o sangue que escorria das rosas mais cedo.

O trovão rola e Diable investe no pássaro. Ele perde o equilíbrio, entrando na barriga da água primeiro.

O cisne solta um coaxar de trombetear e depois bate as asas. Eu me esquivo de seus pés palmados enquanto ele mergulha sobre minha cabeça em uma rajada antes de pousar em segurança nas sombras na parte de trás da capela, fora de vista. O pássaro fica em silêncio, ao ponto de me perguntar se ainda está lá.

Uivando e cuspindo, Diable me chama a atenção. Sua batalha contra a água o impulsionou para o meio do batismo. Eu tento alcançá-lo, mas mesmo quando minhas coxas batem na borda da bacia, meus braços não são longos o suficiente.

Minha garganta se acumula. Hesito, dizendo a mim mesma que não é como quando eu era pequena e meu livro de contos de fadas Les Enfants Perdus caiu no rio... a água não é profunda o suficiente para cobrir minha cabeça. Minha avó não está sentada no banco dos réus ao meu lado, esperando para me empurrar pela borda e me prender debaixo de uma caixa quando tento recuperar a coisa que sobrou do papai.

No feixe de luz do meu livro, vejo a cabeça do gato desaparecer.

Dedos cavando os tijolos, eu puxo para cima na borda e equilíbrio meu quadril direito lá. Eu me inclino para o lado, me ancorando com as pernas dobradas sobre a orla externa, e enterro meu braço para dentro. Depois de mexer a água fria ao redor, eu pego a bola de pelo por seu colarinho.

— Você sabe, um pano de prato teria a decência de ficar quieto. — Eu o repreendo enquanto ele luta contra mim até que a água fria cobre meus dois braços. A luz do meu livro cai durante a nossa luta, submergindo em um rastro cintilante.

Nosso ambiente escurece novamente, quebrado por esporádicos golpes de relâmpago. Eu puxo o gato perto o suficiente para a borda para que ele possa sair. Assustado por um estrondo de trovão, suas patas dianteiras se prendem ao meu joelho com farpas afiadas como navalhas. Gritando, eu me contorço para

me libertar. Nós nos separamos, ele caindo em segurança e eu balançando-me de cabeça na água, engolido por sombras líquidas e frias.

Eu virei, incapaz de endireitar meu corpo, arranhando meu rabo de cavalo solto na luta. A luz do livro desce abaixo em câmera lenta — como uma nebulosa estrela amarela orbitando mais e mais longe à distância — iluminando as bolhas e as correntes turbulentas causadas pela minha entrada violenta. As profundezas parecem ser intermináveis.

Meu corpo se agarra ao medo, tão frágil e disfuncional quanto o exoesqueleto vazio de um grilo depois de ser drenado por uma aranha faminta. Meus membros de peso morto me arrastam para baixo, suspensos em uma teia de medo, e tudo vem correndo de volta... o aperto dos meus pulmões me implorando para respirar, a lágrima das minhas unhas contra lascas de madeira, o redemoinho do meu cabelo emaranhado em volta do meu pescoço.

Vovó, por quê?

Um braço prende minha cintura por trás, parando minha descida com um solavanco. Em algum lugar além do murmúrio abafado de água que preenche meu subconsciente, aquele familiar violino toca meus tímpanos — pungentes, puros e sedutores — meu maestro me comanda a lutar. Uma faísca, quente e carregada, como um choque de uma tomada, salta do corpo do meu salvador para o meu, e eu revivo o suficiente para começar a chutar novamente.

Fui arrastada para fora da borda como uma mala, cortando o sabor da bílis e da água azeda. Meus pés esmagam dentro de minhas botas encharcadas enquanto tento me levantar. As solas saem de debaixo de mim e sinto falta de bater minha cabeça na bacia de tijolos por centímetros quando um par de mãos enluvadas me pega. Eles me acomodaram para sentar no chão ao lado do poço, limpando o cabelo viscoso colado nos meus olhos antes de inclinar meu queixo para trás, como se estivesse me inspecionando por hematomas.

Tossindo de novo, eu me solto e olho para a escuridão, meio esperando ver vovó em meu estado febril, meio que esperando que ela finalmente ofereça alguma explicação para tentar me afogar.

Em vez disso, a silhueta imponente assume uma forma diferente: ombros largos e uma construção masculina dentro de roupas escuras. Tão concentrada nele, mal noto que a chuva diminuiu — que as nuvens começaram a afinar e uma luz cinzenta e transparente embeleza a sala. A figura parada em cima de mim entra em foco antes mesmo de eu estar ciente disso.

Cachos espessos de cabelos escuros cascateiam pela testa e pingam água pelo nariz de sua porcelana, meia máscara branca. Riachos descem pelo lado nu

de seu rosto — algumas reais, do banho que ele encontrou enquanto me tirava do poço, e outras impressões, da chuva miúda e das cores irregulares estampadas em sua pele pela luz filtrada pelos vitrais... Eu engulo um suspiro de reconhecimento.

É o jardineiro... *o Fantasma.*

Eu não tenho imaginado nada. Eles são um e o mesmo.

A descrição de sua deformidade de cada encarnação da história, o que se esconde embaixo do encobrimento, me insulta: pele amarela apodrecida... sem nariz ou lábio superior... testa e olhos afundados. Mas minha atenção se desvia para o lado esquerdo e as feições são simétricas e sensuais. Ele é seu próprio papel — dois opostos polares, esmagados no lugar como metades de barro desencontradas na forma imaculada de um homem.

— Eu sabia... — Eu murmuro, meu pulso sacudindo as palavras na minha garganta. — Você é real. — Eu não tenho certeza se estou me referindo a ele ser o Fantasma, ou o maestro dos meus sonhos.

A metade nua de seus lábios se contorce, como se debatendo se deveria responder.

— Era você o tempo todo. — Eu acuso. — As rosas que sangravam, os uniformes rasgados, o pássaro morto. — É minha voz, mas outra pessoa deve estar falando através de mim, porque onde eu encontraria a coragem com tanto medo batendo dentro do meu peito? Eu não tenho a presença de espírito para exigir a razão pela qual ele fez essas coisas... talvez para me levar até aqui, então eu o encontraria. Mas por que?

Então isso me atinge... única razão pela qual ele poderia querer que eu o encontrasse. E eu também quero. Eu quero tanto, meu sangue queima.

— Por favor, me diga que você está aqui para me ensinar. Para me ajudar a liberar minha música, como você fez para Christine. Percebo tarde demais que digo o nome dela errado. Ele escapa antes que eu possa pará-lo, antes que eu possa ouvir o quão insana soo. Quão insano é esse momento. Eu não sou cega para a ironia: que a minha necessidade de me sentir normal me levou a procurar o conselho do *anormal.*

Eu olho para ele, esperando. Seu silêncio chega tão alto quanto o teto da catedral, interminável. Apesar de seu tamanho impressionante, ele se dobra sem esforço, agachando-se para esticar uma mão virada para cima. Eu recuo, horrorizada, meu pulso trovejando uma advertência através dos meus ouvidos.

Uma expressão de simpatia e súplica aprofunda seus olhos castanhos, antes de flutuarem para aquele olhar cintilante e acobreado que vi no jardim quando

cheguei. O olhar que está sempre lá para me arrastar da água em meus sonhos e agora na minha realidade.

Atraída por sua atração magnética, eu me torno o grilo, fascinada por seu captor de oito pernas. Apesar de todo instinto me dizendo para pular para longe o mais rápido que posso, eu pego sua mão enluvada e me empurro para cima com o apoio dele, meus quadris encostados na borda da bacia para que meu rosto esteja nivelado com o esterno.

Meus olhos se dirigem para os dele — meus outros sentidos sintonizados com cada aspecto de sua realidade: A força de seus dedos de couro em volta da minha palma, o ritmo constante de sua respiração a apenas alguns centímetros da minha testa.... O cheiro de sua pele quente, úmida e terrosa, como musgo no chão da floresta, banhada pela luz do sol e pelo orvalho.

Pavor e esperança lutam pelo controle dentro do meu coração, ameaçando implodir o órgão. Como se absorvesse meu tumulto interno, um leve brilho de luz se espalha em seu esterno, sob suas roupas escuras, lembrando como eu brilhava quando devorei a ansiedade de Ben.

— O que você é? — Eu murmuro.

O lado nu do rosto muda, suavizando-se para uma expressão tão aberta e etérea que ele parece quase angelical. — O que nós estamos querendo dizer? — Sua resposta reverbera em torno da capela, profunda e áspera — palavras inglesas emolduradas por um sotaque francês. Ele se encolhe com o eco estrondoso, como dói ouvir a rouquidão de sua própria voz.

Para vê-lo vulnerável, mesmo que por um instante, desperta aquela fome mórbida em mim — uma luxúria que eu não entendo e não posso controlar. Com a mão livre, toco o peito dele para reabsorver o brilho que ele roubou, sem hesitar. Seu olhar se desloca para o nosso ponto de contato. O ar parece se fechar em torno de nós, nos aproximando, embora nenhum de nós se mova. A luz atrás de seu esterno se aprofunda em verde e se infiltra na ponta dos meus dedos, depois escorre pelas minhas veias, quente e inebriante. Meu corpo acorda energizado.

Sua mandíbula aperta e com um zumbido carregado, uma luz verde acende no meu próprio peito. Ele se encaixa nas minhas veias, na ponta dos meus dedos e depois nele. A perda me deixa faminta. Franzindo a testa, eu me concentro, persuadindo o brilho para mim novamente, mas desliza na escuridão entre nós. A luz balança para frente e para trás enquanto lutamos pelo domínio.

Incapaz de escolher, ela para em pleno ar — uma bola verde e crepitante — e explode em mil pedaços e flutua para cima, como sementes luminosas de

dente-de-leão, levando embora meu apetite insaciável. Tudo o que sinto sob meus dedos agora é o batimento cardíaco dele, firme e forte. Ele combina com o meu, satisfeito e controlado. É como voltar a um lugar que eu já estive antes, um lugar que venho tentando encontrar de novo há anos — talvez para toda a minha vida.

Casa.

Essa sensação de paz e conforto aumenta a adrenalina, de mãos dadas, subo mentalmente com meu parceiro em um platô antigo e onisciente, vejo nossas imagens do topo e vou até a borda, preparada para mergulhar com ele nos cosmos.

Espera... O que eu estou fazendo? Eu vacilei, com medo das alturas vertiginosas, ancoradas apenas pela palma da minha mão, tão pequena, envolvida na sua.

Mostrando os dentes retos e brancos que não estavam cobertos pela meia-máscara, ele morde a luva em sua mão livre, retirando o couro. Com o polegar, ele toca minha têmpora e silencia as dúvidas internas.

Um pulsar emana onde ele pressiona. Uma corrente, musical e pura, passa do meu crânio para a minha coluna até os meus pés. Eu sou uma coisa trêmula — a corda arrancada de um violino negligenciado, sacudindo a poeira do desuso até que a harmonia ressoe entre eu e meu maestro, puro, triste e doce.

— Sim, nós vamos conquistá-los, Rune. — Eu sinto sua voz rala na palma da mão em seu peito. A ternura que ele atribui ao meu nome, transmitida com tanta dor, desliza através do resíduo calcário que reveste meu cérebro. —As melodias que te assombram. — Seu polegar acaricia a linha do cabelo acima da minha orelha, e ele se inclina tão perto que eu sinto seu sussurro quente a apenas alguns centímetros dos meus lábios. — Estou aqui. Na sua mente. Ouça a voz do meu violino dos seus sonhos. Feche tudo, menos eu. Juntos, nós já possuímos as notas... cada uma delas.

Observando-me atentamente, ele deixa cair as mãos e se afasta. Minha palma cai ao meu lado e a corrente musical nos amarra. Com um farfalhar de tecido, ele agita a capa para se esconder. Uma nuvem de fumaça reluzente, cheia de enxofre e cinzas, forma uma parede. Uma vez limpo, ele se foi, como se tivesse desaparecido no chão.

Sem seus olhos ou toque para me segurar, eu desperto do meu estado atordoado, sacudida e crua, mas, ao mesmo tempo, iluminada.

Tudo o que resta do Fantasma são poças em forma de pegadas e uma luva preta descartada. Diable passeia de um lado para o outro, abaixa as ancas e

franze a testa para mim enquanto lambe o pelo molhado e lanoso. Ele boceja, como se estivesse entediado... como se o encontro monumental nunca tivesse acontecido.

Meu corpo sabe melhor, minha língua ainda saboreando o sabor do batimento cardíaco do Fantasma — uma queimação cáustica deliciosa como uma carga elétrica.

Franzindo a testa, eu pego a luva e vou em direção à porta — meu foco nunca se desvia do lugar onde ele estava. Eu escorrego duas vezes antes de pegar a banheira e mergulhar de volta no cemitério, não mais correndo de rosas sangrentas, melodias operísticas ou um passado cheio de culpa.

Pela primeira vez em anos, estou correndo em direção a algo... em direção à garota em meus sonhos que tomou seu lugar entre os planetas e estrelas, ao lado de um par de olhos cintilantes e acobreados.

11
A natureza temporária Das coisas preciosas

"De todos os bens, um amigo é o mais precioso."

Herodotus



Eu tropeço no grand foyer, meu corpo frio e úmido, mas minha mente está em chamas. A porta bate atrás de mim, ecoando pelas espaçosas cavidades de mármore branco. Na luz da tempestade, olho em volta. Minhas roupas pingam,

formando poças — um ritmo ritmado para acompanhar as imagens que clicam em minha mente: vislumbres de um homem mascarado com uma voz quebrada e mão forte.

Cada estátua de bronze olha de volta — onisciente e familiar, como se eles estivessem ligadas ao Fantasma — me dando as boas-vindas à sua irmandade secreta com olhares esculpidos e expressões imortais.

Como isso é possível? Que ele é o maestro que esteve nos meus sonhos todos esses anos? Não pode ser, mas seus olhos brilhantes disseram o contrário, assim como seu conhecimento da música que compartilhamos nesses sonhos.

Uma emoção formigante me atravessa ao pensar em quantas vezes ele me ajudou a escapar dos meus pesadelos de afogamento, de novo e de novo e de novo. E então hoje, ele veio em meu socorro quando eu caí na pia batismal na realidade.

Ele não deveria ter estado lá em primeiro lugar. O personagem fictício morreu no final do livro. Sozinho, sem a mulher que ele amara e obcecara até que a loucura se tornasse inextricavelmente entrelaçada com seu gênio. No final, ele não tinha ninguém a não ser um chefe de polícia que ele conheceu em um país estrangeiro ao seu lado enquanto fechava os olhos em morte.

Quanto dessa história é verdadeira para a inspiração de Leroux? Ele deve ser um fantasma. De que outra forma ele ainda poderia estar neste mundo e parecer tão próximo da minha idade depois de mais de um século? Mas eu não sou um fantasma, então isso não faz sentido.

— *O que você é?* — Eu perguntei.

— *O que nós estamos querendo dizer?* — Sua resposta insultada rola através de mim, os créditos para um filme de terror que eu vivi sem nunca saber que eu era um extra.

Eu ainda não consigo imaginar a resposta... o que nós somos?

O que eu sou?

Algo escuro e com fome. Eu tenho apetite. Ele arranha em algum lugar dentro de mim... o mesmo lugar que prosperou na luxúria e no medo de Ben. É um instinto mórbido que eu compartilho com o Fantasma, algo que ele entende e pode satisfazer apenas segurando meu olhar e minha mão, tirando luz do meu coração e juntando-o ao seu. O calor dessa conexão ainda se aninha debaixo do meu esterno — me alimentando.

Vovó Liliana estava certa. Eu sou uma maldição, um monstro. Ou uma assassina.

Minha garganta aperta, como se as garras segurassem. Papai... Eu matei

você de alguma forma, como eu quase matei Ben?

Um soluço borbulha dentro da minha boca. Lágrimas picam meus olhos.

A solidão do foyer amplia o remorso que me rola em ondas. Minhas mãos tremem, não importa o quanto eu tente acalmá-las. Piscando os olhos para limpar as lágrimas e os pingos de chuva dos meus cílios, eu tiro minhas botas e as deixo na porta, junto com o tubo cheio de uniformes rasgados, um buquê assombrado de rosas e outros itens misteriosos que eu preciso examinar mais tarde. Mas agora, antes de todos voltarem de Paris, tenho que deixar minha experiência acontecer. As respostas estão lá, se eu puder processá-las.

Eu levanto a luva preta para fora da banheira e a puxo. É muito grande, mas o peso disso é reconfortante.

Há coisas que não se somam, que contradizem as histórias. A beleza da voz do Fantasma era sua arma suprema — uma areia movediça acústica que poderia consumir e segurar qualquer presa. Mas na capela, sua voz era um som cru e danificado. Foi o toque dele e a profundidade de seus olhos que me capturaram.

Então houve o cisne vermelho. Eu nunca vi uma dessa cor. Eu não sabia que eles existiam. O pássaro era sobrenatural. O modo como desapareceu nas sombras logo antes de o Fantasma se materializar para me salvar, eu pensaria que eles eram um e o mesmo. No entanto, há outra possibilidade: no folclore, criaturas sobrenaturais, como bruxas e vampiros, têm familiares que fazem o lance do mestre. Esse é o papel do pássaro em sua vida?

Vida. Se o Fantasma é um ser sugador de sangue, ele não pode estar realmente vivo.

No entanto, ele era inegavelmente real. Real o suficiente para eu sentir sua carne contra a minha, para sentir seu hálito a poucos centímetros dos meus lábios. Ele não pretendia me tocar... ele havia planejado ficar escondido. Eu senti isso. Ele lutou escapando das sombras, mas finalmente desistiu porque precisava, para me salvar.

Aquele lugar acima do meu ouvido, onde ele traçava meu cabelo e minha pele, ainda vibrava com música — um lembrete visceral e tonal de que nós trocamos batimentos cardíacos, e então caminhamos juntos em nossas mentes enquanto ele mostrava nossas semelhanças.

Tudo parece diferente agora, decifrado através de seus olhos. Meus sentidos zumbem para aumentar a consciência, e minhas emoções se retorcem e se emaranham com as dele. Eu posso distinguir sua silhueta enquanto estou ao lado dele, me escondendo atrás dos espelhos ao longo das paredes. Eles são, na

verdade, janelas do outro lado, e ele olha — observando estudantes indo e vindo, às vezes vestidos de veludo, cadarços, ternos... gotejando joias, peles e direitos enquanto ocupam seus lugares no palco. Ele deseja estar na plateia... fazer parte do brilho e do glamour, sentar-se com os amigos e rir do comum e do mundano até que as cortinas se levantem e apresentem um mundo de romance, aceitação e magnanimidade como nunca conheceu.

Em seguida, eu o sigo profundamente abaixo do solo, mas não aqui — não a casa de ópera. É um momento anterior e mais perigoso. Ele compartilha uma jaula com outras crianças que eu não consigo ver; eu ainda estou cega para o rosto dele, talvez porque agora estou olhando em seus olhos. Eles são tratados como animais, mas é diferente para ele, porque ele é diferente. Sua aparência força seus algozes a isolá-lo e roubar algo tão precioso que o deixa incompleto, humilhado e perdido. Para o ponto ele quer morrer.

Meu coração afunda dentro do meu peito — uma âncora arrastando as profundezas de seu desespero. Eu me liberto em outra memória. Um tempo mais quente, antes de sua perda. Eu posso sentir sua fome intensa; ele fica sem comida com frequência. Sentado em uma mesa empoeirada, ele faz uma pergunta inocente e ouço a voz doce de uma francesa, repreendendo-o. É a mãe dele.

—Você não quer esse tipo de amor. — Diz ela. — Não é amor em tudo. Está escuro e é malvado. Assim como o diabo e a bruxa em sua história favorita, que tratavam Jean e Jeanette como posses, para serem comidas como bezerros engordados. Mas as crianças são poderosas e espertas. Eles devem ser tratados como presentes dos céus.

Um diabo e uma bruxa... Jean e Jeanette... o conto de fadas da minha infância: Les Enfants Perdus. Sua mãe costumava contar a mesma fábula que meu pai leu para mim.

Naquele piscar de reconhecimento, a visão se esvai. Eu estou no vestíbulo, de pé dentro da academia, com minhas roupas encharcadas e usando uma luva de homem. É aí que a intuição para.

Eu preciso de mais. Eu preciso da história do Fantasma. Eu preciso de tudo. Porque de alguma forma, meu presente, e até partes do meu passado, estão entrelaçadas com as dele.

Eu ando, dedos mexendo em sua enorme luva de couro, conduzida por pegadas espectrais que posso sentir, mas não vejo. Eu percorro os corredores em direção ao teatro renovado — o playground mortal do Fantasma. Meus pés molhados ficam mais frios a cada passo. Além de minhas roupas pingando, a

jornada é tranquila. É a ausência de som que me leva para frente... um silêncio que respira e acena.

Quando abro as portas duplas pesadas e elaboradas, meu fôlego fica preso, os pulmões cheios de serragem, tinta fresca e a esterilidade do polidor de móveis. Eu sustento as portas abertas, permitindo que a luz do corredor atravesse incontáveis fileiras de assentos como uma nebulosa escura. É a primeira vez que estou aqui. Não tenho certeza de onde estão os interruptores, então a iluminação esparsa é tudo que tenho.

Eu considero as peças e óperas que foram realizadas aqui séculos antes, antes que os três últimos andares pegassem fogo, antes que a fumaça e a fuligem forçassem os designers a manchar a decoração de madeira em preto. Contaminando as bordas desses momentos são os assassinatos que os rumores de o fantasma ter cometido em uma casa de ópera muito parecido com esta. Eu me pergunto se alguém realmente sabia o que aconteceu. Qualquer um que não seja o objeto de sua obsessão.

Ele parecia sincero quando disse que me ajudaria. Talvez seja o que ele queria com Christine... Christina... no começo: ser sua amiga. Para ajudá-la. Até que ele se apaixonou perdidamente por sua própria criação.

Se as histórias são verdadeiras, ele é perigoso. Mas e se eles forem embelezados ou completamente errados?

Eu desço o corredor inclinado. Os adereços semi-acabados do Sr. Jippetto estão em lonas de lona, em preparação para a próxima ópera. Eles atravancam o meu caminho e eu passo ao redor deles. Na noite da apresentação, tudo o que vai precisar é de um movimento dos pulsos, e holofotes prismáticos vão se alinhar nas vigas, espelhando a paleta do arco-íris que vejo quando canto — aquela que sempre acaba manchando minha mente com manchas vermelhas de sangue no momento em que a última nota é arrancada da minha alma.

A escuridão, a boca escancarada do palco espera abaixo. Um dos lados das cortinas de veludo vermelho se abre — a língua de um lobo raivoso, babando para devorar minha música e me deixar estripada e drenada.

Por tanto tempo a música me deixou seca, mas hoje algo mudou. Quando o Fantasma me tocou, quando seus olhos seguraram os meus, senti isso. E eu ainda sinto isso agora.

Há uma nova compulsão queimando por dentro. Não uma melodia serpentina enrolada em volta do meu coração e apertando, exigindo ser purgada para que a toxina possa me derrubar. Determinação e confiança estão me guiando agora.

Eu quero cantar a melodia de Renata, enquanto todo mundo está fora, para provar para mim mesma que posso fazer isso até o fim sem ficar doente, mas também na chance de meu maestro estar nos cantos mais distantes deste teatro, na caixa cinco, esperando... expectante. Eu levanto a luva para o meu nariz, inalando o cheiro de couro. Eu quero agradá-lo, porque isso traria prazer para mim. Somos imagens espelhadas, de alguma forma. Meus desejos são dele.

Meu olhar passa da varanda escura para o ponto mais alto do teto, onde um lustre gigantesco brilha na luz fraca: milhares de cristais em miniatura, ansiosos para refletir minha humilhação ou triunfo.

Subindo os degraus para o palco, eu paro quando algo sussurra no fosso da orquestra, seguido por um baque suave e um estalido. Eu olho para a escuridão impenetrável de veludo. O silêncio alcança novamente e eu continuo subindo as escadas. O que eu tenho que temer? O Fantasma está em todos os cantos desta casa de ópera. Ele não deixa nada entrar no meu caminho.

Ele quer me ouvir cantar... para me ouvir triunfar.

De perto, as cortinas não parecem mais vorazes ou ameaçadoras. Em vez disso, elas me recebem.

Viro-me para as filas de assentos, endireito minha postura no centro do palco e respiro fundo. Abrindo minha garganta para ampliar o espaço na parte de trás da minha boca, eu libero a primeira nota. A sala começa a girar, mas não há dor, apenas o lamento fraco de um violino — o dos meus sonhos — quando ele se adapta à minha música, reorganizando o gemido de suas cordas, mudando seu ritmo e melodia até deslizar pela melodia para encaixá-lo, como a luva embalando minha mão. Eu fecho meus olhos e estudo a silhueta do violino em minha mente, observando essas curvas femininas crescerem e balançarem até que elas tomem a forma masculina do meu maestro. Meu vestido floral simples se transforma em um vestido de ópera vermelho, fluindo e exuberante. Ele trava os dedos nos meus e puxa meu peito contra o dele, minha bochecha aninhada entre o esterno e a clavícula. Sua mão livre roça minha parte inferior das costas e nos dobramos como pétalas de rosa, tão perto que nos movemos como um só. Nós dançamos. O violino se torna sua voz, fazendo serenata para mim enquanto eu o faço serenata de volta. A música ilumina nossos passos sincronizados, quente e amarelo como o sol, inundando nossos arredores, relaxando-me até que não haja tensão em meu corpo. Embora a auréola se enfraqueça da minha garganta em um poderoso crescendo de cor — o clima sombrio, louco e melancólico — eu não sou afetada. Bolhas de serenidade encapsulam cada staccato, trinado e glissando, depois levantam-nas das minhas cordas vocais e

rolam-nas dos meus lábios, sem esforço. Meu parceiro se afasta e me liberta no momento em que libero a última nota dourada — no controle completo.

O final se estica, sedoso e luxuoso, antes de cair em uma garoa audível que reveste todas as paredes, vigas e assentos com uma emoção trêmula.

A sala para de girar e eu fico de pé, forte e poderosa... vitoriosa. Pela primeira vez em dez anos, conquistei a música. Eu fiz isso.

— Eu fiz isso! — Eu grito, girando no lugar no palco, meu vestido floral molhado abrindo como uma sombrinha e borrifando água por toda parte. Eu não me sinto assim há tanto tempo... exultante, como quando papai me acompanhava, quando juntos carregávamos as músicas.

Essa culpa não respondida em sua ausência flutua no meu coração novamente, mas não consegue encontrar um lugar para se empoleirar. Meu peito está cheio de felicidade; parece resplandecente, como se estivesse brilhando por dentro. Eu olho para baixo para descobrir que é, e não posso deixar de me perguntar se em algum lugar acima de mim, o peito do Fantasma também está brilhando.

Eu olho para os assentos da caixa e projeto minha voz, sorrindo. — Obrigada!

O gemido suave daquele violino familiar responde, não em minha mente, não da varanda, mas do fosso da orquestra. Uma nota sensual murmurando que me envolve como uma carícia. Minhas bochechas formigam e eu pressiono as palmas das mãos nelas, só para perceber que a luva negra se foi da minha mão, como se ele a tivesse levado de volta durante a nossa dança. Como se ele realmente me segurasse em seus braços...

Antes que a magnitude dessa descoberta pudesse ser registrada, as luzes irromperam em cima, cegando. Eu sombreio meus olhos.

— Você perdeu a cabeça? — A voz explosiva de Madame Bouchard salta ao redor do auditório.

No minuto em que meus olhos se ajustam, eu estudo o fosso da orquestra. Um par brilhante de íris verde-amarelo olha para mim. Diable. Além de filas de cadeiras, nada mais está lá. Nenhum instrumento... sem fantasma. . . sem luva. Desde quando um gato pode soar como um violino?

— Bem, o que você tem a dizer por si mesma? — A pergunta de Bouchard corta minha perplexidade.

Ela está de pé dentro das portas que deixei aberta, uma mão no quadril. Seus lábios finos estão esticados em um grunhido — uma expressão ofuscante, mesmo em toda a extensão da enorme sala. Ela tem o cabelo puxado em um

coque apertado. Com o trabalho de cor dupla, branco no couro cabeludo e fúcsia na nuca, ela se parece com um puff pó mal-humorado. Seria quase cômico, não fosse pelas luvas de látex e o sangue espalhado no babador do avental branco. Eu devo tê-la interrompido enquanto ela estava trabalhando em seu mais recente projeto. Sunny disse que há rumores de que quando ela fica sem animais mortos, ela arma armadilhas para animais na floresta. Do jeito que ela parece agora, enlouquecida e sedenta de sangue, acho que ela está demente o suficiente para descascar atropelamentos da estrada que leva ao RoseBlood.

Eu me encolho.

No começo, me pergunto se ela me ouviu cantando... se ela está com raiva de novo porque acha que eu estou tentando acalmar seu pupilo e roubar o papel principal de O anjo ardente. Então percebo o que fiz... a linha de água lamacenta que eu localizei no tapete vermelho do auditório, bem como a piscina em volta de mim no palco. Eu nem imagino o quão ruim o mármore branco no foyer e nos corredores deve ser.

— Eu sinto muito. Eu não estava pensando.

— Aparentemente não. Você tem alguma ideia, o tamanho do dano que a água pode causar ao mármore, madeira e carpete?

Meus lábios congelam juntos. Oiseau chanteur... Pássaro canoro.

Ela me ouviu.

— Há um limpador de carpete lá, atrás das cortinas. Conserte sua bagunça antes que todos retornem e a acompanhe por toda a escola. Entendido?

Eu concordo.

Com desdenhoso desdém, ela olha para mim com o nariz inexpressivo — um gesto desnecessário e exagerado, dado o fato de que estou em pé no meio de um palco afundado.

Quando ela se vira para sair, ela lança um meio olhar por cima do ombro, mostrando apenas seu perfil severo. — Não importa se você domina o bel canto. Você não tem força para ser nossa prima donna. Renata tem que cantar mais de dois terços da ópera. Não há nenhum anjo, fogoso ou não, que possa prepará-la para esse tipo de papel. Então você conseguiu uma melodia por fim, aqui na escuridão sem ninguém olhando. Uma vitória momentânea, já desaparecendo. Qualquer tentativa de todo o repertório antes de uma audiência, e seu medo do palco mataria você. Abandone a música e volte para casa para os Estados Unidos. Essa é a melhor escolha para todos, você não concorda?

Eu fico olhando para ela de queixo caído.

Sem outra palavra, ela sai, fechando as portas atrás dela com um baque

violento.



Sentada em seu quarto, com apenas o suave brilho azul de seu aquário para guiá-lo, Thorn se perdeu em sua música — um movimento noturno sombrio e escuro de Shostakovich.

Ele embalou o pescoço do violino, o queixo descansando sob o queixo como a mão amorosa de uma mãe, e deixou as cordas falarem, persuadindo as notas com um reposicionamento dos dedos esquerdo e o deslizamento líquido do arco. Eles compartilharam uma dança familiar, fundada na confiança e sensação, aperfeiçoada após horas, dias e anos de apresentações juntos. Assim como a dança espiritual que ele compartilhou com Rune no teatro há apenas uma hora, enquanto seu corpo se escondia na escuridão do fosso da orquestra.

Seu olhar ficou preso na luva negra a seus pés, lembrando como se sentia ao segurar suas curvas suaves contra ele, como seu doce perfume laranja-baunilha incorporava a pureza de sua magnífica voz... quão gravemente ele traíra o Pai Erik.

Felizmente, seu pai estava tão absorto em seu lado pessoal do planejamento, que nem sequer poupou Thorn de olhar para o seu retorno. Erik estava com muita pressa, indo para o laboratório da adega, para perguntar sobre o progresso.

Mas era só uma questão de tempo. Logo, ele viria em busca de notícias sobre seu “pombo” e a verdade não seria bem recebida.

Apertando o queixo, Thorn levou a voz do violino a um fervor lamentoso, um apelo por perdão, alterando o centro de equilíbrio do instrumento e a pressão do arco, inclinando o corpo para a frente em uma pose humilde. A peça não era mais a de Shostakovich. Era dele... uma peça recém-inspirada nascida da culpa... uma oração pela absolvição.

Levando a música a um fim de partir o coração, ele colocou o violino delicadamente no estojo. Seus dedos traçaram as linhas, a perfeita imitação das curvas de uma mulher, depois se moveram para o pergaminho na ponta do braço, que se arqueava como a graciosa espiral de uma concha.

Foi um milagre que ele tenha evitado expor o brilho em seu peito quando ele voltou para casa depois do triunfo de Rune. Seu triunfo. Também pertencia a ele. Agora que ele e Rune tinham se conectado, fisicamente e espiritualmente,

suas emoções mais fortes e os mais poderosos surtos de energia alimentariam os seus próprios, e vice-versa, uma vez que ela aprendesse a controlar o poder.

Quando ela conquistou a música, sua felicidade radiante o encheu até a borda. Fazia tanto tempo desde que ele sentia tanta alegria; ele pensou que tinha esquecido como formar um sorriso genuíno.

O Stradivarius foi o presente mais precioso que ele já recebeu de Erik, valendo mais do que sua liberdade. Pois este violino era o começo dele e de Rune, e agora, desde que eles finalmente tinham feito contato físico, ela seria capaz de conjurar essas visões enquanto estivesse acordado da maneira que pudesse; ela não precisava mais confiar em seu subconsciente para tornar seu espírito manifesto como uma realidade. Eles podiam se tocar, saborear um ao outro, ouvir um ao outro em algum nível, independentemente da distância entre eles.

Thorn ainda não havia decidido se ficaria empolgado ou lamentado com a mudança dos acontecimentos.

— Você realmente domina a voz. — A declaração de Erik da porta sacudiu Thorn de seus pensamentos. — Ninguém mais poderia possuir esse instrumento agora. É uma extensão de você.

— Obrigado, Pai. — Ele fechou o estojo do violino. —Talvez mais tarde, você possa se harmonizar comigo no órgão de tubos. — Ele retransmitiu o pedido em um esforço para acalmar suas dúvidas internas. Ele costumava viver para seus duetos, mas Erik ficou tão distraído quando a academia abriu que ele abandonou todas as outras atividades.

— Eu senti falta de tocar. — Admitiu Erik, seu timbre tremendo com um ruído pungente de saudade. — Mas só quando ela estiver finalmente conosco, totalmente completa, eu posso ressuscitar a nossa música mais uma vez. — Ele era magro como um lápis em uma camisa branca para fora, calça cinza e máscara cor de carne. Tão deceptivamente frágil para o olho destreinado, mas sua mente era uma armadilha letal para qualquer um que ousasse julgá-lo apenas pela aparência.

Ainda assim, era inquietante vê-lo em desordem. Todos os anos que Thorn viveu aqui, Erik nunca foi menos do que meticuloso com suas roupas e arredores. Ultimamente, ele estava deixando essas coisas, muito preocupado para notar.

— Depois de um silêncio tão longo, ouvi-lo compondo novamente na semana passada foi divino. — O sorriso de Erik floresceu na borda inferior de sua máscara — larga e perfeita. Muitos haviam sido vítimas do encanto

impressionante daquela expressão parcialmente oculta; até mesmo Thorn não resistiu a sentir-se aliviado, apesar de seu humor tempestuoso.

Erik atravessou o mármore negro que se estendia de ponta a ponta e subia pelas paredes. Ange gingou a seus pés. Poeira entorpecia suas penas, uma indicação de que ela também estava no laboratório. O cisne raramente saía do seu lado, e só estava com Thorn mais cedo porque ela o seguiu quando ele escorregou do apartamento — ativou o alçapão no batismo com sua conta e nadou até a capela.

Sendo o familiar de Erik, ela foi capaz de sentir quando Thorn estava fazendo algo para ajudá-lo a alcançar seu objetivo. Ela seguiu Thorn para garantir que ele não estragasse as coisas. E depois ele tinha, exceto que ela e Diable tinham uma mão nisso... ou mais como uma asa e uma pata.

Ele teve sorte de o pássaro não poder falar, ou Erik já saberia.

Thorn colocou uma camisa cinza de manga comprida nos braços e ombros e apertou os botões. O tecido macio absorvia gotículas residuais de água do seu chuveiro. Ele entrou em seu quarto ainda pingando e caiu diretamente em sua cadeira para brincar sem colocar nada além de calças. Quando era mais jovem, muitas vezes ele era surpreendido por sua musa, parando para compor seminu, descalço e sem camisa. Erik iria provocar que ele não pudesse escapar de sua criação, que ele era um violinista camponês, se é que havia algum.

Erik sentou-se na beira da cama de dossel de Thorn e caiu, os cotovelos nos joelhos. Seus olhos pareciam sem graça por trás da máscara... drenado. Ele gastou muita energia no laboratório. Thorn sabia que não poderia continuar por muito mais tempo. Erik estava praticamente se suicidando, gastando toda a vida extra que ele tinha obtido através do derramamento de sangue e do açougue. Thorn tinha sido o único a convencê-lo a parar seus modos assassinos, anos atrás, embora também tivesse sangue em suas mãos. Agora ele jogou uma chave em tudo, e teria apenas a si mesmo a culpa se o assassinato começasse novamente.

Ele caminhou até o aquário e se acomodou do outro lado para poder encarar o pai com o copo e a água entre eles. Ele polvilhou flocos de comida no topo da superfície. O brilho azulado tingiu o contorno ósseo e magro de Erik, e as ondulações na água criaram ondas em sua imagem, fazendo com que ele se parecesse com o fantasma que todos os rumores faziam parecer.

— Ocupado cuidando de seus animais de estimação e pacientes de animais, como de costume. — Erik bateu a conta de Ange de brincadeira. — Mas você já comeu hoje? — Ele sempre foi diligente em atender às necessidades

físicas de Thorn: roupas, comida, abrigo. Era como se ele estivesse tentando compensar tudo que Thorn não tinha em criança antes de encontrá-lo... ou possivelmente, tudo o que ele não tinha.

— Antes de tomar banho. — Respondeu Thorn, lutando ainda mais pela preocupação gentil do pai. — Eu tinha um pouco de carne seca. Alguns figos e queijo. E vinho.

— Então, seu corpo está alimentado. Então por que esse descontentamento eu sinto? Já passou algum tempo desde que você escreveu músicas novas, mas pelo que me lembro, suas composições nunca foram tão insaciáveis ou sombrias.

— Eu fiquei cara a cara com ela na capela. — Thorn encostou-se ao vidro frio, os braços apoiados no lugar no topo. Sua ponta do dedo bateu na água temperada, trazendo o peixe para fazer cócegas em sua pele com beijos ansiosos e de lábios inchados.

Erik endureceu, endireitando-se, seus olhos dourados fixos em Thorn.

— Eu estava usando uma meia-máscara. Ela acha que eu sou você. O fantasma das histórias. — Ange cambaleou e bicou os dedos dos pés de Thorn com a conta, como se o fizesse confessar tudo. Ele franziu a testa e cutucou-a com o pé.

O queixo impecável de Erik se contraiu — um carrapato que sempre deixava Thorn desconfortável, pois indicava uma mudança de humor. — Você foi sábio em usar uma máscara. Certamente ela é sábia o suficiente para não contar a ninguém. Nosso espião dentro da academia me informou que a equipe agora acha que escondeu seus próprios uniformes. Ninguém acreditaria nela, se ela alegasse ter visto um personagem fictício de um livro. Mas você provocou sua curiosidade, sim? Ofereceu as pistas que me trariam respostas.

Thorn silenciosamente reviveu o que ele compartilhou com Rune. Como ele permitiu que ela olhasse para o reflexo de sua identidade. Ela sabia que ela era como ele. Agora tudo o que ela precisava era descobrir o que ele era.

— Eu a levei para o túmulo e as rosas. — Respondeu Thorn, preocupado com o quanto revelava. — Ela viu a mensagem. A tempestade a perseguiu até a capela, onde eu plantei a pulseira e a tubulação de sangue.

Erik assentiu, chamando Ange com um movimento de seus dedos para que Thorn pudesse terminar de alimentar seu peixe sem distração. — Tudo isso estava de acordo com o plano. Então, você improvisou, como qualquer bom intérprete. Estou curioso como o avistamento aconteceu. Você geralmente não é tão descuidado.

Ange encheu o batismo com água. Rune entrou em pânico. Ela ia se

afogar.

Observá-la afundar, como um peso morto, o abalara até o núcleo. Era muito parecido com as interações noturnas. Ele sempre imaginou que evento horrível geraria tais tormentos em seus sonhos. Mais cedo, quando ele compartilhou suas memórias com ela — uma conexão só possível com dois pedaços de uma alma — ele tomou alguns dos seus próprios. Depois de todo esse tempo, ele finalmente viu a velha que tentou afogá-la. Ele ficou chocado por tê-la reconhecido. Ela era a mesma que Erik visitara em uma prisão de Versalhes há três anos e várias vezes desde então. Thorn sempre o acompanhava, mas ficava parado nas sombras, e só podia ouvir o que Erik dizia enquanto falavam através de telefones com uma divisória de vidro entre eles. Agora ele estava ainda mais curioso. A velha tinha sido instrumental em trazer Rune para eles. Qual foi o ângulo dela?... por que ela queria machucar Rune, sua própria neta?

— Então você estava certo em intervir e salvá-la. — A observação do padre Erik arrastou Thorn de volta para seu quarto e sua conspiração sombria, contra sua vontade. — Um cadáver nos faria pouco bem.

Thorn quase gemeu com a ironia das palavras, considerando o que estava em seu porão.

— Como você viu a afetá-la? — Havia um tom de quase desesperado interesse na pergunta de Erik. Embora a urgência não fosse por Rune, mas por outra pessoa, alguém que Erik havia obcecado e colocado acima de qualquer outro aspecto de sua vida por mais de um século. Todos os aspectos, incluindo Thorn.

Thorn fez uma careta contra a picada ácida daquele conhecimento. — Ela estava com medo. — *Até que eu me revelei como seu maestro. Depois disso...* O queixo de Thorn se contraiu. — Uma vez que ela percebeu que eu a ajudei, ela confiou em mim.

Erik bufou. — Confiar. Um conceito fraco e visionário, para os solitários e os perdidos. Nós vamos consertá-la... torná-la melhor. Para isso, ela só precisará confiar em si mesma. — Ele enfiou a mão no bolso da camisa e puxou dois pedaços de papel amassados. — Ela está no estado de espírito perfeito agora. Isolada e miserável, tentando viver em um mundo onde ela não se encaixa. Essas notas inacabadas estavam no lixo do saguão. Ela deixou um menino em coma em casa e de alguma forma se sente responsável.

O coração de Thorn tropeçou. — Você tem visitado a academia? Eu pensei que nós concordamos que você não deveria se aventurar lá sem mim.

Erik deu de ombros. — Apenas uma rápida viagem para cima. Tive o cuidado de ir enquanto a maioria de todos estava ausente.

Thorn não respondeu. Erik era mais forte do que ele foi levado a acreditar, se ele pudesse se aventurar nos corredores de seu passado contaminado sozinho.

—O ponto que eu estava fazendo. — Disse seu pai. — É que Rune teve seu despertar e perdeu o controle no processo. Quando ela vier até nós no clube, ela perderá o controle novamente. E então, quando ela estiver repleta de tormento, eu lhe ofereço conforto e compreensão. Eu me tornarei o que ela está procurando há tantos anos: um pai. Você já montou o palco ganhando sua gratidão. Em minha máscara completa, posso facilmente entrar no seu lugar sem que ela saiba.

— Nossas vozes soam diferentes... ela vai saber. — Thorn afirmou sem pensar.

O lábio inferior de Erik se curvou em uma carranca. —Você falou com ela? O que você disse?

Thorn mediu sua resposta. — Eu disse que ela e eu somos iguais.

Erik deu uma risadinha, uma vibração lírica que no início escorria como uma chuva doce, depois eriçou o cabelo ao longo da nuca de Thorn enquanto a beleza azedava para o silêncio. —Fazendo a primeira incisão com a ponta da navalha de sinceridade. Bem feito. Eu sou capaz de imitar. Eu posso soar o suficiente para você enganá-la. Embora eu pudesse simplesmente apagar você da mente dela. Ela esquecerá de ouvir sua voz quando ouvir a minha.

As orelhas de Thorn ficaram quentes quando aquela verdade irrefutável acendeu um lampejo de inveja, sem dúvida visível para o olho perspicaz de Erik através das auras que ele era tão perito em ler. Thorn lutou para se recompor.

— Então, o que mais há? — Erik acariciou as penas vermelhas aveludadas do cisne, limpando a poeira. — Por que você ainda parece tão abalado?

Porque eu compartilhei visões de sonhos com ela por dez anos. Porque seu pombo é minha alma de espelho, mas eu não sabia até que ela chegou. Porque eu a toquei. Por mais que eu tentasse não, eu não resisti. Nossos chakras do coração estão conectados, e eu estou ajudando-a a dominar suas músicas, contra tudo que você me pediu para fazer. Eu estou fazendo ela mais forte em vez de mais fraca.

A verdade estava imóvel no peito de Thorn, e ele não conseguia decidir se era medo, rebelião ou qualquer outra coisa que motivasse totalmente seu silêncio. Sob o escrutínio do olhar estudioso de Erik, ele sentiu suas entranhas tremerem.

— Eu estava com vergonha de lhe dizer como eu tinha falhado. — Respondeu Thorn por fim, para aliviar a tensão entre eles. — Eu sei que você queria ser o primeiro a fazer contato. — A desculpa regada de sua língua como mel, pegajosa o suficiente para fazer uma bagunça, mas doce o suficiente para acalmar a dor.

— Eu ainda serei o único a levá-la à sua identidade e propósito. Para libertá-la de suas canções cancerosas. Você simplesmente interagiu por um momento. Você fez o que tinha que fazer. — Erik ficou de pé, enfiando a camisa nas calças. Seus dedos se aproximaram da máscara e arrastaram a borda que cobria o lábio superior que faltava. — A menos que haja mais.

A acusação ressoou em notas prateadas, erguendo-se como uma criatura com asas, esvoaçando graciosamente para Thorn e puxando com seu bico audível os segredos que ele mantinha presos atrás das costelas. Thorn encolheu-se com a tensão no peito, como se o osso do peito se deslocasse da tensão. Ele disse a si mesmo que não era real... enterrou seus segredos mais fundo para mantê-los contidos.

Ele aprendeu hipnotismo de Erik, embora ele não pudesse utilizar sua voz quebrada por isso. Seu talento estava com seus olhos e seu toque. No entanto, saber usar essa arma não a torna imune a ela.

Resistência foi uma habilidade que levou toda a sua vontade e concentração.

— Você não está escondendo nada de mim, é você. — Não era uma pergunta, era um desafio, e não vinha dos lábios de Erik. Ele engasgou com a conta de Ange, um coaxar escuro e trombeteado... explodiu das bolhas na superfície do aquário... zumbia pelas cordas do violino de Thorn alojado dentro do seu estojo no andar dele.

A barragem de vozes desencarnadas era desorientadora, mesmo sabendo que seu pai estava por trás disso. A primeira vez que Thorn experimentou a feitiçaria de ventríloquo de Erik, ele era uma criança e era divertido e bobo. Thorn praticava por conta própria, assim ele também poderia jogar sua voz, mas nunca se tornou tão perito quanto Erik. Com o tempo, vendo seu guardião utilizar o truque como uma arma para torturar as vítimas até que elas se curvassem para seus caprichos sombrios, Thorn perdeu o interesse por tudo isso.

Tão ruim quanto ver alguém sendo o destinatário da técnica era ser ele mesmo. Ange grunhiu e gingou a seus pés, compartilhando seu desconforto.

Sua reação perturbada sacudiu Erik do jogo perverso e selvagem — seu calote quando se sentiu ameaçado. Como se estivesse acordando de uma fuga,

ele piscou por trás da máscara, depois olhou de Ange para Thorn. — Me perdoe.

Thorn não tinha certeza se o pedido de desculpas foi dirigido a ele ou ao cisne.

— Eu posso simpatizar com o que você está sentindo. — Continuou Erik, esclarecendo. Ele se inclinou para pegar o estojo de violino de Thorn. — A rapsódia e a beleza dessa garota despertaram sua musa. Mas saiba disso: é temporário. Inspiração é uma amante inconstante e cruel. — Amargura atou suas palavras quando ele jogou o estojo em cima da cama de Thorn. — Rune nasceu com um propósito e apenas um, e ela aceitará isso. Se ela não vier até nós, eu mesmo a capturarei. Eu conheço cada passarela, labirinto e alçapão. Eu redesenhei a maldita casa de ópera para fazer isso. Se o seu caminho não funcionar, nós a levamos à força.

— Como o que você fez na primeira vez? — Thorn reprimiu um grunhido. — Você viu as consequências dessas ações. A bruxa disse que não seria bem-sucedido a menos que a garota concordasse com o sacrifício. Não deixe o desespero obscurecer seu julgamento. Não deixe a impaciência colocar em risco o que você esperou por tanto tempo. Ela virá para nós como planejado. Na noite do baile de máscaras. Eu mesmo cuidarei disso. — Thorn lutou por sinceridade, enquanto a mente dele se esforçava para encontrar uma resposta para satisfazer a todos nessa equação confusa e sem esperança.

A impaciência brilhava nas profundezas dos buracos da máscara. — Se o seu plano falhar... — Erik segurou a boca bem fechada, novamente jogando sua voz. — Eu vou queimar toda a casa de ópera para o chão desta vez. — Sua resposta passou pela porta, levantando-se das gaiolas na sala de estar. Uma onda de penas, grunhidos e conversas se seguiu — descontentamento e confusão ondulando através dos animais de Thorn.

Thorn amaldiçoou em voz baixa e atravessou a soleira para resolvê-los. — Meus pacientes já não suportam trauma suficiente

Erik seguiu, mas parou na porta de Thorn, uma marca ameaçadora contra o azul calmante que irradiava do aquário atrás dele. — Você está certo, claro. Não era minha intenção perturbá-los. — Ele usava sua própria boca agora, toda ternura e humildade. — Lembre-se do nosso pacto... feito nos esgotos de Paris todos esses anos atrás. Tudo o que eu já pedi de você tem um propósito. E você ganhou o seu lugar como meu filho, fazendo-os. Mas isso é diferente do nosso trabalho com os animais. Envolve uma alma mortal. A bruxa disse que isso tem que ser feito em uma noite de liminaridade... quando a fronteira entre os mortos e vivos pode ser atravessada. Precisamos de Rune em meu laboratório na

véspera do Halloween para completar o círculo. Somente quando ela estiver conosco, nossa família estará completa. Uma família que pode durar para sempre.

12
L’HORREUR, L’ENLÈVEMENT, LE FANTÔME

“É melhor ser temido do que amado, se você não pode ser os dois.”

Niccolò Machiavelli



Thorn se fechou em seu quarto.

Uma família que poderia durar para sempre.

Ele não tinha certeza se gostava do som disso. Se eles conseguissem o que Erik queria, ele iria retomar a vida de suas vítimas novamente, então ele nunca morreria? Ele não mencionou isso como parte do plano.

A natureza temporária da vida foi o que a tornou inestimável. A vida deveria ser respeitada, até as vidas das pessoas que haviam feito escolhas erradas, pois sempre havia uma chance de redenção. Thorn não esqueceria a mulher que lhe ensinou isso.

Mãe... Calor... Paz.

Ele levantou o violino do estojo, acariciando a madeira negra e sedosa. Desenhando seu arco, ele despejou cada emoção no instrumento — deixando-o falar de uma maneira que suas cordas vocais danificadas não podiam. Toda a vibração da alma se desenrolou das cordas até o queixo e afundou em sua garganta, deixando-o à deriva em meio a um mar de tumulto.

Ele nunca precisou de uma âncora mais do que precisava agora.

— Mama. — Ele sussurrou. Ela tinha sido sua bússola moral, tão irônico quanto isso era. O que ela pensaria do monstro que ele se tornaria? Ou ela esperava tanto dele, o tempo todo?

Thorn não era uma criança típica. Ele aprendeu a falar em uma idade muito jovem, e podia cantar canções tão lindas e afetivamente, ele poderia levar as pessoas às lágrimas, forçá-las a encarar as coisas que haviam escondido de si mesmas e do mundo. Ele tinha apenas quatro anos quando as ramificações completas desse poder foram reveladas.

Essa era outra hora e lugar, quando ele era Etalon Laurent. Quando ele e sua mãe viviam em uma pequena cabana nos arredores de Bobigny, um subúrbio de Paris. Eles foram embora sem eletricidade, gás ou confortos modernos, sobrevivendo de pão, água, carne seca (principalmente de pombos, coelhos e esquilos ocasionais) e do raro tomate ou ameixa machucada e mole — quaisquer itens danificados caíram dos carrinhos de produção sem que os mercadores estivessem conscientes.

Naquela época, Etalon era jovem demais para entender os sacrifícios que sua mãe fazia para mantê-lo vestido e alimentado. Ele sabia apenas que, a cada noite, ela se servia em vestidos minúsculos, depois esperava na varanda deles em uma nuvem de perfume nocivo, com o rosto coberto de pó e batom, para um carro preto levá-la embora até a manhã seguinte.

Ela o deixava aos cuidados de uma vizinha em sua favela — uma velha

chamada Batilde que não fazia nada além de reclamar e contar histórias de uma vida melhor, quando tinha uma televisão, refeições de quatro pratos e dinheiro, antes de seu marido sair e trocar ela por uma mulher mais jovem.

A mãe de Etalon deu comida a Batilde em troca de sua ajuda, embora as duas mulheres muitas vezes tivessem gritos por que Etalon estava lá.

— Você deveria ter dado aquele filho bastardo, Nadine. Vendi-o quando Arnaund fez a oferta pela primeira vez meses atrás — Batilde cuspiu uma manhã depois de passar uma noite sem dormir com Etalon febril, chorando por sua mãe. — Nós duas estaríamos fora desta fazenda de porcos e vivendo na cidade.

— Engula sua língua. — Repreendeu Mama, sua pele recém lavada de oliva escurecendo enquanto protegia as orelhas de Etalon. — Nunca fale dele assim. Ele é um anjo nascido de sonhos. E você! Você é mais baixa que a barriga de uma serpente para sugerir algo tão rebaixado! Eu nunca teria deixado Ettie na noite passada se soubesse que ele estava doente.

— As crianças têm febre. — Batilde mostrou os dentes — todos os quatro. — E quando eles não estão doentes com vaga-mulas e vômitos, eles comem você em casa. Parasitas eles são.

— Você é a parasita! Saia! — Mama guinchou, empurrando Batilde na direção da porta fina do papel.

Batilde empurrou para trás, quase perdendo o xale comido pelas traças em seus ombros estreitos. —U m dia você verá! Você vai se cansar das mãos dos homens, das línguas viscosas e das luxúrias doentes. Nós podemos deixar a sujeira para trás. Ter luzes de trabalho, banhos quentes, roupas novas, restaurantes... todas as coisas que tivemos uma vez. A oferta permanece. Nunca viu uma criança tão bonita, diz Arnaund sobre seu Etalon. — A velha levantou as mãos para pontuar. A flacidez pendurada na parte de baixo de seus braços tremia como um gingado de galinha. — Isso é de um homem que lida com crianças todos os dias.

— E essas transações são a razão pela qual Arnie é o próprio diabo. Saia e nunca mais volte! — Mama jogou um pedaço de queijo embrulhado em plástico sobre o chão lamacento, empurrando Batilde ao lado.

Etalon se remexeu no alto da pilha de livros que o deixavam alto em sua cadeira na mesa da cozinha. Seu corpo doía e tremia de febre quando ele desenhava círculos com uma crosta de pão seco na superfície de poeira espessa. Ele viu outras crianças na favela brincando com brinquedos de verdade — bichos de pelúcia, minúsculos carros de metal e aviões, caixas de música. Alguns até tinham walkie-talkies de plástico que funcionavam com baterias. Mas

ele usava sua imaginação. Seus brinquedos eram tão bons quanto os deles.

— O que você está desenhando, pequena Ettie? — Sua mãe perguntou enquanto beijava sua têmpora, testando sua temperatura. —Você está praticando suas cartas?

— Notas musicais, Mama. — Ele respondeu. — Vê as cores? — Ele muitas vezes inventou melodias em sua cabeça quando ele estava assustado ou chateado. As canções ganhariam vida em sua mente, um arco-íris que brilhava como as frutas cristalizadas coloridas no mercado — aquelas que a mãe amava, mas que nunca poderia pagar. Um dia, ele iria comprá-las e encher os armários e despensas tão gordos quanto baús de tesouro. E mamãe nunca ficaria triste ou com fome de novo.

Quando Batilde ficou do lado de fora da porta gritando obscenidades, Etalon ouviu aquela palavra mais uma vez.

— O que é um bastardo, mamãe? — Ele perguntou.

— Uma mentira imunda que não tem nada a ver com você. — disse ela, arrancando os cabelos do rosto dele com uma mão que cheirava a tabaco, perfume de homem velho e algo que ele não conhecia bem — um fedor de lixívia azeda cheio de arrependimento e desespero. — Agora, você acabou de desenhar sua música. Não ouça essa desgraçada. Vou pegar um washrag para refrescar seu rosto.

Ela tropeçou na minúscula cozinha e, ao abrir o armário para encontrar um pano rasgado, Etalon mastigou a crosta cheia de pó, almejando o queijo que ela jogou fora para o pagamento de Batilde. Seu estômago sugou em si mesmo em um grunhido tão profundo, que puxou todo o caminho até seus pés. Para uma distração, ele balançou os dedos dos pés até que eles cutucaram para fora dos buracos em suas meias. Mais cedo, ele havia desenhado olhos, narizes, sorrisos e franziu a testa para cada um com um pedaço de carvão. Embora relaxassem no ar fresco, ele riu para eles, seus amigos marionetes.

— Mama, Batilde é uma bruxa velha e má. — Disse ele, fazendo sua voz alta e boba, fingindo que a boca dos pés estava falando. — Leve-me com você na próxima vez.

Os tristes olhos castanhos de sua mãe encontraram os dele. —Não, Ettie. Você nunca irá comigo. Você entende? Nunca me siga também. Você escuta? O lugar aonde eu vou... não é lugar para uma criança.

— Mas Batilde disse que é. Ela disse que Arnie gosta de mim mais do que todas as crianças. Ele me ama.

Sua mãe empalideceu enquanto bombeava água da torneira, segurando o

pano sob o fluxo acastanhado. — Você nem deveria saber o nome desse demônio. E você não quer esse tipo de amor. Não é amor de jeito nenhum. É escuro e é malvado. Assim como o diabo e a bruxa em sua história favorita, que tratavam Jean e Jeanette como posses, para serem comidas como bezerros engordados. Mas as crianças são poderosas e espertas. Elas devem ser tratadas como presentes dos céus. Lembra-se do que acontece?

Depois daquele dia, sua mãe o amava ainda mais ferozmente, mas ela também o temia. Enquanto crescia nos dois anos seguintes, ela observou com olhares cautelosos e de lado. Cada vez que ele ficava agitado ou triste, ele cantava em vez de chorar, e nivelava suas emoções até que ela confessasse outra coisa do passado. Algo que ela nunca contou a ninguém.

Suas posições haviam mudado e Etalon estava no comando. Ele exigiu que ela não saísse mais no carro à noite. Embora, aos seis anos, ele não entendesse bem o que era uma prostituta, sabia que isso a machucava. Ele a queria segura.

Mama encontrou um novo emprego como lavadeira, para apaziguá-lo. Ele era mais sábio do que a maioria das crianças da idade dele, e ela o deixou sozinho nos dias em que pegava o ônibus para pegar e entregar roupas, sabendo que ele ficaria dentro de casa e cuidaria de si mesmo. Ela estava com medo de que alguém mais o observasse.

Ela disse a ele que ele havia sido enviado à Terra para expor os maus caminhos dos homens, que o próprio Deus formou suas cordas vocais de soro da verdade. Porque suas canções não só levaram seus ouvintes às lágrimas, elas cortariam seus corações e os forçariam a olhar para os seus mais desprezíveis segredos — pecados que eles haviam apagado com a tinta da repressão na esperança de nunca lembrar.

Ela insistiu que ele não estaria seguro se alguém soubesse, e implorou para que ele parasse de cantar. Mas Etalon não podia, pois então ele entendia que a música lhe dava poder. Numa tarde de outono, Batilde foi atacar Etalon enquanto sua mãe entregava roupa. A bruxa ameaçou que Nadine seria punida se ela não cumprisse seu contrato com Arnaund, mas que Etalon poderia cumpri-la por ela e salvar a vida de sua mãe.

Suas palavras assustaram Etalon e deram à luz a música mais poderosa que ele já cantou. A comovente melodia forçou Batilde a confessar o caso que tivera com o marido da irmã, que era o verdadeiro motivo pelo qual o marido a deixara. E que ela era culpada por seu estado de pobreza. Depois da confissão, Batilde saiu de casa com as mãos e os joelhos, como um cachorro açoitado.

Ela ficou longe depois disso, e toda vez que mamãe pendurava roupa com

Etalon entregando-lhe os prendedores de roupa, Batilde batia com todas as persianas e portas fechadas.

Na véspera de seu sétimo aniversário, a mãe de Etalon não retornou da entrega de roupa para seus clientes em Bobigny. De manhã, as notícias chegaram ao casebre que ela havia sido morta por Arnaund.

Etalon estava em sua varanda com a cesta de prendedores de roupa em seu peito. Era culpa dele. Ele não trocou de lugar com ela; ele poderia ter se dado por Mama. Agora ela se foi, tão fora do alcance quanto o pai invisível que ele nunca conheceria.

Etalon desmoronou no degrau de concreto, lembrando-se da mão de Mama quando lhe dava um tapinha para dormir depois de um pesadelo... a maneira como dançavam nos lençóis que batiam nas linhas nas tardes de sol, brincando de esconde-esconde. Tudo se foi, assim como sua chance de comprar-lhe as coisas que seu coração ansiava, para que ele pudesse vê-la sorrir.

Nenhuma música poderia apaziguar a sensação de rasgar em seu coração. Então ele permaneceu quieto enquanto lágrimas rastejavam ao longo de suas bochechas e lábios.

Batilde saiu da casa e passou os braços ao redor dele, embalando Etalon em seu familiar e suado abraço de cheiro de cebola. Ele não viu o saco de aniagem até que desceu, atando a cabeça e os braços. A essa altura ele estava chorando muito para se salvar.

Estrangulando-se de um nó e ofegando dentro do tecido áspero, Etalon desmaiou. Ele acordou profundamente nas catacumbas — um mundo sem janelas e sem amor, com paredes feitas de crânios e ossos — aprisionado com outras crianças que, como ele, não tinham família ou lugar para ir. Sua cela cheirava a urina e o mesmo fedor azedo e desesperado que sua mãe usava como uma segunda pele enquanto trabalhava como prostituta.

Batilde o vendera a Arnaund e era tarde demais para escapar. Estando sem Mama, assombrada por sua parte em sua morte, a música de Etalon ficou trancada por dentro.

Três meses se passaram sem um vislumbre do céu ou da luz do sol. Etalon observava outras crianças sofrerem atos indescritíveis nas mãos dos capangas de Arnaund, sendo “ensinadas” as habilidades que precisavam para se tornarem dignas de um bom preço. Seu coração doía por elas — algumas mais jovens do que seus sete anos e magras como esqueletos com pele fina como papel, que exibiam veias azuis. Etalon sentiu-se culpado por ter sido poupado. Então ele perguntou a um guarda por quê... O homem feio sorriu, os dentes manchados de

tabaco e os olhos vagos de qualquer emoção.

—Por quê? Por que você é poupado? — Ele bufou. — Sentindo-se negligenciado, hmmm? — Ele bagunçou as ondas indisciplinadas de Etalon, que agora alcançavam seus ombros. Etalon estremeceu e recuou, deixando a mão imunda do homem no ar. O homem riu. — Eu gostaria de te ajudar, mas Arnaund te marcou intocável. Sua beleza faz você valer uma fortuna já sem todo as... lições. — O guarda se inclinou e deslizou um dedo calejado no pescoço e no peito de Etalon, mal coberto pelos farrapos esfarrapados que o envolviam. Um frio nauseoso correu pelo corpo de Etalon. — Sua inocência, bem, isso só faz você mais especial.

A forma como ele engoliu a palavra especial, a maneira como a respiração dele encobria o rosto de Etalon como névoa pegajosa e com cheiro de uísque enquanto seu olhar o percorria da cabeça aos pés — desencadeou um clarão branco de ódio, e Etalon encontrou sua música mais uma vez. Sua melodia trouxe o capanga até a barriga no chão como a cobra que ele era.

O homem lamentou, lamentando sua fraqueza pelo jogo, seguido por uma conta turbulenta de quanto dinheiro ele tinha retirado dos lucros de Arnaund. Vários outros guardas ouviram a confissão ecoar pela cela e, de manhã, o fraudador estava morto pelas próprias mãos de Arnaund.

Ninguém sabia que Etalon havia causado o evento. Presumiram que o capanga estivesse bêbado, o que afrouxou a língua. Etalon manteve o segredo, até que seus companheiros de cela estavam prontos para serem leiloados. Vários patronos chegaram cedo às catacumbas, para considerar qual criança queriam obter trabalho barato ou prazeres sádicos doentes. Quando pararam para estudar os amigos de Etalon, ele empunhou sua canção como uma espada, cortando-os até que eles gemessem e chorassem.

Os fregueses tropeçaram, um a um, diante de sua própria depravação. Eles se recusaram a voltar ou comprar qualquer outra criança do lote. Em vez disso, eles espalharam a palavra sobre o anjo vingador preso nas catacumbas, que cantara com uma doçura tão feroz e precisão crítica que fez uma alma implorar pela libertação da condenação eterna.

Furioso que Etalon estivesse lhe custando dinheiro, Arnaund o amarrou e amordaçou. Falou-se em cortar a língua, mas isso comprometeria seu valor. Patronos queriam sua mercadoria intacta. Além disso, não foram as palavras que Etalon cantou; era a qualidade, riqueza e pureza de sua voz.

Então Arnaund e seus capangas forçaram lixívia diluída em Etalon — o suficiente para mantê-lo vivo, enquanto cáustica o suficiente para empolar e

danificar suas cordas vocais além do reparo. Depois de horas de estrangulamento no vômito quente e ácido que ele foi forçado a engolir devido ao medo que Arnaund tinha de danificar os lábios ou o rosto, Etalon perdeu o que o tornava único, e a capacidade de se defender ou dos outros filhos.

Etalon orou pela morte, mas caiu em um nível mais profundo do inferno. Uma semana depois, um homem entrou em contato com Arnaund, especificando que ele queria que o pequeno pássaro, cuja história era divertida e horrorizasse os resíduos da sociedade. Até então, o preço exorbitante de Etalon o mantinha seguro.

No dia da venda, os guardas arrastaram Etalon para uma pequena sala com uma lâmpada solitária pendurada no teto, lançando raios de luz nos crânios sujos e entrançados embutidos em três paredes de pedra.

A quarta parede estava vazia e eles o algemaram ali. Assim que Arnaund chegou, os guardas saíram e fecharam a porta. Etalon ficou em frente ao assassino de sua mãe. O homem tinha um balde e uma esponja na mão. Etalon estremeceu, seu corpo à mostra, quase tudo por um par de calças muito curtas para alcançar seus tornozelos, ensanguentados e desgrenhados depois de lutar contra os guardas.

— Que bagunça você está. — Resmungou Arnaund. — Uma bagunça perfeitamente calculada. Tão esperta e teimosa quanto Nadine. Mas o que o fogo dela conseguiu, hmmm? Acertou ela, acabou. — Ele jogou Etalon no conteúdo gelado do balde. Etalon tossiu, inalando a água com sabão. O lodo de sabão escorria por suas passagens nasais e entupia sua traqueia. Ele engasgou para respirar.

À menção de sua mãe, chamas acesas dentro de seu coração. Sua música queimava para nascer e trazer Arnaund de joelhos. Notas coloridas que nunca teriam a chance de sair de sua garganta inútil.

Arnaund limpou o rosto e o peito de Etalon, fazendo-o se contorcer. — Seus esforços foram desperdiçados. Esse patrono em particular tem apetites incomuns. Ninguém sabe o nome dele e ninguém nunca viu o rosto dele. Ele é simplesmente conhecido como um fantasma da noite. Dizem que ele corre nas sombras, como um escorpião.

Etalon estremeceu de novo, apavorado com as imagens.

— E acredite em mim... — Arnaund gargalhou alegremente. — Uma dessas pessoas desenvolveu um gosto pela sujeira. Você é bonito demais para deixar passar. Sujo ou não. Adorável como um osso de leite para um cão meio morto de fome.

Recusando-se a olhar nos olhos negros de Arnaund e no rosto redondo e áspero, Etalon estudou seus pés suaves e frios — lembrando-se de uma ocasião em que seus dedos estavam limpos e espetados de suas meias como marionetes brincalhões. Pareceu há muito tempo atrás.

— Não posso te dizer que prazer será ver você sendo levad, pequeno Ettie. — Cuspiu Arnaund. — Quase nivelado meu negócio para poeira. Eu tenho sido muito fácil com você. Talvez eu corte a sua língua depois de tudo, e a use como um colar. Duvido que seu novo dono tenha a presença de espírito para notar antes...

— É melhor que você não subestime minha coragem observacional, Monsieur. — Nem Arnaund nem Etalon perceberam que tinham companhia até que o barítono do homem inchou dentro do quarto — equilibrado sobre eles, acima deles, ao redor deles -— tão magnífico e ameaçador quanto um maremoto. Se Etalon não tivesse sido preso à parede por seus pulsos doloridos, seus joelhos se dobrariam sob o peso do som hipnótico e doce.

— Sendo como eu sou um escorpião. — A voz melodiosa cresceu mais alto, mais alto. — Quem corre nas sombras sem ser detectado, estou inclinado a ver e ouvir tudo.

Arnaund oscilou no lugar, tão afetado pelo som quanto Etalon. Os dois olharam para a porta. Uma máscara branca e acetinada cobria todo o rosto do comprador, com uma pequena fenda na boca. As linhas artificiais de um nariz e maçãs do rosto perfeitos foram moldadas no tecido — assombrosamente distintas ao lado de seu terno preto e capa, ambos pareciam ser de outro século.

Arnaund ofereceu um arco desajeitado. — Posso ver o pagamento? — Ele enfrentou a questão assim que as palavras do desconhecido pararam de ecoar pela sala — o maremoto subindo para uma tranquila calmaria.

O olhar do comprador cintilou um ouro sobrenatural dentro das profundezas negras dos buracos da máscara. Etalon choramingou quando uma mão vestida de couro mostrou uma sacola cheia de moedas de prata — mais do que ele já vira em sua curta vida — então a guardou antes que os dedos ansiosos de Arnaund pudessem agarrá-la.

O Fantasma era alto e magro, mas ele não precisava de carne nos ossos. Ele irradiava poder, algo além do físico — uma confiança feroz que estalava dele, como um pulso elétrico no ar. Ele afastou Arnaund para o lado e se agachou na frente de Etalon, que se secou com o toque frio e escorregadio da luva que lhe cobria o queixo.

O Fantasma olhou para ele duas vezes, estalou a língua e soltou o rosto de

Etalon. Ele se levantou, tirou a capa em um tecido escuro e envolveu a forma semi-nua e trêmula de Etalon em seu calor, um gesto empático que Etalon nunca esperava de uma criatura que frequentava assombrações de insetos e serpentes. Um cheiro de algo alcalino e queimado permaneceu no tecido aveludado, picando o nariz de Etalon.

— Isso? — O Fantasma gesticulou para Etalon. — Este é o anjo vingador temido por todos os ratos de Paris?

— Sim. — Disse Arnaund. — Existe algum problema? Ele não excede toda e qualquer esperança que você teve?

Um silvo penetrou debaixo da máscara. — O problema. — A voz hipnotizante do Fantasma rosnou. — É que isso é um menino. Fui levado a acreditar no contrário. — Ele deu um passo em direção a Arnaund com a graça de uma pantera negra, e parou em pé na ponta dos pés.

Arnaund recuou dois passos para trás, sua testa se encharcando de suor — uma transformação física tão espontânea e rápida que parecia que sua pele estava derretendo sob a luz bruxuleante. Etalon desejou que ele fosse derreter... tudo dele. Derreta-se em uma poça de bílis e sangue no chão para ser lambido pelos vermes que invadiram este buraco do inferno.

— Sim, sim, um menino. — Arnaund gaguejou em resposta à observação do Fantasma. — Mas... Olhe para ele. Ele é adorável o suficiente para ser útil a qualquer preferência. E um menino pode oferecer os mesmos prazeres de uma menina — mais de fato. Uma vez que eles são ensinados corretamente. Esse será o seu privilégio. Ele está intocado.

O comprador olhou por cima do ombro. A garganta de Etalon ficou seca, com medo apertando-a com força, enquanto ele via a curiosidade naqueles olhos cintilantes — como se a criatura mascarada estivesse reconsiderando. — Cante para mim, pequenino. Eu quero ouvir essa voz que altera a vida. Obrigue-me a enfrentar meus pecados mais imperdoáveis.

Etalon congelou, assim como Arnaund. O único som na sala era o zumbido da lâmpada.

O olhar do Fantasma brilhou como correntes de calor sob a máscara. —Eu disse cantar, criança. Cante e viva para ver outro dia.

Sua voz se dirigiu para Etalon — uma convocação sedutora e irresistível, apesar da ameaça que carregava — e sacudiu suas cordas vocais, como se quisesse acordá-las. Etalon abriu a boca e soltou sua canção quebrada, mais irritante do que um coelho estridente jogado em um ensopado fervente. Ele estremeceu simultaneamente com o homem mascarado.

O Fantasma girou nos calcanhares para enfrentar Arnaund. —É essa a sua ideia de um truque, mascate de carne? Trazendo-me a criança errada?

Etalon soluçou, incapaz de conter sua perda e envergonhar outro minuto. — Eu era o anjo. Eles pegaram minha voz. — Ele se esforçou contra as algemas que comiam em seus pulsos. —Eles pegaram minha voz...

Arnaund grunhiu, ficando impaciente. — A pequena aberração não cala a boca. O que isso importa? Nós não quebramos nada de importante. Você quer ele ou não? Tenho certeza de que há outros muito mais ricos e perspicazes do que você, que verá seu valor — cordas vocais quebradas, não obstante.

O ultimato de Arnaund pairou no ar — as últimas palavras que ele iria falar. Em um movimento sutil, menos que um puxão, o Fantasma tirou um cordão comprido e fino de baixo da luva direita, onde uma extremidade havia sido enrolada em seu pulso. Uma bola de chumbo do tamanho de um ovo rolou de sua manga e balançou na outra extremidade. Ele estendeu a mão antes que Arnaund pudesse reagir. O cordão soltou um gemido estridente, como um apito de cachorro. A bola de chumbo envolveu a mecha ao redor do pescoço de Arnaund, três vezes, até bater violentamente no pomo de Adão, esmagando-o. Um suspiro estrangulado escapou de sua boca.

O Fantasma apertou o nó com um puxão agudo. — Suplique por sua vida, porco. Suplique, e prometo deixar você viver.

Etalon assistiu em silêncio, enquanto Arnaund segurava o fio no pescoço — o rosto inchado e roxo, incapaz de liberar até um gemido.

— Ah-há. — O Fantasma cantou. — Talvez agora você possa discernir o suficiente para apreciar o valor do trabalho das cordas vocais, e como é a mudança de vida para elas serem levadas para as mãos de outro. — Ele deu uma reviravolta e trouxe Arnaund para se ajoelhar no chão de pedra. — Aí está você, pequeno. — A voz arrebatadora do Fantasma ronronou para Etalon. — Você o deixou de joelhos mesmo sem a sua música. A indicação é doce, não?

Ao lado de seu terror, Etalon secretamente saboreava ver o assassino de sua mãe ser capturado e sofrer.

— Devo poupá-lo? — Perguntou o Fantasma, fixando-se em sua vítima se contorcendo.

Etalon fez uma careta para os crânios e ossos que revestiam as paredes. Matar estava errado. Mama sempre disse isso. Mas ela também disse que estava certo... quando era para salvar a vida de uma criança. Pensando em seus amigos que já haviam sofrido na mão de Arnaund, daqueles que em breve seriam vendidos como bens, Etalon resmungou sua resposta: — Você não deveria

poupar nenhum de sua espécie.

Os olhos do Fantasma encontraram os dele, e uma aliança silenciosa passou entre eles — tão sincera e tão cruel, que Etalon sabia que não haveria redenção desse pecado.

O Fantasma levantou um dos lados da máscara e se inclinou sobre Arnaund, profundo demais nas sombras para Etalon ver o que revelava. Arnaund se agitou, sua expressão se encheu de medo e repulsa. Um pulso de luz amarelo-acinzentada saltou do olhar arregalado de Arnaund e afundou no peito do Fantasma, iluminando seu esterno por trás da camisa e do paletó.

Atordoado sem palavras, Etalon observou o pescoço do Fantasma, onde estava exposto acima do colarinho da camisa. As veias cresceram luminosas sob sua pele, como se desviados do brilho em seu peito. Em contraste, a coloração de Arnaund drenou para um branco mortal e ele parou de se mover.

O Fantasma virou o corpo sem vida. — Obrigado por compartilhar os anos restantes de sua vida, Monsieur. E em troca, eu te dei seu colar. Use-o em boa saúde. — Ele apertou o cordão no pescoço da vítima até que uma poça de sangue se espalhou como um buraco escuro e penetrante ao longo do chão. Com um movimento de seu pulso, ele recuperou sua arma mortal.

Sem falar, o Fantasma libertou os pulsos de Etalon, oferecendo-lhe as chuteiras dos pés de Arnaund. Eles eram grandes demais, mas com pedaços de pano enfiados nos dedos, bastavam.

— A maioria dos guardas está bêbado ou dormindo em seus postos. — o Fantasma disse, olhos amarelos brilhando. — Vou ser rápido e cortá-los em silêncio, um por um. Você liberta as outras crianças. Mas eu não devo ser visto, porque eu assombraria seus sonhos.

Juntos, eles percorreram todos os níveis das catacumbas, silenciosos e mortais como escorpiões. Como prometido, o Fantasma matou os guardas, persuadindo aquela estranha luz amarelo-acinzentada de cada um de seus corpos antes de se esconder nas sombras. Só então Etalon soltaria as celas, de modo que a silhueta mascarada não passasse de um fantasma — misturando-se ao fundo, percebida, mas nunca vista.

A morte estava em toda parte, justaposta à esperança de uma nova vida. Etalon escorregou em poças de sangue e passou por cima das vítimas do Fantasma. Montões de carnificina tornaram-se degraus da escada quando ele abriu as portas e soltou seus pares. O caos reinava —uma corrida frenética para escapar das celas e se reunir nos corredores. Nos espaços estreitos, as crianças se abraçavam, chorando e com medo. Depois que todos foram libertados, Etalon

manteve-se nas passagens mais escuras, fora da vista deles, em busca do Fantasma. Ele o encontrou escondido nas profundezas das catacumbas, com as mãos ensanguentadas, o terno rasgado e as veias e os olhos resplandecentes com aquele brilho sobrenatural.

— Você vai ajudá-los a encontrar a saída? — Etalon perguntou, entendendo em algum nível que para fazer qualquer outra pergunta iria colocá-lo em perigo mortal.

— Não. — O Fantasma respondeu sem pausa, espalhando sangue da mão em um dos milhares de crânios empilhados ao longo da parede. — Eles têm comida e lanternas do excedente de armazenamento; eles têm um ao outro. Os fracos morrerão e os fortes sobreviverão e serão mais fortes por isso. Essa é a natureza das coisas. Aqueles que encontram a superfície têm a gendarmaria. Deixe a aplicação da lei intervir uma vez. Deixe-os preencher um orfanato com suas almas abandonadas. Mesmo sozinho, essas crianças têm melhor parentesco do que eu jamais tive.

Ele começou a sair, mas Etalon pegou a mão habilidosa que matou mais de trinta homens com um singular cordão de cordas, com os dedos pequenos demais para envolver a palma da mão ensanguentada. Ele ofegou quando um pouco da iluminação das veias do Fantasma sifonou para a sua, iluminando sob sua pele.

O Fantasma estreitou os olhos e se soltou. — Eu suspeitei tanto assim, no momento em que ouvi falar de você. — Ele tirou um lenço e limpou as mãos antes de oferecê-lo a Etalon com o mesmo propósito. — Você é uma anomalia da natureza... uma criação errônea brilhante. Sem dúvida, você sabe disso há algum tempo, antes mesmo de ser preso.

Etalon assentiu, devolvendo o lenço sujo.

O Fantasma puxou luvas para as mãos e olhou para o telhado da caverna, com os músculos do pescoço presos à tensão. — Não importa que você seja uma prole de demônio. Você ainda pode ter uma vida normal. Seu rosto perfeito, características perfeitas... eles vão te dar um lugar de respeito e poder nesse mundo. Você pode se misturar, até mesmo governar, onde eu nunca pude.

— Eu não quero me misturar. — Sussurrou Etalon. — Eu quero pertencer.

A cabeça do Fantasma inclinou-se. — Seguir-me é fazer um pacto com a escuridão e a solidão. Não há mais luz solar. Não há mais céu. Não há mais amigos ou parentes. O que posso oferecer a você, em troca, é uma maneira de recuperar suas músicas. E eu lhe darei educação, treinamento e proteção.

— Você vai me mostrar como manejar o garrote de arame e estrangular

aqueles que me prejudicariam? — Etalon perguntou ansiosamente.

Uma bolha de riso explodiu dentro do peito de seu salvador. — Na verdade, é uma corda de violino. Catgut faz um excelente laço de Punjab. Pelo menos, minha versão de um. Mas não acredito que compartilharei essa habilidade em particular. Eu devo manter alguma forma de alavancagem. Eu vou te ensinar com outras maneiras de se defender. Adquiri muitos talentos úteis em minhas vidas passadas. Muitos talentos úteis. — Então, em silêncio, o Fantasma o guiou através de uma entrada secreta em um dos túneis de esgoto nas profundezas de Paris.

Eles caminharam, guiados apenas por um pequeno orifício de luz à distância e pelo brilho desbotado sob a própria pele. Etalon afinou a água gotejante, seus pés chapados e o fedor encharcando a bainha da capa sobre os ombros — tantos tamanhos grandes demais, algo que ele aspirava a um dia crescer.

— Por que você queria me comprar? — Ele perguntou em um murmúrio rouco, meio temendo a resposta, ainda desesperado para ouvir a voz melódica de seu salvador novamente.

— Eu pensei que você fosse outra pessoa. — A resposta quebrou sob a máscara, abafada e destruída com tanto desejo que beirava a agonia.

— Quem, senhor? Quem você está procurando? — Etalon pressionou. — Será o trabalho da minha vida para ajudá-lo a encontrá-los.

Seu salvador parou, aquelas íris douradas cintilando nos recessos dos buracos escuros, cauterizando o coração de Etalon como tochas acesas. — Sua pergunta será respondida a tempo, e eu vou te segurar nessa promessa. Além disso, você deve se dirigir a mim como Erik.

Etalon assentiu. — E meu nome é...

— Nem fale isso. — Erik colocou uma luva na cabeça de Etalon, acalmando-o. Na escuridão, a metade inferior de sua máscara fez um som de raspagem, como se um sorriso mudasse o tecido. — Hoje você se torna alguém novo. A partir deste momento, você pertence ao submundo do qual você nasceu. Você é algo monstruoso, mas lindo. Algo feroz, mas frágil. Você é Thorn[7]. A parte da rosa que não é amada... que todos temem por sua capacidade de levar uma alma a sangrar. Esse é o seu presente, e agora será sua identidade, para honrar o que foi tirado de você por homens vis e traiçoeiros. É uma falsidade, que os monstros são os instigadores de todo o mal no mundo. Nosso tipo é capaz de aceitação e misericórdia, onde a humanidade não tem. Pois nós vemos além da superfície, como vivemos abaixo dela.

Etalon encostou-se no couro sobre a cabeça. Ele acreditava em cada palavra; esse era o toque mais gentil e seguro que ele sentia em meses. E foi na mão de um monstro. — Você vai ser meu pai?

A palma de Erik caiu, e ele virou as costas, os ombros curvados como se a pergunta o doesse. —Com o tempo, talvez. Por enquanto, o sangue derramado em nossas mãos nos liga. Nunca mais falaremos de nossas ações neste dia, a menos que eu precipite a conversa. Seus segredos são meus para manter, e os meus são seus. Você não vai esconder nada de mim. Jure por isso, ou se afaste e me deixe agora.



Thorn terminou a música de seu violino com um deslizar gradual do arco, deixando a nota continuar com um gemido lamentoso através de sua casa subterrânea — o lugar em que ele vivera desde que prometera sua lealdade e devoção ao Fantasma doze anos atrás, um pacto selado pelo sangue dos homens maus.

Thorn nunca havia falado daquele dia, nem dos filhos que eles salvaram e abandonaram. Nisso, ele foi fiel. Mas ele manteve suas visões de uma chama gêmea em silêncio por anos, e nutria metas silenciosas e não ditas que agora ele sabia que iam contra tudo o que Erik precisava... tudo o que ele esperou mais de um século para possuir.

A apreensão percorreu o sangue de Thorn, arrepiando-o até os ossos. Ele esfregou a testa, com força suficiente para beliscar a pele — tentando apagar seus pensamentos traidores de Rune. Se ele continuasse nesse caminho, ele trairia o único pai que ele conhecera. Ele perderia o lado tolerante e misericordioso daquele monstro heróico que conhecera há tanto tempo e enfrentaria a ira da cauda de um escorpião.

13

Canções para a lua

“Você é a noite e só a noite te entende e te abraça em seus braços...”

Anne Rice, Entrevista com um Vampiro



Quando mudei para um suéter seco e jeans, enxuguei todas as poças e limpei o carpete, são cinco para as cinco. O toque de recolher para os sábados é às dez horas, e as luzes apagam às onze horas, mas todos planejavam voltar de Paris hoje às seis da tarde. Preciso olhar minhas descobertas no cemitério antes que eles voltem.

A corrida musical que experimentei no teatro não saiu do meu sistema. Está me entorpecendo com coisas que eu deveria temer... às coisas que eu deveria reavaliar. Isso me deixou impetuosa o suficiente para esconder uma nota para o meu maestro no fosso da orquestra, pedindo para vê-lo novamente. Existem tantas perguntas que precisam de respostas. Eu também quero olhar em seus olhos e agradecer a ele por me dar poder sobre a melodia de Renata. Não os olhos acobreados dos meus sonhos, mas os profundos, marrons e cheios de alma que vi na capela por um instante. Aqueles que detiveram tanta vulnerabilidade... tanto desejo pela humanidade. Os olhos que eu olhei através de memórias que são de alguma forma agora minhas.

Cheguei até a recuperar o livro da mesinha de cabeceira, o que minha mãe comprou para me lembrar do papai. Eu não conseguia parar de pensar em quanto tempo havia passado desde que o Fantasma ouviu Les Enfants Perdus, nosso conto de fadas compartilhado. Eu não conseguia parar de simpatizar com o quanto ele sentia falta da mãe. Desde que a história o fez se sentir mais perto dela, eu queria que ele a tivesse. Então eu deixei no fosso da orquestra também.

Só agora, quando estou começando a voltar para mim mesma, percebo que esse é outro detalhe que não se encaixa no fantasma do romance. Sua mãe o odiava.

Paro na cozinha para pegar um prato de biscoitos, um pedaço de queijo, uma faca e uma garrafa de água, ainda atormentada pela intensa fome que senti no Fantasma quando criança. Um tremor de sinos salta atrás de mim e me viro

para encontrar Diable em meus tornozelos, olhando para o meu prato. Ele está junto comigo desde que saí do teatro. Ele ainda não me deixa acariciá-lo, mas parece determinado a ficar ao meu lado. Eu tenho a impressão de que ele está me protegendo ou me perseguindo.

Eu coloco um pouco de leite em uma tigela para a minha sombra, então juntos nós nos retiramos para o meu quarto. Coloco o gato perto das escadas que levam ao mini-loft.

Sua língua lambendo e o ronronar abafam o gorgolejar da minha lâmpada de lava enquanto uso o brilho de lavanda para me ajudar a cortar o queijo e fazer sanduíches de biscoito, enquanto peneiro os itens na banheira de aço.

Manter-me ocupada é a melhor maneira para bloquear as insinuações cruéis de Madame Bouchard da minha mente. Considerando a impressão que tive desde o começo — quebrando uma audição, roubando o centro das atenções de estudantes que vinham praticando por meses, depois desmaiando como uma heroína histriônica de algum romance desatualizado — não é surpresa que a distinta professora me quer para seu papel principal. Mas eu nunca tentaria essa parte. Eu quero que Audrey o tenha, mais que tudo.

Bouchard simplesmente não entende... Eu tinha algo para provar a mim mesma hoje. Caso contrário, eu não estaria cantando no palco no escuro. Certamente não foi pelo meu amor pela música.

Ou foi?

Meu rosto fica vermelho, lembrando como me sentia ao ser uma com a música novamente. Tão realizada, tão viva... tão completa.

E eu tenho o Fantasma para agradecer por isso.

Minha pele fica mais quente com a lembrança da nossa dança fantástica no palco. Além do fato de que de alguma forma ele tirou a luva de volta, meus sentidos dizem que era tudo menos fingir: o calor de seu corpo, o cheiro dele, a pressão de seus músculos se movendo contra mim e a voz de violino em meu ouvido — sedutor e empoderada. Eu posso ver como Christina foi atraída por ele. Naquele momento, enquanto compartilhava a glória da música, envolta na essência de seu gênio, a deformidade que ele esconde sob a máscara não importava mais.

Levantando um dos meus uniformes da banheira, debato a melhor maneira de consertar a lapela rasgada, tentando tirá-la da minha mente. Eu não deveria ser atraída por alguém com mais de um século, ou por alguém que eu não conheça o suficiente para confiar. No entanto, em algum nível, faz sentido que eu seja.

Na terça-feira, Madame Bouchard nos deu um projeto em nossa aula de musicologia histórica. Como algumas óperas são consideradas — contos de fadas líricos — Ela atribuiu a cada um de nós uma performance para a pesquisa que encapsula o construto dessa narrativa. Em meados de novembro, teremos artigos de periódicos, uma biografia de nosso compositor, uma lista dos papéis e fotocópias de um conto de fadas tradicional semelhante à nossa produção. Depois do feriado de Ação de Graças, vamos entregar uma dissertação com foco em como as palavras e a música contribuem para a atmosfera de fantasia.

Fui designada para uma ópera checa chamada Rusalka, de Antonín Dvořák. Enquanto pesquisava na biblioteca da academia com Audrey e Sunny, encontrei o enredo semelhante ao da Pequena Sereia de Hans Christian Andersen. A filha de um Goblin da Água se apaixona por um homem mortal, e mesmo que seu pai e amigos ninfas da água lhe digam que é um erro, Rusalka toma uma poção para que ela possa ser humana, à custa de perder sua linda voz para sempre. Ela canta uma última canção para a lua, implorando sua luz prateada para levar sua mensagem de amor ao príncipe humano. Eles se encontram, ele se apaixona por ela, mas depois a trai. No final da ópera, o príncipe está morto e Rusalka é aprisionada no rio como um demônio da morte. A moral — é mais seguro ficar com sua própria espécie — soa nos meus ouvidos como se fosse para mim apenas.

Christina era minha espécie — o que quer que eu fosse? Ela era como o Fantasma?

Eu deixo o colete de volta na banheira e olho por cima do meu ombro. Diable se estende na espreguiçadeira como se fosse o dono, depois de terminar o leite. Ele mia para mim, seus grandes olhos piscando contentes. Gotas brancas cobrem seus bigodes, e eu não posso deixar de sorrir enquanto ele lambe suas patas e limpa seu rosto. Eu espero que ele fique até amanhecer. Tive muita dificuldade em dormir ontem à noite sem a mamãe, e espero que esta noite seja ainda pior, considerando tudo o que aconteceu.

Espalhando um saco de lixo vazio sobre a minha cama para proteger as cobertas, coloquei os pedaços úmidos de meus uniformes em cima do plástico. Os painéis frontais das saias se abriam para a coxa. Meus dedos traçam o tecido desgastado. Madame Fabre tem uma caixa de tecido velho de trajes antigos. Tudo o que preciso são babados de renda e redes para consertar as saias e camisas. Pontos em zigue-zague, juntamente com frisos — como cordões rendados de borboletas ou rosas acetinadas costuradas em fios de fita — para remendar as costuras laterais das meias.

A única peça que não posso salvar é a camisa que cobria as rosas que sangravam. Eu duvido que até lixívia pode tirar essas manchas. Eu ando até o canto do meu quarto onde antes eu empilhava meu vestido molhado, leggings e top, enchendo a camisa suja embaixo deles.

Não sei como explicarei o estado dos meus uniformes para Madame Fabre. Como todos já acham que os perdi de propósito, o que os impede de pensar que os arruinei também?

Essa seria a última gota. Eles vão me mandar de volta para casa com certeza. Agora que estou tão perto de entender as coisas que me assombram há anos, não posso sair.

Eu não entendo porque o Fantasma tomou tais medidas. Se ele estava tentando me levar até ele para treinar minha voz, por que fazer algo tão destrutivo como parte do plano? Eu teria seguido o rastro de roupas, mesmo que elas estivessem inteiras. E que propósito o pássaro morto na minha cadeira serviu?

Um arrepio percorre meus ossos sem aviso prévio. Eu debato indo ao teatro e levando de volta a nota e meu livro de contos de fadas antes que ele os encontre.

Há um lado perigoso para o meu maestro. O Fantasma no romance original ocupava as sombras e tinha pouco respeito pelas leis e morais humanas. Este parece compartilhar essas características. Então é realmente seguro para mim ficar sozinha com ele?

Memórias de Ben ressurgem, lembrando-me que não é seguro para alguém ficar sozinho comigo.

Mordiscando as pontas do meu cabelo, eu me ajoelho mais uma vez no chão ao lado da banheira de aço e volto minha atenção para as rosas de dois tons. Eu tiro uma. Pegando a faca que tenho usado para cortar fatias de queijo, eu corto o caule, com cuidado para evitar os espinhos. Mesmo antes de cair ao meio — liberando o cheiro de clorofila — já sei a verdade. Essas flores são reais. Não há válvula de truque para bombear o sangue, e as hastes são estreitas demais para serem escavadas para dar lugar a uma. Estas rosas literalmente sangraram, assim como as do jardim morreram ao seu toque.

Que tipo de criatura tem o poder de manipular a natureza assim? As histórias afirmavam que ele era um mágico consumado. Isso explica como ele desapareceu no chão da capela atrás da nuvem de fumaça. O mais provável é que ele tenha alçapões ali, como aqui na ópera. Mas ainda há algo sobrenatural em jogo. Algo que o impede de envelhecer e dá a ele o poder de entrar em minha

mente não apenas em sonhos, mas em uma realidade que se estende ao físico e ao espiritual.

Desesperada para encontrar uma brecha, rasgo cada botão de rosa até que meu chão seja uma pilha de pétalas brancas perfumadas com bordas vermelhas e hastes quebradas e espinhosas. O cheiro enjoativo penetra na minha cabeça, me deixando tonta. Eu pulo junto com Diable quando alguém bate na minha porta.

Eu olho para o relógio digital: 5:40.

Ainda confusa, eu tropeço até o limiar e a abro.

O Fantasma me enfrenta do outro lado: traje da Morte Vermelha, máscara de caveira, cabelo escuro, terno vermelho e capa.

—Aqui está olhando para você, garota.

Batendo a palma da mão na minha boca para abafar um grito, eu tropeço para trás antes de perceber que a voz pertence a Sunny — que a frase é do filme Casablanca.

Eu tropeço em Diable, que está assobiando nos meus calcanhares, e despenco na pilha de pétalas e espinhos. Pequenas gotas de sangue escorrem pelas mangas do meu suéter, nos meus cotovelos, onde me pego. A picada dos furos limpa minha cabeça o suficiente para reconhecer que o “Fantasma” é um recorte 3D em tamanho natural do filme.

Jax amaldiçoa e empurra o contorno de papelão. Quan e Audrey correm para o quarto atrás de Sunny, e Diable se arremessa entre as pernas para fugir.

— Abençoe seu coração!— Sunny ajuda Jax a me tirar da lama de potpourri[8]. — Quan, vá buscar algumas ataduras.

Revirando os olhos, Quan sai novamente.

— O que ele está fazendo? — Sunny pergunta a ninguém em particular enquanto ela me ajuda a arrumar minhas roupas.

— Provavelmente que todos nós dissemos que foi uma ideia estúpida para acenar aquela coisa em seu rosto. — Jax repreende enquanto ele e Audrey tomam o meu suéter agora carmesim.

Sunny suspira. — Eu estava esperando impressionar você com minha desenvoltura, Rune. Ontem à noite você disse que queria seu próprio Anjo da Música para ajudar com suas músicas. Lembra? Eu não queria te assustar. Me desculpe. — Ela me entrega uma sacola cheia de doces de Halloween que se encaixa no motivo da Morte Vermelha. Sua expressão triste parece uma fada que perdeu suas asas.

Eu forço um sorriso. — Está tudo bem. — A verdade está em minha garganta: que eu consegui encontrar o verdadeiro anjo da música por conta

própria. — Eu tive um dia estranho. Caso contrário, ficaria impressionada. Ele é realmente muito quente. — Eu gesticulo para as costas do fantasma, uma sombra plana de papel marrom no chão, embora ele não tenha nenhuma vela para o homem real que eu conheci antes. Havia uma inegável sensualidade e graça em cada movimento que ele fazia.

— Maldição certo ele é. — Sunny acena para o namorado de papelão. — Então, sobre esse dia estranho... nós recebemos detalhes? — Ela arrasta o dedo do pé da bota pelas pétalas. —Vamos começar com as rosas. Você está fazendo um tapete?

— Talvez seja assim que eles se cultivam no Texas. — Brinca Jax. — Trazendo o grande ar livre dentro de casa. Mais ou menos como Bouchard, com seu hobby. — Ele sorri para mim, soltando meu braço e jogando o último caule no chão.

Eu sorrio conspirativamente — uma fachada para esconder meu interior nervoso.

— Onde você acha isso? — Audrey interrompe, sua voz suave quase inaudível quando ela pega uma pétala de dois tons. — Eu nunca vi rosas assim no jardim aqui.

Antes que eu possa fabricar uma resposta, Sunny está deixando escapar outra pergunta. — O que aconteceu com suas roupas? — Ela está na metade do caminho até o vestido enlameado e a camiseta no canto. Estou inquieta — preocupada com a minha camisa ensanguentada — quando ela faz uma pausa ao lado da minha cama. — Oh meu Deus, seus uniformes! O que aconteceu com eles?

Meu cérebro gira como um top sobre todas as perguntas lançadas no meu caminho.

— Sunny está um pouco animada. Nós a deixamos tomar muitos expressos no passeio. — Jax finge tomar uma bebida.

Sunny faz uma careta para ele por cima do ombro, levantando uma meia. — Cala a boca, Jax. Se isso fosse verdade, eu teria os trotes secretos. Cafeína rasga minha barriga. — Os olhos se estreitaram, ela se vira para mim. — Todos nós sabemos quem fez isso. Se não fosse pelo nosso pacto com Tomlin, ela seria expulsa com certeza. Então Audrey teria Renata justa.

Audrey vai até minha espreguiçadeira e se senta com uma expressão estranha no rosto. - Você achou alguma prova de que era Kat? — Sua pergunta é direcionada para mim, mas seu olhar esfumaçado salta entre a pétala de rosa em sua mão e a meia batendo no topo do punho de Sunny.

— Quem mais é desonesto o suficiente para fazer isso? — Sunny retruca.

Jax estala os dedos. — Deixa comigo. É o Jippetto. Tenho certeza de que ele secretamente quer estar no centro das atenções.

Quan ri da porta. — Bem, há uma semana de pesadelos. O velho Jip em um vestido de baile no palco, cantando soprano com seu assobio de pássaro enquanto seus manequins dançam em tutus em volta dele. Ele levanta para a ponta dos pés e finge dançar balé.

É uma imagem perturbadora. Eu sei em primeira mão, após o susto do armário, que os manequins de Jippetto são do velho mundo e requintados — feitos de pinho branco macio e pintados até a perfeição realista. Jax e Quan, junto com alguns dos outros caras mais velhos, uma vez espionaram o velho em sua cabana na floresta e juraram que ele tinha um galpão cheio de pedaços nus de figuras estranhamente vivas — braços, pernas, torsos com corações vermelhos incrustados em suas mãos, baús brancos e cabeças — endurecidos em teias de aranha.

O mais estranho de tudo é que ele tinha três manequins completos, completamente vestidos — os que muitas vezes o acompanham pela escola — colocados em sua casa em volta da mesa da cozinha. Ele sentava-se tomando chá com eles, como se acreditasse que eram reais. A ideia é inquietante, mas mais do que isso, triste. Ele deve estar tão sozinho lá fora.

Apesar desses pensamentos melancólicos, as desajeitadas piruetas de Quan provocam risadas de todos nós cinco. Ele salta pela soleira e me joga uma caixa de Band-Aids.

Eu balancei minha cabeça, ainda sorrindo. — Obrigada. — Sentando-se ao lado de Audrey, arregaço as mangas. Ela pega alguns e juntas os colocamos no lugar por causa das feridas.

Sunny metodicamente peneira meus uniformes. — Rune, você nunca respondeu o que aconteceu com as roupas que você estava usando antes. Você foi pega na chuva?

Quan se agacha ao lado de Jax, que está pegando pétalas de rosa e as joga de volta na banheira.

Eu mordo meu lábio. Onde eu peguei as rosas Fogo e Gelo? Por que eles estão rasgadas? E as mesmas perguntas para minhas roupas e uniformes... É difícil decidir o que é seguro responder. A única coisa que aprendi ao longo dos anos enquanto tentava esconder meus segredos: A mentira mais verossímil tem remanescentes da verdade.

Eu me preocupo com um dos Band-Aids pendurados no meu cotovelo —

apenas meio preso à minha pele — pressionando-o no lugar enquanto os quatro me observam com expectativa, seus rostos lacrados com luz púrpura. — Quando eu estava jardinando hoje, uma tempestade atingiu. Eu fui para dentro da capela para me esconder. Foi aí que encontrei meus uniformes e as rosas.

— Então por que eles estão tão molhados? — Sunny pergunta, pegando um colete que rega a água. — Se eles estivessem na capela, eles ainda deveriam estar secos, certo?

Eu faço uma careta para seus poderes de observância. Onde está um cigarro quando você precisa de um? As coisas são como chupetas para ela. — As roupas estavam amarradas no saco plástico, flutuando no batismo.

Jax para de pegar as hastes. — Espere o que? Aquele batismal está seco desde que a escola abriu. Eu nunca vi água nele.

Não. Isso não pode ser. Eu quase me afoguei nessas profundezas... Eu não posso nem mesmo processar as implicações antes que Quan praticamente mergulhe na banheira, suas sobrancelhas quase alcançando sua linha fina e despenteada.

Ele puxa a pulseira do hospital e os tubos de soro, segurando-os à luz da lâmpada. — Eles estavam na capela também?

Audrey quase derruba a carruagem enquanto se arrasta para ver. Todo mundo se reúne em torno dos itens agora colocados na minha mesa de cabeceira sob a lâmpada de lava. Eu entro no círculo de corpos para estudar as minúsculas letras e números que eu não notei anteriormente, cuidadosamente escritos no rótulo de plástico:

Runa Germain

Avenida 1986 de Pernelle passagem à la Bouche de L’enfer

10-29 / 18:30

O medo congela minhas veias e congela meu coração.

Mesmo que, desta vez, meu nome não esteja tomando forma diante dos meus olhos, é um lembrete das rosas que estão sangrando, e tão íntimo quanto antes, porque está em uma pulseira do hospital para onde a terceira linha do endereço se traduz...

— Passagem para a boca do inferno. — Eu sussurro.

Audrey e Jax trocam um olhar. Quan e Sunny fazem o mesmo. Então todo mundo se vira para mim.

— O quê? — Eu pergunto. — Você conhece o lugar? É um hospital?

— Tente um necrotério. — Responde Quan enquanto Sunny tira a pulseira da mão. — Um necrotério abandonado.

— *Dios mío*.— Audrey arrasta um rosário de dentro de sua camisa, beija e cruza seu peito. Então ela toca o crucifixo para a tatuagem do pássaro em seu rosto e arrepios.

— Não pense nisso assim, pássaro negro. — Jax envolve um braço ao redor dela, puxando seu pequeno corpo contra o seu alto e poderoso e abraçando-a com força. O quarto fica quieto, todos nós simpatizando enquanto Audrey é arrastada de volta para aquele dia horrível quando sua irmã quase morreu. Depois que Jax sussurra algo em seu ouvido, ela balança a cabeça e limpa algumas lágrimas de suas bochechas, saindo de seu abraço, mas mantendo os dedos entrelaçados nos dele.

Ele inclina os olhos azuis do meu jeito. — A boca do inferno. Dizem que o necrotério é a entrada para um clube rave, mas nenhum de nós conseguiu identificar exatamente onde está. É apenas o nome dele, flutuando online. Eles dizem que se você for etiquetado, você espera no endereço nas instruções e um carro virá para você. Mas o local de coleta é diferente a cada vez. E você é forçado a usar uma venda nos olhos, então você não consegue ver o caminho até o destino final. Há rumores, já que o necrotério já abrigou os mortos, que criaturas do submundo podem emergir e se misturar com a humanidade lá. É por isso que as festas são tão loucas. As pessoas perdem a consciência... Não acordam até dias depois e encontrem-se na rua com marcas de punção nos braços e tornozelos. Tem que ser algum tipo de droga ou algo assim, porque junto com as pegadas de agulha, todos eles têm amnésia e não sabem como chegaram lá. Ninguém pode encontrar o lugar novamente, a menos que seja marcado uma segunda vez. São algumas coisas malucas.

— Sim. Todos nós decidimos que era uma lenda urbana, já que ninguém que conhecemos chegou a encontrar qualquer prova do lugar. — Quan assume, ainda olhando para o tubo intravenoso. —No entanto, aqui está algo usado para drenar cadáveres durante o processo de embalsamamento, e há um endereço nos encarando.

Sunny oferece a pulseira para mim. — Mais que um endereço. O nome de Rune está nessa coisa maldita. E tem hora e data. Um mês a partir de agora... dois dias antes do Halloween. Este não é um bracelete de identidade hospitalar. É um convite para uma coleta. Você foi etiquetada. — Ela aperta meus dedos ao redor da pulseira de plástico, então sai do nosso círculo usando uma expressão que oscila entre preocupação e curiosidade.

Todos os músculos do meu corpo se tencionam quando olho para a tubulação transparente agora pendurada na mão de Quan, incapaz de desviar o olhar das gotas vermelhas que se agarram ao interior.

Meu nome sangrando no túmulo de uma criança e agora escrito em um convite para um necrotério.

O que isso significa? Que estou marcada para a morte? Meu sangue corre frio.

Eu estudo o recorte de papelão que Quan expulsou do caminho para que ele pudesse fechar a porta quando ele voltasse mais cedo. O Fantasma já teria me levado se ele quisesse me prejudicar, certo? E ele não estaria me ajudando com a minha música se ele tivesse más intenções, iria?

Na capela, nos conectamos em algum nível indescritível. Ele me mostrou suas memórias; ele se sentia em *casa.*

Audrey toca meu cotovelo. Eu recuo.

— Ei, você está bem? — Ela pergunta. — Você está branca como um fantasma.

— Ela tem razão para estar com medo. — Sunny está de pé ao lado da minha pilha de roupas sujas, segurando minha camiseta ensanguentada. — Rune, é hora de você ser direta conosco. O que realmente aconteceu hoje?

Eu sou resgatada por uma batida na porta e a voz de Bouchard, reunindo todo mundo para jantar no átrio.

14
Romance em abismo

“Se você olhar o suficiente em um abismo, o abismo vai olhar de volta para você.”

Friedrich Nietzsche



No jantar, eu sento com meus amigos, já que minha tia ainda não voltou de Versalhes. Eu digo a eles o suficiente para dar-lhes a ilusão de que eles são meus confidentes, mas não o suficiente para colocá-los em perigo. Eu só posso imaginar como seria se eu confessasse: — Eu posso ser um monstro, embora eu não tenha certeza de que tipo. — Ou — Eu posso estar sob uma maldição cigana, e é por isso que minha avó tentou me matar. — Ou, o melhor de todos: — O Fantasma é real, e ele está me ajudando a dominar a música que me possuiu desde que eu tinha quatro anos de idade .

Sim, nada disso me mandaria para casa para uma avaliação psiquiátrica.

Essa coisa toda se tornou insondável demais, como a premissa de um filme de terror. Então, mais uma vez, eu elaborei a verdade: que suspeito que estou sendo emboscada — os uniformes rasgados e rosas cortadas (o sangue delas continua sendo meu segredo), o pássaro morto e a pulseira — mas não tenho provas de quem está por trás e até que eu saiba, os professores pensarão que estou mentindo depois da minha confissão anterior. Eu convenci meus amigos a apoiar minha alegação de que o gato encontrou minha bolsa de uniformes e rasgou minhas roupas.

Eles concordam, mas apenas uma vez eu prometo que não vou usar a pulseira. Eles reiteram que a cena rave é conhecida por drogas, e todos eles deixaram de elogiar o que aconteceu com a irmã de Audrey.

Sunny, no entanto, ainda quer que a gente vá até o endereço de coleta e veja quem vem. Ela não vai deixar cair até eu finalmente fingir jogar a pulseira no lixo no átrio no café da manhã no domingo; sem o conhecimento de nenhum deles, foi um truque de truque e ainda tenho ela.

Eu não posso jogar fora a oportunidade sem pensar nas coisas. Quanto a ser seduzida pelo mundo da rave, parece que eu já tenho a vantagem na sedução... pergunte ao Ben, se ele acordar.

Enquanto todos voltam para seus quartos para fazer o dever de casa, eu procuro o fosso da orquestra e descubro que a mensagem e o livro que deixei

para o Fantasma no dia anterior desapareceram. Minha reação flutua entre apreensão e antecipação. O resto da tarde de domingo, eu entro no meu dormitório com uma máquina de costura emprestada, reunindo meus uniformes com enfeites e recortes até parecerem mais chiques boêmios do que vitorianos. Todo o tempo eu me pergunto se o Fantasma entrará em contato comigo — se foi um erro chegar até ele.

Eu não tenho que esperar muito para descobrir. Naquela noite, com Diable enrolado aos meus pés, a música de violino do meu maestro desce do respiradouro sobre a minha cama. Eu me conforto que as ripas de metal estão inclinadas para baixo. Ninguém pode me ver em nenhum outro lugar da sala, a não ser quando estou deitada na cama. Talvez esse conhecimento não deva me fazer sentir mais segura, mas quando combinada com a balada que ele está tocando naquele violino familiar, isso me acalma para dormir.

Cada dia consecutivo, durante as próximas quatro semanas, eu fico na beira do abismo e olho para baixo, sem me incomodar com o meu apego crescente a ele, vendo-me viva dentro de sua sombra provocativa. Durante os ensaios, e enquanto a ópera toca na lanchonete das grandes telas, eu nunca perco o controle. No momento em que qualquer soldo de Renata ilumina minha mente, tudo o que tenho a fazer é me render ao violino de meu maestro, re-imaginar dos meus sonhos — ver sua sombra dentro dos espelhos ao meu redor — e ele apaga minha compulsão operística em um floreio cerebral com cordas e energia.

Todas as noites, ele está de volta atrás das aberturas, tocando qualquer música que me atormentou naquele dia, e porque eu adormeço cantarolando a melodia ao lado dele, satisfaz qualquer necessidade de limpar a música quando eu acordo. Finalmente, estou no controle e em paz, além do desejo de vê-lo cara a cara, e não apenas como um par de olhos de cobre piscando em meus sonhos.

Mesmo quando compartilhamos nossas danças de fantasia — como a que acontece no palco — girando juntas no centro do meu quarto, não vejo nada além de sua silhueta. Mas, eu posso sentir o cheiro dele enquanto acaricio suas roupas, ouço seu zumbido rouco perto do meu ouvido, sinto os calos nos dedos — traços de um violinista talentoso que me lembram do meu pai — enquanto ele segura minha mão direita na esquerda. E eu tenho que me perguntar se ele está sorrindo como eu.

Aqueles interlúdios noturnos sempre terminam com uma rosa de Fogo e Gelo embalada em meus dedos, materializando-se no ar no instante em que sua mão se desvanece do meu fecho. Eu coloco cada flor no vaso ao lado da minha cama com as outras que eu acumulei. Então, com o peito aceso, fecho os olhos

para abraçar quaisquer novas intenções que o Fantasma imprimiu em mim quando nossos espíritos se tocaram: uma mãe que o adorava e brincava de porquinho com os dedos dos pés para aquecê-los quando estavam com frio; bonecas feitas das coisas mais simples, como galhos, folhas e carretéis vazios; um carro preto assente como uma nuvem sobre sua infância, levando sua mãe embora para sempre e deixando-o órfão.

O carro é mais uma camada para sua mística sempre em evolução. Se ele é uma criatura secular, ele não teria visto carros em sua infância. E o nome dele era Etalon, não Erik, como ele é conhecido nas histórias.

Estou começando a ter minhas dúvidas se alguma coisa na versão literária estiver correta. Se eu pudesse ver apenas seu rosto desfigurado, eu saberia. Mas eu nunca faço, porque em todos os momentos, eu estou assistindo seu passado através dos olhos dele.

O que me deixa curiosa... como suas memórias se tornam minhas, minhas se tornam suas? É possível que ele conheça todos os meus segredos, todas as minhas experiências de infância, esperanças e desejos?

Nem uma vez, quando estamos juntos, ele menciona a nota que deixei no fosso da orquestra ou o presente que lhe dei. Mas não há dúvida de que ele recebeu, porque quando ele fala em voz alta — naquela voz crua e quebrada que é mais dolorosamente pungente do que qualquer coisa que eu já ouvi — é para entregar trechos tranquilos em francês perfeito do nosso conto de fadas.

Esses momentos são os mais pacíficos de todos, para nós dois. Sinto a calma dentro dele a cada palavra. É aquela bolha serena que nos encapsula e me impede de fazer as perguntas pelas quais eu tenho sido importunado: Por que você cortou meus uniformes? Por que você colocou o pássaro morto na minha cadeira? Por que Diable é minha sombra agora? Quantos anos você tem? *O que nós somos?*

Uma noite, enquanto eu estou aconchegada debaixo das cobertas na cama, ouvindo-o ler, a dor de tê-lo sentado ao meu lado na realidade fica muito intenso e eu não consigo evitar explodir na bolha.

—Etalon.

Há uma ingestão aguda de ar e ele fica em silêncio, como se eu estivesse falando o nome da infância dele.

Eu rolo, de frente para a abertura na parede, estico meu braço e empurro meu mindinho entre as ripas. O calor de sua ponta do dedo toca as minhas costas. Eu suspiro com uma faísca passa entre nós, chocante, apesar de quão pequena a pressão.

Montando a onda de sensação, eu encontro minha voz.

—Diga-me algo sobre você no presente. Eu só te conheço de suas memórias. Você tem um hobby? — É estranho, fazer uma pergunta tão simples para alguém que pode estar vivo há séculos.

Sua ponta do dedo cai da minha. Alguns minutos passam. Ele fica tão quieto, temo que ele tenha partido. Mas então suas roupas sussurram e ele responde. — Eu cuido dos animais da floresta. Eu suponho que você poderia dizer que sou um... médico deles.

Eu sorrio na escuridão, imaginando-o cuidando das criaturas selvagens que ninguém jamais daria um pensamento passageiro. Faz todo o sentido para uma alma tão quieta. Ele é muito parecido com eles, escondido e não pedindo nada de ninguém além de deixá-lo sobreviver. Como eu, com as plantas e flores que amo.

—Eu acho isso lindo. — Eu sussurro.

Um grunhido suave quebra o seguinte silêncio e há tristeza nele.

Andando mais perto do respiradouro, eu me desafio a fazer outra pergunta. — Você disse que somos iguais. Eu acho que sabia disso antes mesmo de você me contar. Mas ainda não sei o que somos.... ou como cheguei assim.

— Você nasceu nela. Está na sua linhagem. Olhe para trás através da história da sua família.

Eu fico em silêncio, frustrada porque suas respostas são sempre tão enigmáticas. Por que ele não pode me dar detalhes? Eu não estou pronto para deixá-lo assim tão fácil. — Por que você me deu um convite para o clube? Você estará lá? Podemos finalmente nos ver se eu for? — Se eu puder ficar com ele, cara a cara, posso obter as respostas para tudo o que eu estava morrendo de vontade de perguntar.

Sua respiração parece trabalhada. Ele está rasgado... Doendo estar sentado ao meu lado, também, querendo estar próximo, mas algo o está impedindo. Em vez de ele me responder, seu violino sussurra através da abertura — uma melodia hipnótica. E apesar de eu tentar lutar contra isso, a música me faz dormir.

Quero ficar com raiva quando eu acordar e encontrá-lo de manhã, mas as intimidades mentais que compartilhamos, por mais incomuns que sejam, sempre me deixam mais forte, sempre me ajudam a encontrar meu equilíbrio. Por causa dele, eu não preciso mais me preocupar com intimidação de ninguém nas audições finais que estão no horizonte.

Então eu escolho ser grata por qualquer momento que ele possa oferecer.

Durante os nossos ensaios diários, Madame Bouchard parece tão

aborrecida com o meu novo silêncio quanto pelas minhas explosões não planejadas. Às vezes, ela até tenta me instigar a entrar em ação, acionando as melodias de Renata ao fundo. Quando eu não reajo, parece desestabilizá-la. Então, quando ela me obriga a cantar para uma série, e eu gerencio as músicas sem desbotamento ou enfraquecimento, ela está tão chateada. É como se não importasse o que eu fizesse, não é o que ela espera ou quer.

Eu não deixo isso chegar a mim, porque meu controle deu a Audrey a confiança que ela estava faltando. E com minhas próprias habilidades de crescimento, posso oferecer dicas para alcançar essa nota final com um fluxo de ar mais consistente e entrega de consoante direta. Quase quatro semanas se passaram desde o incidente da capela, e agora Audrey está fazendo sua parte como uma profissional. Tudo o que falta é a intensidade e a histeria que o papel exige, e que Kat ainda não dominou. Isso as coloca no mesmo nível, e Audrey tem uma chance real de conquistar a liderança na próxima audição final no domingo.

Mesmo que eu tenha escolhido não experimentar nenhum papel, o fato de estar ajudando Audrey com sua técnica me leva de volta às más graças de Kat e Roxie.

Quinta-feira, durante a pausa para o almoço, elas decidem me provocar sobre meus “uniformes caseiros” não é mais suficiente para eles.

Kat entra no banheiro enquanto lavo minhas mãos. Ela abre a bolsa no balcão, cavando através de sua maquiagem.

Eu tento me apressar, não porque é ela, mas porque estou desconfortável de estar sozinha com alguém agora. Mesmo em nossos passeios de um dia para Paris nos três finais de semana anteriores, eu tinha o cuidado de estar sempre com o grupo, ou comigo mesma, como quando eu deixava todo mundo tempo suficiente para comprar apliques de fios e emoticons cinza e pretos para o meu mais novo projeto de tricô.

Estou fazendo meias de dedo para o Fantasma, em homenagem a como ele costumava desenhar rostos nos dedos dos pés e brincar de bonecos quando era pequeno para se distrair das meias e da falta de amigos. Talvez seja um presente bobo para um cara, mas eu quero que seus dedos nunca fiquem frios novamente. Eu quero que ele nunca mais se sinta sozinho. Farei o que puder para agradecer-lhe por me devolver o poder. Por causa de sua ajuda, eu estou no controle da música e posso parecer normal.

A desvantagem, no entanto, é que agora sei, sem sombra de dúvida, que sou o mais distante disso. Eu sou diferente. Entender que não sou a única como

eu facilita o ato de engolir, mas tenho que tomar precauções para manter os outros seguros até que eu possa entender quem eu sou. *O que eu sou*.

Kat limpa a garganta enquanto aplica pinceladas de sombra prateada que iluminam suas íris azul-gelo. — Então, há rumores de que você e o Fantasma estão se conectando todas as noites. — Diz ela, sua voz atada com insinuações.

Faço uma pausa — sabonetes empoeiradas e cheirosas de damasco pingando das minhas mãos na borda da pia. A acusação me iguala. Embora, obviamente, seja uma escavação do "suposto" avistamento que tive na minha chegada e minha virtude ou falta dela, ela está se aproximando demais da verdade para o conforto. Eu puxo uma toalha de papel do dispensador, comprando um segundo para compor. Seja ambígua... ignore o estalido paranormal; é o que uma pessoa normal que não está cantando duetos todas as noites com um fantasma faria.

— Como se houvesse tempo para ficar com alguém por aqui. — Eu administro. Minha voz sai mais firme do que eu sinto — um efeito colateral do sarcasmo que injetei na resposta.

— Eu penso que Rune protesta muito barulhentamente. — Roxie me surpreende, saindo de uma barraca atrás de nós.

Eu olho para as duas no reflexo do espelho, um pouco aliviada por não estar sozinha com Kat, mas sem vontade de deixá-las ver qualquer coisa que possa ser interpretada como fraqueza. Eu jogo a toalha de papel no lixo. Conquistar meus demônios musicais me deu uma nova perspectiva. Se a dupla de divas vai parar de me atormentar e aos meus amigos, eu não posso mais jogar a vítima.

— Deveria saber que este foi um evento de tag team. — Eu acuso.

— Ah, vamos lá. — Diz Roxie, passando por mim para ligar uma torneira. — Nós achamos que você deve ter encontrado um treinador de voz muito especial, considerando...

— Considerando...— Repito como um boneco de ventríloquo.

— Como você de repente parece ter controle sobre o seu 'medo do palco. A não ser que talvez seja o gatinho dando aulas de voz. — Acrescenta Katarina, com um sorriso malicioso em sua boca carnuda. — Isso explicaria o presente que você deixou. Pagamento, certo? — Ela afofa suas tranças de mel, enfiando um barrete vermelho em um lado para trazer a cor da gravata em seu colarinho.

Todo mundo notou a devoção recente de Diable para mim; ele até se senta aos meus pés durante as aulas, nos casos em que os professores são frios o suficiente para acomodá-lo. Então não há nada de novo lá. Não, Kat está se

referindo a outra coisa completamente.

Eu me viro e coloco meu quadril contra o balcão para encará-la. A água com sabão que eu derramei se infiltra nos babados costurados ao longo da costura lateral do meu uniforme, esfriando minha pele. Um respingo gelado de medo corre pela minha espinha, como se seguisse na esteira da água. E se ela e Roxie viram meu bilhete e presente para o Fantasma no fosso da orquestra antes de encontrá-los?

Roxie esfrega as mãos sob o fluxo da torneira. — Então, novamente, talvez não tenha sido o seu pagamento. Talvez Rune estivesse guardando para sobremesa. O cordeiro queimado é o complemento perfeito para os pãezinhos de frango. — Eu recuo enquanto ela agita as mãos molhadas no meu rosto como asas, uma óbvia alusão ao pássaro morto na minha cadeira no refeitório há um mês.

É um alívio eles não se depararem com o meu segredo, mas por que trazer o pássaro agora, tantas semanas depois do fato? Eu tiro gotas de água da minha testa, imaginando como elas sabem sobre o evento. A não ser que...

— Jackson me confrontou no outro dia. — Diz Roxie antes que a suspeita se formou completamente em minha mente. Ela bombeia sabão na palma da mão. — Perguntado se fui eu quem colocou o corvo em sua cadeira. Se eu fizesse salada de repolho em seus uniformes e lhe desse algum convite falso ao clube do necrotério. Imagine isso. Meu próprio gêmeo, tendo tão pouca fé em mim. Porque eu garanto que, se eu quisesse assustar você, eu criaria algo muito mais criativo. Como você já sabe. — Ela enxagua e enxuga as mãos.

Eu zombei, tentada a dizer a ela que a brincadeira de manequim não é nada comparada ao que eu encontrei desde então, ou ao que eu mesmo fiz antes de vir para cá. Em vez disso, distribuo mais sarcasmo. — Sim. Definitivamente fraterno. Não tem como você e Jax serem do mesmo ovo.

No espelho, Kat tosse, quase esfregando a camada de brilho que ela está roçando nos lábios. Ela vira toda sua atenção para Roxie, usando uma expressão estranha. — Ela está com você lá, Rox. Por mais que você e seu irmão sejam parecidos, você nunca poderá ser idêntica... não das maneiras que realmente contam. Muito ruim para nós, né? — O sinal de aviso de oito minutos toca e ela sai sem olhar para trás.

Eu considero que ela se despediu de sua amiga — como ela parecia gotejar com duplo sentido.

Roxie se olha no espelho, passando a mão pelo seu corte de platina brilhante. Seus olhos castanhos brilham dentro de seu forro preto e rímel, ou

talvez eles estão rasgando.

Desde que passei o tempo com o Fantasma, tenho me dado conta dos halos coloridos ao redor das cabeças e corpos dos meus colegas. Os que eu usei para me forçar a não ver. E depois de pesquisar auras no meu telefone durante algumas das viagens a Paris, tenho uma noção de quais emoções as cores retratam.

Enquanto eu estou estudando Roxie no espelho, seu halo muda de um rosa feminino e afetuoso para um cinza deprimido e sombrio, e uma hipótese começa a se formar.

Eu fico lá sem jeito, lutando contra uma inesperada simpatia.

— Kat sabe como você se sente?

— Como me sinto sobre o que? — Roxie desliza seu olhar severo para o meu no espelho.

— Não importa. — Obviamente, essa garota e eu não somos fortes o suficiente para compartilharmos quaisquer segredos. — Olha, nós não temos que ser inimigas. Eu quero me dar bem com vocês duas. Mas você está fazendo isso pessoal.

— Você fez isso pessoal. — Ela ferve. — Você teve que ir e ajudar a Audrey. Se Kat terminar como substituta, ela se afastará de toda a ópera e se inscreverá para os sets. Ela tem muito orgulho para jogar segundo violino a qualquer um.

— Essa é a viagem do ego dela, é o problema dela. — Eu digo.

Roxie range os dentes. — Você sabe qual é o seu problema? Você é do Texas e nunca viveu no mundo do entretenimento. Kat cresceu saturada em ópera e espera-se que seja a próxima — seus dedos formam citações aéreas para dar ênfase — Christina: prodígio de renome mundial. Isso é muita pressão da família dela. Um caçador de talentos está chegando ao nosso desempenho no final do ano... eles planejam oferecer duas bolsas de estudo para o Conservatório Schola Cantorum, em Paris. Uma garota e um menino. Isso é algo que ela tem trabalhado desde que ela estava no ensino fundamental. Então você entra sem nenhum treinamento... todo aquela loucura que quer ofuscar todo mundo. Sim, como a melhor amiga de Kat, vou jogar na sua cara. Ao contrário do meu irmão, que afirma ser louco por Audrey, mas não se importa se você destruir suas esperanças e sonhos, eu sou fiel àqueles que eu... — Ela se conteve, seus traços delicados brilhando em vermelho brilhante.

Fechando a boca, ela bate a toalha de papel no lixo e sai.

O sino de cinco minutos toca, mas eu não me movo. Finalmente, sua

animosidade faz sentido. Kat acha que vou roubar sua chance em uma bolsa de estudos. Considerando que Audrey precisa mais do que qualquer um de nós. E Roxie... ela está esmagando sua melhor amiga, que a mantém de lado como um brinquedo, mas em última análise, está na luxúria com seu irmão gêmeo.

Este lugar não é apenas uma casa de ópera, é uma ópera: amor não correspondido, rivais invejosos, personalidades excêntricas, stalkers, sabotagem e vandalismo.

E por último, mas não menos importante: mortais contra monstros.

Dando uma última olhada em mim mesma no espelho — cabelos negros e selvagens que me prendem ao papai como as minhas performances musicais possuídas fizeram uma vez; olhos da mesma cor que mamãe, mas que veem as coisas que ninguém mais pode; sangue amaldiçoado e cigano como o da vovó — tenho que me perguntar: de que lado eu pertenço?

Só há uma maneira de saber com certeza.

Para ganhar a viagem de sábado desta semana a Paris com meus colegas de classe, fui diligente em minhas tarefas de jardinagem durante o período de duas horas entre ajudar Madame Fabre com os figurinos para os papéis menores e o jantar. Eu não perdi um único dia, apesar do tempo ter decidido ser inconstante novamente.

Sexta-feira após as aulas, falo com mamãe no telefone fixo por alguns minutos e termino de ler uma carta que recebi de Trig e Janine. Então eu faço o meu caminho para fora para fazer algumas capinas, tentando não pensar em Ben. Ele está totalmente consciente agora, mas tem amnésia. Eu me repreendo por encontrar paz nisso.

Choveu a maior parte da manhã, e folhas encharcadas pingam água suavemente ao meu redor. O cheiro úmido da folhagem é refrescante na parte de trás da minha língua. Revigorante, apesar das nuvens. Meu humor sombrio se eleva enquanto eu passo pelo estacionamento e encontro as rosas mortas no canto do Fantasma, olhando para mim.

Desde que os vi pela primeira vez sem vida, fiquei tentada a tocá-las, como se as flores e as hastes encolhidas estivessem me chamando, mas minhas inseguranças sempre me detinham. Hoje, noto halos de luz cinza-escura ao redor delas.

Papai costumava dizer que todas as coisas orgânicas têm auras... até plantas e animais. Mas eu pensei que essas rosas estavam mortas. De alguma forma, elas ainda estão emitindo energia vital. Então, talvez elas estejam apenas adormecidas

Eu olho por cima do ombro, assegurando que estou fora da vista da academia... escondido atrás de trepadeiras e videiras. Eu tiro minhas luvas de jardinagem e envolvo meus dedos ao redor da cabeça enrugada e encharcada de uma rosa. No início, o botão parece frio e vazio. Um casco sem vida. Então, uma sensação repentina treme através das pétalas, originando-se das raízes no chão e tremendo sob as solas da minha bota.

Instintivamente, eu começo a cantarolar, tirando uma habilidade que eu suprimi por anos, desde que papai morreu e a música se tornou um parasita. Eu cantarolava quando plantávamos juntos. Eu cantarolo como faço a cada noite agora, quando é só meu maestro e eu sozinhos no meu quarto, calmante e hipnótico. Minha música estimula a batida do coração da terra na roseira; minhas cordas vocais se tornam tributárias, canalizando a vida sob o solo para as raízes, caules e folhas.

No momento em que a nota final deixa minhas cordas vocais, um vermelho profundo, com bordas tão aveludadas que é quase preto, sangra nas pétalas enquanto elas suavizam dentro da minha mão. As folhas pontiagudas se desprendem de sua haste enrolada e murcha, adornando um verde vivo, como se uma corrida de clorofila corresse através delas. As hastes estão altas, e o cheiro muda de uma vez, de mofo e decadente para um perfume fresco.

Eu dou um passo para trás, olhando incrédula enquanto cada rosa levanta a cabeça e exibe um halo de luz vermelha, o arbusto inteiro em plena floração. Uma lembrança volta para mim, calma e suave: Papai me trazendo para fora quando eu tinha seis anos, me mostrando como usar minha música para reviver os lugares murchos em nosso jardim.

Ele sabia... *ele sabia que eu era diferente e ele cultivou isso.*

Em um atordoamento, pego minhas ferramentas de jardinagem e vou para a passarela, atraída por uma irresistível compulsão de procurar meu maestro na capela, para obter as respostas que ele tem — sem mais espera. Toda vez que eu tentei encontrá-lo nas últimas semanas, o Sr. Jippetto está no cemitério, consertando lápides que foram danificadas durante as tempestades, varrendo folhas e arrancando ervas daninhas. Algumas vezes eu ouvi ele assobiar aquele apito de pássaro, e lá embaixo vieram vários caramujos. Parece funcionar como um apito de cachorro, porque toda vez que eu o vejo do lado de fora, ele tem bandos de amigos emplumados o seguindo.

Mesmo quando não conseguia vê-lo ou ouvi-lo, alguns de seus manequins estavam sempre encostados na lateral da capela com o carrinho de mão, como se estivessem de guarda. A presença deles me impediu de me aventurar pela

passarela e me manteve do lado do jardim, com a chance de que ele voltasse.

Mas hoje estou mais determinada do que nunca. E como ele não está à vista e nem os manequins dele, entro na capela sem ser notada. A luz do sol inclina-se através dos vitrais irregulares, pintando as paredes. Eu fecho a porta atrás de mim. Há uma neblina fraca o suficiente para ver que estou sozinha. Uma ninharia de desapontamento passa por mim, mas eu continuo em direção ao batismo, liderado pela afirmação de Jax de que está sempre seco.

Quando me inclino para estudar a bacia, é exatamente como ele disse. Ainda mais confusa, o fundo para a cerca de quatro pés. Não é consistente com a minha experiência nas profundezas infinitas da água.

Por mais que me incomode, isso pode ser atribuído a uma das ilusões arquitetônicas do Fantasma. Ele é famoso nas histórias de criação de escotilhas de escape e locais de refúgio. Se ele pudesse construir um palácio inteiro na Pérsia com armadilhas sofisticadas e dispositivos de tortura, ele poderia fazer um fundo falso em um poço que se abriria e, uma vez acionado, se encheria de água.

Ainda balançando nas ondas inquietas da minha descoberta sobre o meu pai e eu, estou prestes a virar e sair quando vejo algo no chão, onde as sombras cobrem o outro lado do batismo. É papelão, do tamanho de uma caixa de camisa e enrolado com cordel de violino. Usando minhas jardineiras para soltar os fios, tiro a tampa.

Luz azul fosforescente cumprimenta meus olhos e ilumina a capela, pulsando. É tecido. Levantando e abrindo as dobras de seda, revela um vestido sem mangas, na altura do joelho, feito de malha elástica de cisalhamento — a cor da minha pele. No corpete, painéis de fibra óptica — como galáxias de minúsculas estrelas azuis piscando — cruzam-se em forma de espartilho, depois mergulham na bainha na frente e na parte inferior das costas, cobrindo todos os lugares apropriados e deixando os lados e a parte superior envolta em transparência.

Os painéis piscando me lembram o quarto do professor Tomlin... nas noites em que um estranho brilho laranja sob a sua porta, quando ele está fazendo seus experimentos científicos.

Confusa com o presente, eu procuro dentro da caixa. Uma rosa de Fogo e Gelo espera por dentro, e um envelope preso com uma caveira de cera vermelha, lembrando sua contraparte de metal em nossas chaves do dormitório. Tirando o selo, eu pego um bilhete, escrito no mesmo roteiro minúsculo e limpo que o endereço no convite da pulseira:

Querida Rune

Obrigado pelo conto de fadas. Você trouxe minha mãe de volta para mim quando eu mais precisava dela. Eu quero fazer o mesmo por você, com o pai que te ensinou a cantar e a jardinagem quando você era criança. Siga as instruções do convite e me encontre no clube amanhã à noite. Use este vestido e eu vou te encontrar.

O. G.(Opera Fantasma)

Uma onda emocionante de borboletas enche meu estômago enquanto imagino a voz rouca e profunda do meu maestro falando aquelas palavras em seu sotaque francês... seus dedos calejados e mãos fortes dobrando o vestido e embrulhando o pacote para mim.

Ele se chamava O.F.

Ópera Fantasma.

Talvez ele não use mais seu nome próprio, Etalon, porque desperta muitas experiências dolorosas na infância. Recentemente, em uma de suas memórias, aprendi que suas cordas vocais foram cruelmente danificadas quando ele era jovem, e é por isso que sua voz está quebrada.

Em algum lugar, outra epifania quer se soltar sobre as iniciais “O.F.” e o que elas representam — mas estou muito preocupada com as palavras dele sobre meu pai para dar mais atenção à minha pessoa. Devolvo o tecido brilhante para sua caixa e caminho de volta para a academia, minha mente girando na profundidade de nossa conexão, agora confirmada. Assim como as memórias do meu maestro estão em uma frequência que agora posso alcançar de alguma forma, o mesmo vale para o meu. Ele sabe que eu perdi meu pai em uma idade jovem, e que eu sempre desejei que tivéssemos mais tempo juntos. Mas mesmo tão poderoso quanto o Fantasma parece, como ele pode devolver meu pai a mim?

Não importa. A menor possibilidade é suficiente para aquecer meu coração com esperança. Eu estou indo para aquele clube de rave... mesmo que isso signifique enganar meus amigos e todos os professores, mesmo que isso signifique encontrar o Fantasma sozinha dentro de um necrotério cheio de criaturas demoníacas misturadas com a humanidade.

Eu não posso mais lutar contra a intuição sombria que eu vou encaixar... é onde eu pertenço desde o começo.

15
Espelhos

“Ninguém tem mais sede de terra, de sangue, do que as criaturas que habitam espelhos frios.”

Alejandra Pizarnik



Esta manhã, quando todos deixaram RoseBlood, eu disse a meus amigos que tinha decidido passar o dia com a tia Charlotte em Versalhes. Duas razões: uma, eu queria usar a Internet na biblioteca em frente à prisão para pesquisa. A resposta enigmática do Fantasma quando perguntei o que sou e como fiquei assim continua me assombrando:

— Você nasceu nela. Está na sua linhagem. Olhe para trás através da história da sua família.

E a segunda razão pela qual eu queria ir com a tia Charlotte?

Eu tenho um plano para fugir para esse clube rave hoje à noite, e depende de meus amigos pensarem que eu estou com minha tia, e ela pensando que estou com eles em Paris. Mas a última parte do meu plano tem que esperar até que eu possa entender o que estou vendo na tela brilhante do computador na minha frente.

Bastou pesquisar na Internet três palavras-chave: Germain + França + poder estranho. Tantas entradas surgiram, cada uma anunciando a vida imortal estranha e inexplicável do conde de Saint-Germain. Eu sabia que estava entrando

em algo imediatamente, porque o nome do meio do pai era Saint, para homenagear o sobrenome hifenizado original de gerações anteriores. É uma tradição familiar, passada ao longo dos anos, para cada filho primogênito ter a designação.

O clique de teclados e o arrastar de páginas ao meu redor não passam de um ruído branco quando escolho uma entrada e leio. Mão agarrada ao redor do mouse, eu rolo para baixo, com medo de perder alguma coisa:

Saint-Germain atravessou a França em 1700 e tinha a reputação de nunca envelhecer. Ele adorava vinho... mas estava vagamente interessado em comida. Ele tinha um fascínio por espelhos... insistiu que eles eram os portais para outros mundos. Ele conhecia doze idiomas. Conseguiu filosofar junto com o filósofo Voltaire, com quem ele se tornou amigo. Ele também desenvolveu truques de travessia além do que a maioria dos mágicos sequer ousaria conceber para tentar. E ele tinha a incrível capacidade de impressionar seus desejos sobre as pessoas, sem que elas fossem mais sábias. Com esse talento, ele fez amizade com duques e reis. Seu amigo mais próximo era um imperador parisiense que construiu e possuiu a casa de ópera Le Théâtre Liminaire. Saint-Germain passou muitas noites lá, socializando com a realeza.

Minha respiração pega esse último detalhe, bloqueando o cheiro de carpete e livros antigos dentro de mim. Liminaire... o prédio onde eu assisto às aulas todos os dias. Onde eu vivo. Meu ancestral frequentava os corredores do RoseBlood quando era uma casa de ópera há muito tempo.

Eu olho em volta da sala em busca de tia Charlotte. Ela estava do outro lado da mesa antes, verificando o e-mail da escola. Eu não a vejo agora, mas meu olhar se volta para o computador por conta própria.

Saint-Germain usou suas muitas conexões para acumular grandes riquezas na forma de pedras preciosas e jóias. Ele guardou tudo, mantendo apenas o que ele precisava para viajar. Sua vida foi uma busca sem fim pelo conhecimento. Ele absorveu, como se isso lhe desse energia para permanecer jovem e com a mente afiada. Dizem que ele morreu em 1784, mas havia alegações de que ele ainda estava vivo e jovem durante todo o século XX.

— Rune. — A voz de tia Charlotte quebra o silêncio atrás de mim. Eu solto um grito assustado e clico no X para fechar a página. Eu me viro e tento esconder minhas mãos trêmulas, enfiando-as nos bolsos da minha túnica.

— Perdão! Eu não queria te assustar. — Ela dá um tapinha no coque branco em sua nuca e acena com uma desculpa para a bibliotecária no canto que agora está olhando para nós. — O que você estava olhando tão intensamente? —

Seus olhos castanhos examinam meu rosto, como se estivessem cavando em minha alma.

Eu engulo em seco e a estudo com igual intensidade. — Nada realmente.

Ela aperta os olhos por baixo dos óculos. — Eu espero que você saiba, ma douce, você pode falar comigo sobre qualquer coisa. Sobre a música que te atormenta... sobre como não parece mais te segurar em sua escravidão. É maravilhoso, os passos que você fez desde que esteve aqui. Mas se você ainda está tendo problemas, com qualquer coisa, você pode me dizer. Ou alguma pergunta a fazer? Você pode confiar em mim.

Eu posso? Onde ela estava quando meu pai estava doente? Ela nem demorou a vir para os Estados Unidos quando o enterramos. E agora, ela me arrastou para Paris para apaziguar os desejos de sua mãe insana e homicida. Então não. Eu realmente não acho que posso confiar nela.

O que ela poderia saber que ajudaria de qualquer maneira? Comparada com os outros professores aqui, tia Charlotte é tão normal que beira o aborrecimento. Eu tenho jantado com ela três noites por semana desde que mamãe saiu. Nossas conversas variam da média da minha série até se eu estou dormindo bem à noite e acordando atualizado. Refrescado. Quem ainda diz isso? Conversas empoladas e desajeitadas que não levam a nada. Se há alguma aflição estranha que eu herdei do nosso ancestral, o conde de Saint-Germain, passou pela minha tia. Não há brilho nos olhos dela. Nunca houve. Eu também nunca vi nada de estranho em suas auras. Mas, novamente, eu sou nova em lê-las...

Meu celular vibra dentro da minha bolsa de contas. Eu o arrasto, com cuidado para não deixar minha tia ver as roupas e maquiagem que eu guardei dentro. Eu abro o texto. É Sunny respondendo à minha mensagem. Eu disse a ela que tinha que escapar da tia Charlotte... que minha tia estava indo em um helicóptero e queria tempo sozinha para conferir o Palácio de Versalhes. Então eu precisava mentir e dizer que estaria com meus amigos, então perguntei se ela me cobriria.

O toque de recolher é dez horas. Eu prometi a Sunny que voltaria antes disso, cedo o suficiente para que ela pudesse assistir a minha chegada e me esgueirar para dentro. Eu queria ter certeza de que ninguém no RoseBlood pagaria pela minha desonestidade, incluindo a tia Charlotte.

Eu mordo meu lábio, fingindo ler uma longa mensagem que nada mais é do que um emoticon do polegar para cima de Sunny. Eu estou de pé. — Olha, tia Charlotte... Eu odeio te abandonar, mas eu sei que você vai visitar a vovó Lil de qualquer maneira.

Ela franze a testa e acena para eu continuar.

— Sunny e alguns colegas de classe querem que eu os encontre em Paris para comprar nossas fantasias de Halloween para o baile de máscaras na segunda-feira. Nós vamos passar o resto do dia na cidade. — É uma mentira descarada. Sem o conhecimento de minha tia, compramos nossas fantasias há dois fins de semana. Meus amigos iriam à balística se soubessem o que eu realmente estava planejando, ainda mais se soubessem que os usei para isso. —É estranho que seja tão perto da prisão. As memórias do fogo... é como se eu pudesse sentir o cheiro da fumaça daqui.

Tia Charlotte estremece, e eu sei que tenho um nervo. É deplorável, usar sua vergonha sobre os crimes da vovó Liliana a meu favor... para tornar impossível para ela me recusar. No entanto, isso não me impede de pedir seu passe de metrô em Paris, então vou ter acesso ilimitado à cidade, ou deixá-la comprar um novo ingresso para que ela possa voltar à academia ainda esta noite.

Meu estômago se agita, a culpa é enorme quando ela enfia a mão na bolsa e também tira setenta euros. — Isso deve ser suficiente para o almoço, o jantar e o traje. — Quando começo a tomá-lo, ela segura o dinheiro entre nós, como uma ponte que ela está relutante em quebrar. — Eu preciso de você para me assegurar que você ficará com um grupo de amigos o tempo todo. Não se arrisque em nenhum lugar sozinha. É perigoso. — Suas sobrancelhas cinza-esbranquiçadas sulcaram. — Sua mãe nunca me perdoaria se você acabasse em apuros.

Eu faço a promessa, embora eu saiba que é mentira.

São 6:05 da tarde, e eu estou em Paris, numa esquina deserta, esperando que algum carro sem nome me acompanhe de olhos vendados até um local não revelado.

Eu tenho que imaginar quantos relatórios de pessoas desaparecidas começam com essa premissa.

O pôr do sol fica baixo e o ar frio, perfumado com argamassa coberta de mofo. Os tons de lavanda e damasco suavizam os vislumbres do céu entre os prédios. Poças estagnadas brilham em gotas de tinta em cada meio-fio.

A pulseira coça no meu braço como hera venenosa, como se para demonstrar que eu escolhi o caminho tóxico. Não consigo me livrar da imagem do rosto desaprovador do motorista de táxi quando ele me deixou aqui a poucos minutos atrás, uma inferência óbvia de que ele sabia que eu estava passando por

cima da minha cabeça.

O que eu estou fazendo?

Um tremor gelado irradia da minha coluna para os meus membros em resposta. Eu deveria ter bom senso para chamar de volta o táxi; eu deveria sair desta situação antes que ela se transforme em um erro total com consequências irreparáveis. Eu faria, se meu plano não tivesse se encaixado tão perfeitamente — como um sinal cósmico, estou fazendo a coisa certa.

A alça da minha sacola entra no meu ombro. Eu cato mais alto, tentando não pensar no jeans e na túnica enfiados lá dentro, o vestido de fibra ótica que estou usando em seu lugar agora escondido sob o meu sobretudo cinza encapuçado e agarrado a cada curva minha, ou às roupas de baixo nuas, estou feliz por ter trazido do Texas — sendo as únicas que não aparecem através do tecido de cisalhamento.

Em qualquer outra situação, esses arredores seriam um refúgio para os turistas: as ruas úmidas de tijolos e os prédios abandonados em volta de uma igreja em estilo catedral — pilares adornados com ornamentos esculpidos e tubos de drenagem encimados por gárgulas carrancudas para mim. Eu me sinto como se tivesse caído nas páginas do romance gótico romântico de Victor Hugo, O Corcunda de Notre-Dame.

Eu olho novamente para o relógio do meu celular. Mais vinte minutos, e meu passeio estará aqui para pegar as 6:30.

Eu estremeço e puxo meu capuz mais apertado em volta do meu rosto. A lógica me diz que devo ter medo. Mas eu não consigo parar de pensar em todas as horas que passei com meu maestro, como eu não temo mais o que ele esconde sob sua máscara. Como eu vi sua alma escrita nas páginas de seu passado e é linda.

Ele me quer naquele clube o suficiente para que ele me dê um vestido estrelado, e eu vou estar lá. Eu estarei lá para que ele possa me dizer o que ele sabe do meu passado e do meu pai. Então ele pode preencher essa peça que faltava para o quebra-cabeça da minha identidade.

Desde os quatro anos de idade, tenho cantado como se estivesse possuída. Eu esperei treze anos para entender. Estou pronta para enfrentar tudo. Qualquer coisa. Contanto que seja a verdade.

Esse pensamento corajoso se reduz a um gemido covarde na minha garganta ao ver os faróis virando a esquina no lado norte da catedral. É muito longe para distinguir a cor ou o modelo do carro. Se esta é a minha viagem, por que o motorista está quinze minutos adiantado?

Um desejo de correr envia um choque para as minhas pernas, mas eu acho melhor. Eu não iria longe em minhas botas de salto alto — o único calçado elegante, em estanho, que eu poderia encontrar mais cedo em minhas compras para complementar o tecido de cisalhamento do meu vestido e a superfície perolada da minha sacola.

Os arredores diminuíram o suficiente para que os postes de luz piscassem, iluminando halos de poeira âmbar ao redor das lâmpadas. Eu enrolo a manga do meu casaco para mostrar minha pulseira, a prova de que eu deveria estar aqui. Quanto mais próximo o carro fica, mais detalhes aparecem. Meus pés se contorcem na pedra... debatendo se deve começar a caminhar na direção oposta, ou pular assim que a porta se abrir.

É um táxi e para em frente à igreja, a uns seis metros de distância. Eu me envolvo em um olhar para baixo com o para-brisa, na esperança de ver quem está dirigindo antes de decidir o meu próximo movimento, mas os faróis radiantes tornam isso impossível.

Ir para a rave via transporte público não faz sentido, se a localização for mantida em segredo. Cautelosamente, eu começo em direção ao carro, apenas para parar quando ambas as portas se abrem. Sunny e Quan saem do lado direito e Jax do outro.

Minha garganta drena de umidade. Jax se inclina e paga o motorista, então todos começam a andar em minha direção, vestidos com roupas brilhantes

Delirio desgastante.

— Você não pode estar falando sério. — Murmuro, alto o suficiente para tirar os olhos de Sunny para os meus enquanto Quan a ajuda a subir na calçada com suas botas peludas de verde-néon.

— Droga, certo, nós estamos falando sério. — Ela rosna.

Dentro de instantes, eles estão todos ao meu lado na calçada, olhando por cima dos ombros enquanto o motorista desaparece na esquina.

As feições de Jax pulsam de sombrias a brilhantes, um efeito da cabeça de LED verde alienígena em sua camisa desaparecendo e aparecendo com seus movimentos, mantendo tempo com as solas leves em seus tênis pretos.

— Bem, não há como voltar agora. — Diz Quan, em algum lugar entre um suspiro e um gemido. Por baixo do chapéu de cowboy laranja-fluorescente empoleirado na testa, o rosto parecia tão pensativo e desconfortável quanto o de Jax. É óbvio quem está por trás desse ataque.

Sunny me tem em sua mira novamente, mas meu olhar continua voando sem querer para o topo de sua cabeça. Uma peruca de fibra óptica cobre seu

cabelo e vacila entre as cores para um efeito de arco-íris — a combinação perfeita para seu vestido sexy, adornado com fios de tinta de tecido que brilhavam no escuro ao longo dos contornos de seu corpo.

Eu inalo uma respiração superficial, me afogando na combinação de seu spray de flor de cerejeira e a mistura de colônias dos caras. Antes que eu possa pensar em algo para dizer, Sunny desamarra o cinto do meu casaco e abre as abas, tirando o capuz no processo.

Eu coloco minhas mãos no meu cabelo, uma tentativa de esconder meus cachos. Eles demoraram um quarto de hora para ficarem no lugar depois que eu aumentava minha maquiagem para proporções de boate em um camarim elegante de uma butique.

Sunny força minhas mãos para baixo, então não tenho onde me esconder.

—Whoa. — Os dois garotos dizem em uníssono, enquanto os painéis de fibra ótica do meu vestido refletem suas expressões atordoadas em flashes azuis.

— Dayum. Você está muito bem, Rune. — Jax oferece um apito de aprovação, lembrando-me de quão tentadora é sua natureza sedutora quando sai para brincar — uma observação perigosa que eu não deveria estar fazendo. — O que eu quero saber é, quem você está ...

— Eu te disse. — Sunny interrompe, felizmente. — Vocês dois pensaram que eu imaginava o vestido brilhante na caixa. Agora quem está bicando no cascalho na ração de galinha?

Os caras trocam olhares desgostosos.

Franzindo a testa, coloco o casaco no lugar sobre o vestido, repicando o cinto. — Como.... O que vocês estão fazendo aqui?

As sardas de Sunny parecem escurecer, aquela aparência de máscara aparente mesmo sob a espessa camada de maquiagem no rosto. — Não é uma maneira do inferno que vamos deixar você fazer isso sozinha.

Jax suspira. — Ela levantou sua chave quando você não estava olhando na noite passada e tirou uma foto da sua pulseira no seu quarto. Ela nos fez réplicas com sobras da performance do ano passado de One Flew Over the Cuckoo’s Nest. Alguns dos juniores gostam de jogos doentios.

Eles seguram seus braços direitos, exibindo pulseiras combinando, um estilo translúcido semelhante ao meu. Cada palavra escrita nos rótulos imita as palavras que eu já memorizei, além do nome. Em vez disso, cada bracelete é individualizado para eles, fazendo parecer que todos foram marcados como eu. Sunny fez um trabalho magistral de forjar a caligrafia.

— Assim... você estava em cima de mim? — Dirijo a pergunta para o

sorriso de satisfação de Sunny. — Quando eu fingi jogar fora? — Eu nem sequer dou a ela a chance de responder, porque tudo começa a se encaixar. — Espera. É onde você esteve durante o jantar ontem à noite. Quando você ficou presa no banheiro por dez minutos com um defeito no guarda-roupa. Você estava realmente no meu quarto. — O calor floresce em minhas bochechas. Eu quero atacar. Ela violou minha privacidade. Mas foi por preocupação comigo.

— Bem, a parte do guarda-roupa não era uma mentira completa. — Sunny corrige, humildade suavizando sua voz, provando que ela sabe que ela cruzou a linha. — Enquanto procurava a pulseira, vi a caixa que você carregou depois da jardinagem, ontem, então espiei por baixo da tampa. Eu estou supondo que você encontrou isso na capela também, junto com aquelas dúzias de rosas naquele vaso na sua mesa de cabeceira. Porque todos nós sabemos que essas rosas não estão em nenhum lugar aqui no RoseBlood. Estou certa?

Eu não tenho resposta. Pelo menos eu escondi a nota do Fantasma. Essa garota é muito mais engenhosa e desonesta do que eu lhe dei crédito. Uma explosão de carinho me aquece contra o ar frio.

Como eu poderia pensar que sair de casa e vir para a França significaria nunca mais ter amigos? Sunny e sua equipe estão de costas desde o dia em que cheguei há quase seis semanas. Eu me preocupo com cada um deles. É por isso que eu não vou deixar eles fazerem isso.

— Vocês não podem vir comigo... — Eu tento.

— Claro que podemos. — Responde Sunny, imperturbável. —Pegamos as pulseiras e passamos metade do dia pegando as roupas, graças ao Mastercard da Jax. Então, por que não podemos?

— Tantos motivos. — O maior deles é que eu não sei que tipo de monstros podem estar lá. Que tipo de monstro eu sou, eu mesma. Saint-Germain definitivamente não era humano. — Eu, eu não posso protegê-los. — Eu falo antes de pensar.

— Protejer-nos? — Quan responde, puxando a aba do chapéu de cowboy. — Meio que acho que é meu e trabalho de Jax, pequena dama. — Ele fala arrastadamente. — A menos que vocês dois estejam gritando agora e queiram mudar de ideia? — Seus olhos escuros de cachorrinho, sotaque exagerado do Texas e um sorriso ligeiramente desalinhado são adoráveis. Não sei ao certo como Sunny consegue resistir a ele, embora eu suspeite que ele ganhe seu quinhão, considerando quantas vezes eu os peguei saindo da sala de balé atrás do palco.

Jax bufa. — Gorda chance de mudar a mente dela. — Ele inclina a cabeça

em direção a Sunny. — Audrey foi dura o suficiente. — Sua atenção se instala em mim. — Ela queria ir junto se nós passássemos por isso. Apesar do que seu treinador particular disse sobre ficar em casa à noite para preservar sua voz.

Eu mastigo minha bochecha interior, lembrando esta manhã, quando testemunhei o fim de uma discussão entre Audrey e Sunny pouco antes de sairmos. Audrey já havia nos dito que voltaria para a academia mais cedo, com alguns dos juniores que tiveram as finais e precisavam estudar. Ela não queria ficar fora no final da tarde... é assim que ela se dedica a conseguir o papel de Renata amanhã na audição.

Pensar que ela planejou sacrificar isso por mim me faz sentir ainda pior. Os músculos do meu pescoço atam com tensão.

Sunny olha para Jax. — Você não teria deixado Audrey vir de qualquer maneira, Sr. Anjo Guardião. — Ela zomba, ajustando a blusa de flanela magenta, laranja e preta, cobrindo metade do tanque roxo de Quan. Um pescador branco-azulado é retocado pela malha escura. Nem a camisola nem os desenhos do tanque brilham como o resto das nossas roupas, mas eles definitivamente se destacam sob luzes negras.

— Eu não possuo ela... mas eu não teria gostado. — Jax responde Sunny enquanto olha para mim, seus olhos azuis brilhantes acusam. — E eu também não gosto de Rune. Ou o resto de nós. Isso é muito estranho e arriscado .

Você não sabe a metade disso.

— O que há com vocês? — Sunny se aconchega a Quan, persuadindo seus braços ao redor dela. — Vamos, Moonpie. Sempre quisemos ver se esse lugar é real .

— Isso foi no ano passado, quando éramos idiotas juniores. — Ele responde sem se afastar, obviamente apreciando sua atenção, mas não quer desistir da luta. — E as marcas de punção nos pulsos e tornozelos das pessoas? — Ele traça as sardas no rosto dela. — Você está tão curiosa, você está disposta a quebrar a nossa promessa a Audrey sobre como evitar drogas?

— Ah, vamos lá. Não há qualquer prova de que são pegadas de agulha. — Sunny responde com um beicinho. — Se houver até marcas de punção. Além de algumas fotos esquisitas online, não há nada de legal, como relatórios policiais ou médicos. Eu tenho a sensação de que tudo isso é fanático. Mas se isso faz você se sentir melhor, eu trouxe água mineral e barras de granola na minha bolsa. Nós não vamos comer ou beber nada lá. Eu tenho isso coberto.

As torções nervosas no meu pescoço se espalharam para os meus ombros, minha preocupação aumeentando em segundos. Eu tento me concentrar no rosto

de Sunny, em vez das acrobacias de fibra óptica da peruca dela. — Olha, o que faz você pensar que o motorista vai levar todos nós? Ele provavelmente tem um manifesto de passageiro ou algo assim... alguma maneira de saber quantas pessoas ele deveria pegar. Por melhor que você esteja em bisbilhotar, duvido que seja o primeiro a chegar a esse truque.

— Ela está lá, Sunspot. — Quan recua e pega o celular, apertando o teclado na tela. — Vamos chamar outro táxi e sair do Dodge.

Sunny pega seu telefone e coloca-o na bolsa ao lado do seu atomizador roubado e-cig. — Não. É hora de chegarmos ao fundo disso. Alguém está rastejando em Rune. E eles a querem tanto nessa festa que compraram um vestido para ela. Se eles a querem tanto assim, eles também nos levarão. Somos um pacote. Eu vou deixar isso bem claro.

— Bem, eu acho que estamos prestes a descobrir o quão convincente você pode ser. — Jax murmura, os faróis se aproximando de um carro iluminando seu rosto preocupado.

Com um dedo trêmulo, ativei a tela do meu celular: 6:30... em ponto.

Meus companheiros e eu compartilhamos um suspiro coletivo enquanto um carro funerário cinza-carvão se detinha no meio-fio ao nosso lado. Longas janelas de cor preta refletem nossas expressões atônitas como espelhos.

O motorista — um homem rechonchudo com características de esquilos e um terno de veludo vermelho que pertence a um diretor de circo — sai e pede para ver nossas pulseiras em uma voz nasal. Ele estuda os falsos convites dos meus amigos por mais tempo do que eu gosto, estimulando uma sensação de martelar em meus pontos de pulsação. Tentando parecer indiferente, concentro-me em nossas reflexões na janela. Um anel âmbar brilha dentro das minhas íris verdes e minhas bochechas estão coradas — como quando a música está borbulhando dentro de mim. Mas isso é impossível. Eu não sinto a necessidade de cantar. Eu sinto, no entanto, fome.

As auras ao redor das cabeças de Quan e Jax chamam minha atenção — o mesmo brilho amarelo-acinzentado que Ben tinha antes de eu quase sugar a vida dele. Eu sufoco um gemido. É possível? Meu apetite é desencadeado pela ansiedade deles? Repulsada, eu quebro a conexão, deslocando meu olhar para o chão.

Apagando um celular, o motorista caminha para o outro lado do carro fúnebre e faz uma ligação, resmungando em francês.

Eu só posso traduzir trechos:

— Sim, ela está aqui... Inquestionavelmente nossa... e outros três - todos

menores de idade... não, nenhuma indicação de... claro, claro... mais para todos. Entendido... Eu vou mantê-los juntos. Sim senhor... vai fazer.

O motorista leva o telefone para longe e, sem outra palavra, indica uma caixa de sapatos com os olhos vendados e as badanas de tecido felpudo no banco do passageiro. Em vez de correr como qualquer pessoa sã, nos encontramos com os olhares um do outro enquanto o motorista nos faz virar as costas para ele, para que ele possa prender nossos pulsos com as faixas de cabeça, enrolando-as até que fiquemos algemados.

— Então vocês não têm a brilhante ideia de espiar enquanto eu estou dirigindo. — Ele explica em inglês, com um sotaque francês.

Em seguida, ele amarra uma venda nos olhos de cada um de nós, em seguida, coloca uma palma enluvada no topo de nossas cabeças, para não roçarmos o couro cabeludo no batente da porta enquanto despencamos como uma linha de dominós no banco de trás. Depois de uma reação em cadeia de fechamento de portas de carro, o motor estremece a vida, zumbindo por nossos ossos. O purificador de carro — uma mistura rançosa de pinho e canela — me sufoca quando me sento, com as mãos amarradas nas costas e espremida entre Sunny e Jax, indo para uma festa que será o começo... ou o fim de tudo.

16
Um pesadelo requintado

“Não há beleza requintada sem alguma estranheza na

proporção.”

Edgar Allan Poe



Thorn tinha passado muitos anos nesta sala de estar, um andar acima do piso principal do clube, mas ele nunca se sentiu tão alienígena aqui.

O sofá secional de alfazema — emparelhado com o teto envolto em sombrinhas invertidas que pareciam um campo de cogumelos gigantes — refletia-se no chão espelhado e pintava a sala na suave tonalidade rosa-púrpura. Até os pilares que sustentavam o teto compartilhavam o esquema de cores. Pacífica, serena e instigante. No entanto, depois de falar com o motorista de Rune, não haveria paz esta noite. As coisas não estavam indo como ele planejou.

— Pare de parecer tão distraído. — A voz de Erik lançou uma teia de seda, envolvendo Thorn em tentáculos luxuosos de melodia. Seu pai estava sentado do outro lado do sofá, segurando uma taça de conhaque. Bebeu um gole da bebida, onde sua máscara de três quartos — uma caveira de prata, com buracos para os olhos em veludo preto — mostrava o queixo e o lábio inferior. — Contar a Jon Paul para trazer os amigos clandestinos de Rune foi um golpe de pura genialidade.

Thorn franziu o cenho. Ele tinha pouca escolha para contar ao motorista qualquer outra coisa, com Erik sentado em frente a ele.

— O ponto inteiro é fazê-la se sentir como um monstro. — Continuou Erik. — Convença-a de que suas canções estão ligadas à sua fome insaciável. Que desistir da música vai curá-la.

Mentir para ela, em outras palavras. A testa de Thorn se aprofundou.

Erik ergueu o conhaque, admirando sua cor na luz. — Nos Estados Unidos, nosso precioso pequeno pombo atacou um estranho e isso a assombra. Mas para se alimentar de alguém que ela realmente cuida... isso vai quebrá-la. Torna-a incapaz de formar relacionamentos ou de funcionar nesse mundo. E é exatamente isso que queremos. Então, se orgulhe de um cartão bem jogado.

Thorn apertou ainda mais a taça de vinho e rodou o líquido profundo da Borgonha, observando-a chapinhar as bordas altas e claras — um mar de sangue estragado, tentando escapar da fortaleza cristalina, muito pura para contê-la. Ele desejou poder olhar a memória de Rune e ver a noite em que ela atacou o

menino, Ben, para saber o que realmente aconteceu. Mas apenas momentos da infância foram fortes o suficiente para sobreviver à transferência. Uma vez que a inocência se foi, uma vez que uma pessoa começasse a guardar muitos segredos, as memórias se desgastavam, tornando-se impossível passar sem se desintegrar em fios.

— Você precisa ficar aqui esta noite. — Erik interrompeu seus pensamentos, borrando o lábio superior de sua máscara onde pequenas gotas de conhaqu dourado pontilhavam as bordas em forma de dente. — Seu humor negro faz você imprevisível. Assista do seu assento no ringue ou vá para casa. Mas não mostre seu rosto na pista de dança.

Thorn conseguiu um sorriso cínico. — Eu não sonharia em mostrar meu rosto, pai. Grandes revelações são o seu modus operandi, não meu. À votre santé! — Ele levantou o vinho para um brinde. — Para o pesadelo requintado.

Erik inclinou-se e bateu o copo contra o cálice de Thorn, soltando um chiado agudo e estridente — estranhamente em desacordo com a risada profunda e melódica que emanava da máscara esquelética. — Honrado, como sempre, por ser a atração principal. — Havia uma triste base para o gracejo — um gênio e uma vez gentil alma escravizada pela sombra vil de sua própria monstruosidade.

Thorn enfrentou uma indesejada onda de admiração enquanto observava seu pai beber sua bebida, então, envolto em um manto de monge encapuzado — um contraste impressionante com sua máscara metálica — saiu da sala sem olhar para trás.

Erik havia projetado esse estabelecimento há cinco anos, quando Thorn tinha quatorze anos. Naquela época, Erik ainda estava testando as águas, para ver se tal artifício funcionaria para atrair as pessoas e coletar sua energia. Para ver se eles poderiam manter o lugar secreto do mundo exterior. Ele não permitiria que Thorn se juntasse a ele e aos seus compatriotas demoníacos por mais um ano depois disso.

Ele era protetor, como qualquer pai. Então Thorn iria se consolar aqui, sentando-se no topo do sofá de lavanda. O queixo cavando as costas acolchoadas, ele olhava através das paredes feitas de janelas deste lado, e espelhos do outro, observando suas vítimas chegarem na frota de carros funerários de Erik. Os carros eram diferentes daqueles que levavam a mãe ao seu trabalho repreensível — mas tão sinistro e pecaminoso. Os carros funerários de Erik trouxeram presas incautas: corpos para fornecer entretenimento e sustento que mais tarde seriam descartados nas ruas de Paris. E depois de injetar soro de esquecimento — uma forma de midazolam que Erik havia alterado em seu

laboratório — eles acordavam em um estado enfraquecido, meio amnésico, sozinhos e confusos sobre onde tinham estado ou o que acontecera.

Thorn concordou que era mais humano do que como as coisas já foram feitas. Não havia espreita nos quartos, atacando os vulneráveis enquanto dormiam ou seduzindo-os em seus sonhos. As vítimas vieram a eles por vontade própria, buscando uma noite cheia de música, dança e folia desinibida. E seus desejos foram atendidos... embora esse prazer tenha um preço.

Thorn precisava dos suplementos energéticos, assim como todos os vampiros psíquicos faziam. E Erik precisava deles ainda mais do que a maioria, sendo constantemente drenado para manter viva sua única esperança.

Embora eles fossem de linhagens diferentes, ele e Erik eram um e o mesmo. Thorn nascera de um sonho, assim como Mama costumava dizer a ele. Seu pai incubus — uma criatura que Thorn nunca desejou saber — havia seduzido sua mãe humana enquanto ela dormia, drenava-a de energia, mas a deixava viva e grávida.

Usando suas conexões no domínio subterrâneo, Erik traçara a linhagem sobrenatural de Thorn para um clã próspero que vivia em uma cidade espelhada no Canadá. Quando Thorn completou 14 anos, Erik ofereceu-lhe a oportunidade de ir até eles. Mas Thorn escolheu ficar. A essa altura, ele odiava o pai verdadeiro por ter abandonado a mãe, resultando na morte dela e na infância órfã de Thorn.

Mais importante, naquela época, Thorn já amava Erik como família.

Foi isso que o levou a mentir para Rune na nota de ontem. Uma meia mentira. Ele ia dar a ela um pai hoje à noite. Apenas não o que ela estava esperando.

Se ao menos ele pudesse esquecer o som de sua voz gentil da última noite em que estavam juntos, quando ela disse a palavra: Etalon. Quanto tempo passou desde que ele ouviu o seu nome verdadeiro falado por alguém?

Cada vez que ele fechava os olhos, ele imaginava os lábios de Rune curvados para um sorriso e pressionando o nome contra a boca, imaginou roubar um beijo, beber daquela luz branca pura — sua essência celestial que o acalmava como nunca em sua vida... Passar tempo com Rune deu-lhe verdadeira serenidade. Ela o inspirou, mas ao mesmo tempo, o deixou à beira da desolação. Foi impressionante, estar tão perto de estar unido, depois de estar separado por tanto tempo.

Erik certa vez dissera a Thorn como era raro que as chamas gêmeas estivessem encarnadas na terra ao mesmo tempo — para que estivessem perto o

suficiente em idade e proximidade para se encontrarem. — Quão precioso e frágil é o vínculo. — Ele disse. —Pode ser o céu ou o inferno absoluto.

Se uma ou ambas as chamas gêmeas fossem pessoas incompletas, se elas ainda estivessem aprendendo quem elas eram, a relação seria repleta de dor e infortúnio. Na época, Erik estava referenciando sua própria experiência com Christina. Mas parecia que Thorn estava amaldiçoado para repetir aquela performance trágica.

Rune era o espelho de sua alma. Cada vez que ele olhava para ela, via a si mesmo. Suas forças se igualavam às dele: uma costureira, com o talento de pegar sucatas e fazer obras-primas, assim como ele fazia com animais quebrados; um parentesco com flores e plantas — as partes calmas e encantadoras do mundo que não pediam nada de ninguém além de serem admiradas, respeitadas e apreciadas; e uma curiosidade profunda e introspectiva que buscava poderes muito estranhos ou assustadores para pessoas comuns adotarem.

Ela até compartilhava suas falhas, as coisas que ele lutou para não desprezar sobre si mesmo: a incapacidade de cantar sem dor, o isolamento de nascer diferente, uma profunda desconfiança de todos, menos de si mesmo.

Mas ele conseguiu contornar sua desconfiança; ele curou sua dor, falando com ela com seu violino — um violino que ele agora sabia, depois de experimentar suas memórias de infância, tinha um laço mais profundo com o sangue dela do que ela poderia imaginar.

Ele estava tendo dificuldade em conciliar esse detalhe, como o instrumento tinha chegado a ele. Não admira que a conexão deles fosse tão forte.

Fora fácil justificar a vantagem de seu vínculo espiritual. Para dizer a si mesmo, ele a ajudava em algum nível. Mas tudo o que ele realmente fez foi tornar as coisas mais difíceis para todos. Ela veio aqui odiando seu presente. E ele abriu a porta para ela amar.

Se ela realmente tivesse vindo a amar, como ela poderia desistir quando chegasse a hora? Ela tinha apenas dois dias até o Halloween e seu compromisso iminente com o destino no laboratório de adega de Erik.

O pensamento do plano de seu pai se concretizando cortou as entranhas de Thorn como as videiras com garras que esperavam lá embaixo para capturar suas vítimas inocentes.

Ele olhou para o chão. Tudo o que precisaria era apertar um botão, e os espelhos se abririam, revelando o porrete abaixo — seu assento na lateral do ringue. Os convidados ainda veriam um teto refletivo e abaulado do lado deles.

Eles nunca saberiam que ele os estava espionando, ou desviam o terror deles através de tubos pretos que absorvem energia e ligavam o clube a essa sala.

Era uma forma de arte, da maneira como Erik podia encantar uma plateia, amortecer os acordes de esplendor operístico, depois mandá-los para as profundezas da repulsa e do pavor antes mesmo de perceberem que os alçapões de seu subconsciente haviam sido acionados.

Thorn rangeu os dentes, imaginando Rune sozinha, presa por um instinto que ela ainda não entendia ou controlava, naquela onda de vítimas e energia angustiante. Ele bateu a taça de vinho na mesa. De jeito nenhum ele iria assistir daqui.

Mas ele prometeu a Erik não mostrar sua cara hoje à noite. Isso ele honraria.



No caminho para cá, passamos pelo que pareceu uma meia hora em silêncio mortal, além do som do motor do carro funerário, nossas respirações e o vento que entrava pelas janelas ligeiramente rachadas. A umidade da noite penetrava e uma leve brisa agitava os cachos soltos no meu pescoço — uma cócega estranha e inquietante como a que estava dentro da minha cabeça, me avisando: *volte, volte, volte.*

Nosso passeio agora parou. As portas do carro se abrem. Nenhuma palavra é trocada quando alguém ajuda a mim e aos meus amigos a tirar as badanas dos nossos pulsos. Não é o motorista. Quem quer que solte minhas algemas não está usando luvas. As vendas ficam no lugar, mas meu casaco é arrancado dos meus ombros e jogado no banco de trás. O ar fresco da noite arrepia minha pele enquanto somos conduzidos como ovelhas longe do carro fúnebre. A única coisa que me impede de mudar minha mente é o conhecimento profundo de que meu maestro está aqui, esperando por mim. Eu posso sentir sua antecipação. Ela combina com a minha.

— Ei, e as nossas malas? — Sunny se levanta, fazendo com que nossos acompanhantes façam uma pausa. — Eu tenho dinheiro lá!

— Você tem pulseiras. — O sotaque francês do motorista responde por trás de nós. — Essa é toda a moeda que você precisa dentro. Vou guardar os seus pertences pessoais no seu carro. Eles estarão aqui para a viagem de volta à cidade.

Pobre...

Jax aperta o braço dele com o meu. — Você está bem?

— Sim. — Eu minto. Se ele soubesse o que eu deixei no meu caminho no Texas, ele já estaria correndo na outra direção. Então, Sunny e Quan. Mas eu não vou deixá-los fora da minha vista. Eu sou a única proteção que eles têm aqui. Eu não posso permitir que nada aconteça com eles hoje à noite. Apertando meus braços através dos de Jax e Sunny, eu uno os quatro de nós com força enquanto uma escolta remove nossas vendas.

Leva um minuto para os meus olhos se ajustarem ao contraste da escuridão e dos lasers de neon pulsantes. De nossa vista panorâmica na varanda estreita, uma onda pulsante de roupas reflexivas e coloridas faz o chão parecer tremer sob as luzes negras.

— Bolas de fogo de bode sagrado. — Diz Sunny enquanto olha por cima das grades da altura da cintura. Os vislumbres em seu rosto piscam no tempo com as luzes do arco-íris em sua peruca. —Você está vendo isso, Rune? — A pergunta soa como um sussurro sob o crescente barulho enquanto a banda no palco na parede do fundo começa um novo número de techno-dance.

Eu estou em casa na arquitetura e decoração.

— Incrível. — Murmuro. Eu conhecia este lugar em qualquer lugar, graças a toda a pesquisa do Fantasma que fiz on-line. A infame casa de ópera. Mas é um grande engano... um design intrincado trabalhado nas paredes com pinceladas hábeis de tinta fluorescente. Em vez de uma representação plana e falsa, a brilhante cena 3-D parece que você pode andar diretamente para ela... tornar-se parte de sua resplandecência barroca: entrelaçando corredores, escadas sinuosas, estátuas de bronze de mitos gregos, alcovas e desembarques e filas e mais fileiras de assentos aveludados. A ilusão de ótica inteligentemente executada dá ao espaço do tamanho de um estádio a aparência de se estender por quilômetros, ao mesmo tempo em que acomoda o movimento frenético de *ravers* que, de outra forma, tropeçariam em quaisquer degraus, assentos ou estátuas reais.

No lugar do infame lustre de cristal, uma enorme réplica de ferro forjado preto gira no centro do teto espelhado e abobadado. Os braços de tentáculos rolantes parecem se multiplicar com cada rotação como um polvo mutante maior que a vida. Espinhos, do tamanho de agulhas de costura, sobressaem ao longo dos comprimentos, em vez de ventosas. Na ponta dos tentáculos, as mangas de vela com luminárias de luz negra cobrem a sala em esplendor fosforescente.

— É uma imagem espelhada do Palais Garnier, gótico-glammed. — Respondo finalmente, falando sobre a música.

— Exatamente o meu pensamento. — Responde Sunny. —A s coisas

ficaram esquisitas.

— Só ficou esquisito? — Jax grita para ser ouvido sobre a música. — Tenho certeza que eu tenho dito que as coisas eram estranhas desde que colocamos esses panos de circo superfaturados no cartão de crédito do meu pai!

O volume da música aumenta, como se estivesse tentando abafar as reclamações de Jax. Teclados e pratos eletrônicos poluem nos meus tímpanos como abelhas audíveis, abafando os comentários que se seguem. Sob o zumbido na minha cabeça, ouço a voz rouca do meu maestro. Ele está em algum lugar nesta sala. Sua força magnética me atrai para me inclinar sobre a borda da varanda. A compulsão de mergulhar no mar de corpos e nadar até encontrá-lo é esmagadora.

Eu balanço lá, presa no lugar pelos braços dos meus amigos. Um empurrão entre minhas omoplatas me impele para as escadas longas e sinuosas que levam ao nível inferior. Eu olho por cima do meu ombro, finalmente, dando uma olhada nas escoltas que nos trouxeram aqui. Os três se viram e voltam para o elevador. Não sei dizer se são homens ou mulheres. Tudo que vejo são coletes com capuz — brilhando com pontinhos de luz azul como os painéis do meu vestido. O tecido parece estar flutuando sem um corpo, então um show de laser se acende, iluminando nossa plataforma e suas calças pretas e camisas antes de escurecer mais uma vez. No elevador, os acompanhantes entram e me encaram. Eu não consigo entender nada sob a obscuridade de seus capuzes, além de olhos brilhantes, semelhantes aos do Fantasma.

Suas palavras na capela revisitam: O que nós estamos querendo dizer?

Esses funcionários são como ele... Como eu.

— Espere! — Eu começo para frente, mas tarde demais. As portas se fecham.

Sunny segura meu cotovelo e me força a olhar para baixo. A banda deixou o palco e todos os corpos dançantes congelaram em resposta. Um silêncio drástico cai sobre a sala, cobrindo tudo com uma mufla gelada, como uma queda de penas incrustadas de neve.

As paredes no nível inferior se transformam, se soltando e assumindo formas estranhas — um quebra-cabeça sendo separado e rearranjado em algo novo. As pinturas tridimensionais de escadarias, assentos de auditório e estátuas interligam-se, formando criaturas grotescas: ninfas e querubins quebrando-se no torso, de modo que as costelas feitas de degraus de escada podem preencher seu vazio. Poltronas de auditório de veludo vermelho se movem para cima e rasgam a boca das estátuas para imitar as línguas ensanguentadas. Elas são gárgulas

agora — uma convergência de beleza e horror se desdobrando diante de nossos olhos.

O chão gira, os convidados oscilando para manter o equilíbrio, abrindo caminho para o palco girar até parar no centro. Uma placa desce de cima com minúsculas luzes brancas ao redor das fronteiras — um cartaz de carnaval vintage, destacando uma atração de um show de horrores. Letras vermelhas brilhantes soletram as palavras: COMTEMPLE: O PESADELO REQUINTADO.

— Oh, nós temos que ver isso. — Sunny se liberta da nossa cadeia de braços e começa a descer as escadas. Quan ajusta seu chapéu e agitar para recuperar o atraso.

— Sunny! — Eu grito. — Tenha cuidado. — O que eu quero dizer é: aqui tem monstros. Antes de dar o primeiro passo, Jax aperta meus dedos nos dele. Eu olho para cima em suas características preocupadas.

— Não tenha nenhuma ideia de sair por conta própria. — Ele diz, como se estivesse lendo minha mente. — Estamos juntos, certo pessoal?

Quan e Sunny enviam com a cabeça os ombros e continuam a descer.

De mãos dadas, Jax e eu ficamos bem atrás, na escadaria sinuosa, observando a transformação que ainda acontece ao nosso redor. Figuras esguias em trajes apertados e brilhantes despencam graciosos e silenciosos do teto, girando em fitas reluzentes em um espectro de cores. Os acrobatas se balançam em direção ao outro e dão as mãos. Eles formam uma corrente em torno do candelabro giratório, como água-viva luminescente adorando um polvo nas profundezas de um oceano. Sinos de bronze gigantescos caem ao lado deles, altos e profundos. Confetes de prata descem da cúpula espelhada, brilhando sob as luzes negras. Antes que a chuva cintilante toca nossas cabeças, os redemoinhos de papel ganham vida, flutuando para cima e para cima como borboletas metálicas, pairando em volta dos trapezistas e sinos.

No instante em que os pés de Jax encontram o chão atrás dos de Quan e Sunny, os sinos param de picar. Na esteira do gongo que se desvanecia, um grupo assombrado de vozes de acapella saía dos acrobatas — homens e mulheres — cantos dignos de monges em uma catedral gótica.

Os hinos sinistros cutucam aquele lugar dentro de mim... aquelas profundidades dormentes eu não posso deixar despertar.

Rune... Estou aqui. Fique no controle.

O comando rouco do meu maestro, na minha cabeça. Eu paro e viro, procurando. Parece que ele está bem ao meu lado, mas não consigo encontrá-lo

na multidão de rostos sombrios. Trepidação torce na minha garganta, formando um nó que queima.

— Fique perto. — A insistência de Jax na minha mão me deixa mais perto de Sunny e Quan. Nós quatro passamos por corpos aquecidos e suados e adornos ultravioletas: casacos de fibra óptica que parecem cestos brilhantes, camisas de animação e sapatos como os de Jax, fatos feitos de um tecido eletrizado que brilha no ar, como estrelinhas iluminadas. Alguns ravers usam batom e sombra para os olhos ou joias com LED. Outros têm dreadlocks de fibra óptica, juntamente com a pintura de corpo de neon enrolando em torno de seus rostos, braços e pernas em desenhos tribais. Uma mulher com unhas laranja piscando se move para o lado para que possamos passar.

Quando passamos, noto outra fonte de luz, algo que não tem nada a ver com a moda rave. Halos luminosos aparecem em torno da cabeça sombria de cada pessoa, as cores vivas na escuridão: vermelhos, laranjas, azuis e verdes. Rosas e cinzas e marrons. A dança frenética de antes deve ter polido suas auras para um novo nível de brilho elétrico.

A visão faz meus pés se arrastarem, como se minhas solas de bota ficassem grudadas no alcatrão.

— Rune. — Jax me puxa para perto. —Vamos lá, temos que acompanhar.

Sua respiração quente permanece no meu templo, provocadora e tentadora. Perfurando a agitação primitiva dos feromônios sob sua colônia, minhas narinas tremem e minha boca se enche.

Fique no controle.

Grânulos de suor fazem cócegas no couro cabeludo. Esperando escapar do fascínio de Jax, eu coloquei a maior distância possível entre nós enquanto ainda segurava sua mão. Alguns passos à frente, Sunny e Quan se juntam a um grupo de ravers em pé no meio do palco, onde os funcionários de coletes brilhantes se reúnem para manter a ordem. Jax e eu estamos quase lá quando correntes de fumaça multicoloridas jorram de bicos de metal que revestem o teto, formando uma nuvem com cheiro de enxofre entre nós e nossos amigos.

Os cantos gregorianos erguem-se acima da fumaça sibilante. As borboletas metálicas agitam-se através da plateia e roçam nossa pele e cabelo, estimulando um suspiro coletivo.

A fumaça se desvanece em um nevoeiro translúcido. Voltando ao palco, os membros da banda esperam por seus instrumentos, cada um vestido com um traje laranja intermitente. Eles estão prontos, enquanto o baterista acompanha o canto com uma batida profunda e hipnótica. Há algo sobre ele... algo em seus

movimentos que é familiar agora que estamos mais perto. Antes que eu possa colocar meu polegar nisto, a multidão embaralha em antecipação enquanto as partes de nevoeiro no centro do palco e um estrado se eleva de um alçapão, levantando um caixão à vista.

A tampa abre. Um raio brilha para destacar um homem com um robe de monge sentado lá dentro. Painéis gigantes de lona branca descem pelas paredes. Em algum lugar, uma câmera clica, projetando uma enorme visão do ocupante do caixão. Sua máscara esquelética prateada — cobrindo todo o rosto, exceto o queixo e o lábio inferior — preenche cada tela. Eu sou atingida por diferenças minúsculas de como eu me lembrava dele em sua meia máscara na capela. No entanto, por trás dos buracos aveludados, suas íris amarelas flamejantes me chamam.

Meu batimento cardíaco chuta contra o meu esterno.

Etalon?

Ele parece mais magro de alguma forma. Durante nossas danças de fantasia no escuro, eu me familiarizei com seu corpo alto e esculpido e a força de seus braços. Talvez seja a distorção causada pelo nevoeiro, ou o desgaste rave cintilando na minha visão periférica, ou até mesmo o robe grande — um paralelo sombrio com a reverência espiritual que é alcançada na sala. Todos à nossa volta começam a balançar conforme os acrobatas cantores abaixam suas vozes melodiosas a um zumbido.

Jax aperta minha mão para chamar minha atenção. — Eu não vejo mais Quan e Sunny.

Levanto os dedos dos pés e vejo o chapéu de Quan no mar de pessoas que balançam. Ele está discutindo com um dos funcionários, que, além do colete brilhante com capuz, está meio escondido pela multidão. Quan empurra o peito do cara. O empregado — pelo menos três centímetros mais alto que Quan — pega meus dois amigos pelos braços para escoltá-los.

Jax amaldiçoa. — Temos que ir até lá.

Meu rosto queima com vergonha. Como eu poderia tê-los deixado fora da minha vista depois de prometer cuidar deles?

—Vamos lá.

Jax e eu nos empurramos, liderando o caminho desta vez. Meu olhar continua se desviando para o palco, atraído pelo homem que me ensinou a domesticar minhas músicas, esperando por algo importante, uma corrente para alcançá-lo e fechar o espaço entre nós. Eu voltarei, depois de ver a segurança dos meus amigos.

Eu encontro uma abertura na multidão e começo a correr. Jax fica mais apertado na minha mão para me acompanhar. Recuso-me a diminuir meus passos, divididos entre a necessidade de proteger meus amigos e a compulsão de chegar o mais próximo possível do Fantasma.

Estamos quase onde vimos pela última vez Sunny e Quan, preparados para seguir em suas trilhas, quando a imagem gigante do Fantasma na tela se reposiciona, nos impedindo. Ele está dentro do caixão agora. Sua forma iminente paira lá por alguns segundos antes de levitar graciosamente para o palco. Ele abre a boca, e uma nota imaculada escapa, tão pura, lírica e comovente, que é como o casamento de todas as harpas, violinos, violoncelos, flautas, piano e sinos que já foram tocados.

Tudo cai fora. Tudo o que posso ver, ouvir e sentir é o desempenho que se desenrola diante de mim.

O Fantasma abre os braços e lança uma canção de sua garganta em uma chuva de ornamentação operística. Inunda-me e atinge o interior com os dedos líquidos, arrancando as mechas do meu coração como se eu fosse o seu instrumento. Isso é diferente de quando ele me guia com seu violino. Isso é intrusivo, sedutor, assustador mas, ao mesmo tempo, inevitável.

As notas se espalham pelo núcleo do meu ser, invadindo cada poro, trazendo a música que representei em minhas profundezas para subir em minha garganta em uma onda de angústia, mas eu luto liberando-a.

Eu estou me afogando, me aproximando para pegar a linha de vida que a voz do Fantasma oferece. Jax segue, seus olhos no palco, hipnotizados como eu. Todos gostaram.

Náuseas se agitam no meu estômago. A música me prendeu, meu inimigo mais uma vez. Eu sou uma marionete, mas desta vez, é a voz sedutora do Fantasma puxando minhas cordas. Eu quero perguntar a ele porque ele me traiu; por que ele prometeu trazer meu pai para mim, apenas para me tornar uma vítima; eu quero saber porque ele ajudou a consertar o que estava errado, só para me quebrar de novo. Mas se eu abrir minha boca, ficarei incapacitada quando eu limpar a música.

Eu não posso ser vulnerável assim, não aqui.

Sob minha confusão e a serenata do Fantasma, outra voz se rompe: *Runa, vire-se. Não cante para ele.*

Então eu lembro do garoto dos meus sonhos. O Fantasma no palco não soa como meu maestro, ele não é humilde e gentil como Etalon. Este homem é poderoso, majestoso e ameaçador.

De alguma forma, eles não são a mesma pessoa.

Nesse momento de clareza, a música gorgolejando na minha garganta afunda no meu peito até que eu esteja no controle mais uma vez. O perigo da situação bate duro e rápido: Quan e Sunny estão faltando, e Jax está de pé ao meu lado na escuridão, a mão na minha, ainda em transe, nós dois ofuscados pelos outros ravers deixando-nos para trás em sua jornada para alcançar o palco.

Segurando mais firme em Jax, eu me apoiei, indo para as escadas que descemos mais cedo. Ele tenta se afastar e se juntar à multidão que se move para frente, mas eu domino-o, aproveitando seu estupor enfraquecido e induzido por canções.

Como os outros, ele não ouve o que eu ouço: a serenata do Fantasma não é mais bonita... é furiosa e violenta. Todos os instrumentos foram retomados: teclados eletrônicos, címbalos e linhas de bateria, pulsando nas raízes dos meus dentes e batendo contra os meus ossos e medula. Jax não vê o que eu vejo: os tentáculos negros do candelabro se enrolando como vinhas vivas e espinhosas, se estendendo cada vez mais perto da multidão; os acrobatas com os olhos brilhando, flutuando como aranhas em linhas de ancoragem, aproximando-se cada vez mais de suas presas; os funcionários cercando o palco em seus coletes, oferecendo uma distração para evitar que todos olhassem para o alto.

Alheios, os ravers marcham ao meu redor e Jax — uma linha ultravioleta de formigas evitando dois fios de grama em sua jornada para se aproximarem de sua fonte de nutrição: o Fantasma e sua arrebatadora e brutal música.

Eu choramingo ao ver um dos funcionários em busca de nós. Jax e eu subimos as escadas para escapar. Quando chegamos à varanda, perdi de vista o colete do nosso perseguidor.

Isso me dá um pequeno alívio que Sunny e Quan foram escoltados antes que todo o caos começasse. O surto de ravers atingiu a borda do palco. Eles esticam as mãos para o alto, alguns chorando, outros gemendo como se sentissem dor, cada um rodeado por uma aura de púrpura e carmesim — oferecendo seu espírito e lealdade ao atormentador.

Enquanto a música chega ao seu auge, uma flutuação nas telas gigantes chama minha atenção. O Fantasma levanta uma luva negra e arranca a máscara, expondo uma horrível distorção de carne cremosa e encerada, pendendo de um crânio nodoso e disforme. Seus olhos — aqueles olhos que eu achava que conhecia - escavam sob sua testa bulbosa e seu nariz se foi, como se fosse uma vela que se dissolveu. Eu não sei quem vem me visitar a cada noite, porque esse é o verdadeiro fantasma. Ele nem tem metade do rosto.

Um soluço se aloja na minha garganta. Eu tiro meu olhar para longe, incapaz de assistir outro segundo. Não é a deformidade que a torna insuportável. É a agonia insaciável dentro daqueles olhos profundos e cintilantes — mais de um século de desânimo, tristeza e raiva.

O pandemônio se solta abaixo. As espinhosas videiras se enrolam e envolvem os tornozelos e pulsos de cada raver, para que não escondam os olhos ou corram, obrigando-os a olhar para as telas. Suas auras ressurgem de um amarelo acinzentado — a cor do puro terror. De alguma forma, a luz de seus halos penetra nas videiras, enchendo-as de iluminação até a base do candelabro no teto. Gritando, desmaiando e gemendo martelando meus ouvidos. Os funcionários com vestimentas brilhantes se reúnem em volta de suas presas — juntando-se aos acrobatas que saltam sobre os ravers aprisionados, alimentando-se do que sobrou de sua luz. As vítimas giram como se estivessem convulsionando.

Um sabor desperta na minha língua, uma lembrança de uma essência que eu só experimentei uma vez, mas quero provar de novo.

Jax choraminga ao meu lado, me lembrando que ele está lá. Ele cobre os olhos, tentando não ver as telas e o rosto trágico do Fantasma ainda cantando as últimas e tristes notas de sua música.

Eu viro Jax, então ele está de frente para mim e o elevador nas minhas costas. — Tudo bem, Jax. — Eu agito seus ombros suavemente. —Apenas olhe para mim.

Ele pisca, sua expressão vítrea limpando. — Rune? — Ele se afasta. — Seus olhos. Eles estão brilhando. Como... os dele.— Horror estressa suas feições.

Eu tento não notar como minha boca está molhanda... tento não lembrar que o rosto de Ben parecia o mesmo quando eu estava me alimentando de seu terror... tento esquecer o sabor inebriante do poder. Mas eu não posso mais pensar. Tudo o que posso fazer é agir.

Levantando para os dedos dos pés, eu envolvo meus braços em volta do pescoço de Jax e o forço contra mim, pressionando nossos lábios juntos. Gemendo na minha boca, ele me puxa para mais perto, aprofundando o beijo, nós dois cavalgando ondas de música, paixão e pavor.

Eu tento me arrastar para longe quando ele cai de joelhos, perdendo o fôlego. Mas seu desespero só alimenta minha gula. Ele tem gosto de Ben: queimado, açucarado e antinatural — outono torrado, enxofre e cobre envolto em doces e escuros. Eu sou fraca demais para resistir; eu vou ao chão com ele,

ainda sugando aquela deliciosa pulsação da vida.

O ping do elevador se registra atrás de mim. Eu ignoro, prendendo o queixo de Jax nos meus dedos para que ele não possa escapar.

Mãos fortes seguram meus ombros e nos separam. Jax se arromba no chão da varanda, ofegando enquanto eu rosno e chuto para escapar do conjunto de braços segurando minha espinha imóvel contra uma parede sólida de músculos do peito.

— Não seja gananciosa. — A profunda fricção de Etalon está abafada, sua respiração se filtrando em um riacho que aquece meu pescoço. — Aprenda a saber quando você já teve o suficiente.

Paro de lutar, apesar de minha língua ainda latejar com cintilação elétrica. Ele me arrasta através da varanda e me deposita, caída, dentro do elevador. Eu rolo para assistir suas costas largas quando ele ativa o freio e sai novamente. Ele está usando um uniforme de funcionário — colete brilhante com capuz e calça preta e camisa. Ele recupera o corpo inconsciente de Jax e coloca-o ao lado do meu no carpete, em seguida, libera o elevador.

Quando as portas do elevador nos fecham e o motor nos carrega para baixo, Etalon deixa cair o capuz, revelando cachos espessos, escuros e desgrenhados que roçam o colarinho de sua camisa. Ele me estuda por trás de uma máscara de cetim preta cheia, então se ajoelha, aqueles olhos castanhos expressivos mudando para Jax. Pegando uma seringa de seu colete de fibra óptica, ele aponta a agulha no braço exposto do meu amigo.

Eu me esforço para sentar. — Por favor, não o machuque. — Eu tento afastá-lo.

Etalon interrompe meu pulso com a mão nua. Um choque passa entre nossa pele e ilumina nossas veias em sincronia, quente e rejuvenescedora. Naquele momento, bem no fundo, sei que sem dúvida ele não vai machucar Jax. Ele está tentando ajudar. Eu me solto, chocada com a potência da nossa conexão. O silêncio de Etalon se estende como uma sombra, deixando-me perplexa e surpresa.

Com os olhos brilhando como moedas de cobre, ele desvia o olhar e injeta em Jax com a seringa antes de endireitar as roupas amarrotadas de meu amigo e cobrir a parte superior do rosto com uma venda nos olhos. Quando Etalon segura uma venda nos olhos, eu balanço minha cabeça.

— É para sua própria segurança, Rune. — Ele fala finalmente, seu sotaque espanando cada palavra grave com decadência francesa. — Eu menti para você e não mereço sua confiança. Mas você vai ter que me dar mais uma vez. É a única

maneira de tirá-la daqui antes que o Fantasma perceba que você se foi e liberte sua ira sobre todos nós.

17
O artifício de prevenção

"Nós somos o que fingimos ser, então devemos ser cuidadosos com o que pretendemos..."

Kurt Vonnegut



— Tudo bem, senhorita Nilsson, *les charges de poo*! — A alegria na chamada de Madame Bouchard do palco coalha dentro de mim como azia; todas as suas sílabas e consoantes ecoam com bravura ao longo das vigas do teatro enquanto ela aguarda a sua estrela pupila.

Kat sai de sua fila, mas para de fazer uma careta no lado direito do auditório, onde, desencadeada pela expressão — montes de cocô — de Bouchard, surgem risadinhas entre os alunos do primeiro ano. Eles ainda não conseguem controlar suas reações juvenis, mesmo depois de aprenderem o significado por trás do ditado. Nos tempos antigos, o público levava carruagens para a casa de ópera ou teatro. Quanto maior o comparecimento, mais cavalos — cada um deles abastecia-se de esterco. Então, para transmitir sucesso aos performers, o que poderia ser mais apropriado do que desejar a eles um full house, ou seja, um monte de cocô?

— *Chut!* — Bouchard bate palmas, silenciando o riso com tanta eficácia que o tilintar da coleira de Diable aos meus pés chama a atenção de vários alunos das duas fileiras que cercam as nossas.

Bouchard aponta um de seus infames rosnados para os juniores. — Você pode ter certeza de que tomei nota de onde o riso se originou, e cada um de vocês estará detido amanhã. Uma hora depois das aulas, reorganizando e limpando meu estúdio de arte e suprimentos.

Um gemido coletivo surge, mas desaparece com a mesma rapidez, como se os estudantes tivessem medo de um destino ainda pior, caso eles a ofendessem novamente. Eu não os culpo, considerando que os "estúdios de arte e suprimentos" são de fato as ferramentas de seu ofício: equipamentos de taxidermia ensanguentados e cabeças de animais empalhadas esperando para serem montadas em placas.

Eu cutuco Diable carinhosamente com a ponta da minha bota de cowboy. Ele envolve suas garras dianteiras em torno do couro gasto, roendo-o com pequenos dentes afiados. Ele se senta com um começo. Suas orelhas grandes se erguem. Emparelhado com seus bigodes e cauda, é um sinal claro de que ele ouve Etalon nas paredes, ou um rato em algum lugar. Eu realmente espero que seja Etalon. Eu não tenho notícias dele desde que saí do clube ontem à noite. Até meus sonhos eram desprovidos de suas canções.

Não me dando uma segunda olhada, Diable está desaparecendo nas sombras. Eu gostaria de poder escapar tão facilmente. As audições finais de dança demoraram mais que o esperado. Começamos às duas horas e agora são quatro. Mas a audição de canto mais importante ainda permanece. Apenas Kat e Audrey chegaram às finais, já que eu desisti. Depois de hoje, uma se tornará Renata e a outra será substituta. Ou, se Kat terminar com um papel menor, não teremos nada de substituto.

— Agora, senhorita Nilsson, por favor.

Kat retoma sua caminhada pelo corredor e sobe os degraus até o palco. Sunny grunhe, mantendo o volume baixo o suficiente para que os professores sentados na parte de trás do teatro não possam ouvi-la. É tudo para o benefício da Audrey.

Sua vez será depois de Kat, e eu nunca a vi tão nervosa antes de cantar. Ela estava de volta cedo o suficiente de Paris ontem para praticar mais cinco vezes sem um único erro, e ela já estava armando a melodia dias antes disso. No entanto, algo a abalou, até o ponto em que ela nem sequer olha para mim quando tento ajudar.

Talvez seja porque vários dos juniores pararam o meu grupo depois do almoço esta tarde e perguntaram se eu planejava experimentar. Aparentemente, já que Kat e Roxie não estão mais me dando o maior susto do palco, alguns de

nossos colegas decidiram que eu valeria um segundo pensamento.

Mas um papel em uma ópera é a última coisa em minha mente. Por um lado, eu nunca passaria por toda Audrey e seu trabalho duro, para não mencionar trair nossa amizade. Eu não farei isso. E dois, o palco é um lembrete do desempenho e dos eventos que aconteceram no clube na noite passada, e eu sou uma responsabilidade perigosa. Eu sou uma bomba-relógio de selvageria sugadora de energia. Basta olhar o que eu quase fiz para Jax e Ben. O que eu espero que não tenha feito ao meu pai.

Eu tenho sorte que Jax, Quan e Sunny relembram muito pouco sobre nosso passeio estranho, mas isso não me torna menos culpada.

Por mais incrível que tenha sido há pouco mais de um mês, cantando neste teatro quando era apenas eu e meu parceiro de fantasia, esse tipo de alegria temporal parece tão fora de alcance agora. Tudo é marcado pelo que aconteceu quase vinte horas antes — e as perguntas que foram respondidas apenas para o nascimento de mais mil.

Por que Etalon estava fingindo ser o Fantasma? Como é o rosto dele sob a máscara? Ele também está danificado? E quem é o verdadeiro fantasma? O que eu sou para ele? Como minha família se encaixa nisso tudo?

Meu estômago se contrai quando eu me enterro mais fundo no assento aveludado, espremido entre Sunny e Quan de um lado e Audrey e Jax do outro. Audrey está chateada com Jax, Sunny está chateada com Quan. E eles estão todos agindo de forma estranha comigo. Deve ser nervoso obter o melhor de todos. Talvez seja algum efeito colateral do material que Etalon injetou em suas veias, outra coisa que ninguém se lembra além de mim.

Os músicos no fundo da orquestra começam a tocar e Kat se une na sugestão, sua voz poderosa, seu russo impecável. Tentando não ouvir, concentro-me no projeto de tricô que eu trouxe — minha única chance de sanidade. Eu deixei meu cabelo mais baixo, então ele fica pendurado ao redor do meu rosto em ambos os lados, como cortinas grossas e onduladas, oferecendo privacidade. Estou cansada de vislumbrar as auras das pessoas na minha periferia. Elas parecem mais brilhantes e mais notáveis hoje do que nunca. Ou isso, ou eu estou hiper consciente porque estou curiosa sobre o sabor que cada emoção diferente pode conter.

Eu trouxe minhas agulhas de tricô de madeira, porque elas são mais silenciosas do que as de metal. Elas rodam silenciosamente, comendo a massa emaranhada de fios cinzentos. Laço, nó e puxar... laço, nó e puxar — eu lancei meus pontos, ligando e travando. As agulhas balançam, ferozes em sua

velocidade, me dando algo para me concentrar em outras horas que tenho que passar antes que eu possa ver Etalon hoje à noite.

Não sei por que ainda estou tricotando meias para ele. Talvez porque os fios custam dinheiro, assim como os apliques de emoticons que estou costurando nos dedos individuais para representar os rostos que ele costumava desenhar quando criança.

Embora no fundo, eu sei que é mais. É porque, mesmo que ele tenha me enganado, eu não posso esquecer que há detalhes desconhecidos e tortuosos de seu passado que o conectam com o mundo sombrio que eu experimentei na noite passada. Por algum motivo, nunca consegui ver além do momento em que sua voz foi danificada. No entanto, de alguma forma, mesmo depois das crueldades que sofreu, ele ainda tinha bondade suficiente em seu coração para salvar a mim e a meus amigos.

Esperemos que não às suas próprias custas.

O pensamento dele em perigo torna minha boca seca e grudenta, como se eu estivesse mastigando cardos. Eu respiro lentamente, cercada pelo cheiro do clube. Mesmo que eu tenha tomado banho duas vezes na esperança de lavar todas as lembranças horríveis penduradas em mim através dos meus sentidos, ainda há um toque de enxofre e perfume rançoso no meu túnel de cabelo.

Os vocais de Kat se intensificam, mas eu a fecho, minhas agulhas diminuindo para uma calmaria rítmica e calmante. Filtrando através de fios ondulados de cabelo, o refletor roxo me relaxa ainda mais, me lembrando da lâmpada de lava no meu quarto.

Eu me imagino encolhida debaixo das cobertas com a abertura nas minhas costas, a música de Etalon tocando, eu cantarolando junto, e nós dois ficamos à deriva em correntes de paz. Apesar do quanto estou com raiva de suas mentiras, ainda me sinto conectada a ele. Por um lado, porque ele compartilha um lado muito poderoso e assustador de mim; mas ainda mais porque nos fazemos parte desde os sete anos. Sua música me salvou de me afogar naquele dia em que minha avó me mergulhou. Eu ainda não lhe disse isso. Talvez ele já saiba. Como você odeia alguém que te tirou da beira da morte, não uma vez, mas duas vezes?

Se ao menos pudesse voltar à maneira como as coisas eram há apenas duas noites. Quando eu não tinha quase sugado toda a vida de Jax, um dos caras mais doces e engraçados que já conheci. Quando Etalon ainda era o Fantasma. Quando eu o conheci e confiei nele.

Confiando em um fantasma. Eu fecho meus olhos na estupidez desse pensamento.

A noite passada foi estúpida também. Eu sei disso. Eu sabia disso mesmo quando fui àquele clube, quando estava me deixando acreditar... mas é difícil abandonar a chance de conhecer a si mesmo ou de se redimir por anos de culpa.

Meus dedos se movem mecanicamente agora, tricotando no piloto automático.

Aqueles últimos minutos que tive com Etalon rolam sobre mim em ondas, me levando de volta ao elevador. Enquanto ajudava com minha venda, ele explicou que estávamos em um covil de vampiros psíquicos — vampiros que se alimentam de energia em vez de sangue — descendentes modernos de íncubos e súcubos do velho mundo que evoluíram para utilizar todas as variedades de energia emocional, além da luxúria... Ele avisou que, embora fossem da nossa espécie, eles eram mais perigosos do que qualquer um de nós.

Todos esses anos eu acreditava na mitologia, que os íncubos e súcubos eram criaturas que se alimentavam de vítimas do sono. Mas eles podem atacar a qualquer hora, em qualquer lugar.

Nós podemos atacar.

— Eu sou uma vampira. — Eu sussurrei. Eu fiquei tonta no elevador, tentando envolver minha cabeça naquela revelação aterrorizante.

Etalon me firmou. — Você já suspeitava. — Disse ele. — Você só precisava de alguém para fazer você encarar isso. Está na sua linhagem, do lado do seu pai. Eu vi as memórias... como ele te levou para o jardim e te mostrou. — Eu tentei me virar, mas ele me segurou no lugar, ainda trabalhando na venda. — Segure firme. Eu não quero puxar seu cabelo e te machucar.

As portas do elevador se abriram antes que eu pudesse responder.

— Você deve ter mil perguntas. — Ele continuou naquela voz rouca familiar que estava lendo histórias de dormir para mim há semanas. — Eu responderei a elas em breve. Mas para esta noite, você precisa fingir estar em transe se quiser manter seus amigos em segurança. — Ele grunhiu, levantando Jax para carregá-lo enquanto me guiava pelo meu antebraço até o carro funerário em que chegamos.

Felizmente, todos os outros estavam preocupados no clube, festejando ou sendo festejados, então não tivemos interrupções. Etalon não disse nada até o motorista falar.

— Então, você encontrou o nosso último clandestino. — O homem nasalmente riu do outro lado da minha venda.

— Eu encontrei. — Respondeu Etalon. — Vamos colocá-lo no carro com os outros. Todos eles aprenderam uma lição valiosa hoje à noite. Pena que eles

não se lembrarão amanhã.

Ouvi a porta do carro fúnebre se abrir, depois um farfalhar de roupas enquanto os dois homens arrastavam Jax para o banco.

— E a menina? — Perguntou o motorista.

A mão de Etalon segurou meu cotovelo. Eu reconheci os calos do violinista nas pontas dos dedos. Meus braços se aqueceram quando algo foi colocado sobre eles e se acomodou em meus ombros. Meu casaco...

Etalon puxou um cacho livre do meu colarinho. Seu dedo roçou meu pescoço, enviando um delicioso atrito através de mim antes que ele descansasse uma palma na minha parte inferior das costas.

— Ela deve ser deixada acordada e sem descuidos. — Sua voz profunda estabeleceu o comando. — Ela está alimentada. E eu a hipnotizei para não remover a venda. Ela não representa ameaça.

— Entendido.

— Eu gostaria de um minuto sozinho com ela, para garantir que ela permaneça até que você as deixe. Eu vou ajudá-la a entrar no carro assim que terminar.

— Claro, senhor. — A porta do carro se abriu e fechou, indicando o motorista tomando seu lugar dentro.

Eu fui levada a alguns metros de distância. Cerrei os dentes, barricando as milhares de acusações e perguntas que queriam saltar — furiosa em minha cegueira.

— Você tem todo o direito de ficar com raiva. — O tom paternalista de Etalon ardia como óleo quente.

— Palavras sem sentido de alguém que está sempre se escondendo. — Eu fervi. — Eu deveria pelo menos olhar nos seus olhos quando você explicar por que você me preparou.

— E você vai. — Respondeu ele, sua voz tão crua em sua sinceridade, que me fez lembrar o garotinho que ele já foi cujas belas canções foram roubadas com o sabor de soda cáustica e bílis. Uma linha irregular de simpatia cortou meu coração.

Eu peguei uma respiração quando algo frio e metálico fez cócegas no meu peito alguns centímetros abaixo do mergulho na minha clavícula. Etalon me girou devagar até que minhas costas o encararam, apertando uma corrente delicada na minha nuca.

— Vous êtes si belle. — Seu sussurro áspero dourou meu lóbulo da orelha em um pedaço de calor — de alguma forma ainda mais sensual para o seu

confinamento por trás da máscara.

Você é tão bonita. Minha pele zumbia, tanto pela sua proximidade quanto pelo elogio, mas eu me recusei a deixá-lo ver. Uma réplica sarcástica se formou na minha língua e eu tentei girar para soltá-la.

— Não, não. Ainda não. — Ele me segurou no lugar, com um braço me cruzando por trás — um peso provocativo que contorce minhas costelas — e a outra mão segurando a frente do colar. —Você está em transe, lembra? Qualquer explosão emocional quebraria essa ilusão. — Com cada respiração rasa eu arrisquei, seus dedos roçaram minha pele no decote do vestido, liberando faíscas de sensação que fizeram meu pulso disparar.

— O que você colocou no meu pescoço? — Eu sussurrei, menos uma pergunta do que uma técnica de distração para que meu coração parasse de correr.

— Uma chave para o telhado de RoseBlood. — Explicou ele, suas próprias respirações irregulares, provando que ele era igualmente nivelado pelo nosso contato físico depois de tantos dias e noites sendo separados por paredes, e tantos anos separados pelo espaço e pelo tempo. — Se você acenar na frente de Diable, deixe-o dar uma boa cheirada, ele vai guiá-la pela passagem secreta. — Ele me soltou e o colar, me ajudando a virar sem deslizar nos meus estiletes.

— Ele é seu familiar, não é? — Eu tracei a chave no meu peito como uma pessoa lendo braille. Era uma caveira metálica com dentes pontiagudos, como os que todos os alunos e professores usavam para destrancar os dormitórios.

— Você poderia dizer isso. — O arranhar inquieto das solas de Etalon no chão indicava desconforto com o assunto, ou um desejo de apressar a conversa. — Embora ninguém seja seu mestre. Ele é meu companheiro e cúmplice, quando ele escolhe ser.

— E o colarinho é para fazê-lo parecer um animal de estimação normal.

— O colar é para o benefício da Ange. Ela é meio cega... precisa da vantagem dos sinos para avisá-la de seu paradeiro.

— Ange?

— O cisne.

— Oh, ela. — *O vermelho da capela*. — Então, de quem é seu mestre?

Etalon não respondeu, como se ele já tivesse falado demais.

— Por que você tem Diable me seguindo? — Eu perguntei, tentando puxá-lo de volta para que eu não estivesse sozinha na escuridão.

— Essa foi a decisão dele. Você ganhou sua confiança e respeito, porque você tentou resgatá-lo. Isso é tão difícil de acreditar? Não é nisso que nossa

amizade se baseia — de ambos os lados — nas últimas semanas, e durante anos antes em nossas visões de sonhos?

Eu enrolei meus lábios sobre os meus dentes e mordi.

— Ele pode ser um gato...— Etalon continuou, — Mas ele tem o nariz de um sabujo. Ele saberá que porta essa chave abre e te levará até lá. Me encontre amanhã à noite depois das luzes apagadas.

Eu cerrei minhas mãos, frustrada pelas limitações impostas a mim, tanto a venda quanto o falso transe. — Por que então? Por que não hoje à noite? Eu preciso de respostas agora. Você me deve isso depois do que quase fiz ao meu amigo.

— Eu te devo mais que isso. Mas seu amigo ficará bem. Todos eles vão. Eles só vão lembrar dos momentos que foram seguros. Toda memória prejudicial será bloqueada. A droga tem esse efeito. Esta noite, você precisa voltar antes do toque de recolher. E eu tenho que fazer o controle de danos aqui, se eu proteger você e seus amigos. Me encontre amanhã. Eu prometi a você seu pai, e posso te dar muito.

Eu bufei pelo nariz, embora a apatia fosse forçada. — Mais isca para me atrair para outra armadilha?

Etalon fez um som exasperado. Se eu pudesse ver seus olhos de cílios escuros, eles sem dúvida seriam limitados em frustração moderada. Que estranho que eu conheça tal detalhe. É porque eu o conheço — em algum nível que desafia a explicação.

— Eu tenho seu Stradivarius, Rune. — Ele respondeu, apagando minhas introspecções surpresas. — Black as oil, com as iniciais O.G. entalhado nele. Eu tenho tocado o instrumento para você desde que você tinha sete anos e eu tinha nove anos.

Qualquer resposta morreu na minha língua. Minha avó disse que ela enviou o violino de papai de volta para seu próprio endereço aqui em Paris há dez anos, quando ele ficou fraco demais para tocá-lo. Então, como Etalon tomou posse disso?

Eu não pude expressar a pergunta; sua confissão me deixou muda e entorpecida.

Depois de me levar ao carro fúnebre, Etalon puxou meu casaco para esconder o colar. Quando ele amarrou o cinto, peguei suas mãos e segurei-as na minha cintura, desejando aquela carga elétrica de contato uma última vez.

O momento se desfez, ofegante e silencioso.

Amanhã à noite. Com apenas aquelas palavras faladas em minha mente,

ele segurou meu cotovelo e me ajudou a entrar no carro, então me mandou embora com meus amigos.

Após a nossa chegada, o motorista tirou nossas vendas e nos depositou na mesma rua onde fomos apanhados. Eu peguei meu telefone. Primeiro, usei isso como um espelho para estudar meus olhos. Nenhuma luz refletida de volta. Como a minha experiência com Ben, o brilho passou. Aliviada, ativei a tela e verifiquei a hora: 20h30.

De alguma forma, apenas duas horas se passaram, embora parecesse uma eternidade. Eu chamei um táxi e observei meus amigos até que eles começaram a acordar.

Quando o nosso passeio parou, todos nós nos espremeMos no banco de trás, sussurrando sobre os acontecimentos da noite. Assim como Etalon prometeu, cada um deles tinha amnésia parcial. Quan e Sunny se lembravam de estar na pista de dança e serem abordados por um funcionário alto e bem construído, com uma voz rouca, pedindo para ver suas pulseiras. Ele os acusou de forjar seus convites e os acompanhou até o elevador. Depois disso, nada...

Quanto a Jax, ele se lembrou de mais: perseguindo Quan e Sunny, depois parando para assistir a um show de “fora deste mundo” de um cantor de ópera mascarado. Mas ele não conseguia lembrar como o desempenho terminou. Tudo desbotou para preto até que ele acordou no meio-fio.

O alívio de que ele não se lembrava do meu ataque tornava mais fácil suprimir a culpa e fingir que eu também não lembrava nada de importância.

Mas, hoje, aqui no teatro, cercada pelos aromas do clube trancado no meu cabelo, as memórias indeléveis recusam-se a ceder.

A audição de Kat termina em uma nota intocada. Ela ainda não dominou a loucura e a gama de emoções de Renata, mas aperfeiçoou todos os gestos e poses e, tecnicamente, fez tudo certo. Quase todos os estudantes no auditório aplaudem quando ela sai do palco.

Bouchard chama Audrey em seguida. Nossa amiga se vira para nós, seu olhar esfumaçado saltando de cada um de nós, como se absorvesse apoio e confiança. Quando ela para no meu rosto, a dor cintila por trás de sua expressão.

Minha mandíbula aperta. Eu não posso imaginar o que fiz para ofendê-la.

Jax tenta tocar a mão dela enquanto ela entra no corredor, mas ela o afasta. Ele lança uma carranca tempestuosa para Quan, do outro lado de Sunny.

Enfio meu tricô e lanço na sacola no meu colo enquanto Sunny pede que Jax pegue o lugar vazio de Audrey ao meu lado. Ele se alonga, mantendo a cabeça baixa. Os holofotes piscam, iluminando Audrey e lançando o auditório na

escuridão.

— Tudo certo. O que está acontecendo, pessoal? — Eu sussurro para meus três cúmplices rave quando os instrumentos começam a intricada peça.

Batendo a mão no rosto, Jax se encolhe no banco. — Eu contei a Quan sobre o que aconteceu entre nós. Eu... queria saber se alguma coisa estranha aconteceu com ele e Sunny. Eu pensei que talvez houvesse um intensificador de humor na fumaça durante a performance ou algo assim. Mas Quan não consegue manter sua boca gorda fechada e vazou para Sunny. Audrey os ouviu conversando.

Sunny dá um soco no braço de Quan. Ele olha para ela e uma discussão sussurrante entre eles, deixando eu e Jax desconfortavelmente perto de nossos assentos. Uma sensação de medo cresce dentro de mim, espelhando os vocais assombrados de Audrey enquanto eles incham sobre os instrumentos e flutuam para o lustre de cristal.

Reunindo minha coragem, eu me viro para Jax para encontrá-lo estudando meu rosto intensamente na escuridão. Então, ele se lembra mais do que ele admitiu ontem. Mas ele não está agindo com medo, o que significa que ele ainda não se lembra que eu quase o matei.

Meu pulso bate em meus pulsos. — Do que você está falando... o que aconteceu entre nós? — Eu falo, uma tentativa idiota de se fazer de boba.

Jax aperta suas coxas com os dedos, seus olhos azuis —brilhantes mesmo nas sombras, fixando nos meus. — Nosso beijo. — Ele aperta os olhos. — Rune, você não se lembra? Nós estávamos loucos. Eu não queria parar. Eu estou apagando o que levou a isso, se você iniciou, ou se eu fiz. Ou o que aconteceu depois. Mas eu lembro disso. Eu nunca me senti tão rápido. Intenso, desinibido.

Sua respiração, perfumada com chiclete de canela, aquece meu rosto. Eu mudo meu olhar para o palco e assisto Audrey, mordendo o interior da minha bochecha até sentir o gosto de sangue.

— Eu me odeio por machucá-la. — Continua Jax, agora concentrado no desempenho. — Tudo o que ela pediu foi que eu não distraí-la por mais algum tempo. Dei-lhe espaço para obter essa bolsa e garantir seu futuro. Então, finalmente, nós íamos sair neste verão. — Ele geme e então olha de novo para mim. — Eu não esqueci como vale a espera que ela é. Mas eu não consigo parar de pensar nesse beijo também. Venha, você precisa se lembrar. Certo?

Sunny e Quan estão nos observando com a respiração suspensa, esperando pela minha resposta.

Minha traqueia parece cheia e fria, como um canudo preso em um milk-

shake. Eu me esforço para inalar. — Eu sinto muito. Eu não me lembro de nada disso. — Eu sou uma idiota e mentirosa como Etalon. Deve ser habitual para nossa espécie. — Tem certeza de que não foi um sonho? — A ironia de tal pergunta de um súcubo me faria rir, se eu não estivesse lutando para aceitar o que sou para começar.

Jax lambe os lábios. — Não. Eu lembro como provei. Como néctar, cravado com mil volts de eletricidade. Eu não sonho tão vividamente, Rune. Precisamos conversar sobre isso.

Eu tiro minha atenção de suas características atraentes, com medo da intriga de como isso é justaposto com vergonha e confusão. *O que é falar sobre? Estamos ambos atraídos por outras pessoas. Você estava fascinado pela música de um incubus. Eu fui motivada pelo instinto de sugar sua energia enquanto você estava vulnerável. Nenhuma outra explicação necessária.*

Estas são as coisas que ele não lembra e as coisas que eu nunca consigo compartilhar.

Sunny toca meu joelho e gesticula para o palco. Em vez de retratar a loucura, os movimentos da voz e do corpo de Audrey — para não mencionar sua aura brilhante — vacilam entre a traição e o arrependimento, completamente fora do personagem para o solo. Ainda assim, suas anotações são perfeitas, até a última cadência, onde ela quebra enquanto engole um soluço. Ela para e os instrumentos seguem sua liderança, silenciando.

Sua forma delicada afunda como uma boneca frágil. — Eu estou... Me desculpe! — Ela meio grita, meio gemidos em uma tentativa miserável de salvar o rosto. Então ela corre para os bastidores atrás das cortinas antes que o tremor em sua voz pare de ecoar.

As luzes clicam, lavando todos nós em luz implacável.

Murmúrios balbuciam por todo lado.

Roxie e Kat batem os punhos.

Bouchard se atravessa pelo palco. — Bem, parece que temos nosso prestigioso papel principal. A parte de Renata vai para...

— Espere! — Eu grito, levantando-me tão rápido que minha sacola se arrasta no chão como uma coisa morta. Cabelo pendurado nos meus olhos, graciosamente borrando os cinquenta alunos que se mexeram em seus assentos para me embasbacar. Audrey perdeu sua chance de deixar sua irmã paraplégica viver vicariamente através dela. Ela perdeu aquela chance de uma bolsa de estudos e o futuro ela não pode pagar de outra forma. E ela e Jax estão em evidência antes mesmo de chegarem ao status de super conjunto que eu sei que

eles são capazes. Por minha causa.

A não ser que...

Há uma coisa que eu posso fazer para fazer Jax esquecer que ele sempre gostou de me beijar, e ver que Audrey ainda tem a chance de brilhar na frente daquele caçador de talentos, mas todo o meu corpo estremece só de pensar nisso.

Um pedaço de medo me estrangula. Eu limpo minha garganta. — Eu, eu ainda não tenho a minha vez. — Minha declaração para Madame Bouchard soa mais forte do que eu sinto. Eu engulo contra o nódulo fazendo outra aparição. — Eu sei que posso fazer melhor do que essas duas amadoras. — O cruel insulto se quebra solto, irregular e frio como vidro quebrado, cortando meu coração e minha língua.

Sinto os olhares de incredulidade dos meus amigos, mas não consigo olhar em sua direção.

Kat e Roxie estão viradas em seus assentos para me encararem, então eu me concentro nelas. Eu vou usar tudo que Etalon me ensinou. Se eu puder dominar a música de Renata mais uma vez e derrubar Kat, você sairá da ópera completamente, deixando Audrey em seguida.

Eu olho para a fila de professores atrás de mim. Todos estão lá, exceto o professor Tomlin, que costuma passar fins de semana em Paris para tocar com sua banda. Mas eu não preciso que ele influencie a votação.

— Você me disse que eu poderia experimentar se eu quisesse, certo? — Eu pergunto.

Tia Charlotte tira os óculos do rosto e pensa por um instante, como se estivesse preocupada, eu não estou pronta. Ou talvez ela esteja envergonhada por eu ter batido tão descaradamente em Audrey, alguém que deveria ser minha amiga. Finalmente ela concorda — seu entusiasmo forçado se espalhando pelos outros.

O diretor Fabre fala: — Madame Bouchard, parece que temos uma última perspectiva a considerar.

Apesar da óbvia desaprovação da Noiva de Frankenstein, ela me inclina para a frente, as papadas cerradas em ângulos afiados.

Eu me esquivo de Jax, cujo rosto reflete o mesmo choque enojado de Sunny e Quan. Sem oferecer qualquer explicação, eu entro no corredor para conseguir o maior papel que eu nunca quis.

18
Moratória da natureza

“Impiedosa é a lei da natureza, e rapidamente e irresistivelmente somos atraídos para a nossa desgraça.”

Nikola Tesla



Duas horas até as luzes se apagarem. Thorn tinha que encontrar uma maneira de escapar dessa prisão.

Algo aconteceu com Rune hoje. Ele sentiu o aumento em seu espírito quando ela se apresentou. Ela era maravilhosa e triunfou, mas isso a aborreceu. Ele queria saber todos os detalhes. Se isso significasse o que ele suspeitava, se ela tivesse ganho o papel de maior prestígio na ópera por conquistar a música por conta própria, e ainda assim não sentisse satisfação, talvez os planos de Erik tivessem mérito afinal.

Houve uma desconexão mental entre Thorn e Rune desde a noite passada no clube. Sua raiva erigiu uma barreira para qualquer visita espiritual em seus sonhos... uma parede que ele não poderia derrubar a menos que ele pudesse encontrar uma saída para vê-la, e ganhar sua confiança novamente.

Ele fechou o trinco em uma gaiola, depois se levantou e endireitou sua meia-máscara e capa. Ele tinha uma estratégia planejada, embora fosse perigosa. Possivelmente letal.

Ontem à noite, Erik tinha ativado todas as armadilhas e dispositivos de tortura que cercavam o apartamento subterrâneo, fechando ele e Thorn juntos. Em sua juventude, Thorn aprendera como manobrar com segurança através da maioria das armadilhas, mas conhecia o Fantasma bem o suficiente para antecipar que algumas haviam sido mantidas ocultas. Erik nunca confiava totalmente em ninguém além de si mesmo.

No entanto, havia uma passagem, através do porão — uma rota de fuga

segura projetada por Erik, no caso de sua casa subterrânea ser inundada pelo rio que a rodeava. Erik, na verdade, havia represado os afluentes e feito um trinco no porão que abriria as represas e inundaria o apartamento dentro de uma sequência de destruição de sessenta segundos, caso ele precisasse destruir todos os vestígios do Fantasma.

Mas a rota de fuga poderia ser usada independentemente da sequência de destruição. Era uma câmara hermética que se alijava por um túnel cheio de água que levava ao batismo. A mesma rota que Ange sequestrara no dia em que Rune estava na capela, fazendo a bacia se encher de água.

Essa seria a saída segura de Thorn esta noite.

Se ele tentasse sair de outra maneira, ele arriscaria tropeçar em dispositivos que Erik mantinha em segredo. Cada alçapão levava a cubículos contendo seus próprios horrores: plantas escondendo pequenos sapos venenosos; morcegos treinados para perseguir e desorientar suas presas até que seus corações cedessem; mísseis que buscam calor e liberam enxames de vespas após a detonação; encolhimento de areias movediças cercadas por paredes repletas de insetos assassinos que devoram lentamente suas vítimas comprimidas... para não mencionar as caixas de escorpiões conectados a fios de lugares falsos que revestem todos os corredores.

O Fantasma havia aperfeiçoado a arte da perseguição na Pérsia enquanto servia de assassino há mais de um século, muito antes de os sensores de movimento, os raios laser ou os computadores eletrônicos chegarem ao mundo. Na época, ele se contentava com armadilhas, covis secretos e venenos ocultos. Sua inteligência distorcida, combinada com a elegante destrutividade dos insetos, provara-se insuperável. O arsenal da natureza despertou um medo instintivo na humanidade. Torturar alguém utilizando esse medo os tornava psicologicamente quebrados.

Erik, em sua brilhante paranoia, instalou um labirinto para proteger sua casa dos inimigos, mas também para que ele pudesse manter suas presas, presas dentro. Thorn nunca havia sido considerado um inimigo ou uma presa. Agora ele era os dois.

Agarrando as duas grandes gaiolas que preparara, Thorn entrou no elevador fechado que levava ao laboratório do porão, fechou-se e apertou o botão, esperando que seu pai estivesse em seu caixão descansando. Thorn já tinha seu violino escondido sob o fundo falso de uma jaula, onde normalmente guardava comida. Ele não queria recorrer a mais mentiras.

O elevador sacudiu e gemeu em sua descida, incitando os três pássaros e

cinco répteis dentro das gaiolas a se agitarem inquietos atrás de suas grades e telas.

Thorn tinha pensado que tinha executado o engano perfeito na noite passada: levando os amigos de Rune para fora do clube enquanto disfarçava-se de empregado. Ninguém o havia reconhecido. E depois de hipnotizar o motorista quando ele voltou de deixar Rune e sua equipe, ele cobriu todos os seus rastros.

O que ele não conseguiu lembrar foi que o Fantasma tinha olhos em todos os lugares, além das câmeras de vigilância que Thorn tinha tomado cuidado para evitar. Havia os espiões vivos, aqueles que tinham sido manipulados e atormentados até que o Erik fosse seu mestre.

Thorn tinha encontrado um desses agentes dentro do elevador do clube quando estava voltando para a sala de lavanda, onde planejava descartar o colete e a máscara do empregado, fingindo que estava dormindo antes que Erik voltasse para o andar de cima. Por trás de seu traje laranja, o homem comentara sobre a venda na mão de Thorn.

Thorn não deveria ter tirado isso do motorista para começar, mas tinha o cheiro do perfume de Rune e manchas residuais de sua maquiagem, e ele não suportava deixá-la.

Sua sorte não poderia ter sido pior. Esse espião em particular tinha conhecimento em primeira mão de Rune e seus amigos. E, sendo músico, ele também tinha o ponto de vista perfeito do palco para assistir enquanto Thorn levava cada um embora durante a apresentação.

Não foi até que Erik e Thorn voltaram para casa que ele percebeu que o homem o delatou. Em um discurso, Erik encontrou a venda dentro do bolso da jaqueta de Thorn. O Fantasma segurou, iniciando um de seus truques de mágica para colocar em chamas espontaneamente o tecido. A venda desceu — cintilando com chamas laranjas — depois pousou nos ladrilhos de mármore e se transformou em cinzas e fumaça aos pés de Thorn.

Furioso, Thorn ameaçou visitar o baterista... faça com que ele se arrependa de cruzá-lo. O homem não era nada mais que uma marionete. Já era hora de suas cordas serem cortadas.

Erik virou as costas então, assegurando a Thorn, se ele tentasse sair naquela noite, haveria consequências mortais.

Mas isso foi ontem à noite, quando Erik ainda estava cheio de poder e vida após o frenesi no clube. Naquela noite, se ele pegasse Thorn a caminho da rota de fuga, ele ficaria enfraquecido por gastar toda aquela energia no porão.

O elevador sacudiu até parar e Thorn hesitou, suas narinas ardendo de

aromas químicos e elétricos.

Ele não esteve aqui por várias semanas. Ele tinha começado a temer a cena horrível e comovente que o aguardava a cada vez, pois isso forçava-o a interrogar as filosofias morais que sua mãe tinha incutido no garoto que ele já foi. Princípios que ele perdeu de vista, mas nunca esqueceu. Ele falhou em expressar essas preocupações ao homem que salvou sua vida e lhe ensinou como sobreviver. Ele tinha muito respeito por Erik para esmagar suas esperanças.

Esperança... que palavra tragicamente equivocada para o que estava contido nesta sala.

Thorn arrastou o olhar para a câmara de vidro no canto, onde as descargas de plasma amareladas pulsavam com o ritmo de um batimento cardíaco. Escondido por uma lona, o frágil ocupante — congelado dentro de uma mistura melosa de glicerol e outros crio protetores para evitar a cristalização do tecido — alimentava-se das correntes que zumbiam e explodiam. O sofisticado sistema de suporte e preservação da vida havia sido construído nas mãos de Erik, mais de um século antes dos padrões médicos humanos terem alcançado tais avanços tecnológicos.

Thorn foi atingido por todas as horas e dias que ele passou aqui, ajudando seu pai enquanto a mantinha viva — injetando-lhe osmólitos extraídos de linguados de inverno e rãs de madeira, pequenas moléculas que funcionavam como anticongelantes e impediam danos aos fluidos corporais e órgãos vitais para que ela pudesse ficar suspensa no tempo.

Ao abrir a porta do portão, Thorn se permitiu relaxar ligeiramente, agradecido pela lona que bloqueava sua visão. Ele não poderia ter dormido olhando para ela esta noite, independente de que ela não tivesse mudado nos doze anos que ele viveu aqui, e não tivesse envelhecido por mais de cem anos antes disso.

— Você veio para torcer a faca nas minhas costas? — A acusação de Erik o acolheu de uma cadeira de pelúcia no canto adjacente, onde ele costumava se sentar para se recuperar depois de desviar sua energia.

Os ombros de Thorn afundaram sob o tom ferido daquela voz doce e minguante.

A forma óssea de Erik mudou nas sombras para melhor enfrentá-lo. Uma mesa de operação ficava entre eles e uma lâmpada fraca se projetava sobre ela, refletindo-se na brilhante superfície de metal. Esta era a mesa onde Erik ensinara gentil e pacientemente a Thorn como ser um cirurgião quando criança. Como juntar os animais uma vez que eles foram quebrados. Mais tarde, suas

responsabilidades mudaram para alterações não naturais que o deixaram se sentindo em desacordo e fora do normal, procedimentos que Erik não tinha o estômago para fazer ele mesmo.

Como se pudesse ler seus pensamentos, um dos pássaros nas gaiolas que ele segurava gemeu como uma raposa e um lagarto gritou em resposta. A cabeça de Thorn se curvou pesadamente.

Quando ele era jovem, e aperfeiçoava essas habilidades estranhas, ele nunca poderia imaginar o porquê: que um dia eles seriam usados em uma garota que era sua alma de espelho. Como ele poderia possivelmente cortar a linda pele dela?

Uma agonia torturante apertou seu peito. A última vez que ele esteve aqui, a mesa estava coberta de poeira. Nas últimas semanas, Erik preparou-a para a visita de Halloween de Rune amanhã à noite, incluindo a atualização e teste das bobinas, alavancas e interruptores de metal que ajudariam na condução da transferência. Ele até juntou mechas de cabelo loiro do pincel caro que Thorn tinha roubado daquela prima donna mal-humorada, e as fez trançadas com nylon e enfiadas em agulhas esterilizadas, colocadas em uma bandeja ao lado dos bisturis de Thorn. Agora tudo foi definido.

Apenas o pensamento da hedionda excisão fez a sala girar em torno de Thorn: prateleiras de madeira com órgãos irreconhecíveis preservados em formaldeído, tubos de ensaio, béqueres e colunas de destilação. Um quadro cheio de equações matemáticas e científicas e uma mesa onde enciclopédias — química, física, biologia, ocultismo e alquimia — foram abertas em páginas de texto sublinhado.

Superado pela tontura, Thorn persuadiu as botas para a frente, colocando os animais do lado de fora do elevador, em seguida encostou-se à fria parede de pedra para se reagrupar. Ange cambaleou e bicou as barras com sua conta, simpatizando com seus amigos enjaulados.

— Eu tenho o último dos meus pacientes para libertar. — Disse Thorn, tirando as luvas do bolso da capa para cobrir as mãos trêmulas. — Eles estão curados e, como você sempre me ensinou, não devem ficar enjaulados por mais um minuto do que o necessário. Já estão esperando um mês devido a nossa negligência. E já que estaremos ocupados nas próximas noites...

Se havia uma coisa no mundo que Erik reverenciava acima de tudo, eram as vidas das criaturas menores. Quando Thorn os usou em experimentos, ele garantiu que Thorn tomasse o máximo de cuidado para não os machucar, e os observasse fervorosamente enquanto eles curavam. Mesmo em suas câmaras de

tortura, Erik escolheu usar vespas, escorpiões e vespas — insetos que poderiam picar repetidamente sem se machucar. Nunca abelhas. Ele não aguentava forçar um inseto a cometer suicídio por sua causa. Ele usaria apenas abelhas como uma diversão ou uma intimidação em espaços abertos, onde os insetos eram menos propensos a atacar.

Thorn poderia argumentar que estava se encaixando de alguma forma, usando a natureza para manipular o Fantasma, já que ele mesmo havia manipulado tantas vítimas ao longo dos anos.

— Eu teria que libertá-los para mim, pai. — Thorn encontrou os olhos de Erik, lutando para esconder a desonestidade em seu coração. — Mas você está muito fraco para ir à superfície.

Na penumbra, o tremor de resposta no queixo de Erik parecia mais ameaçador do que o habitual, sombreado pela máscara esquelética que ainda cobria seu rosto deformado. Ele deve ter dormido em suas roupas, porque ele ainda usava o manto do monge, como se não tivesse se incomodado em mudar desde a noite anterior. — É óbvio que é a sua liberdade que você está procurando. Você quer que eu te liberte? Primeiro, você explicará por que você provou ser o limite nos meus planos. Você, que jurou lealdade a mim anos atrás. Você, que disse que dedicaria sua vida a me trazer minha necessidade e desejo mais primordiais. Eu nunca teria aberto minha casa para aquela criança vagabunda se soubesse que ele só estava fingindo para que ele pudesse tê-la para si. — Descansando em seu joelho, os dedos certos de Erik se contraíram sob a manga de seu robe. Sua respiração quebrou em rajadas contidas.

Thorn recuou. O sutil lampejo e crepitação das correntes elétricas no estojo de vidro imitavam o desconforto que entrava em seus nervos. Ele subestimou a vulnerabilidade de Erik. Mesmo meio adormecido, o assassino mestre ainda poderia lançar um laço de Punjab. Thorn ergueu a mão até o nível dos olhos, uma tentativa de proteger sua garganta do fio letal e da bola de chumbo que estava lentamente saindo da manga de Erik.

Ange bateu as asas e arqueou baixo em sua garganta, sentindo a magnitude mortal do momento. Ela se acendeu em cima da mesa de operação e aninhou-se no lugar, situada entre eles.

— Eu estava protegendo o nosso modo de vida, como eu estou autorizado a fazer. — Thorn olhou para além da plumagem vermelha brilhante do cisne, perturbado por quão próximo ela parecia uma poça de sangue na superfície de aço inoxidável. — Eu tive que escoltar os amigos de Rune antes que eles acabassem com marcas de punção em seus pulsos e tornozelos. Por cinco anos, o

clube conseguiu permanecer sob o radar... considerado nada mais do que rumores, só porque as vítimas são adultos que consentem. A polícia será forçada pelos pais a investigar se adolescentes menores de idade começarão a exibir os sintomas físicos reveladores nas ruas e em clubes clandestino.

— Eu não tenho nada a temer da lei do homem. — Erik zombou. Ele não estava sendo orgulhoso. Ele passou mais de cem anos evitando repercussões pelos incontáveis assassinatos que cometera. A maioria deles poderia ser justificada como justiça vigilante, já que as vítimas eram assassinadas — ou pior. E aqui em Paris, ele tinha o benefício adicional de contatos em todos os ramos da aplicação da lei, vampiros psíquicos que dominavam a mistura com a população comum. Era seu trabalho manter quaisquer traços de seu tipo sob o radar, para que nunca fossem expostos.

Logo no início, Erik os convenceu de que qualquer assassinato que ele cometesse era para preservar sua obscuridade — que suas vítimas de algum modo ameaçavam seu estilo de vida — e assim seus contatos cobriram seus rastros. Mas, no final das contas, ele estava usando aqueles anos de vida roubados para estender os seus... então ele poderia viver o suficiente para experimentar o que ele estava procurando desde que ele foi tratado como uma abominação não apenas pelo mundo, mas por sua própria mãe: o amor incondicional.

— Você está certo. — Thorn finalmente respondeu, simpatia puxando sua resolução. — Não há necessidade de temer a humanidade. Mas nosso próprio tipo? Esse é um outro nível de culpabilidade, não é? Nossas alianças subterrâneas não apreciariam as complicações que essas investigações apresentariam. Vai contra nossos votos manter nosso tipo escondido. Isso representaria uma ameaça para as alimentações anônimas em massa, possibilitadas pelo seu clube. O clube em que eles investiram todo seu dinheiro, para que você pudesse tornar sua vida confortável. Você não gostaria que eles descobrissem o outro motivo para o seu design grandioso. Que você tinha que encontrar uma maneira de absorver energia extra para ela.— Thorn desviou o olhar para a câmara criogênica, lutando contra aquele tom de amargura novamente. Por que Erik colocaria tudo em perigo para ela? Quando ele já tinha o amor incondicional de um filho? — Se os nossos investidores se sentirem ameaçados, eles vão puxar o plugue, e ela vai sofrer mais do que tudo.

Erik enfiou a mão no bolso — guardando o laço do Punjab.

Thorn deixou escapar um indiscernível suspiro de alívio.

— Deixe-me ser claro. — Erik mal falou acima de um sussurro sibilante.

— Ela já está sofrendo. Como você pôde olhar para ela todos esses anos e pensar o contrário? E não é que você levou as amigas de Rune embora. Você a levou embora. A noite passada foi montada para ser sua queda final, então ela estaria desesperada para escapar do tormento de sua consciência. É a nossa única chance de fazê-la obedecer, já que de alguma forma ela superou o medo da música em si. — Ele lançou um olhar acusador para Thorn, que desviou o olhar para as botas, entorpecendo qualquer reação emocional para que sua aura não o denunciasse... — Mas ainda temos seus apetites descontrolados. Esse é o nosso ás. Me diga que você pelo menos permitiu que ela se alimentasse. E esteja ciente: sua resposta determina mais do que o destino de seus animais hoje à noite, meu filho.

Thorn fez uma pausa, colocando as luvas no lugar e desenhando as rugas no couro escuro. — Deixei que ela se alimentasse de um de seus companheiros. — As emoções de duelo lutavam dentro dele cada vez que ele se lembrava de ter visto Rune atacar seu amigo de forma tão perversa: uma parte impressionada, a outra parte dolorida. — O garoto loiro. Apenas o suficiente para manchar seu relacionamento com seus amigos.

Mas eu a parei antes que ela pudesse matá-lo. Ela não nos faria bem na prisão.

— Ponto justo. — Erik ficou de pé, a mão ainda descansava em seu bolso, e arrastou seus pés para a câmara de vidro. Ange desceu para ficar ao lado dele. Ele apoiou a moldura caída no balcão de metal, levantando um canto da lona para poder vislumbrar o interior. — O que me incomoda é que você a levou antes que eu pudesse fornecer orientação e conforto. Antes que eu pudesse entrar na cabeça dela, de modo que, na véspera de Todos os Santos, ela imploraria para fazer o sacrifício. Você fez escolhas mal feitas nas últimas semanas que estão vindo à tona, e eu não estou satisfeito. No entanto, eu lhe darei o benefício da dúvida uma última vez. Você me serviu bem ao longo dos anos. Você veio até aqui quando ninguém mais poderia ter.

Thorn estreitou os olhos. Havia uma mensagem subjacente e pontuda dentro do elogio falso que ele não conseguia entender. Mas ele não se atreveu a empurrar. Com o humor que Erik estava, ele arriscaria nunca sair hoje à noite.

— Liberte seus pacientes. — Disse seu pai. — Você deve estar emocionado, é a última vez que você vai ter que fazer isso.

Cada músculo tenso e alerta, Thorn levantou o capuz e recuperou as gaiolas. Ele começou em direção ao túnel que levava à rota de saída.

— Thorn...

Ele parou no caminho, mas não se virou.

— Você se lembra do meu raciocínio? — Erik iscou, sua voz era uma ameaça lírica e hipnótica. — Quando você era jovem e eu insisti que você nunca manteria uma linda criatura selvagem enjaulada para seus próprios propósitos por muito tempo?

Thorn inclinou a cabeça, cansado do badalo passivo. — Você disse que o animal perderia a capacidade de funcionar no mundo sem o seu dono, ou se tornaria feroz e atacaria aquele que alimenta e cuida deles, e tem que ser abatido.

A pausa que se seguiu de Erik pareceu interminável, seu silêncio mais alto que o estalo do plasma. — Sim, meu adorável menino selvagem. — Disse ele por fim. — Em retrospecto, percebo que mantive você enjaulado na escuridão por muitos anos. Agora enfrentamos as consequências e temo o destino que nos acontecerá.

Uma onda de desgraça iminente levantou os cabelos ao longo dos braços de Thorn. Apertando os olhos para reprimir a queimadura por trás de seus olhos, ele mergulhou no túnel. Ele seguiu as diretrizes fosforescentes pintadas ao longo das paredes. Seus passos não diminuíram até que o zumbido e o estalo daquele batimento cardíaco artificial se desvaneceram até as solas de suas botas raspando as pedrinhas a caminho de sua liberdade — por mais tênue que fosse.

19

Escalando as estrelas

“Um poeta é um homem que coloca uma escada para uma estrela e sobe enquanto toca um violino.”

Edmond de Goncourt



A plataforma abaixo de mim parece pequena demais... muito apertada. Eu não tenho de medo das alturas, mas não tenho para onde ir além da porta trancada na minha frente e da escada íngreme e sinuosa atrás, estou menos confiante do que o normal.

Diable mia aos meus pés, um som rabugento, repreendendo.

— Estou tentando. — A alça da minha bolsa equilibra-se precariamente no meu ombro enquanto faço malabarismos com meu telefone para que o aplicativo da lanterna possa destacar o buraco da fechadura da porta. Eu trabalho a chave no lugar. A bolsa desliza para baixo, seu peso caindo para o meu pulso e arrancando a corrente dos meus dedos nervosos. As principais claves para a pedra passo ao lado do meu companheiro felino. Ele assobia em desgosto.

— Sim? Bem, pelo menos eu tenho dedos opositores. - resmungo. — Eu gostaria de ver você desbloquear alguma coisa. — Seu inexprimível olhar verde pisca para mim, refletindo a luz do meu telefone enquanto eu busco o colar. — Oh, eu esqueci. Você é um fantasma. Você só vai se materializar do outro lado, certo? — Eu o provoco com a corrente pendurada.

Diable rebate na chave até que esteja fora de seu alcance. Ele então boceja, se espreguiça, e volta pela escada longa e escura que atravessamos minutos antes, seus jingles desaparecendo lentamente.

— Típico de gatos. — Eu digo quando ele vira uma curva onde a minha luz não pode alcançar. — Feliz por ter uma pata na bagunça, mas sempre virando cauda quando é hora de limpeza.

Falar alto para mim mesma é a única maneira de manter meus nervos sob controle. Eu tive um dia infeliz, embora produtivo: Converti todos os meus amigos contra mim, fiz Kat abandonar a ópera e ganhei o papel da diva de uma só vez.

Depois das audições, Sunny tentou falar comigo uma ou duas vezes, mas

eu a fechei. Eu não posso contar a ninguém porque eu fiz isso. Se eu admitir a verdade, Jax vai esquecer que sou um oportunista sem coração e começar a questionar nosso beijo novamente. E Audrey nunca concordará com uma configuração; ela não honrará seus deveres de suplente se souber que eu pretendo fingir que estou com muito medo de se apresentar na noite de abertura. Esse papel pertencia a ela desde o começo; essa era a única maneira de garantir que ela recebesse o tiro.

A maior parte do dia, eu me escondi no meu dormitório, enquanto os outros alunos decoravam o vestíbulo, as escadas e o salão de baile no terceiro andar para o baile de máscaras do Dia das Bruxas, amanhã à noite. Risos ecoaram do lado de fora da minha porta junto com o som dos meus quatro amigos correndo. Ouvi-los, querendo estar com eles, doía mais do que eu pensava. Eu sei que eles estão mais seguros se eu os evitar. Mas por que eles têm que ser tão bons? E por que eu os deixei entrar no meu coração?

O jantar foi tão excruciante, comendo com minha tia — que ficou em silêncio pela primeira vez... bem, sempre — tão longe das outras crianças quanto eu poderia conseguir. Com cada garfada eu ansiava por algo diferente da salada de salmão, amêndoa e berinjela no meu prato. Durante todo o tempo, desejei que mamãe estivesse lá, ou Trig e Janine. Mas eles me conheceriam agora?

Então, novamente, talvez mamãe já saiba. Ela sempre disse que eu era filha do meu pai. É isso que ela tinha em mente, quando ela me disse para ser algo incrível? Algo melhor?

As bordas dos meus olhos ardem. Depois de ver como é fácil drenar a energia das pessoas, estou ainda mais convencida de que sou responsável por ele ficar doente.

Como eu devo viver com isso?

Enxugando meus cílios com a manga do meu suéter, dou uma última olhada na escada vazia, desejando que Diable ainda estivesse lá.

Eu escapei do meu quarto alguns minutos depois das luzes apagadas, Diable nos meus calcanhares. Eu mantive meu telefone desligado e senti meu caminho ao redor do foyer escuro, tropeçando em uma abóbora e jogando o recorte fantasma de Morte Vermelha de Sunny no chão. Assim que reposicionei o suporte e tive certeza de que ninguém me ouviu, abaixei a chave do telhado para Diable e deixei que ele cheirasse o metal. Com um movimento de seus bigodes, ele correu até a borda de um espelho e cavou em um canto até que um clique alto quebrou o silêncio e o espelho se abriu.

Fechando a porta, eu segui enquanto ele atravessava o túnel secreto.

Passamos por uma dúzia de diferentes painéis de portas ocultas enquanto subíamos as escadas. Com meu telefone aceso de novo, pude ver quartos em cada andar do outro lado dos espelhos de mão dupla, e finalmente entendi como Etalon tinha anotado minha agenda diária. No segundo andar, reconheci a oficina de Bouchard, o dormitório de costura de Madame Fabre e o laboratório de ciências do professor Tomlin. Estava escuro demais para ver muitos detalhes, mas sua fantasia para o baile de máscaras ainda estava pendurada na porta do armário, onde a vi na sexta-feira —uma máscara de gás de couro preto em forma de cabeça de chacal e uma jaqueta combinando. Até o traje dele era mais legal que o de qualquer outra pessoa.

Quase considerei ligar para ela hoje para senti-la, mas mudei de ideia. Por mais cética que ela tenha a ver com as auras de papai e vovó e sua criação supersticiosa, não há como ela saber o quão profundamente enraizadas na mitologia vampírica elas estavam. É melhor que ela não saiba. Se ela soubesse a verdade, ela me odiaria tanto quanto a vovó pelo que fiz ao papai.

Diable e eu passamos por algumas das salas de armazenamento queimadas nos andares superiores, e mesmo com a barreira de vidro, a visão dos adereços chamuscados e trajes chamuscados parecia muito próxima, real demais. Trouxe de volta lembranças daquela festa de Valentine na segunda série, e a vingança da vovó. Escondido nos cantos aqui e ali havia pequenos barris com fios saindo das bases. Eu tive que fazer um esforço consciente para não ser desviada por eles, me assegurando que eu tentaria encontrar um caminho para os quartos para explorar mais tarde. Meu encontro com Etalon era importante demais para ser perdido.

Demorou dez minutos para fazer essa subida. Agora, posso sentir Etalon do outro lado da porta. Suas emoções emanam através da madeira, ameaçando transbordar: ansiedade, raiva, atração e pavor. Eu posso provar o vapor delas, e eu compartilho cada uma. Se eu atravessar, nenhum de nós ficará ileso ou será o mesmo novamente. Mas ele me deve explicações, e é hora de pagar.

Empurrando a chave no buraco, eu cliquei para soltar a fechadura. Uma rajada de ar da noite penetra em mim, gelada com o cheiro de pedra úmida, vegetação e rosas.

Eu saio, fecho a porta e abotoo meu suéter até a altura da canela para cobrir a cicatriz no meu joelho espiando através do rasgo no meu jeans. Meu cabelo ondula em ondas indisciplinadas, e eu me repreendo por esquecer de pelo menos usar minha touca de tricô. Eu amarro os fios da minha nuca em um coque solto que nunca vai segurar neste vento.

Pontinhos brancos pontilham o céu negro acima e cobrem as sombras escuras em mortalhas brilhantes, como teias feitas de luz estelar. Na penumbra, as rosas de Fogo e Gelo da Etalon se assemelham a todos os cantos da longa extensão, derramando-se de potes gigantes. Suas trepadeiras florescem ao longo da parede de pedra de um metro de altura, englobando a circunferência do teto como um corrimão.

Por fim, conheço as origens de seu suprimento.

A superfície pedregosa está nivelada sob as solas das minhas botas enquanto eu me movo, sem vigas de madeira ou telhas para me enganar. Fios de pérolas esverdeadas em miniatura brilham ao longo da cúpula do auditório, onde se ergue como uma torre na extremidade do longo telhado.

Nesse final, me ofuscando, a estátua de Apollo e Pegasus, de cinco metros de altura, fica de guarda, iluminada pelas mesmas cordas luminescentes. As luzes esverdeadas se arrastam para contornar as costas de um banco de pedra sob a asa gigante do garanhão. Eles são como decorações de Natal, mas mais suaves e mais naturais, dourando tudo em um brilho nebuloso, sem tomadas elétricas ou cabos.

Paro no banco e coloco minha bolsa no banco para acariciar um fio. Os minúsculos orbes parecem quentes e escorregadios sob meus dedos. Eles brilham ao meu toque e sua luz zumbe através de mim com um pulso revitalizante. Seu brilho é uma aura. Eles são orgânicos - coisas vivas.

— Ovos, talvez... ou vermes? — Eu conjecturo em voz alta.

— Larvas de vaga-lume. — Vem a resposta rouca de Etalon, abafada, mas próxima.

Eu giro em torno da direção de sua voz.

— Aqui em cima.— Ele chama, persuadindo meu olhar para o céu. Acima do banco, uma lata vazia que parece suspeitamente com uma das latas que o professor Tomlin usa em seu laboratório para armazenar solventes está pendurada em uma fita vermelha amarrada em uma das extremidades. A corda se estende pela pata dianteira do cavalo e desaparece ao redor do outro lado da Apollo. — Tome-o. — A instrução de Etalon parece viajar da fita para o cilindro de lata. Ele está jogando sua voz — um ventríloquo experiente.

Ele não está em nenhum lugar à vista, mas ele descartou suas luvas a poucos metros do limiar. Eu levanto uma e esculpo minha bochecha com o couro preto, lembrando como eu o usava semanas atrás. Como ele levou de volta durante a nossa primeira dança mágica no teatro. Colocando-a no topo da outra luva, continuo minha leitura dos arredores.

Devia ter levado anos para converter este lugar de um telhado estéril para um pátio enluarado. Quanto tempo ele viveu nesta casa de ópera, assombrando os corredores e passando por espelhos?

Eu espio por cima da parede da guarda, onde a capela, o cemitério e a floresta pontilham a paisagem abaixo, como marcas de escala de cinza — escuras e sem bordas.

Apesar da minha raiva sobre suas decepções, um sorriso provoca minha boca enquanto eu arrasto a lata para baixo. Deve haver outro amarrado à fita que ele posicionou em algum lugar atrás de Apollo, fora de vista. É uma réplica do telefone de brinquedo caseiro que papai e mamãe costumavam falar comigo no hospital antes de eu começar a primeira série. Ele tinha que ter subido uma escada para enfiar a fita em um ponto tão alto na estátua.

Pensar que ele teve todo esse trabalho apenas para recriar o conforto de compartilhar segredos com as duas pessoas em quem eu mais confiava me desarma. Eu considero o livro de contos de fadas que eu dei a ele, e as meias que eu terminei hoje que estão na minha bolsa no banco, e finalmente entendo por que estamos tão determinados a ajudar um ao outro a segurar nossos momentos mais seguros e preciosos. Nós dois perdemos a infância despreocupada e os pais perdidos que amamos.

Eu seguro a extremidade aberta da lata no meu ouvido, esperando. O gesto íntimo de Etalon me deixou vulnerável e sem palavras.

— Você ganhou o papel de Renata. — A observação aquece meu templo — como se sua respiração viaja através da fita e do metal — uma experiência sensorial mágica como quando dançamos em nossas mentes.

Eu seguro a lata na minha boca. — Sim. Mas... — Eu devolvo o cilindro de metal ao meu ouvido, testando para ver se ele sabe como eu me sinto sem nem mesmo dizer isso.

— Por que seu triunfo a deixou triste?

Acertou em cheio. Eu franzo a testa para a forma de Pegasus envolta no véu cintilante de vaga-lumes, grata pela rede de segurança, mas também quero finalmente olhar para o rosto de Etalon sem mais disfarces entre nós — para que ele explique essa conexão profunda que compartilhamos. — Eu usei um presente que nunca tive que ganhar, para roubar o papel de outra pessoa que trabalhou duro para isso.

— Se você odeia tanto esse presente, por que você o usou?

Estou passando pelos movimentos agora, movendo a lata para frente e para trás sem nem pensar, como se fosse a forma mais natural de comunicação do

mundo. — Eu não odeio isso. —Não mais, graças a você. — Eu simplesmente não sinto que eu mereça isso. Mas prefiro que meus amigos fiquem bravos comigo e ainda tenham um ao outro, do que saberem que monstro eu sou.

Ele suspira no telefone e vibra vários fios de cabelo solto que cobrem minha orelha. — 'Cujos monstros vorazes homens poderosos matarão, não o pobre cantor de um dia vazio'.

— Estou derramando meu coração e você está dando uma poesia manca.

— Lame? — Uma risada áspera irrompe através de nossa linha telefônica improvisada. Eu só o ouvi rir de memórias de infância com a mãe dele. Agora que ele cresceu, é um som profundo e quebrado e ainda mais afetivo. — O grandioso Sir William Morris rolaria em seu túmulo. — O tom de Etalon soa suspeitosamente como provocante. — Meu ponto é que você não é uma fera voraz e impensada. Você é uma garota com talento para a música que, por acaso, se alimenta de energia para sobreviver .

Eu rio desta vez, mas é vazio. — Talento? Eu peço desculpa, mas não concordo. E nós dois sabemos o que eu fiz para o meu amigo na noite passada em busca de energia. Isso me faz uma fera.

— Você estava com fome hoje, a qualquer momento?

Eu penso em como eu não podia olhar para os alunos ou professores, mesmo na hora do jantar, com uma salada deliciosa na minha frente, sem ver suas auras e me perguntando como essas emoções poderiam provar. — Sim. — Minha voz ecoa na lata.

— E você atacou alguém e drenou sua força vital?

— Bem... não. Mas eu tive que fazer a escolha consciente de não fazer isso.

— As bestas são movidas pelo instinto selvagem. Escolha não consciente. Nosso tipo tem uma maneira única de se relacionar com o mundo físico. Nós consumimos, transmitimos e manipulamos as forças vitais à nossa volta.

As larvas de vaga-lumes brilham quando ele diz isso, como se as estivesse energizando com uma onda de energia, lembrando como canalizei os nutrientes pulsantes da terra para as rosas agonizantes no jardim.

— Assim... podemos trazer as coisas de volta à vida? — Pergunto. A possibilidade parece uma faca no meu peito. Por que eu não sabia disso quando tinha sete anos de idade, dizendo adeus ao papai em seu caixão antes que eles fechassem a tampa?

— Infelizmente não. Se algo está dormente, podemos mantê-lo vivo com uma transferência de energia. Mas a morte não tem reversão. É por isso que

devemos ter muito cuidado quando nos alimentamos.

O metal frio entorpece meus dedos enquanto eu digesto a informação. — Tenha cuidado, como? Você viu o que eu fiz para Jax... e tem outro cara em casa ... — Eu paro lá, com vergonha de dar os detalhes.

— Quando somos pequenos, nossos corpos não precisam de mais energia do que a terra fornece. Luz solar, plantas e flores, animais. Todos eles oferecem sustento, apenas por estar ao redor deles. Mas chegamos a um ponto em que precisamos de mais — um despertar. Emoções humanas contêm as formas mais potentes de energia. Isso é o que você estava desejando com o primeiro garoto. E você está morrendo de fome desde aquele gosto, causando um desequilíbrio de energia. Agora você abordou isso no clube. Você aprenderá a refrear seu apetite suplementando entre as mamadas significativas. Normalmente, apenas uma amostra da força vital de uma planta ou animal é suficiente para te ajudar. E você aprenderá a se alimentar com cautela. Não tem que ferir alguém ou alguma coisa. E não precisa ser o fim do seu mundo como você conhece. Muitos de nós vivemos entre pessoas normais e nunca somos descobertos .

Eu seguro o metal frio na minha boca. — Você não. Você se esconde dentro das passagens do espelho... atrás de máscaras.

— Essa é a minha escolha consciente. — Sua resposta sacode através do metal no meu ouvido.

— É isso? Eu sinto a solidão, o desejo de algo mais, toda vez que estou com você. — Eu corto meus lábios, meu hálito quente dentro da lata. — Meu palpite é que, se você tivesse uma escolha consciente, não se esconderia.

Há uma pausa, como se Etalon estivesse considerando minhas palavras. — Diga-me, se tudo isso pudesse ser tirado de você, você gostaria disso?

É óbvio que ele se sente tão infeliz e sem esper ança em oferecer a opção quanto eu, sabendo que é impossível. —A música ou a fome?

— Ou. Ambos.

— Já que estamos jogando fingir, sim. Se eu pudesse voltar e escolher, as coisas seriam diferentes. Então eu não teria matado o meu... —O arrependimento rouba o ar dos meus pulmões e corta minha confissão.

Re - situando a lata, me esforço para ouvir sua resposta com lágrimas se acumulando nos meus cílios. Ele viu minha infância. Ele sabe o que eu fiz. *Por favor, por favor. Você é minha última esperança. Me diga que estou errada. Diga-me que há outra explicação. A dor que eu tenho dentro por tanto tempo se expande para trás do meu esterno, enquanto o silêncio aumenta entre nós.*

Com o metal frio ainda em concha ao meu ouvido, eu me sento no banco

de pedra, minhas pernas tremem demais para me segurar. O vento da noite fria sopra ao meu redor, soltando meu coque. Mesmo quando as mechas se prendem às minhas bochechas marejadas de lágrimas em emaranhados, eu não tento me desenterrar. Eu quero ficar escondida para sempre.

A fita do telefone fica mole na perna do cavalo e o outro metal pode atingir a borda da estátua. Etalon caiu o seu fim. É então que eu sei que realmente sou um monstro, porque um dos meus não pode nem mesmo enfrentar meus pecados.

— Doce Rune, não chore.— Sua voz alcança — não mais uma vibração ao longo da fita, mas na minha frente.

Eu libero a lata e empurro o cabelo do meu rosto.

Ele paira sobre mim. Sua meia-máscara branca reflete o brilho esverdeado ao nosso redor, dando-lhe um ar espectral. Ele me oferece uma rosa. Eu tomo isso -— cuidando para não ser picada por nenhum espinho — e acaricio as pétalas duo tônicas, inalando a doçura.

— Não há agonia mais aguda do que acreditar que você é responsável pela morte de um dos pais. — Envolto em seu manto, ele parece ainda mais alto e largo do que eu me lembro, quase divino com Apolo segurando a vigília atrás dele como um *doppelganger* de pedra. No entanto, há uma suavidade em seus olhos em desacordo com sua forma poderosa. — Demorei anos para fazer as pazes com o assassinato de minha mãe.

Lembro-me da pequenina criança que viu sua mãe sendo levada em um carro escuro toda noite para vender seu corpo para que ela pudesse cuidar dele. E então, aquele menininho na varanda, no momento em que ele percebeu que ela nunca voltaria depois que ele finalmente a convencesse a mudar sua vida.

O abismo dolorido no meu peito se enche de empatia. — Mas você não era responsável. — Eu enrolo as folhas da rosa em volta do meu dedo. — Você estava se culpando por algo que alguém fez.

— Assim como você. — Sua confiança ressoa como veludo profundo e lixado de sua garganta — uma terna virilidade que retira a imagem do menino e deixa o homem em seu lugar. — Você não matou seu pai, e eu posso provar isso.

De dentro do manto com capuz, ele traz a outra mão segurando um estojo de violino.

O Strad de meu pai. Eu deixo cair a rosa, ansiosa para ver o instrumento novamente, mas temendo cada memória dolorosa tecida dentro dessas cordas.

— Você era apenas uma criança quando ele morreu. — Etalon coloca o caso no banco entre mim e minha sacola.

Meus nervos se contraem tanto em sua proximidade e em estar tão perto do amado violino do meu pai novamente. Enquanto Etalon abre o trinco, estudo suas mãos — fortes, com as pontas compridas e habilidosas de um mestre músico. Eu sou transportada no tempo, para momentos incontáveis quando o papai abriu este estojo, se preparando para uma apresentação comigo. O manto de Etalon varre as pontas das minhas botas enquanto ele se ajoelha. —Você ainda não teve o seu despertar quando tinha sete anos. Isso não aconteceu até que você atacou o garoto em sua cidade natal. Então é impossível que você tenha matado seu pai. Embora eu esteja começando a pensar que este Strad desempenhou um papel. Tocar o instrumento pode ter sido sua queda.

Eu franzir a testa. — O que? Como?

— Eu não tenho essa resposta ainda. Apenas uma suspeita e três peças de quebra-cabeça.

Ele arrasta o manto da cabeça e dos ombros, revelando uma camiseta térmica cremosa, com o decote em V baixo o suficiente para mostrar uma fina linha de cabelo entre seus peitorais. As calças de lã esculpem as pernas como jeans desgastados, presas a um par de suspensórios marrons que prendem a camisa contra a constituição tonificada. Ele não se parece mais com um jardineiro fora de tempo nem com um empregado de um clube de rave psicodélico. Ele parece gentil e filosófico: um músico, um poeta e um sonhador romântico.

Ele se inclina para arrumar a capa aos meus pés. Cachos grossos e escuros se agitavam em sua testa e poeira em sua nuca ao vento, perto o suficiente para eu chegar e tocar, se eu tivesse coragem. Eu sinto o cheiro do xampu dele — algo amadeirado, suave e picante, como o chá de raiz de gengibre que eu gosto de beber em casa.

Depois de alisar o tecido no teto, ele se senta com a mão em repouso no estojo do violino. O lado impecável de seu rosto é tentador à luz suave: metade de um queixo quadrado, metade dos lábios carnudos. Ele abre a tampa, e meus olhos se enchem de lágrimas, se afogando ao ver o instrumento aninhado no forro de veludo. Não há um arranhão ou uma rachadura em qualquer lugar da superfície brilhante.

— Obrigada. — Eu esfrego minhas bochechas molhadas sem olhar para cima. — Por cuidar tão bem disso.

Ele não responde, mas sinto que ele é honrado pela minha gratidão.

Eu toco a madeira rica e negra. Quando eu o levanto do estojo e o abraço, o cheiro da madeira me enche como uma sinfonia e, naquele momento, estou

segurando a música de papai contra o meu corpo. O.G. gravado na parte inferior oferece um conforto familiar como eu trilha com meu polegar.

Etalon se agacha mais baixo, então eu vou ser forçada a encontrar seu olhar escuro, estudioso por trás da máscara. — Você conhece essas iniciais?

Eu aceno com a cabeça, varrido pelas músicas do papai voando em minha mente. — Octavius Germain. Um dos nossos ancestrais do século XVIII. Ele marcou isso para mantê-lo em nossa família.

Uma expressão pensativa cruza o lado esquerdo do rosto de Etalon. — No entanto, eu sei que é sinônimo de Opera Ghost. Alguém mentiu para um de nós, ou ambos.

Eu me lembro da assinatura em sua nota quando ele me deu o vestido de fibra ótica na capela. Ele assinou o O.G. É por isso que as iniciais pareciam tão familiares. — Eu não entendo.

— Nem eu... mas eu tenho uma hipótese. — Ele pesca dois itens de um painel escondido dentro do forro de veludo do estojo. Um é uma foto, o outro é um pedaço de papel amarelado.

Primeiro, ele me entrega a foto. Eu coloco o violino no meu colo para pegá-la. A imagem está desbotada e granulada, mas clara o suficiente para distinguir um menino trágico, de pé com um saco de aniagem na cabeça — buracos para os olhos e a boca cortados no tecido marrom. Nos braços dele, ele embala o Stradivarius do meu pai. Com o pergaminho único no final do pescoço, não há dúvidas. — É você?

— Não. Olhe mais de perto. Etalon aponta para a foto. — Este é um daguerreotipo. A forma mais antiga de fotografia. É datada de 1840. Centenas de anos antes de eu nascer. Ainda não havia iniciais gravadas no violino, o que faz com que seu antepassado não faça isso. Na verdade, o Opera Ghost ainda tinha duas décadas antes de se manifestar. O menino dessa foto conceberia um dia essa persona, quando ele trocaria a bolsa pela cabeça por uma máscara e uma capa de ópera.

Minha boca seca. — Este é o Fantasma quando criança?

Etalon acena com a cabeça.

— OK. Então, como isso é possível? — Pergunto. — Que ele viveu todos esses anos? Quer dizer, eu entendo que ele é como nós. Eu o vi canalizar o horror de todos. Mas... chegamos a um ponto e nunca envelhecemos?

— Temos a capacidade de parar o processo de envelhecimento, armazenar um excedente de energia vital dentro de nós mesmos, mas apenas desviar todos os anos restantes de nossas presas.

— Ao matá-las. — Eu digo, quase engasgada com o pensamento.

Ele inclina a cabeça em afirmação.

Meu estômago se retorce quando penso em quantas pessoas o Fantasma deve ter assassinado para acumular tantos anos extras de vida. Então a náusea atinge toda a força quando percebo o quão perto cheguei de fazer isso com Ben e Jax. Os pensamentos do pai não estão muito atrás. Eu tirei os anos restantes dele? Minha visão fica embaçada para considerar a possibilidade. Mas Etalon disse que não tenho culpa. — Eu ainda não entendo o que isso tem a ver com a morte do meu pai.

— Eu estou chegando a isso. — Ele desenrola o papel enrolado em seguida. É um esboço envelhecido e desenhado à mão de um homem de terno vintage tocando violino do meu pai — completo com o O.G. gravura na luta — seu rosto deformado e hediondo relaxou em pura euforia. É datado de 1864 e assinado pela artista, Christine.

— *A* Christine? — Eu pergunto, olhos encontrando Etalon.

— Christina Nilsson muitas vezes assinou seu nome como Christine em correspondências e em sua obra de arte. Muitas pessoas não sabiam que ela era uma artista amadora, mas o Fantasma sim. Ele cultivou todas as saídas criativas que ela tinha. Ele era seu tutor, seu anjo da música, sua musa. Eles tinham um caso emocional apaixonado, embora, infelizmente, ela fosse jovem e imatura. Ao contrário do que a maioria das pessoas pensam, havia apenas doze anos de diferença em suas idades, não vinte ou trinta. Mas ainda assim, no primeiro encontro deles, ela ainda não estava pronta para o nível altruísta e profundo de amor que ele exigia. Ela estava um pouco mais do que apaixonada por sua mística e seu gênio. — A aura de Etalon se torna triste por um instante, depois volta para uma severa determinação, como se ele apanhasse a si mesmo. — De alguma forma, sua família acabou com o violino do Fantasma. A troca tinha que ter acontecido algum tempo depois de ele ter treinado a mulher que ele amava para cantar ao lado da voz do instrumento, porque foi quando ele gravou as iniciais.

Minha boca se abre.

— Acredito que este violino tenha algum tipo de penalidade quando foi tirado do Fantasma. — Continua ele. — Uma maldição cigana. Como quer que queira chamar. Eu acredito que drenou seu pai de sua vida. Não sei como. Mas meu instinto me diz que eles estão conectados. Eu acho que sua família sabe as respostas. Possivelmente até sua tia. Você deveria começar com ela.

Minha mente gira em confusão. — *Minha tia*? O que ela tem a ver com

isso?

— Ela nunca quis você aqui. Seus uniformes e o corvo morto... ela é responsável. Eu só peguei emprestada a roupa da escola depois do fato. Ela os cortou e os escondeu na esperança de que fossem descobertos. Ela estava determinada a assustar você e sua mãe para que ela a levasse de volta para casa. Depois que sua mãe foi embora, as brincadeiras pararam. Eu suponho que sua tia desistiu, já que ela falhou em seus esforços para afastá-la.

Apesar do ar frio, gotas de suor estão no meu cabelo. Coloco a foto e o violino de volta no estojo. — Por que ela não me quer aqui?

Sua mandíbula aperta firme. Uma mistura incongruente de desconforto, culpa e lealdade tinge sua aura — azul, polvilhada de marrom e cinza. — Eu já disse tudo o que posso por agora. Você precisa descobrir como seus antepassados receberam o instrumento e como ele encontrou o caminho de volta ao Fantasma. Então... então eu vou saber como responder a essa pergunta.

Minha garganta se acumula. — Mas você é o único com o violino. Você tem tocado todos esses anos. Não o Fantasma.

Etalon olha fixamente para as mãos com o punho fechado, recuando não só atrás da máscara, mas dentro de si. — Ele deu para mim como um presente. Alguém teve que devolver a ele primeiro.

Vovó. Eu agarro meu peito. Uma escuridão sombria ilumina meu coração — memórias de vovó Liliana tentando me matar agora entrelaçadas com os esforços da minha tia para me assustar. Não há ninguém na minha família, além da minha mãe, em quem eu possa confiar?

Etalon levanta-se de joelhos, erguendo meus dedos do aperto da morte no meu suéter. Ele pega minha mão nas duas, abrigando-a. —Tudo vai ficar bem. — Promete. — Fale com sua tia. Há mais para ela do que você imagina, e nem tudo é ruim. Se ela planejou prejudicá-la, ela já não teria feito isso?

Sua lógica é sólida, mas é a energia que se esvai e flui entre nós que me acalma. Calor e luz zumbem através da minha pele, me deixando mais forte.

— Vou ter que visitar minha avó em Versalhes também. — Eu mantenho, embora seja a última coisa que eu queria fazer, e sei que ele sente a hesitação que estou tentando esconder. — Ela enviou o violino aqui para Paris. — Etalon começa a responder, mas eu interrompo. — Espera. Para você ter começado a tocar o instrumento quando tinha nove anos, para obtê-lo como presente, para ter essas fotos pessoais do Fantasma, você é mais do que apenas um funcionário do clube dele. Você é-

— A família dele.

Atônita com a confissão, volto-me para o esboço enrolado no telhado ao lado dele. Em algum lugar atrás do rosto desolado do Fantasma esconde o restante do passado de Etalon; as partes que eu nunca consegui ver. Novas perguntas despertam dentro de mim, mas apenas uma aperta minhas costelas e as sacode como uma gaiola. Eu escolho minhas palavras com cuidado, tentando não ser insensível. — A deformidade é inerente? É por isso que você usa uma máscara?

Ele aperta meus dedos. Uma corrente passa entre nós, provocando o meu peito e saltando ao longo da minha espinha, excitante e musical. Ele guia minha mão para a cobertura em seu rosto. —Se você quer a verdade sobre o homem por trás da máscara, você terá que desvendá-lo.

Há um tom sedutor no pedido que faz minha pele formigar, me lembra que estou aqui sozinha no telhado com um íncubo que se eleva sobre mim quando está de pé, que sabe comandar os antigos instintos com os quais estou lutando e que vive nas sombras dominando habilidades que fazem fronteira com feitiçaria.

No entanto, não estou com medo, mesmo quando provavelmente deveria estar.

Eu escorrego do banco e me ajoelho ao lado dele na capa. Ele desce dos joelhos, sentando-se, então estamos no nível dos olhos. Seu olhar segura o meu — um intenso acoplamento óptico que me deixa imóvel, ancorada no significado do que está prestes a acontecer. A aura que o rodeia se aprofunda — vermelho escuro e ardente, apaixonado e sensual — e seu cheiro domina as rosas ao longo das paredes: uma mistura inebriante de almíscar e feromônios que chutam minha pulsação.

Eu vou em direção a ele até que nossas respirações se misturam no ar entre nós. Mordendo minha bochecha interna, enrolo minha mão esquerda em torno da forma frágil da máscara. Meu estômago aperta, abertamente ciente de quão perto seu rosto está do meu peito enquanto ele se curva para que eu possa trabalhar os laços livres ao redor de sua cabeça. A antecipação nervosa irradia para todas as extremidades, deixando meus dedos direitos desajeitados e trêmulos. Seu cabelo varre a palma da minha mão, mais suave que o veludo que Madame Fabre escolheu para os trajes da freira na ópera. Eu deixo cair as cordas na frente da máscara, então é só eu a segurar no lugar quando ele olha para cima.

Eu tenho esperado um mês por isso, mas agora estou hesitante. Não para mim, no entanto. As palmas de Etalon se encostaram no manto de cada lado dele — uma pose submissa — enquanto seus dedos cravavam no tecido, visivelmente tensos. Estou tirando tudo que faz ele se sentir seguro. Como eu me sentiria,

despojado de todas as ocultações, com minhas falhas secas?

— Você está com medo? — Eu pergunto, superada pela compaixão enquanto estudo o lado exposto do rosto dele.

— Você está? — Ele lança a pergunta de volta, me dando um tapa da verdade: estou tão vulnerável neste momento quanto ele.

O trágico rosto do Fantasma da noite passada se intromete na minha mente. Vendo sua desfiguração não me assustou, não como eu esperaria. Eu tinha pena dele e da vida que ele deveria ter, mas não havia medo nem nojo. Com o Etalon, tive semanas para me preparar. Não importa o que esteja do outro lado da máscara, não haverá medo ou pena. Estamos ligados através da nossa música e das nossas memórias, e agradeço todos os anos que ele tocou para mim nos meus sonhos. Eu não me importo com o que ele parece. Eu só quero que os obstáculos desapareçam e que o isolamento acabe — para nós dois.

— Não. — Eu finalmente respondo a sua pergunta, em seguida, puxo a máscara. Um gemido entra na minha garganta e deixo cair a máscara. Ela bate fora do manto, sua frágil superfície se quebra.

Nenhum de nós para para inspecionar o dano. Estamos muito ocupados nos assistindo. Seu olhar impenetrável acompanha todos os meus traços, medindo minhas reações.

Eu tinha razão... ele é seu próprio papel: dois opostos polares, um contraste de ângulos masculinos e curvas elegantes. Cada característica delicada repousa simetricamente sobre uma estrutura óssea forte: linha da mandíbula achatada, lábios bem torneados, nariz reto, olhos de um falcão — alerta e penetrante — enterrados em uma miríade de cílios e uma aparência impecável quase celestial sob as luzes brilhantes.

Eu esperava ficar muda, mas não por sua beleza.

Ele pega minha mão — aquele pequeno contato colidindo em uma união dos sentidos: sinto, provo, cheiro e ouço apenas ele.

— Rune. — Meu nome em suas cordas vocais danificadas.

— Etalon. — Eu respondo, hipnotizada.

Ele sorri com isso, um flash de dentes brancos.

— Por quê? — Eu pergunto. — Por que a máscara?

Ele engole, seu pomo de Adão balançando. — É apenas atrás da máscara onde eu sinto que pertenço.

— Não. — Eu apertei sua mão. — Você pertence aqui, ao ar livre, comigo.

Sua boca se contorce. — Prove.

— Como?

— Não há mais paredes entre nós, nem feitas pelo homem, nem cósmicas.

Meu coração bate forte. — Eu sei.

— Assim ... Toque-me.

Uma onda de timidez aquece minhas bochechas, mas ele está esperando. Ele coloca minhas mãos em torno de sua mandíbula de cada lado, segurando-as no lugar. O prazer elétrico crepita entre nós como um raio.

Ele solta quando eu tomo, traçando as curvas graciosas de tendões e ossos ao longo de seu rosto, em seguida, pelo pescoço até a clavícula. Trilhas de luz seguem as pontas dos meus dedos, como se esculpir um caminho através de suas emoções. Com os braços ao lado do corpo, ele fecha os olhos com uma beleza arrebatadora, os longos cílios se espalhando pelas maçãs do rosto esculpidas.

Eu paro no V de seu decote. Nós dois pegamos uma respiração enquanto a fina linha de cabelo faz cócegas na minha palma. Eu descanso minha mão logo acima de seu coração acelerado, persuadindo um pulso de verde brilhante em seu peito. Meu coração responde com a mesma cor brilhante.

Seus olhos se abrem, acobreados e cintilantes: os olhos dos meus sonhos.

Como se ele segurasse o tempo suficiente, ele varre os emaranhados da minha testa e acaricia a concha da minha orelha. Sua outra mão desce, o polegar explorando a forma dos meus lábios. Cada toque parece novo e notável, mas ao mesmo tempo familiar — um senso de reconhecimento que tudo consome.

Quando eu olho para ele assim, desmascarado e exposto, eu posso ver dentro dele — dentro de mim — ainda mais claramente do que o dia na capela e todas as noites que dançamos juntos desde então.

— Eu conheço você. — Eu digo, sonhadora. — Eu nunca fui capaz de ver seu rosto nas memórias ou visões. Mas de alguma forma eu conheço você. Você se sente em casa para mim.

Crescendo sombrio, ele me solta e fica em pé. Suas roupas apertam ao redor de sua forma flexionada enquanto ele se estica para puxar a lata da estátua. O outro pode arrastar-se ao longo do telhado com um arranhão metálico quando ele puxa a fita livre de ambos.

Ele se ajoelha na minha frente. — Você conhece minha alma. Assim como eu conheci a sua antes de ver você. — Ele enrola os dedos da minha mão esquerda em um punho solto em torno de uma extremidade da fita, e desliza meus dedos ao longo de sua bochecha lisa, estimulando solavancos de sensação que atravessam meus braços e entocam no meu peito. — Somos chamas gêmeas. Encarnações da mesma alma, separadas ao reentrar no mundo... predestinadas a encontrar uma a outra novamente. Tudo o que já experimentamos em nossas

vidas separadas tem trabalhado para reunir as peças espelhadas de nós mesmos que deixamos dentro do outro. As almas gêmeas sempre têm um círculo completo, tão natural e iniludível quanto a migração de pássaros ou o alinhamento de planetas. Tudo isso foi colocado em movimento no passado pelo nosso espírito, para nossos corpos descobrirem no presente. Agora, finalmente, estamos aqui.

Eu arranco uma mecha de cabelo caída de seus olhos de outro mundo e repito suas palavras: — Estamos aqui. — A explicação deve me parecer inacreditável, mas, em vez disso, o acerto dela é inegável.

Todas aquelas noites em que escalamos as estrelas e rearranjamos os planetas com nossas músicas, éramos completos e invencíveis quando estávamos juntos.

Somente no contexto da predestinação poderiam essas visões de sonhos fazer sentido.

Ele levanta minha mão fechada, empurra a manga do meu suéter para o meu cotovelo e arrasta os lábios quentes e macios ao longo do meu pulso interno. Então ele enrola o comprimento da fita em torno da impressão persistente de seus beijos, enrolando seu próprio pulso exposto nos laços, até que estamos fundidos como um, minha palma da mão agora aberta de frente para a dele, nossos dedos entrelaçados.

— Estamos destinados a ser amantes, Rune. Conectados pelo fio da nossa alma compartilhada através do espaço e do tempo. Agora que estamos unidos, não importa onde ou quando, ou qualquer outra circunstância entre nós — esse cordão vai se estender para acomodar tudo, flexionar e doar. Pode emaranhar, mas nunca vai quebrar. Nós sempre seremos amarrados. Sempre encontrando um ao outro novamente... porque está fadado a ser.

Meu sangue queima quente, as veias brilhantes e luminosas sob a minha pele. As veias de Etalon se aquecem em resposta. Como se aquecida por nosso surto combinado, a fita pega fogo em nossos braços. Eu nem sequer pisco porque as chamas não doem, embora elas passem por um arco-íris de auras. Somente quando elas se tornam brancas puras eles apagam os tentáculos esfumaçados.

O selo carmesim da fita permanece — uma tatuagem visível no meu pulso e antebraço esquerdo, espelhando a imagem à sua direita — enquanto nos deixa livres. Quando abrimos os braços, ainda sinto o puxão entre nós... um vínculo internalizado que não pode ser quebrado.

Eu suspiro e sorrio, olhando para o rosto dele. Retornando meu sorriso, ele

pega meus quadris e me puxa para ele, pernas longas embalando cada lado do meu corpo. Eu movo minhas mãos ao longo de sua camisa, aprendendo os planos duros de seu peito e estômago sobre o tecido macio. Ele geme e seus dedos escorregam para minha nuca e apertam meu cabelo, a testa pressionada na minha. Sua respiração é perfumada com um elixir de emoções — fumaça, mel e pétalas de rosa. Eu fecho meus olhos, flutuando para as estrelas enquanto eu respiro ele.

Seus lábios pairam a centímetros dos meus — uma provocação torturante de correntes de faíscas fora do alcance, mas ele se afasta no último minuto. Meus olhos se abrem, visão turva e desfocada. Ao longe, na outra extremidade do telhado, atrás da cúpula do auditório, surge uma cacofonia de sons.

Alguém ou alguma coisa tem nos observado. Minha mente está muito confusa para reagir, meu corpo também varrido pela sensação e temor de se mover. Eu sou um coelho preso, indefeso contra o lobo se aproximando.

20
Encerramentos Involuntários

“É a neblina de mistério que acrescenta encantamento à busca.”

Antoine de Rivarol



Thorn ficou de pé com os nervos agitados balançado de sua profunda reunião com Rune após todos esses anos de separação. Tão perto de provar seu nome em seus lábios. Mas mesmo com a frustração dessa perda, ele não podia negar o quão potente foi o surto entre eles. Ele nunca sentiu uma emoção elétrica tão pura. Seu corpo ardia de dentro para fora — alerta, vivo, quente.

Ele ajudou-a e apontou para a porta. Ela vacilou no lugar, esfregando distraidamente a queima da fita impressa em seu braço, incapaz de mover-se. Ela era um encantamento de olhos úmidos envolta em sua aura branca de inocência e maravilha — perdida e confusa. Ele deu a ela muita coisa rápido demais. Ele deveria ter parado com as informações sobre o violino; sua mente não estava pronta para o ritual de unidade em breve. Mas Erik forçou a mão dele.

Thorn manteve a mira na cúpula verde iluminada à distância, seu corpo firmemente plantado na frente de Rune, esperando que o espião se revelasse, ou que Rune se recuperasse o suficiente para voltar para dentro, onde poderia

mantê-la segura pelo menos mais um dia.

Ele explorou o telhado quando chegou, mas não conseguiu verificar a passagem secreta da cúpula. A essa altura, ele só conseguia pensar em tornar tudo perfeito, em reconquistar a confiança de Rune e senti-la em seus braços, sem tempo ou espaço entre eles, de sua respiração presa no rosto — ambos descobertos por máscaras e mentiras.

A *maioria* das mentiras.

Ele ainda não tinha divulgado o plano de Erik. Ele não podia, até que ele confirmasse ou negasse o que ele suspeitara depois daquela discussão enigmática com Erik no laboratório algumas horas antes.

Thorn sempre acreditou que o universo alinhava cada evento que trazia Rune em seu caminho. Mas agora, estava começando a parecer que o universo tinha ajuda. Que Erik estava usando a conexão de Thorn com Rune desde o começo para convocá-la a este lugar, neste momento.

Você me serviu bem ao longo dos anos. O insulto melodioso de seu pai se contorceu e feriu dentro do cérebro de Thorn, um verme de ouvido com uma mordida de serpente. *Você a trouxe até aqui quando ninguém mais poderia tê-la.*

Foi por isso que ele deu Thorn o violino para começar, todos aqueles anos atrás? Quando ele disse a ele para jogar todas as chances que ele pudesse? Porque Erik sabia que tinha sido amarrado ao pai dela de alguma forma? Algum tipo de corrente mágica?

Thorn nunca se perdoaria se fosse verdade, especialmente agora, se seu papel colocasse Rune em um perigo ainda maior. Era uma coisa, se ela quisesse escapar de sua voz como Erik sempre disse que faria. Mas Thorn tinha percebido que ela precisava da chance de abraçar o presente, livre de dor, antes de tomar essa decisão. Ele de todas as pessoas entendia como era ter talento despojado.

Nada disso importava, porém, se o espião atrás da cúpula fosse o Fantasma. Tudo terminaria esta noite.

As coisas já estavam girando fora de controle. A aplicação da lei estava fora de questão. Erik tinha fios de viagem e minas terrestres montados nos andares superiores, e acionaria todos eles sem hesitação se ele percebesse alguém se aproximando. Todos na academia eram um pato sentado, a menos que Thorn pudesse sabotar as armadilhas sozinho, secretamente. Ele era o único que podia, desde que ele ajudou Erik a plantar a maioria delas, dois anos antes.

Ele já havia desarmado as que ele conhecia nas últimas semanas, mas haveria alguma que Erick criado em segredo. Thorn havia procurado todos os andares, exceto os dois primeiros. Ele precisava de pelo menos mais um dia.

Mais um dia de cometer traição contra o homem que o criou e o alimentou.

O peito de Thorn doía. — Mostre-se! — Ele gritou para o perseguidor, esticando a voz.

Uma onda de farfalhar e rugidos se agitou atrás da cúpula, mas nada apareceu. Ele teria suspeitado de Tomlin, se ele já não tivesse checado o fantoche de Erik antes de chegar ao telhado esta noite. O baterista ainda não havia retornado da cidade.

Isso deixou apenas o Fantasma. Mas como? Quando Thorn o viu pela última vez, ele mal conseguiu se levantar. Geralmente ele levava toda a noite para se recuperar de despejar sua energia na câmara criogênica.

Os pés de Thorn se moveram quando o corpo de Rune caiu contra ele. Ele envolveu um braço ao redor dela. — Vamos. Saia dessa. Rune...

Assobios rosnados e sinos de formigamento anteciparam uma onda de movimento das sombras. Uma pitada de penas vermelhas tufadas com o vento na esteira. Thorn quase riu, tão aliviado ao ver o cisne e o gato. Ambos os animais tinham o hábito de se comportar como emissários dignos na presença do Fantasma.

Eles nunca se rebaixariam a esse nível de brincadeira se ele estivesse aqui.

Mas ainda havia a chance de ele estar por trás.

Colocando tudo em uma extremidade do banco, Thorn aliviou Rune e levantou as pernas para que ela pudesse deitar de lado. Ele deu um tapinha no rosto dela até que ela despertou.

— O..o que está acontecendo? — Ela arrastou, os olhos arregalados quando Ange passou voando, gritando, com Diable feliz pulando em perseguição. — Espera... Diable, não! — Ela saiu do banco, mergulhando para pegar Diable, mas desapareceu quando o gato se abaixou e bateu com a pata nas penas da cauda do cisne.

Thorn pegou Rune antes de plantar o rosto ao lado de suas botas. Ela olhou para cima, piscando, não totalmente consciente.

— Como Diable chegou até aqui? — Ela esfregou os olhos quando ele a colocou para sentar no banco. — Oh sim. Gatinho fantasma.

Thorn franziu a testa. Estava demorando mais do que ele previra para descer da crista bêbada de energia que eles compartilharam. Como ela iria administrar a caminhada no andar de baixo?

Ela se inclinou para a frente, os cotovelos nos joelhos, tão baixa que seu cabelo escondia seu rosto.

Ele poderia pegá-la e carregá-la. Ele preferiria que, com seu calor

aninhado contra ele, tão perto quanto possível para a baunilha cítrica agarrada àquelas mechas brilhantes enroladas em sua cabeça ficasse próxima ao seu nariz.

Diable passou correndo, Ange perseguindo-o desta vez. Suas asas se abaixaram quando ela pulou para trás. Ela esticou o pescoço e mastigou o rabo do gato. Diable soltou um grito estressante.

Rune endireitou-se, apesar de ainda vacilante. Ela espiou pelo cabelo. — Por que você não está fazendo alguma coisa? Eles vão matar um ao outro!

Thorn a firmou. — Eles estão bem. Tag é o seu jogo favorito. Eles estavam jogando naquele dia em que nos conhecemos na capela. Ange não precisa da nossa ajuda mais do que Diable precisava do sua então.

— Mas... ele estava se afogando.

Thorn revirou os olhos. — Isso foi um truque de sua parte para chamar sua atenção. Ele foi doce com você desde o começo. Os gatos têm naturalmente medo da água, mas conseguem superá-la. Eu me certifiquei de que Diable pudesse nadar desde que ele era um gatinho minúsculo, por causa de onde nós moramos. — Thorn estremeceu. Quanto menos Rune sabia sobre o covil do Fantasma, mais segura ela estava. Ele deve estar embriagado de energia para deixar isso escapar.

Um olhar para o rosto dela e as marcas da fita em seu braço chiaram com uma fricção quente, como se confirmasse.

— Onde você mora... sob a ópera, com o Fantasma. — Ela argumentou, amarrando suas ondas indisciplinadas na parte de trás de sua cabeça. Sua mente estava ficando mais clara a cada segundo. — Isso é o que você quer dizer, não é?

— Chega de tagarelice. — Ele segurou seu cotovelo e ajudou-a a se levantar. — Está na hora.

Interpretando mal suas intenções, ela se aconchegou perto.

—Finalmente. — Ela murmurou, sua cabeça contra o peito dele, todas as suas curvas pressionadas contra ele — suavidade e expectativas trêmulas. — Eu estava me perguntando quando iríamos dançar. — As pontas dos dedos deslizaram por suas costas, acendendo uma carga voltaica por todo o seu corpo. A força de seu vínculo levou até ele desprevenido. Sua ligação se uniu mais rápido do que ele esperava.

— Não. — Ele a empurrou para longe. Ela estava firme em seus pés agora, então seu tom de voz era severo. — Hora de você ir.

Ela lançou-lhe um beicinho desconcertado que o jogou de volta no momento em que ele traçou seus lábios. Seu polegar se contraiu, desejando aquela leitura sensual novamente.

— O que você quer dizer, com ir? Depois de tudo que você me contou sobre mim e minha família? Depois do que aconteceu entre nós? — Ela arrastou o punho de sua blusa para baixo para cobrir sua tatuagem de fita. — Você não deixa cair coisas que alteram a vida desse tipo em alguém e as envia em seu caminho!

— Você não está segura aqui em cima. — Ele empurrou sua bolsa em suas mãos, odiando que sua aspereza a balançasse para trás um passo.

Seus olhos examinaram o telhado. — De que?

Ele balançou a cabeça, sentindo cada segundo cortá-lo como um bisturi. Ele tinha que chegar em casa e garantir que o Fantasma estivesse onde ele o havia deixado. O tempo já estava curto o suficiente sem Erik olhando por cima do ombro. — Vá ter algum descanso.

Ela franziu a testa enquanto Ange e Diable passavam na periferia. — Como se isso fosse uma possibilidade. Meus amigos todos me odeiam. Minha tia me despreza tanto quanto minha avó. E agora eu tenho que encontrar alguma maneira de sair escondida da escola e visitar a prisão. — Ela segurou a bolsa contra o peito como um peitoral de armadura enquanto estudava o caso de violino do pai. — Você está vindo para o abertura, não é?

Olhos implorantes viraram para ele, largos, verdes e afiados com filigranas de ouro — um testamento sedutor de sua fusão espiritual. Eles faiscavam como jóias por horas. Ele desejou poder estar lá para vê-los desaparecer, para que pudesse acendê-los novamente.

— Por favor. — Ela continuou a atormentar. — Eu não quero ficar sozinha esta noite. Eu preciso que você fique comigo... tocar uma música para mim. É a única maneira de eu dormir.

Saudade agarrou seu peito. Ela poderia ter o bom senso de ter medo, se soubesse o quanto ele queria ficar com ela, e não do outro lado de alguma parede maldita com um violino enchendo seus braços, persuadindo serenatas de fantasia. Não. Ele queria abraçá-la enquanto se emaranhava nas cobertas em sua cama, carne contra carne — persuadindo a besta que ela estava tão assustada a se tornar.

Ele queria terminar a noite com essa nota, com uma promessa de que ela nunca passaria outra noite sozinha. Mas o baile de máscaras chegaria cedo demais, e havia armadilhas para serem descobertas, pontas soltas para amarrar e um segredo angustiante ainda entre eles.

— Eu não posso ficar com você. — Sua resposta foi projetada para cortar com suas bordas pontiagudas e apatia afiada. —Eu tenho coisas para fazer.

— Ah. — Sua voz falhou. — Coisas para fazer. — Com apenas um grunhido para avisá-lo, ela chutou a máscara no telhado entre os pés. Ela bateu o calcanhar com tanta força, a rachadura na testa fissurada como uma casca de ovo quebrada. Ele ficou impressionado com o poder por trás do gesto de raiva, sabendo que a fusão deles havia lhe dado aquela explosão de força. Mas a dor ao olhar para ele esmagou qualquer satisfação. Ela rosnou. — Ter um fio mágico entre nós que pode se estender pelo universo não toma o lugar de estar fisicamente lá quando eu preciso de você.

Ela o manteve preso com um olhar penetrante e recuou para a porta, sua postura rígida e pronta para arrebentar. Ele não podia tê-la descendo as escadas como um touro furioso. Ela cairia e quebraria o pescoço.

Ele alcançou-a e aproximou-a o suficiente para que seus seios roçassem sua caixa torácica. Sua expressão suavizou, toda aquela tensão se esvaindo em um instante.

Era assustador, a rapidez com que ela respondia ao seu toque agora.

—E talon...

— Isso é melhor. — Ele girou em torno dela e apontou-a para a porta mais uma vez. — Obtenha essas respostas para mim, o mais cedo possível. De manhã, de preferência.

Ela olhou para trás, sua fachada dura continuando a desmoronar. Seu queixo tremeu.

Ele estudou suas feições para uma expressão tão vazia quanto sua máscara quebrada, na esperança de que ela não pudesse ver como ela o afetava.

Ela abriu a porta, mas parou no meio do caminho. — Oh, eu tenho algo para lhe dar. Na minha bolsa-

— Terá que esperar.

Cheirando, ela se selou dentro. Ele observou a aura branca filtrar-se pelo espaço no batente da porta, vendo-a desaparecer para um cinza azulado miserável.

Suas emoções se demoraram, torturando-o. Ele experimentou o desgosto de anos passados, cada vez que Erik crescia como uma reminiscência de Christine. Era um sabor rançoso... plano e empoeirado, com o menor indício de lírios em decomposição. Mas a mágoa fresca era uma sensação totalmente diferente — como pêssegos maduros espalhados por muito tempo ao sol, uma doçura pegajosa fermentada que deixava seus dentes doloridos e sua língua ressecada.

Uma coisa sobre a qual Erik tinha sido honesto: encontrar sua chama

gêmea poderia ser um inferno se a hora não fosse certa.

Thorn tocou seu antebraço, as pontas dos dedos formigando enquanto seguiam as bobinas impressas da fita.

Diable miou.

Thorn rolou pela manga. Ele franziu a testa para os animais sentados ao lado de seus pés e ofegando. — Bem, vocês dois têm muito a compensar.

Depois de um bocejo que exibiu um conjunto completo de dentes afiados como agulha, Diable bateu na porta e coçou a base, o rabo torto contorcendo-se com expectativa.

— Isso é um começo. — Thorn abriu-a, olhando para dentro para ver que Rune já havia desaparecido ao redor da primeira curva da escada. Diable entrou e atirou em Thorn um olhar de relance. —Veja que ela desça os degraus com segurança. E não saia do lado dela hoje à noite. Conforte ela. Esteja lá para ela, desde que eu não posso.

Em menos de um piscar de olhos, o gato desapareceu ao redor da curva, esbelto como uma sombra.

Ao fechar a porta, Thorn virou-se para Ange, que estava arrumando as penas arrepiadas. — Quanto a você, anjo-megera... — Seu pescoço elegante se curvou para que seus olhos nublados pudessem se concentrar nele. — Onde exatamente está o seu mestre?

Ter Diable se juntando a mim na minha jornada pelas escadas escuras é a única coisa que me impede de desmoronar. O pensamento de deitar-se no meu quarto, com apenas o ruído da minha lâmpada de lava à vista, ameaça arrastar a minha solidão para novas profundezas.

Estou tão feliz quando noto o gato se esgueirando ao meu lado. Eu considero oferecer a ele o presente de meias de Etalon para um post de riscar.

— Seu mestre é um idiota. Você sabe disso, Gato Fantasma?

O gato olha para mim. Se ele tivesse sobrancelhas, eu tenho certeza que alguém seria levantado em escárnio.

— Ok, ele não é seu mestre, por si só. E eu acho que ele não é um idiota, completamente.

Não se eu parar de amamentar meu ego ferido por tempo suficiente para ser honesta. Estou assumindo que ele é a razão pela qual Diable está aqui agora. No telhado, observei a aura de Etalon flutuar entre seu desejo de ficar comigo e a

batalha que ele travava para me afastar. Ele estava tentando me proteger de alguma coisa. Algo que o acompanha tão de perto, ele também está em perigo — um pensamento paralisante que revive as cócegas desconfortáveis e dolorosas na minha garganta.

Ele não entende? Ele precisa me deixar entrar. Não há lugar para segredos, não depois de tudo que compartilhamos. É por isso que eu queria que ele passasse a noite. Para nos manter ambos protegidos. Há segurança nos números. Eu deveria ter dito isso a ele. Na verdade, eu deveria ter dito a ele a verdade que eu estava escondendo... que eu não queria que ele dormisse do outro lado da parede. Que eu o queria no meu quarto ao meu lado.

Uma onda de calor percorre meu rosto. Eu guio meu aplicativo de lanterna para iluminar meus passos. — Ele sente minhas emoções, então eu pensei... — Minha mão livre corre ao longo dos espelhos de mão dupla. — Eu não sei o que pensei. Eu agi como uma diva.

Diable responde com um espirro profundo.

Eu tento um sorriso e jogo com a chave do teto onde está pendurado no meu pescoço. — Você está certo. O papel de Renata deve estar indo para a minha cabeça.

O colarinho do gato oferece o único comentário sobre nossa descida contínua. Eu levanto a chave e seguro o metal na minha boca, pensando nos lábios macios de Etalon. Ele quase me beijou. Um beijo de verdade, de alguém que eu não tenho que me preocupar em matar, de alguém que me faz sentir extraordinária, mas aterrada, apenas pressionando a ponta do dedo na minha têmpora.

Com um toque tão potente, eu me pergunto como será o beijo dele?

Diable e eu passamos quarto após quarto do outro lado das paredes espelhadas, mas eu não me incomodo em olhar neste momento. Estou muito preocupada, muito confusa também... ressonante.

Não há outra maneira de descrever como meu corpo se sente — pulsando, brilhando, uma brasa de chamas envolvida em música. No momento em que Etalon juntou nossas mãos com aquela fita, nos tornamos harmonia personificada — notas musicais que não apenas podiam ser ouvidas, mas vistas, cheiradas, sentidas e saboreadas. No começo, eu estava bêbada com isso. Com tantas sensações para absorver de uma só vez, meu sistema nervoso entorpeceu para me amortecer.

Mas agora, bem acordada e sóbria, tudo é radiante, vívido e estrondoso. Nossa força de vida compartilhada balança como uma tempestade de raios de

melodia: reverberando dentro do meu peito, vibrando através dos tributários de minhas veias, ecoando em profundidades que eu nunca soube que eram silenciosas... inundando cavidades que eu nunca soube que existia.

Estamos destinados a ser amantes, Rune.

O poder dessa verdade me eleva, me desequilibra. Que ele está tentando me encontrar, assim como eu o tenho, embora eu nunca soubesse o que estava procurando, ou o quanto eu sentia falta dele até o momento. No entanto, ele sente minha falta há tanto tempo. E agora, para finalmente estarmos aqui juntos, ele tem que ser tão nivelado e desequilibrado quanto eu. É esse conhecimento que acalma meu coração acelerado e acalma minhas mãos trêmulas, apesar do peso monumental que suas palavras carregam.

Tudo o que ele disse é um fato. Eu acredito nisso. Não apenas por causa da impressão vermelha e sinuosa, cintilante e segura no meu pulso e braço, ou nas fagulhas elétricas verdes que unem nossos corações quando nos tocamos. Eu acredito nisso porque olhar para Etalon e ver sua alma é como olhar para a minha. E eu tenho certeza que é o mesmo para ele.

Eu não tenho experiência com amor romântico, mas isso vai além disso. O que eu sinto por ele penetra mais profundamente do que emoções ou desejos, mais profundo do que tecido, osso ou medula — um consumo surpreendente, maravilhoso e aterrorizante de todo o meu ser, que também é de certa forma o somatório de quem eu sou.

Chamas gêmeas.

Pego a chave em cima do meu suéter enquanto Diable e eu chegamos ao final da escada, prontos para deixar para trás a passagem oculta, junto com minha auto piedade. Preciso debater como chegar a Versalhes pela manhã. É hora de acabar com essa maldição que escureceu todos os corredores da minha existência até agora, para que eu possa fazer as pazes com quem e o que eu realmente sou, e andar pelos corredores de algo novo e brilhante — lado a lado com Etalon.

Cautelosa, eu abro a porta secreta. Diable e eu entramos no grande foyer. No silêncio ensurdecedor, o rangido das dobradiças do espelho parece atingir todo o caminho até o teto em espiral, enviando tremores nervosos pela minha espinha. Eu seguro minha respiração. Não ouvindo nada em resposta, fechei o painel espelhado e fui na ponta dos pés para o meu dormitório com Diable tilintando nos meus calcanhares.

O luar traça o chão e salta das paredes reflexivas — luminárias azul-prateadas que pintam minha pele quando eu alcanço o recorte fantasma da Morte

Vermelha ao lado das escadas. Eu paro por aí, lembrando do aviso de Etalon: *você não está segura aqui.* E sua reação no clube rave no elevador... quando ele me disse que o Fantasma não sabia que eu tinha ido embora, que sua ira se seguiria.

Um calafrio correu pela minha espinha. É o Fantasma que é uma ameaça para nós dois. É o que Etalon tem medo de dizer em voz alta. Mas por que ele está em perigo também, se eles são da família? Talvez a mesma razão pela qual eu estive em perigo da minha. E de alguma forma, tudo está ligado ao violino de papai.

A lembrança da minha viagem a Versalhes deixa meus nervos ainda mais agitados.

Nos recessos da minha mente, a atuação teatral hipnotizante do Fantasma no clube desperta e se desenrola, elementar e semelhante a uma sílfide. Com a orientação de Etalon, eu reprimi essa música encantadora, mas não a matei. Agora, as notas celestiais me obrigam a alcançar a máscara esquelética branca do recorte. No instante do contato, um respingo gelado de medo começa na ponta dos meus dedos e geloa meu corpo, ameaçando congelar as chamas sinfônicas de Etalon tão magistralmente alimentadas em meu sangue.

Eu empurro de volta. A voz do Fantasma desaparece, mas eu ainda sinto isso persistindo na parte de trás do meu crânio... frio, enrolado e esperando para atacar novamente.

Um sussurro repentino me alerta para alguém escondido nas sombras da escada atrás do recorte. Meu coração bate quando Diable assobia aos meus pés. Eu tenho medo de me mexer, o cabelo no meu pescoço endurecendo.

Um aperto gelado no meu ombro por trás me faz soltar minha bolsa e me envia girando para encarar a boca escancarada de uma cobra a poucos centímetros do meu nariz. Eu grito quando Diable pula para cima, garras cavando nas escamas de azeitona. Ele bate a serpente no chão e um barulho delicado de pinos de metal segue.

— Gato *Fichu*[9]! — O rosto barbeado e maquiado de Madame Bouchard se inclina para o luar, horripilante como um espectro. —Por que você está lá? — Ela rosna minha direção. — Ajude-me a salvar Franco!

Eu expiro uma respiração aliviada ao descobrir que a vítima de Diable é o mais recente projeto de estimação de Bouchard. Ela está certa por acenar Franco na minha frente. Meu gatinho guardião vai receber uma tigela extra de creme amanhã.

Eu me ajoelho ao lado da professora de música, com as mãos tremendo

enquanto me concentro em juntar os pinos que ela deixou cair.

— *Oiseau chanteur.*[10] — Ela corta. — Imagine a minha surpresa, ao encontrá-la vagando pelo foyer uma hora depois das luzes apagadas. Isso deve ser o suficiente para desqualificá-la do papel que você ganhou hoje. — Não há falta da alegria em sua voz.

Soltando os pinos em um recipiente de plástico, eu debato dizendo algo sarcástico para garantir que estou saindo agora que Audrey tem o papel de substituto. Mas é possível que o papel principal fosse voltar a Kat desde que as audições ocorreram há menos de doze horas. Eu tenho que resistir até os ensaios finais no final da primavera, então Kat não tem chance de represálias.

— Eu estava me sentindo nauseada. Eu acabei de voltar do banheiro. — Eu arrasto minha bolsa de volta no meu ombro, mantendo meus olhos desviados, preocupados que eles ainda podem estar brilhando como os de Etalon quando eu saí do telhado.

Bouchard dobra sua cobra mole e parcialmente recheada sobre o braço. — Hmmm. Há algo decididamente corado pela sua tez esta noite. Venha aqui, para o luar. — Ela me puxa para as janelas. — Diable segue, cuspindo na cauda arrastada da cobra. — *Faire taire*[11], felino rançoso. — Ela repreende.

Garras frágeis nos tornozelos até ela soltar a cobra. Desliza para o chão — um sussurro de escamas em mármore. O gato ataca o réptil morto, deixando-me na minha frente com a professora de música que já não parece se importar com seu precioso Franco.

Sua mão pegajosa enche meu queixo e força meu olhar para cima. Já com o brilho pálido, ela drena para quase transparente.

—Não, não, não. Eu já vi esses olhos antes. — Sua aura muda de um marrom teimoso para o amarelo acinzentado de trepidação. — Ela vai querer saber sobre isso. — Sua última declaração carrega um cheiro azedo do café que ela deve ter bebido em sua oficina.

Eu tento me libertar. Bouchard luta contra mim, as unhas se cravando na minha pele pela trama do colarinho do meu suéter. Seu polegar pega a corrente da chave do telhado, quebrando-a. Isso cai aos meus pés. Antes que eu possa recuperá-lo, há um farfalhar novamente nas escadas, perto do segundo andar.

Bouchard treina um olhar para o barulho. O pânico reveste sua testa. Tirando Diable de lado com seus sapatos pontudos, ela rosna. — Venha criança miserável. Você deveria ter me escutado desde o começo. Você está colocando em risco tanto os outros quanto você mesma por estar aqui.

Nós nos dirigimos para os dormitórios dos professores e a compreensão bate em mim. Tia Charlotte é aquela cujos olhos brilhantes Bouchard viu. De alguma forma, ela está escondendo eles. Ela é quem vai querer saber sobre o meu despertar porque eu sou como ela agora.

A Noiva de Frankenstein tem trabalhado com minha tia o tempo todo, para me afastar. Ambas querem que eu vá, talvez tanto quanto a vovó.

Além de largar minha sacola como uma migalha de pão solitária e miserável para alguém encontrar se eu desaparecer, nem mesmo tento escapar quando Bouchard me empurra para trás. Para onde eu iria?

Diable entra em cena perto dos meus calcanhares — meu cavaleiro em armadura de pelos.

Em questão de minutos, vou ter as respostas que Etalon precisava. Mas há uma questão novinha em folha na minha mente que eu nunca teria pensado em perguntar quando cheguei na RoseBlood seis semanas atrás:

Viverei para transmitir tudo o que estou prestes a descobrir?

21
Livro de sangue

“Todo mundo é um livro de sangue...”

Clive Barker, Livros de Sangue, volumes de um a três



Estou estranhamente calma quando chegamos ao quarto de tia Charlotte e Bouchard bate quase relutantemente em sua porta. Lembrei-me do que Etalon disse sobre a minha tia não estar “sendo ruim”. Ele não teria me enviado para ela, a menos que ele soubesse que eu estaria segura.

Ele conhece seus segredos e que ela é uma de nós. Eu suspeitei disso por um instante, quando percebi que o desvio se originou no lado da família do papai, mas parecia tão improvável. A porta se abre e tia Charlotte observa com um braço atrás das costas, tranças brancas empilhadas na cabeça e um roupão atoalhado em volta da estrutura da dançarina. Dando uma olhada nos meus olhos, ela me conduz e Bouchard através do limiar antes de nos fechar.

Eu dei uma rápida olhada ao redor da sala. Ele é projetado exatamente como o meu — mini-escada em espiral e sótão, cama de antecâmara com uma abertura na parede, zero janelas. Em vez de luz violeta, o suave brilho âmbar de um abajur de chão projeta longas sombras em sua decoração: pôsteres em preto e branco de produções teatrais e ganchos com sapatilhas de vários tamanhos de diferentes épocas da vida — detalhes que parecem cuidadosamente encenados sabendo o que sei agora.

Depois desse vislumbre, olho diretamente para minha tia, na chance de Etalon estar errado. Se assim for, ela vai ter que me machucar com a semelhança da minha mãe e do seu irmão olhando para trás — amaldiçoando-a.

Suspirando, ela puxa seu braço escondido e gesticula com um e-cig em direção à espreguiçadeira. Eu relaxo meus ombros uma fração enquanto eu caio e Diable pula no meu colo.

— Françoise. — Tia Charlotte faz uma careta para Bouchard. Sua voz é minúscula, como se ela estivesse falando através de um tubo de metal. — Como isso veio à tona? Você pegou ela se alimentando?

Bouchard pega o cigarro e se inclina contra um armário para beber o vapor. O cheiro de cravo chega até mim. — Ela estava vagando pelo foyer, já parecendo assim. O mais provável é que ela tenha desviado um dos garotos enquanto eles dormia.

— Eu nunca fiz isso. — Eu digo, surpresa com a minha segurança nesse conhecimento. Não só porque eu não estou mais com fome depois de estar com Etalon, mas porque eu estou ciente do que eu sou capaz agora, e que eu o

controlo, o que não tem nada a ver com a nossa conexão de chamas gêmeas. É porque faço minhas próprias escolhas conscientes. Eu posso viver com isso e aprender a me misturar. Minha tia é a prova disso.

Seja qual for o caso, Bouchard responde à minha negação, mas mantém o olhar fixo na tia Charlotte. — Ela é um perigo para os outros estudantes agora e para os nossos segredos. Ela está curada, sim? Então devemos colocá-la no próximo avião de volta aos Estados Unidos.

Minha tia aperta o cinto em sua cintura. — Há coisas que ela precisa entender primeiro. Agora isso-

— Agora, o que? — Eu grito, fazendo Diable rosnar na minha direção; é principalmente para mostrar, porque seu peso continua a aquecer minhas coxas. — Agora que eu sei que sou uma vampira como você?

Bouchard olha para o respiradouro sobre a cama da minha tia e me empurra, soltando um pouf de névoa branca perfumada.

Eu me acalmo trançando meu cabelo para uma trança lateral. Eu não tenho certeza de como a raiva cresceu tão rápido. Mas está muito atrasada. — Por que você foi tão longe para me assustar? — Eu pergunto, com cuidado para manter minha voz baixa.

Tia Charlotte e Bouchard trocam olhares.

— Eu não concordei com a decisão de sua avó de trazer você para RoseBlood. — Minha tia responde. — Mas eu fiz uma promessa de pelo menos tentar. Ainda... Eu não estava convencida de que sua estratégia teria os resultados desejados. Eu estava preocupada que fosse uma armadilha.

Bouchard limpa a garganta.

Minha tia revirou os olhos. — Nós duas estávamos preocupados com isso.

Eu enruguei minha testa. — Assim... você rasgou minhas roupas e matou aquele pobre pássaro para me salvar de outra psique vendeta da vovó? — Meu estômago se revira, lembrando as penas gordurosas e cordeirinhas do corvo.

— Não exatamente. — Tia Charlotte se aproxima da lâmpada. Seus olhos ganham claridade vívida na luz, brilhando como a de Etalon quando a energia está se formando sob a superfície. Ela absorve isso dos cigarros de alguma forma? Suas íris são marrons mas franjadas em ouro. Eles sempre foram normais por trás dos óculos... avelã como o papai.

Sunny mencionou minha tia com caixas de lentes de contatos escondidas com seus cigarros. Eu olho por cima de onde Bouchard estuda seu cigarros de ponta a ponta, muito confortável ao lado do armário.

O armário onde minha tia armazena tudo.

Eu pulo e Diable resmunga quando ele é derrubado no chão. Corro para o outro lado da sala. Bouchard tenta me bloquear, mas eu tiro o cigarro da mão dela, jogando-o fora de seu alcance.

Eu forço a abrir as portas e lá estão elas. Lentes de contato coloridas descartáveis: marrom avelã. A camuflagem da tia Charlotte.

Parece que cada um de nós tem que usar alguma forma de máscara para se encaixar neste mundo. Assim como Etalon e o Fantasma.

— É bom que você saiba finalmente. Você não vai se sentir tão sozinha agora. — A mão quente da tia Charlotte aperta meu ombro suavemente. — Eu queria dizer a você há anos. Mas sua avó não permitiria isso. Ela temia que isso colocasse em risco sua mãe, e ela fez uma promessa ao seu pai para proteger vocês dois a todo custo. Eu não percebi que você teve o seu despertar, ou eu te disse, independente disso. — Eu começo a sacudi-la, mas o toque suave dela me lembra da de mamãe, e eu me rendo à sensação. — Doce criança, por favor, tenha certeza: onde sua avó está preocupada, nunca houve uma vingança. Sempre foi uma tentativa de resgate. No entanto deformada.

Eu me viro para ela então. — O que... afogamento... pegando fogo, como isso é... resgatar? Assassina de pássaros! — Eu lato a acusação para zombar dela como sua explicação paternalista zombava de mim.

Tia Charlotte balança a cabeça tristemente. — Eu não matei esse pássaro. Eu simplesmente usei seu cadáver. Françoise... ela é faz-tudo da Morte.

Bouchard bufa quando pega o cigarro brilhando a seus pés.

—Um corvo que tem a voz de um gatinho é uma abominação. Como é uma cobra viperina com um rugido como um lobo. Eu estava tentando salvar essas criaturas.

Meu queixo cai.

— Pssshhh. — Tia Charlotte acena com a mão. — Eu já ouvi tudo isso antes. Cada animal fresco pendurado em seu museu de atrocidades. Todos eles uma abominação que precisava de redenção na lâmina do seu bisturi. Talvez, se você não tivesse abandonado a escola veterinária, teria aprendido a operar com sucesso.

— Assim... Os rumores são verdadeiros? — Pergunto com uma língua dura. — Sobre os animais na floresta? — Mas eu não recebo uma resposta. Bouchard e minha tia estão muito absortas em suas brigas. Quanto mais ouço, mais fica aparente por quanto tempo elas se conhecem e como Bouchard parece ser responsável por minha tia. Ou, pelo menos, uma aliada.

— De jeito nenhum. — Eu digo. — Ela é sua familiar. As pessoas podem

ser familiares, certo?

Ambas param de falar ao mesmo tempo.

— Oh, olhe, nossa ingênua recém-despertada acha que descobriu tudo. — Bouchard estreita os olhos azuis redondos, aprofundando a teia de rugas ao redor deles. — Você está apenas na metade do caminho, tola. — Ela aponta o cigarro em minha direção. — Eu não sou familiar. Eu sou da família. Uma prima de segundo grau duas vezes removida, uma geração mais velha que você.

Um ronco inesperado explode da minha boca. — Faça isso três ou quatro gerações, Lady Methuselah. — Eu não estou mais intimidada. Depois de tudo o que ela me fez passar enquanto eu estive aqui, estou pronta para uma briga. E agora que estamos em terreno familiar, não tenho nada me impedindo.

Bouchard amaldiçoa em francês e se dirige para mim. Eu dou um passo para encontrá-la no meio do caminho. Diable assobia do assento do outro lado da sala enquanto Tia Charlotte passa entre nós.

— *Cseu assez*! — Ela pega o cigarro de Bouchard e coloca um dedo no peito. — Eu estou mais paciente com você. Sim, o seu é um gene recessivo; sim, o poder passou para você. Pare de levar seu ciúme para Rune. Lembre-se do que posso fazer com você, se eu decidir que não me importo mais em tolerar sua energia negativa. — Ela abre a porta para mostrar nossa prima em segundo grau.

Bouchard se vira e empurra o dedo apontado para o outro lado da porta, impedindo que tia Charlotte a feche.

— Oh, você não acredita que eu vou fazer isso? — Minha tia pergunta a ela em um murmúrio sinistro. Ela olha para a esquerda da porta, onde um relógio está pendurado na parede. — Hmmm. Quinze para as onze. Eu suponho que eu poderia ter meu lanche da meia-noite cedo. O cinismo tem gosto de ginger ale plana e chá frio de hortelã, dois dos meus sabores favoritos. Rune, você vai se juntar a mim, não vai? Bom apetite. — Ela lambe os lábios e os olhos brilham.

Bouchard encolhe e o pé escorrega.

— Para a cama então. E bons sonhos, querida prima. — Tia Charlotte fecha a porta.

Eu fico admirada com a tia sugadora de energia que estou apenas começando a conhecer, muito tensa e confusa para me mexer.

— Sente-se. — Ela comanda.

Uma brasa de rebelião brilha para a vida, mas ela inferiu que ela quer me dar respostas. Eu não vou azarar isso.

Eu tomo meu lugar. Diable me perdoou por deixá-lo cair e se enrola no meu colo novamente. Em todas essas semanas ele tem sido meu companheiro,

ele não me deixou acariciá-lo, mas ele está mais atento hoje à noite do que nunca. Eu estou supondo que Etalon deu instruções muito rigorosas. Testando minha teoria, eu acaricio suas costas. Ele arqueia a coluna em direção à minha palma, um pedido de mais. Apesar de parecer uma esponja abrasiva de lã de aço, ele é macio, grosso e quente.

Enquanto eu continuo a acariciar sua pele, ele ronrona e aperta seus olhos para fendas felizes, sua energia pacífica me acalmando o suficiente para que eu encontre minha voz novamente. — Papai é o violino. — Eu digo para minha tia, massageando a pele fofa entre as orelhas de morcego do gato. Suas garras dianteiras amassaram minhas coxas. —Tudo está ligado a isso.

— Quem te disse isso? — Tia Charlotte pergunta, franzindo a testa. Ela coloca seu cigarro de lado, esperando.

Eu não respondo, Etalon é meu segredo. Um que não estou disposta a expor. Eu tenho que mantê-lo seguro, assim como ele está fazendo por mim.

Tia Charlotte faz um grunhido frustrado antes de virar as costas. Ela empurra para o lado o cigarro e as lentes de contato descartáveis para limpar um espaço no fundo de seu armário. Lá, ela expõe um compartimento escondido do qual ela arrasta uma caixa de sapatos.

— Peço desculpas por permitir a Françoise essas liberdades nas últimas semanas. — Sentando-se ao meu lado, ela coloca a caixa entre nós. — Quando você começou a mostrar sinais de que a música não controlava mais você, tive que deixá-la testá-la para ter certeza. Ela tomou muita alegria, atormentando você. Mas como você está prestes a ver, tudo estava na esperança de ajudar.

Eu franzir a testa. — Certo. Assim como o passeio de barco homicida da vovó e a parada de fogo dos namorados?

A boca da tia Charlotte aperta. — Cada uma de nós tem idéias diferentes sobre como ajudar, *clairement.*

— Claramente. — Eu repito, zombando. — Eu preciso ver ela. Eu quero respostas para o que ela fez... e eu quero saber sobre o Strad do papai.

Tia Charlotte abre a caixa entre nós, revelando velhos recortes de jornal, uma pilha dobrada de cartas antigas com o nome de Christine rabiscado sob uma corda que os une, um cartaz destacando a famosa soprano sueca e um diário negro com as palavras *Livre Ancestrale de Sang* em relevo na frente em texto vermelho brilhante.

Livro Ancestral de Sangue. Apesar da curiosidade mórbida estimulada por esse título, busco as primeiras cartas, desenhadas pela breve visão de Etalon sobre o caso entre a prima donna e seu fantasma de ópera. Minha tia para minha

mão.

— Paciência, Rune. Uma ópera é melhor visualizada na sequência que o compositor pretendia. E saiba disso: sua avó está pagando pelo que fez enquanto estava trancada na prisão. Agora ela vai morrer lá sozinha. Ela é fraca demais para responder a perguntas. Então eu responderei por ela.

Antes que eu possa responder, minha tia folheia as páginas do diário, aproximando-o, escovando a cauda de Diable com o pulso. Ele pula e se acomoda do outro lado dos meus pés para se limpar.

Tia Charlotte move a mão para que eu possa ver o diagrama abrangendo os dois lados... uma árvore genealógica, com nomes divididos em inúmeros ramos. A ponta do dedo dela vai até a linha no topo, um roteiro que mal posso ler para a tinta desbotada.

— Conde Saint-Germain. — Ela lê o nome em voz alta. — Você estava pesquisando ele ontem na biblioteca?

Eu deixei meu silêncio responder.

— Não tenho certeza de quanta informação existe on-line...

— A última coisa que li foi que ele morreu, mas houve rumores de avistamentos anos depois.

Seu dedo toca a página. — Foi a morte dele que foi o boato. Ele fingiu morrer, depois se despediu da sociedade para viajar com uma caravana de ciganos com quem compartilhava todas as coisas como alquimia, ervas, magia e holística. Ele cresceu poderoso alimentando suas superstições e música animada. Ele chegou a barganhar um instrumento próprio de uma bruxa artesã — um violino Stradivarius feito de cerne negro encantado. Saint-Germain tornou-se o Romani Roi do grupo - seu rei cigano. Ele teve uma esposa e teve filhos. Cerca de cinquenta e três anos depois, um menino mascarado tropeçou naquele acampamento cigano depois de escapar de sua mãe abusiva. Saint sentiu pena dele e o aceitou. Ele reconheceu que ele era um dos seus. Um jovem incubus, embora desfigurado e emaciado.

A fotografia Etalon me mostrou as superfícies fantasmas da infância em minha mente. — Então, Saint-Germain deu-lhe o violino?

Tia Charlotte fecha o Livro do Sangue. — Não no começo. Nosso antecessor estava envelhecendo até então. Ele não queria mais acumular nenhuma vida extra. Existe algo que sobrevive à sua alma. E ele era sábio o suficiente para saber que ele tinha. Ele queria que Erik — o misterioso filho do incubus — tomasse seu lugar como Romani Roi, pois ele podia ver o gênio nele, mesmo em uma idade tão jovem. Não apenas porque ele podia tocar qualquer

instrumento colocado diante dele, não apenas porque ele podia cantar e encantar até o público mais cínico. Mas porque ele tinha a capacidade de absorver conhecimento e talento em um ritmo sem precedentes. Saint educou-o como seu aprendiz. Ensinou-lhe todos os seus truques e sabedoria. Disse-lhe todos os seus segredos. Coisas que ele não contou a seus próprios filhos, como onde ele escondeu suas joias — aqui, nas entranhas do Liminaire, em um labirinto secreto de túneis. Quando Saint morreu, alguns meses depois, legou a seus filhos adultos e jovens netos seu amado violino Stradivarius. Mas isso não foi suficiente para eles. Eles se viraram para Erik, o prenderam em uma gaiola, despiram-no de suas roupas e dignidade, e o forçaram a se apresentar como um animal com aquele mesmo instrumento, porque ele se recusou a confessar onde o tesouro de Saint-Germain estava escondido. Erik finalmente escapou e pegou o violino de Saint com ele. Ele não sabia nada sobre a sua suposta magia, mas era tudo o que restava do único pai que ele conhecera, e ele considerava nossos ancestrais indignos disso.

Meu estômago se revolve. Eu nunca pensei que eu teria empatia com um estranho sobre minha família. Mas depois do modo como o trataram, eles eram indignos. — Nós pegamos o violino de volta. Quando?

Tia Charlotte coloca os recortes de jornais no meu colo. —Você sabe de Leroux, o autor da conta ficcional.

Eu inclino minha cabeça.

— Como aconteceu, em 1909, enquanto pesquisava uma peça no Palais Garnier, Leroux encontrou as cartas de Christine embrulhadas com um delicado colar enfiado em uma aliança de casamento de rubi. Elas estavam debaixo de plantas arquitetônicas em uma caixa marcada com O.G. e escondida dentro de um dos espaços de rastreamento da ópera. As cartas eram na verdade verbetes de folhas soltas, datadas de quarenta e cinco anos antes, e eram o relato de Christine sobre seu tempo com o fantasma da ópera. Leroux localizou a única soprano com o nome “Christine”, que se apresentaria em torno dessa data sob o nome artístico de Christina Nilsson. Ela tinha então sessenta e seis anos, uma velha viúva que ficou perturbada quando confrontada com as cartas e o anel. Ela alegou que eles não eram dela... como eles poderiam ser, ela insistiu, quando ela nunca se apresentou no Palais Garnier? Talvez fosse em parte para mostrar, já que sua empregada estava na sala, mas ela exigiu que Leroux tirasse as cartas e o anel de sua vista e nunca mais voltasse. Como não havia sobrenome, Leroux publicou as letras, embelezando as versões da história, em pedaços como uma serialização, mantendo os dois únicos nomes que estavam nos originais: Erik e

Christine. O resto do elenco que ele inventou. Ele esperava que, fazendo isso publicamente, ele pudesse atrair seu verdadeiro autor.

Folheio os recortes de jornais de Le Gaulois, meu olhar passando por cima do texto e ilustrações sinistras de um fantasma horripilante rastejando pelo labirinto subterrâneo da casa de ópera. O cheiro de tinta pica meu nariz e manchas negras nos meus dedos.

— Ninguém nunca se apresentou para eles. — Minha tia continua. — No entanto, as cartas e o colar foram roubados de seu escritório pouco depois da serialização final em 1910. Não importava para Leroux. Ele passou a escrever a história como um livro, baseando-se nos escassos detalhes colhidos de seus artigos.

— Assim ... O Fantasma roubou as letras. — Murmuro, enxugando as mãos no meu jeans.

— Na verdade, o nosso próprio Octavius Germain fez isso. Ele era um dos netos ingratos de Saint, perto da idade de Erik. Ele morou no acampamento cigano quando Erik escapou. Octavius leu o jornal, viu as semelhanças entre o vilão da história e o menino mascarado que havia fugido com o violino e a fortuna de nossa família mais de sessenta anos antes. Tendo algo de Erik para negociar finalmente, ele postou um anúncio em outro jornal.

Ela pega um artigo e levanta.

O.G. para O.G.

Encontrado: 1 colar preso ao anel de rubi. 1 pilha de cartas de amor. Dispostos a trocar por uma fortuna familiar.

Entre em contato comigo via carta

O endereço está desfocado, como se o recorte tivesse sofrido danos causados pela água.

— Todas as semanas, por dez anos, Octavius postou um anúncio idêntico. Então, finalmente, em 1921, logo depois que o obituário de Christina Nilsson correu... — Tia Charlotte pega os recortes e os joga na caixa de sapatos — Ele recebeu uma resposta de 'Opera Ghost'. Octavius e Erik se encontraram aqui nesta mesma casa de ópera para o comércio. Naquela época, o Liminaire tinha caído em desuso, e Erik tinha encantado a escritura longe da família real a qual uma vez pertenceu. Octavius veio armado, sem intenção de fazer uma troca até que o dinheiro estivesse em suas mãos. Mas ele subestimou a astúcia do Fantasma. Usando ventriloquismo, Erik atraiu Octavius para um quarto no quinto andar. Vendo o violino dentro, Octavius entrou. A porta se fechou, aprisionando-o. Em poucos minutos, Erik disparou armadilhas de fogo nos três

primeiros andares. Ele forneceu uma rota de fuga para Octavius que só podia ser acessada inserindo o anel em um buraco entalhado na porta... um buraco de fechadura que caberia apenas uma única pedra rubi. Uma vez inserida, a porta se abriu, mas o anel estava preso e não podia ser abandonado. Octavius tropeçou na passagem para escapar com sua vida, nenhum mais rico. No entanto, ele carregava o violino e as cartas de Christine. Erik não se importava com as cartas. Sem dúvida, lê-las teria quebrado seu coração. Mas o violino... ele não só tocou para dar à luz um virtuoso musical, mas ele tocou para ela em seu leito de morte, persuadindo um último dueto entre eles antes que ela fechasse os olhos para sempre. Ainda assim, ele deixou passar. Em sua mente, ele estava honrando Saint-Germain devolvendo o que o homem pretendia que sua família tivesse. Todas as dívidas foram pagas, e Erik manteve a fortuna para si mesmo livre de culpa. — Ela suspira. — Eu quase sinto pena dele. Sabendo que ele não reconheceu na época a carga preciosa contida naquele instrumento.

Minha mente se contorce em nós, lutando para reconciliar aquele homem quebrado e apaixonado com o perigoso e convincente Fantasma que eu vi no clube rave. — Carga preciosa no violino? O que isso significa?

— Bem, isso tem a ver com Christine. — Tia Charlotte me oferece a pilha de cartas de Christine. Meus dedos praticamente coçam para abri-los. — Antes de lê-las, há algo que você precisa entender sobre si mesma. Todos nós, de inclinações sobrenaturais, somos encarnações.

Sua reivindicação é uma reminiscência de Etalon: Somos duas chamas gêmeas. Encarnações da mesma alma, separadas ao reentrar no mundo... predestinados a encontrar um ao outro novamente... A fita impressa ao redor do meu pulso e antebraço formigando sob o meu suéter.

— Mas o gene vampírico na linhagem de Germain é tão distante... — A voz de tia Charlotte me puxa de volta — E é recessivo para muitos de nós. Françoise, por exemplo. Para mim, foi dominante. Para o seu pai e sua avó, recessivo. Eu tenho um tio e uma grande tia que são como eu. Não há rima ou razão, na verdade. Mas então, para alguns raros como você, você está encarnada de outro vampiro, de outra época, de outra linhagem. Nesses casos, o gene não é nem recessivo nem dominante. Está, em vez disso, dormente. Esperando algo milagroso para trazê-lo à tona. No seu caso, foi a essência musical do seu eu pré-encarnado, mantida à distância por anos dentro de um violino muito especial que supostamente tem o poder de capturar a centelha de vida mais essencial de uma pessoa, se tocada no momento de sua morte.

Meu coração bate quando a profundidade do que ela está dizendo me

atinge. Minha palma encontra minha garganta. — Eu tenho a voz de Christine.

— Sim. E seu pai, bénissez-le, era a ponte. A voz estava esperando para se reunir com Christine, no momento em que ela renascia como outra pessoa. Você. Bastou o seu pai escolher tocar o tipo certo de música... ópera. Essa foi a chave. Uma vez que aquelas notas familiares soaram das cordas do violino, sua voz encontrou o caminho de volta. Mas ser aquela ponte o drenou de sua força vital. Se ele tivesse sido como você ou eu, não teria prejudicado ele. Ele poderia ter recarregado alimentando-se de qualquer coisa viva. Se eu soubesse... — Sua figura graciosa se enrola como uma vela derretendo. — Muitas vezes eu luto por isso. Não sabendo a tempo de parar. Quando percebi, já era tarde demais e eu...

— Você não podia encarar minha mãe ou eu. — Eu limpo as lágrimas do meu rosto. — É por isso que você não veio quando ele ficou doente, ou para o funeral dele.

— Perdoe-me, Rune. — Ela acaricia minha mão, apagando a umidade de seus olhos com a manga de seu robe.

Eu aceno, fungando. Diable salta entre nós, franzindo o cenho para ela, como se a culpasse pela minha mudança de humor. Eu coloco uma mão em suas costas e ele se deita, mas não para de encarar. — É por isso que vovó me odiava...

— Não. Você era um navio. Mamãe sabia disso. Mas também sabia que, se Erik soubesse do que ele perdera ao desistir de seu violino, sua ira recairia sobre nossa família. Então ela tentou assustar a voz. Submergindo você até que seus gritos se transformassem em bolhas que explodem com a música de Christine... Começando um incêndio que chamuscaria as notas harmoniosas de Christine para sair. Ela não estava tentando te machucar. Ela estava tentando matar a voz... esperando libertar você. Mama estava meio louca de pesar e determinação. Perder uma criança amada pode fazer até mesmo a pessoa mais saudável quebrar, e ela nunca foi sensata. Ela até enviou o violino para mim, exigiu que eu o levasse até esta casa de ópera e o deixasse na caixa cinco, com uma nota anônima solicitando o elevador Fantasma qualquer maldição que tivesse sido trazida em troca do instrumento, sem especificar o que maldição acarretada. Tanto tempo passou e você nunca melhorou. Mas então, do nada, ele rastreou Mama. Apareceu na prisão há três anos, oferecendo sua ajuda. Desesperada, ela confessou a verdade sobre sua voz. Ele levou isto em passo largo, quase como se ele já soubesse de alguma maneira. Ele propôs que abríssemos uma escola de artes em sua casa de ópera. Proposta estabelecendo sua legitimidade convidando a menina Nilsson... Katerina... então teríamos o apoio da Real Academia Sueca

de Música. Ele disse que se a trouxéssemos aqui, ele poderia treinar sua voz em segredo enquanto dormia, usando o violino como seu pai. Ele instruiu que não lhe disséssemos nada. Ele disse que era melhor se ele te curasse através do seu subconsciente. — Ela inspira profundamente, então toda a sua tristeza se dissolve em uma expressão de pura alegria.

— E ele fez isso. Você ganhou o papel de Renata mais cedo sem nenhuma dor! E sua voz, oh, Rune. Eu nunca ouvi nada tão puro e poderoso. — Seu sorriso é sonhador. — Seu grand-mére estava certo. Valeu a pena o risco depois de tudo. — E la ri, um som prateado liberado que rivaliza com os sinos da coleira de Diable enquanto ele pula na explosão.

Ao contrário da minha tia, não sinto nenhum contentamento, porque não foi o Fantasma a treinar a minha voz. Como Etalon se encaixa nisso?

— Estou tão aliviada que você pode ir para casa agora e viver uma vida normal no passado. Bem, é tão normal quanto qualquer um de nós. — Tia Charlotte pisca para mim, depois fica em pé e coloca os itens restantes na caixa de sapatos. — Você não acreditaria na teoria maluca passando pela cabeça de Françoise. Que de alguma forma o Fantasma estava planejando recuperar a verdadeira voz de seu amor — cirurgicamente. É por causa da paranoia que tentei assustar você e sua mãe no começo. Ela me convenceu de que os rumores dos estudantes eram verdadeiros. Que as criaturas da floresta foram modificadas para a prática ou para alguma loucura desse tipo, embora eu mesma nunca tenha visto nenhuma prova. — Caminhando até o armário, ela esconde os tesouros da família e coloca a madeira no lugar, escondendo-os. — Mas quando você começou a melhorar, percebi a falha em seu raciocínio. Erik é conhecido por sua afinidade com os animais. Ele nunca poderia aprisioná-los para experimentos, muito menos pegar uma faca para eles por seus próprios motivos egoístas. Mesmo o todo-poderoso Opera Ghost precisaria de ajuda para algo tão adverso à sua natureza. E eu não posso imaginar alguém corajoso o suficiente, ou desviante o suficiente, para ser o aprendiz do Fantasma. Risível. — Ela ri novamente, movendo as caixas de volta ao lugar sobre o painel secreto.

Ridículo de fato, imaginar alguém corajoso ou desviante o suficiente...

Qualquer um que não seja da família.

O ar jorra de mim, quando a realização faz buracos em meus pulmões.

Naquela noite, quando Etalon e eu falamos através da rachadura e perguntei qual era o seu hobby. E sua voz gentil e quebrada respondeu: —*Eu cuido dos animais da floresta. Eu suponho que você poderia dizer que sou deles... médico.*

O sangue corre para a minha cabeça e pavor cai em meu mundo.

22
A Imitação da vida

“A arte é sempre e em todo lugar uma confissão secreta... O movimento imortal do seu tempo.”

Karl Marx



Eu tropeço no vestíbulo iluminado pela lua em busca da minha sacola. São dez e doze, e estou tão ligada que não acho que vou dormir esta noite. Talvez nunca mais.

Eu não li as anotações de Christine. E eu não contei nada à tia Charlotte sobre Etalon. Toda vez que tento dizer seu nome, a tatuagem ao redor do meu pulso e do meu braço dói como se estivesse eletrificada, uma sensação que me atinge como uma alta voltagem na minha garganta e na minha língua para que eu não possa falar. Talvez o cordão que nunca se quebrasse esteja se partindo afinal, e desfazendo tudo dentro de mim junto com ele. Ou pior, talvez Etalon me enganou e nosso chamado vínculo foi um truque vampírico para tornar impossível para mim virar contra ele.

Ele está mentindo para mim sobre todo o resto. Por que não isso também?

Como não posso confessar nada à minha tia, perguntei se poderia passar a noite em seu quarto. Eu quero me sentir segura, e finalmente sei que ela só quer

o que é melhor para mim.

O que dói é que eu pensava que era verdade de Etalon também. Eu interpretei mal suas auras no telhado? Ele não estava preocupado comigo?

Então, novamente, ele me levou para o clube rave, onde eu quase matei Jax.

A pulseira do hospital e o tubo intravenoso usados para me atrair para lá assumem um novo significado agora. Como cortar minha voz pode ser feito sem me matar? Meu bem-estar provavelmente nem é uma consideração. É difícil acreditar que o cara que era tão cuidadoso em não puxar meu cabelo quando estava amarrando minha venda, pudesse ser tão desapegado em ajudar o Fantasma a esculpir as músicas de Christine do meu corpo.

Um peso de chumbo repousa na boca do meu estômago. O pensamento de que Etalon não se importa, depois de todas as noites que ele me inspirou a amar a música novamente, me deu danças de fantasia, e compartilhou segredos íntimos, mais profundos do que qualquer coisa que ele pudesse fazer com um bisturi.

Eu não posso imaginar o que eles estão planejando para a minha voz quando eles a tiverem. Colocá-la em um pote como um erro preso? Abrigar dentro de um camundongo para minha prima de segundo grau capturar, montar e bater na parede, como uma daquelas placas estúpidas de peixes cantores?

Eu fungo. É louco, horrível e demente.

Diable anda de um lado para o outro nas sombras enquanto procuro minha bolsa. Até pensar em como ele foi afetuoso antes não me conforta. Talvez ele nunca tenha sido meu guardião; talvez ele seja realmente meu carcereiro.

Está fazendo silêncio na escola. A coleira do gato é o único som que, por alguma razão, me perturba mais do que os farfalhar que ouvi atrás do recorte fantasma. Minha tia se ofereceu para vir comigo para pegar meu pijama, mas eu recusei. Agora estou me arrependendo disso.

Eu estava tentando não ser uma completa covarde. Tia Charlotte disse que vai organizar tudo — minha transferência de volta para a minha escola nos Estados Unidos, limusine para o aeroporto e um bilhete para o primeiro voo disponível amanhã, e uma desculpa inventada para a mamãe. Eu odeio fugir assim. Eu não quero deixar meus amigos com todos eles pensando que sou uma idiota. Eu não quero deixá-los nesse período.

Eu realmente gostei deste lugar: os ensaios, os professores malucos, as viagens de fim de semana para Paris. Até meu tempo no jardim.

A capela passa pelos meus pensamentos. Um nó incha no meu esôfago —

um soluço ardente que eu me recuso a liberar. Eu agarro minha garganta quando o pavor toma conta de minha mente, tomando a forma da princesa de coração goblin, Rusalka, da ópera de contos de fadas de Antonín Dvořák, enquanto canta sua última música para a lua, um sacrifício que ela está disposta a fazer por uma chance de um felizes para sempre.

Eu não.

Eu finalmente sei a verdade... toda a história da minha família, tudo sobre o violino... e eu não quero renunciar ao meu presente. É meu. Eu ganhei isso. Eu percebo isso agora. Eu ganhei porque meu pai desistiu de sua vida para me dar, sem querer ou não. Perdi a pessoa que mais amava neste mundo. Se isso não está ganhando tudo o que veio desse sacrifício, nada está.

Papai queria que eu tivesse esse talento, essa voz. Isso o fez feliz. E é parte integrante de mim. O suficiente para lutar até o meu último suspiro.

Eu não sou fraca. Eu sei quem eu sou agora e por que isso aconteceu, finalmente. Eu sou mais forte do que quando cheguei aqui. Como Etalon disse, eu sou uma vampira psíquica com o poder de “consumir, transmitir e manipular as forças da vida”.

Mas ele e Erik também... e eles tiveram muito mais prática nisso.

Esse soluço que estou lutando se solta.

Eu olho na direção de Diable. Ele encontrou minha bolsa em um raio de luar, ao lado do corredor que levava ao teatro. Eu não deixei cair lá, mas está aberta e tudo se espalhou.

Olhos e ouvidos alertados, me agacho para jogar as coisas de volta. Eu pego os dois últimos itens: um pacote de chiclete e uma agulha de tricô de madeira. Tudo está ali, tudo exceto meu celular e as meias dos pés, enrolada, embrulhado em papel de seda e amarrada com fita. Eu olho em volta para encontrar Diable batendo as meias no corredor. Com um gemido, eu arrasto minha sacola no meu ombro e sigo com a agulha de tricô ainda na mão.

O gato me leva até a porta do teatro e eu congelo no lugar, surpresa ao vê-la aberto. Jippetto geralmente trava a noite depois que ele termina de trabalhar nos sets. Todas as luzes estão apagadas e as profundezas escuras se alongam. Diable dá uma última pancada na bola e ela rola para dentro, o papel enrugado.

Meus dedos apertam a agulha de tricô com mais força. Eu considero me virar. Eu não me importo mais com as meias idiotas. Mesmo que uma pequena parte de mim ainda queira entregá-las a Etalon, para ver se há algum bem nele: se aquela criancinha que queria comprar a mãe toda a fruta cristalizada do mundo só para vê-la sorrir, e um garoto que me salvou em meus sonhos todas as

noites, sobreviveu apesar da influência do Fantasma. Isso é o que mais me apavora, que eu ainda quero ter fé nele, mesmo sabendo sua parte neste plano vil.

Alguns pés dentro da porta, um brilho retangular chama minha atenção. É o meu telefone, com o aplicativo de lanterna ativado. Meu pulso pula...

Esta é uma configuração óbvia. Eu deveria ir buscar minha tia.

Assim que eu dou um passo para trás, a sombra de Diable passa pelo telefone, o rabo escamoso de Franco caindo em sua boca.

Bouchard.

Aquela bruxa. Estou tão cansada de deixá-la me intimidar. Rosnando, eu entro, a agulha de tricô equilibrada como uma lança em miniatura na minha mão.

—Sério, Françoise. Estou muito cansada do sua...

A porta se fecha e o telefone pisca, deixando-me envolta em trevas pesadas. Os jingles de Diable desaparecem ao longe, perto do palco, mas sinto uma presença viva por perto. Arma levantada, eu me viro cegamente. Alguém me agarra por trás com uma mão presa na minha boca, me puxando para trás contra um corpo duro como pedra. Eu o conheço pela corrente que brilha entre nós. A succubus dentro quer me trair, derretendo em seus músculos, onde eles se contraem ao longo da minha espinha.

Eu nunca deveria deixá-lo me seduzir no telhado. É uma batalha para resistir ao seu toque agora. A energia que pulsa entre nós até mesmo em um rasgo de nossa pele me dá o mesmo choque de rejuvenescimento que eu recebi beijando Ben e Jax.

Um odor doce e solvente irradia das roupas de Etalon — medicinais. Médico. Esse pensamento revive o meu espírito de luta. Eu luto quando sua mão livre captura meus dedos onde eu aperto minha agulha de tricô.

— Eu ouvi tudo entre você e sua tia. — Seu sussurro rouco bagunça meu cabelo enquanto ele me abraça apertado.

Claro que ele estava ouvindo nas rachaduras. Aqui eu pensei que ele estava ocupado. Deveria saber que é apenas um código de incubação para espionagem.

— Se você prometer não gritar. — Ele continua. — Eu vou deixar você ir. — Seu aperto sobre meus lábios se solta ligeiramente.

Eu descubro meus dentes para mordê-lo, mas essa marca em meu pulso esquenta, deixando-me incapaz de fazê-lo. — O que você fez comigo? — Eu rosno sob seus dedos e luto seu aperto na minha mão, desejando que eu pudesse esfaqueá-lo com a agulha de tricô.

— Eu fiz o que tinha que fazer para protegê-la. — Ele rosna de volta. Ele

ergue meus dedos em uma tentativa de roubar minha triste desculpa por uma arma. Eu faço um punho em torno dele, resistindo. No momento em que meus dedos começam a se contrair com a força de suas unhas, sua marca de fita ilumina sua manga. Ele amaldiçoa e deixa cair a minha mão como se tivesse sido picado, deixando-me armada e moderadamente perigosa.

— Vê isso? — Ele pergunta, a cabeça abaixada de modo que seu queixo raspado embala minha têmpora. — Eu não sou mais capaz de prejudicá-la do que você é comigo. — Ele passa o braço ao longo da coxa para levantar a manga e mostrar sua tatuagem quente. Mesmo no escuro, parece pior do que a minha quando tentei mandá-lo para tia Charlotte. — É por isso que apressei nosso ritual de unidade esta noite. Eu não quero que ele seja capaz de me forçar a te machucar... não com hipnotismo, não com ameaças, não com culpa. Eu fiz fisicamente impossível para você ir sob a minha faca. Assim... Eu pergunto novamente. Você promete não gritar?

Atordoada, eu aceno e relaxo meu corpo em seu abraço. Sua mão cai da minha boca. Ele me vira ao redor.

Não consigo distinguir seu rosto, mas seus olhos brilham como brasas — manchas de luz acobreada suavizadas por sombras de marrom. — Eu sei que você está com medo, mas se você sair agora, você colocará em risco todos aqui. Ele vai queimar RoseBlood com todos os alunos e professores trancados dentro se ele falhar em sua missão. Só há uma maneira de pará-lo: trabalhando juntos. — Os sinos de Diable pulam pelo teatro, como se ele estivesse analisando as coisas. Etalon muda nervosamente.

— Você tem medo de que ele esteja nos observando? — Eu sussurro, nervos alertados e arrepiados.

— Ele estava em seu caixão quando eu chequei nele minutos atrás.

— Caixão? — Eu grito, soando mais vacilante do que eu gostaria.

— Ele dorme lá. Ouça, eu quero te levar a algum lugar onde possamos conversar com segurança. Em algum lugar eu sei que ele não vai seguir. Você vai me deixar?

Com meus amigos e professores na linha de fogo, há apenas uma resposta certa. Eu solto meu braço para o lado, soltando a agulha de tricô, fazendo com que ela caia no chão. Então eu pego sua mão na minha.

Enquanto Etalon me ajuda a juntar minhas coisas e colocá-las na minha

sacola, ele me disse que tinha filtrado um anestésico inalatório através da ventilação da minha tia para que ela dormisse, para que ela não sentisse minha falta esta noite. É por isso que suas mãos e roupas cheiravam a medicamentos. Ele me garantiu que não iria machucá-la, e desde que ele foi honesto sobre as injeções que ele deu aos meus amigos no clube, eu escolhi confiar nele.

Em seguida, ele me levou através da passagem secreta no poço da orquestra, onde ele havia escondido o violino de papai, e nos levou através de um rio subterrâneo. Em qualquer outra circunstância, poderia ter sido assustadoramente romântico. Mas era muito parecido com os canais que levavam ao covil isolado de que eu sempre ouvira falar nas histórias: a casa dos horrores do Fantasma.

Pior ainda, eu estava cercada de água — o cheiro estagnado e ameaçador dela, as correntes que riam, insultavam com suas línguas, profundezas escuras tornadas ainda mais intermináveis pela escuridão da caverna que nos cercava.

Sentindo meu pânico, Etalon acordou as larvas de vaga-lumes ao longo do telhado da caverna para nos dar alguma luz. Nós nos inclinamos em uma doca subterrânea e pegamos outro túnel secreto a pé na floresta. Um rápido luar corre ao longo de um caminho através de algumas árvores, bem desgastadas pelas rodas de carrinho de mão de Jippetto — com apenas a visão de uma raposa e uma coruja, cada uma falando suas próprias línguas naturais — e agora chegamos.

Do lado de fora, a cabana do caseiro é menor do que eu esperava. Faz fronteira com a margem do rio, e parece mais um galpão, sombreando outro galpão. Uma luz suave nos recebe da única janela na metade superior da porta da frente. Etalon, tendo segurado minha mão por todo o caminho até aqui, me leva para dentro sem nem ao menos bater.

O quarto da casa de campo é tanto uma cozinha quanto um quarto de dormir. Está arrumado. Existem dois candelabros na parede incandescentes de lâmpadas emitindo uma luz amarela suave. Uma pequena antecâmara com pia e toalete fica ao lado, onde cortinas xadrez se abrem para a privacidade. Pinturas em aquarela emolduradas cobrem as paredes ao redor da cama, cada uma parecida com uma loja francesa diferente, com exibições de manequins de Jippetto. A obra de arte é assinada por ele.

— Ele pintou tudo isso? — Eu pergunto.

Etalon acena com a cabeça. — Há mais sobre ele do que a maioria das pessoas pensam.

O zelador deve estar nos esperando, porque há uma chaleira de chá em

uma panela na mesa. Seu aroma esfumaçado e caramelizado enche o ambiente com calor. Então percebo que a hospitalidade é provavelmente para os manequins colocados em cadeiras em volta de xícaras vazias.

Aparentemente, os rumores dos caras na escola estavam certos sobre muitas coisas.

Eu tremo em contraste com o ambiente acolhedor.

De pé sobre mim, Etalon coloca sua capa em volta dos meus ombros para que eu possa absorver o calor do seu corpo. Ele cobre meu rosto com as duas mãos, acalmando meus nervos com essa habilidade que ele tem, então desliza as pontas dos dedos ao longo da minha trança antes de se afastar, deixando-me atormentada em seu rastro. — Jippetto não vai se juntar a nós até terminarmos aqui. Ele está esperando no aviário, no nível mais baixo.

— Nível inferior? — Eu examino a área novamente, não vendo nada que indique escadas ou um porão. — Como pode haver espaço para um pássaro correr em um espaço tão pequeno com um rio lá atrás?

— Você vai ver em breve. Mas primeiro, chá? — Ele coloca o estojo de violino no chão entre as cadeiras dos manequins, envolve um pegador de panela ao redor da chaleira e despeja uma xícara.

Eu agradeço a ele e agarro a alça enquanto ele me adverte para não me queimar. — Por que estamos aqui? — Com um gole de cafeína quente com sabor de caramelo afundando na minha garganta, eu finalmente tenho a coragem de perguntar.

— Para fazer um plano. — Diz Etalon entre soprar seu chá. — O Fantasma evita vir aqui, assim como ele evita passeios pela floresta. — Ele coloca sua xícara de lado. Eu vejo como ele se move, fluindo graça e sensualidade, apesar de sua altura e construção, e me pergunto se vem naturalmente para ele, ou se é parte de ser um incubus. Tia Charlotte também é graciosa. Eu sempre achei que era a dançarina nela, mas talvez seja inerente.

Etalon se debruça sobre um dos manequins masculinos e me surpreende desabotoando sua camisa. Há um coração negro no centro do torso polido, esculpido em ébano e embutido no pinheiro branco do peito.

— Reconhece a madeira? — Etalon pergunta como ele volta para a cadeira segurando a fêmea para abrir espaço para mim.

Com a mão livre, toco o coração elegante do macho, brilhante como um vazamento de tinta. — É como o Stradivarius.

Etalon abotoa a camisa para trás, como se quisesse respeitar a privacidade do manequim. — Até dois dias atrás, eu não sabia que era o meu violino que seu

pai tocou para você. E agora vejo que ele formou uma ponte com o seu amor, para que a música de Christine pudesse entrar no seu corpo. Eu sempre pensei que você simplesmente nasceu com a voz. Erik fez soar como se ele tivesse o violino desde que ele roubou dos ciganos. Como se nunca tivesse saído de suas mãos.

Eu estudo ele, confusa.

Ele franze a testa. — Lembra-se da bruxa artesanal que sua tia mencionou? Aquela que vendeu Saint-Germain a encantada Strad?

Eu concordo.

— Jippetto é o último desse clã. Eles eram conhecidos nos círculos do outro mundo por trabalharem com uma madeira especial que poderia prender a essência de um espírito. Mas o cerne negro que eles usavam era raro e crescia apenas em um lugar. O desmatamento dizimou seu suprimento junto com suas embarcações. O violino de Erik foi o último instrumento que eles fizeram. Jippetto preservou sua família com a pouca madeira que ele havia deixado. Dentro desses três manequins estão sua mãe, Adella e seus dois irmãos gêmeos, Kendric e Kestrel, que morreram de pneumonia.

Eu olho de cada rosto pintado para o próximo, vendo uma nova profundidade em seus olhos. Eu quase espero que eles se movam. Suprimindo um arrepio, descanso minhas mãos ao lado de um guardanapo de pano cinza, a xícara de chá entre elas. O vapor sobe como um presságio espectral. — Pobre Jippetto. Mas o que isso tem a ver com...

— Eu vim aqui logo depois de ouvi-la conversando com sua tia. — Interrompe Etalon. — Eu pedi a Jippetto para ser honesto... para me contar tudo o que ele sabia sobre a história de Erik com o Strad. Assim como o que sua tia disse. Erik pensou que poderia deixar o violino ir. — Etalon me leva para a cadeira vazia. Aquele reservada para o zelador. Eu sento com as mãos nos joelhos, meu corpo tenso. — Por três décadas, ele tentou encontrar um substituto, mas nada poderia combinar com a pureza e a ressonância do instrumento original. Na década de 1950, ele lançou a busca pelo artesão, na esperança de que ele pudesse ter outro feito. Quando o levou a Adella, que estava em seu leito de morte, ele aprendeu a verdade sobre as capacidades da madeira encantada. Ele explicou como ele tocou para Christine quando ela morreu. Como ela cantou para ele. Adella disse a ele que a voz de Christine estava presa dentro, e que ela poderia ser revivida um dia através do instrumento. Que quando sua alma fosse reencarnada, poderia se reunir com sua voz. Ele sabia então que o violino era insubstituível.

Eu esfrego meu suéter, onde ele cobre a cicatriz no meu joelho. — Então, por que ele não roubou de nós? Eu pensei que ele iria mover o céu e a terra...

Etalon apoia as mãos na mesa. —Mesmo alguém tão brilhante e implacável quanto Erik não pode pensar no destino. Adella avisou-o de que, como um dueto de amor havia prendido a voz, seria preciso a mesma pureza de emoção para liberá-la. Então ele era impotente, porque ele não podia prever quem teria a alma de Christine, muito menos se fazer amar. A única coisa que ele podia fazer era vigiar sua família e violino de longe, e esperar por qualquer sinal de seu renascimento. Quando ele ouviu sobre mim quando criança, sobre o meu canto angelical, ele assumiu que eu era ela, renascido. Ele estava parcialmente certo. Desde que você e eu somos duas chamas, eu sou uma parte de sua alma e você é a outra. Mas isso nunca lhe ocorreu como uma possibilidade. Ele quase virou as costas quando viu que eu era um menino e que eu não conseguia mais cantar. — a voz trêmula de Etalon racha.

Meu peito dói com a lembrança de suas experiências de pesadelo no mundo do tráfico de seres humanos. Eu coloco minha palma sobre a mão dele. — Eu sinto muito pelo que aqueles bastardos roubaram de você.

Seus dedos estão sob os meus. — Ainda assim, faríamos o mesmo com você.

— Estavam...— Eu sussurro para consolá-lo e me assegurar.

Seus dedos relaxam. — Como poderíamos ser tão cegos? Nós tínhamos seguido completamente... nós mereceríamos o mesmo fim que os meus carcereiros.

A confissão provoca uma percepção profunda. — É assim que Erik encontrou você. Foi assim que você se tornou seu filho. Ele salvou você deles, não é?

— Sim. Ele matou todos eles e absorveu seus anos de vida cumulativa. Então ele me trouxe aqui. Me pegou. Cuidou de mim. Eu devo a ele... tudo. — Ele afunda os ombros largos. Os suspensórios apertam a camisa de modo que a malha se adapte a todos os músculos. — Ele tem outro lado para ele. Aquele que não quer nada mais do que ser um bom pai. E ele é um bom pai.

Meu coração se parte para ouvi-lo tentar me convencer. Ou ele está se convencendo?

— Eu tive meu despertar quando eu tinha quatorze anos. Erik sabia que era hora, ele sentiu e me levou a um bordel para que eu pudesse me alimentar da energia de uma mulher. Ela era mais velha... nos seus vinte anos. Eu rastejei em sua cama e seus sonhos, e tive o meu preenchimento de ambos. Depois que me

recuperei da onda de energia, não consegui parar de lembrar que outra criatura havia feito isso para minha própria mãe, me desovando, deixando-a sozinha. A culpa se tornou muito grande, e eu disse a Erik que nunca me alimentaria novamente. Não é assim. Que prefiro morrer de fome e morrer. Ele veio com a ideia de o clube rave me salvar, mais uma vez. Uma fera sem coração não faria algo tão complacente para uma criança que não era a sua por sangue, não é?

Eu quero concordar com ele. Mas o plano sinistro de Erik cola meus lábios fechados. Aperto a mão de Etalon, esperando transmitir o mesmo apoio calmante que seu toque me oferece. Nossa fita imprime um clarão, sincronizada. Seu profundo olhar castanho encontra o meu, torturado e buscando. A atração entre nós se intensifica, mas ele quebra nossas mãos e se move para a pia para despejar o que sobrou em seu copo.

Eu estou de pé, preparado para dar a ele minha taça também.

Suas costas ficam viradas. — Erik tem uma consciência sobre as coisas, veja você. Ele não pode visitar Jippetto porque se sente culpado. Ele não pode andar pela floresta por medo de encontrar os animais que alteramos. Isso o torna acessível em algum nível.

Eu agarro a alça da minha xícara de chá, obrigando-me a fazer uma pergunta que não tenho certeza se quero responder. — Por que ele se sente culpado pelo zelador?

Etalon suspira, passando a mão pelos cachos escuros na cabeça, deixando-os desgrenhados. — Jippetto tinha vinte anos quando sua mãe morreu, com sua magia esgotada e nenhum lugar para ir. Sendo um mudo, suas opções eram limitadas. Erik usou suas conexões subterrâneas e conseguiu que ele fizesse manequins para lojas. Ele também o colocou em uma casa na cidade — uma gentileza em troca da informação que Adella compartilhou. Quando Jippetto se aposentou há quatro anos, Erik o convidou para viver o resto de seus dias em paz. Mas ele tinha um motivo oculto, pois até então Erik estava formulando um plano para reunir a voz de Christine com um novo corpo. — Etalon faz uma pausa. — Jippetto foi meu primeiro e único experimento humano para preparar minhas habilidades para a transferência. O pássaro assobiando em volta do pescoço é oco. Não faz som. E os lenços que ele usa cobrem as cicatrizes.

Suas palavras se espalham ao meu redor — rajadas violentas que rasgam minha fortaleza. Minha simpatia pelo zelador é sombreada pelo medo do meu próprio destino. — Que significa... há outra pessoa em quem Erik quer colocar minha voz. O corpo de Christine... ele ainda tem! Como isso é possível? Ela está morta. Ela morreu uma mulher velha... quase cem anos atrás. Nós somos a alma

dela... — Minha mão treme e o chá bate entre o polegar e o indicador. Eu grito.

— O caminho não é da sua conta. — Etalon pega o copo, colocando-o na pia. — Porque não vai chegar a você estar naquela mesa de aço. — Sua voz é gentil quando ele pega minha mão e mancha o chá com um guardanapo para verificar minha queimadura. Por mais que tente, não consigo parar de imaginar esses dedos longos e cuidadosos usando um bisturi, arrancando músculos e cartilagens. Meu sangue gela. Eu me solto, apesar do quanto anseio pelo contato entre nós.

Ele estremece e joga o guardanapo na mesa. — Claro que você me teme. Eu fiz coisas monstruosas. — O arrependimento sufoca sua voz enquanto ele caminha para o estojo do violino e o levanta. — Mas por favor, saiba disso... Eu tentei não me tornar um monstro. Nenhum animal morreu sob minha vigilância. Os doadores são simplesmente deixados em silêncio, como Jippetto já foi. E quanto a ele? Eu decidi que se eu tivesse que cometer essa atrocidade horrível para dar ao meu pai a felicidade que ele nunca teve, eu ofereceria ao zelador algo para fazê-lo feliz também. Para suavizar sua solidão. Então, dei-lhe um meio de conversar com os pássaros que ele adorava ver de longe, e agora eles vêm procurá-lo, para fazer companhia a ele.

Eu não posso reagir, tentando processar tudo.

Os músculos da mandíbula de Etalon se contraem quando ele range os dentes. — Minhas escolhas foram tão repreensíveis quanto as ações de Erik. Mas a diferença entre nós é que vivi o suficiente com uma mãe que me amava, para conhecer a luz das trevas. Erik só tinha escuridão desde o momento em que nasceu. Para viver uma vida com ele, aprendi a andar no cinza. E para ser o pai que eu precisava, ele aprendeu a fazer o mesmo. Mas gradualmente, Erik perdeu o seu caminho mais uma vez. Eu fechei meus olhos para isso. Até que você veio, e desvendou todo o meu fingimento. Você me lembrou de luz, de paz e conforto. De coisas que eu não tive desde que entrei no mundo do Fantasma. E sou muito grato por isso. Eu amo meu pai. Mas não há cinza com ele agora. Há apenas o negro mais profundo e angustiante. Para encontrá-lo nessas profundezas, para puxá-lo de volta para o meio do caminho, terei que alcançar sua humanidade — o que quer que ele tenha restado. Música e culpa. Elas são as únicas duas armas que eu possuo. Mas preciso da sua ajuda para manejá-las.

Levando o Strad para a cama, Etalon se vira para ver se eu estou seguindo.

Eu tremo sob o manto dele, incapaz de me mexer. Parece que estou afundando no chão, como se minhas pernas fossem feitas de gelo e derretessem lentamente em poças d'água.

— Perdoe-me. — Uma luz de inclinação dos castiçais lança sombras dos longos cílios de Etalon, borrando suas maçãs do rosto altas e esculpindo suas características adoráveis para uma expressão que está implorando. — Eu nunca pretendi trazer você para RoseBlood. Você não. Mas eu vou te proteger com a minha vida, agora que você está aqui. Eu vou perder o Erik. Eu fiz as pazes com isso. Mas eu nunca posso perder você, minha alma de espelho. A única maneira de encontrar o caminho para a totalidade, para o homem que eu deveria ser, é me ver refletido em você.

Meu pulso bate na magnitude de suas palavras. Emoções incontáveis se acumulam através de mim.

Ele puxa uma trava atrás de uma das pinturas. A cama se dobra e se encaixa com segurança em um recuo na parede, revelando um alçapão no chão. Ele a abre. Um aroma de verdura e penas flutuam.

— Por favor, venha. — Mesmo com as costas viradas, seu profundo pedido de cascalho é um doce incentivo. — Quero lhe dar pelo menos uma lembrança bonita, antes de encarar Erik. — Com o estojo do violino preso sob o braço, ele desce os degraus de uma escada, sua cabeça desaparecendo.

O som de asas esvoaçantes e dos cantos dos pássaros me deixa curiosa o suficiente para colocar sua capa e minha bolsa na cadeira vazia, tomando tempo para colocar as meias fechadas no bolso do meu suéter antes de eu seguir. Etalon está esperando no final da escada. Ele pega minha cintura e me levanta quando quase perco o pé tentando absorver tudo.

O aviário é uma estufa submersa, pelo menos três vezes o tamanho da cabana de Jippetto. No alto, um telhado alto de vidro revela as correntes do rio que varrem sobre nós. As paredes brilham com reflexos fluidos. Vasos variados de flores perfumadas e vegetação, até mesmo pequenas árvores, cobrem um caminho com gramado. Silhuetas de pássaros voam através das folhas e galhos, respondendo à voz de Jippetto em algum lugar ao longe.

Os grilos gorjeiam nas sombras, e minúsculas bolas brilhantes — menores que a chama de uma vela — deslizam através do luar em uma suave brisa agitada pelo vento nas paredes. Os brilhos me levam de volta à minha infância, noites passadas no escuro com mamãe e papai pegando

— Vagalumes. — Eu sussurro, em transe.

— Você vê, eu finalmente os liberto para crescer e voar. — A voz de Etalon faz beiradas de flerte, e sua mão encontra minha parte inferior das costas. Uma emoção corre através de mim ao seu toque.

Eu olho para as correntes que voam pelo telhado novamente. Um pequeno

cardume de peixes passa — silhuetas graciosas e elegantes. Eu me volto para ele. — É a primeira vez que eu já fui cercada por água sem me sentir sufocada.

Ele inclina a cabeça em resposta. — Este foi construído quando a casa de ópera foi construída há séculos, antes do rio ser inundado para causar o efeito de ilha. Mas eles usaram grossos painéis de vidro para o telhado, mesmo quando ficou submerso, resistiu. E as profundidades são apenas três pés acima. Por isso, ainda permite a luz solar durante o dia e os raios lunares à noite. Eu venho muito aqui para compor. Durante muitas das nossas visões de sonhos, eu estava neste lugar. Então, eu queria que a primeira vez que eu tocasse para você — face a face — estivesse sob a lua encharcada de água.

Antes que eu possa reagir ao belo sentimento, Jippetto aparece por trás de um arbusto. Eu digo olá, e ele acena para mim, acariciando sua barba. Ele aponta para o estojo do violino e encolhe os ombros.

— Oui, eu vou tocar. — Responde Etalon.

Jippetto balança a cabeça, repreendendo, então puxa a camisa de flanela e chuta as botas sujas antes de apertar um dedo na direção de Etalon.

Etalon sorri. — Claro. Deixarei minha camisa e meus sapatos desta vez. Eu estou na presença de uma dama, afinal.

Eu sorrio. — O que isso deveria significar?

— Eu vou te mostrar um dia. — Etalon brinca, embora haja uma leve aura de desejo ao seu redor que, quando combinada com a rouquidão de sua voz, oferece uma promessa de algo escandaloso e sombrio.

Eu tenho que arrastar meus olhos dos dele ou ser arrastada pelo meu batimento cardíaco acelerado.

Jippetto pisca, depois faz uma mimica de bebendo de um copo. Ele sobe a escada, desaparece em seu chalé e abaixa o alçapão. Há uma alça no meio, para quando estivermos prontos para sair.

Eu nunca vi o zelador se acomodar. Assim... normal. E feliz.

É esse lugar. Tem que ser, porque está me fazendo sentir o mesmo. A força vital transborda aqui. Se eu me esforçar bastante, quase posso ver as auras rosa e branca ao redor das flores, insetos e pássaros. Energia pura e positiva.

É por isso que Etalon me trouxe aqui. Para me dar uma chance de respirar antes que o pesadelo de encarar seu pai comece.

Etalon leva-me a um banco debaixo de uma perfumada enseada de lilás — flores que deveriam estar fora de época, mas que estão vivas e prosperam aqui neste santuário de vidro onde os elementos exteriores não têm influência. Minha escolta senta-se primeiro, colocando o violino a seus pés para deixar espaço para

mim ao lado dele.

Em vez disso, ajoelho-me entre as pernas dele. Meu suéter sobe nas minhas coxas e a grama faz cócegas em meus joelhos através dos rasgos no meu jeans. Eu olho para o rosto dele — aquele que ele está sempre escondido atrás de uma máscara; o que eu conhecia mesmo antes de ver. — Você me pediu para perdoar você. E eu perdoo. Erik manipulou você desde que você era criança. E eu sei o quanto isso dói porque ele é da família. Mas você me tem agora. Prometo não te dar por garantido ou usar você.

Etalon toca minha bochecha. A vulnerabilidade e gratidão olhando para mim quase me faz pular e abraçá-lo. Em vez disso, pego a mão dele e viro para o outro lado.

— As coisas monstruosas que você fez não fazem de você um monstro. Você fez uma escolha consciente esta noite, para se elevar acima dela. Para ajudar a todos por sua conta. Então, você ganhou estes. — Eu coloco o presente embrulhado em papel de tecido na palma da mão dele e fecho seus dedos ao redor dele. Franzindo as sobrancelhas escuras, ele abre o jornal. O luar flui através da água para lustrar seu cabelo com sombras prateadas enquanto ele estende o calçado de malha ao lado dele no banco. Ele olha para mim, perguntas em seus olhos.

— Monstros não usam meias de dedo. — Eu aponto para os emoticons, na esperança de vê-lo sorrir, esperando que ele não pense que eu sou um filho para criá-los. — E agora você tem seus fantoches porquinhos de volta, viu?

Seu sorriso de resposta é um assombro de menino. — O melhor de tudo é que isso não vai embora. — Acrescenta ele.

Eu rio e ele se junta, a explosão espontânea é estimulante e desinibida como uma música. Mas fico sóbria imediatamente quando ele apoia os cotovelos nos joelhos para que nossas cabeças fiquem niveladas e inclina meu queixo na direção dele.

— Diga meu nome. — Ele murmura, sério e baixo.

— Etalo...— Eu não posso terminar, porque seus lábios quentes cobrem os meus.

No início, ele dedica seu tempo a isso, guiando meu rosto com as pontas dos dedos calejadas, provocando-me — o contato suave de plumas com apenas uma faísca o suficiente para eletrificar minha boca e enviar arrepios através dos meus dentes. Somos um, por um instante, com os lábios selados, depois tomando fôlego com fome antes de nos agarrarmos novamente. No momento em que suas gentis ministrações provocam um gemido de prazer da minha garganta, ele cai

de joelhos e arrasta meu corpo contra ele, agarrando minha parte inferior das costas em uma tentativa sedutora de mais.

Seus lábios se separam e nossas línguas se encontram, iluminando meu interior com pulsos de emoções voltaicas, auras que explodem em minha mente em explosões de cor com sabor de caramelo, flores da meia-noite e especiarias queimadas — escuras, tempestuosas e suculentas. Aperto meus braços ao redor de sua nuca, os dedos enrolados em seus cabelos sedosos, perdidos pela magia de nós.

Ele geme e me abaixa nas minhas costas, quebrando nosso beijo para que seus lábios possam atravessar minha bochecha, minha orelha, meu queixo, meu pescoço — descobrindo-me, saboreando-me — acendendo a música espiritual que só ele inspira. Um rangido estridente de estímulo percorre todos os receptores sensoriais, uma série de canções, zunindo e zumbindo como pequenos sinos soltos sob a minha pele.

E eu espero que contra todas as probabilidades esta noite nunca termine.

23
Máscaras

"O vício, em sua verdadeira luz, é tão deformada que nos choca à primeira vista; e dificilmente nos seduziria, se a princípio não usasse a máscara de alguma virtude."

Philip Stanhope, O Quarto Conde de Chesterfield



É o quarto período, e meu estômago me lembra que o almoço está a poucos minutos de distância.

Mesmo que o meu tempo com Etalon tenha deixado o vampiro psíquico em mim saciado, minhas necessidades físicas não foram satisfeitas hoje. Eu não podia tomar café da manhã devido ao meu medo do que está vindo hoje à noite... das armadilhas que o Fantasma tem à espreita no chão desta casa de ópera — as que Etalon não encontrou. Acrescente a isso a tensão de tentar ir às aulas e fingir que nada mudou no meu coração ou na minha vida, quando ambos foram alterados para sempre.

— Siga as rotinas, pareça inconsciente. — Essas foram as instruções de Etalon quando ele me deixou dentro do fosso da orquestra às três da manhã com um último beijo cintilante queimando em meus lábios. — Não podemos deixar Erik ficar mais desconfiado do que ele já está.

Erik, como o Fantasma. Como pai de Etalon. E pensar que essa foi a coisa menos chocante que eu descobri ontem à noite.

Eu também aprendi que o professor Tomlin era o baterista do clube rave que eu achava que parecia familiar. Ele não é do nosso tipo, mas ele está no bolso do Fantasma. Etalon me alertou para ser mais cautelosa em torno dele.

Por sorte, eu não o vi. Estando à frente do comitê de máscaras, ele dispensou suas aulas do dia. A ciência do primeiro período tornou-se uma sala de estudos monitorada por Madame Harris na biblioteca, de modo que Tomlin pudesse fazer acréscimos de última hora ao salão de baile. Eu só posso esperar que esses acréscimos não estejam sob o aviso de Erik.

Eu sigo o desconforto no meu intestino para me manter no momento.

A parte de trás de Bouchard está voltada para a turma enquanto ela rabisca algumas palavras de vocabulário em seu quadro branco: Intermezzo, Peça final, Ballet Heróico, Opera Romântica , Tragédias Líricas.

Quinze conjuntos de canetas arranham em cadernos.

— Você não está nos dando a lição de casa sobre o Halloween. — Sunny resmunga de seu assento atrás de mim. Todos os outros alunos estão pensando nisso; ela é a única corajosa o suficiente para dizer isso. Mordo o final da minha caneta, surpresa com a saudade que sua voz inspira, desejando ter minha amiga para conversar. Mas o que eu diria a ela se eu fizesse?

Ei, melhor amiga! Ontem à noite eu peguei minha chama gêmea íncubos em uma estufa sob o rio. Deu um novo significado à palavra fumegante. E hoje à noite, vamos lutar contra um fantasma secular antes que ele possa roubar minha voz e trazer a escola para o chão com todos nela.

Isso faria com que as festividades do Dia das Bruxas começassem.

Bouchard para de escrever e desloca seus saltos pontudos para mostrar seu

perfil igualmente pontudo. Sua bochecha combina com as pontas tingidas de seu cabelo. — Não é o inglês adequado, Mademoiselle Summers. Supondo que essa seja a língua indígena da sua espécie.

Summers bufa, seguida por um bufo de Jax e várias risadas ao redor da sala. Eu faço uma careta, sendo a única privada da insinuação por trás de suas críticas.

— Cada um desses termos. — Continua Bouchard — Tem a ver com máscaras, pantomimas, heróis e heroínas exóticos, ou o sobrenatural e mitológico. Essa seria a lição de casa com tema de Halloween, para o simbolismo prejudicado. Se algum de vocês tiver um problema com isso, podemos fazer um teste surpresa.

Ela lança um olhar furioso em toda a classe enquanto todos voltam a rabiscar. Ela tem o cuidado de evitar o contato visual comigo. As ameaças da tia Charlotte estão mantendo-a afastada.

Embora, desde que eu esteja usando óculos de sol, ela realmente não tem muita escolha para evitar o meu olhar. Uma infecção nos olhos Ballet Héroïque foi o que tia Charlotte disse a todos para encobrir que ainda estou irradiando a energia que Etalon e eu trocamos na noite passada. Minha tia já está planejando me conseguir algumas lentes de contato verdes o mais rápido possível.

No minuto em que voltei hoje de manhã, fui para o quarto da minha tia, junto de Diable, e usando a chave que ela me emprestou, caiu em sua espreguiçadeira até a hora de se preparar para o café da manhã e as aulas. Eu queria estar lá para me certificar de que ela dormisse fora do gás do sono.

Ela estava bem ao acordar, mas eu não estava. Eu só sei que sou descendente de antigos vampiros por dois dias. E agora, estou prestes a lutar pelo presente que uma vez quis jogar fora. Estou me recuperando internamente, mas não tenho tempo para parar e absorver tudo isso.

Eu disse a tia Charlotte que decidi ficar em RoseBlood. Que eu não podia sair agora que finalmente encontrei minha voz. Eu tive que mentir para ela sobre meus olhos... Eu usei a desculpa de beliscar a força vital de uma rosa. Tenho certeza que ela não comprou. Mas estou planejando contar a verdade mais tarde hoje, sobre tudo.

Etalon me encorajou a deixá-la entrar no plano. Até mesmo Bouchard. Ele diz que podemos usar toda a ajuda que conseguirmos hoje à noite no baile de máscaras. E eu concordo...

Agora que não estou traindo ele, poderei falar sobre ele. Para fazê-los entender, ele é um aliado.

Eu levanto minha trança para mastigar as pontas do meu cabelo. Talvez a fumaça do marcador de tinta seca esteja chegando a mim, porque eu não estou mais com fome. Estou enjoada.

É claro que a verdadeira razão por trás de minhas entranhas é minha preocupação com o baile de máscaras e a parte que eu tenho que jogar. Ainda mais, estou com medo por Etalon. A parte dele é mais perigosa do que a de qualquer um, porque ele está traindo o homem com quem mora, o homem a quem jurou sua lealdade como um filho de sete anos quebrado. O homem que foi um assassino na Pérsia há mais de um século. O Fantasma não é famoso por perdoar.

A campainha de despedida toca, e eu pego minha caneta, caderno e bolsa, em seguida, saio pela porta antes de ter que enfrentar Sunny ou Jax. Tenho certeza de que eles pensam no que todo mundo faz: que a real razão pela qual estou usando óculos de sol é mostrar que ganhei o papel de Renata. Que meu complexo superstar está crescendo a cada hora.

Eles realmente vão pensar que esta noite, quando eu tiver que dar uma performance improvisada solitária. Mas se tudo correr como planejado, apenas o Fantasma será meu público.

Calafrios se juntam à minha náusea enquanto eu atravesso os corpos escurecidos para silhuetas pelos meus óculos. Ignorando suas auras, desço para o meu dormitório. A tia Charlotte se ofereceu para trazer minha comida, já que hoje é um almoço prolongado, então eu não teria que esconder meus olhos durante o intervalo de uma hora. Eu espero que ela fique e possamos conversar; talvez ler as cartas de Christine juntas. Qualquer coisa para tirar minha mente esta noite. Eu tenho que esperar até depois da escola para discutir o plano com ela. Etalon insistiu para que fossemos para a floresta, para que não houvesse risco de o Fantasma ouvir.

Pelo menos está prometendo ser um dia sem nuvens para que não fiquemos presos na chuva.

Diable já está no meu quarto quando eu chego, e estou muito feliz de ver seu adorável rosto mal-humorado, eu nem questiono como ele entra mais. Ele está sentado na minha cama como se fosse o dono dela, seu pelo lanoso assumindo uma tonalidade violeta diferente com cada borbulhar da lâmpada de lava.

Depois de soltar a gravata no meu pescoço, deixo cair meus óculos de sol, bolsa e livros no chão. Então eu pego a pilha de cartas de Christine que minha tia trouxe esta manhã quando vim para colocar meu uniforme. Diable não reclama

quando eu ponho ao lado dele na cama. Em vez disso, ele se aconchega no meu lado com um tilintar suave de sinos. Eu esfrego entre as orelhas até ele ronronar.

— Você sabe que eu sinto muito que eu duvidei de você, certo? — Eu provoco. — Como se você pudesse ser qualquer coisa menos honrado, com um nome como Diabo.

Seus olhos se apertam em fendas felizes. Coloquei as letras no travesseiro, virando a cabeça para a parede, e tracei a tatuagem da fita sob a manga da minha camisa. Meus ouvidos doem pelo som da serenata de um violino. Eu gostaria de saber que ele estava seguro.

Ontem à noite, quando estávamos nos beijando, nossas emoções reprimidas e apetites reprimidos nos superaram. As coisas ficaram intensas, mas nos detivemos. Esse tipo de intimidade nunca deve ser apressada. Mesmo que nós dois admitimos que pode ser a nossa única chance de estar juntos.

Etalon ajudou-me a ficar de pé e dançamos em vez disso, cara a cara, na realidade, pela primeira vez. Ele me disse, naquela voz torturante que incita minha súcubos a alturas arrebatadoras, que quando todo o mal estiver atrás de nós, ele me deitará em uma cama coberta de pétalas de rosa e beijará cada centímetro de pele até que meu corpo esteja em chamas com a música.

Eu não respondi, porque eu estava muito ocupada corando, mas eu vou segurá-lo por isso.

Nós conversamos enquanto dançávamos ao som de grilos e bichos zumbindo. Perguntei-lhe todas as coisas que eu queria aprender: seu aniversário, sua cor favorita, suas comidas e livros favoritos, como se sentiu na primeira vez em que ajudou um animal e quanto tempo Diable foi seu companheiro... detalhes que podem parecer insignificantes para outras pessoas, mas para mim e Etalon, já conhecemos os mais profundos segredos da alma uns dos outros. Agora, eu quero saber as pequenas coisas que o fazem funcionar. Infelizmente, até isso foi interrompido, porque tínhamos planos para fazer.

Fecho os olhos, cantarolando a melodia que ele me ensinou com o violino. Foi incrível, tocando com ele na realidade, lado a lado. Foi como as nossas visões de sonho. Unidos juntos em triunfo para alinhar os planetas e governar o universo.

Isso é o que inspirou o esquema dele, na verdade. Ele acredita que essas visões eram as estrelas intervindo, nos dizendo como derrotar o Fantasma.

Muitas das melodias operísticas que me possuíram durante toda a minha vida foram canções que Christine aprendeu através da tutela de Erik com o Stradivarius. E há uma música que eles cantaram juntos que Etalon está

convencido de que pode quebrar o Fantasma: o dueto que eles compartilharam quando ela estava morrendo.

É uma balada. A mesma doce e gentil melodia que Etalon tocou para mim através da ventilação nas últimas semanas para me ajudar a dormir. Ele sabe disso desde a infância, tendo ouvido Erik cantarolando subconscientemente a qualquer momento em que ele estava ocupado fazendo algo que o deixava nostálgico por Christine.

Etalon me ensinou as letras. Elas contam uma história sobre uma árvore que é feia e murcha, perdendo todas as suas folhas. Mas as folhas elevam-se para o céu e tornam-se estrelas reluzentes e cintilantes. Decadência se tornando vida nova; desfiguração se tornando beleza. Tão pungente, conhecendo a história do Fantasma como eu faço agora.

Hoje à noite, tudo irá de acordo com o plano original do Fantasma, no começo. Tomlin vai se esgueirar para uma festa na cidade para que Erik possa usar sua máscara de gás/chacal e ocupar seu lugar no baile de máscaras. Erik é um mestre em mimetismo e já aperfeiçoou a voz de Tomlin. Ele me atrai para o corredor, longe da festa, com a desculpa de discutir a nota que faltava. Uma vez que estamos fora da vista de todos, o plano de Erik é me sequestrar através de uma passagem secreta... para me levar ao seu labirinto onde Etalon o ajudará a realizar a transferência.

Mas as coisas nunca chegarão a isso com a estratégia revisada de Etalon.

Eu vou me vestir como Christina Nilsson para a festa. Está muito longe da alma penada zumbi que eu planejava ser, mas a observação de Etalon — de que a única coisa que fez o Fantasma aspirar a ser humano foi Christine — torna essa nossa única chance.

O objetivo é jogar o Fantasma fora do jogo dele quando ele me ver. Ele tem um retrato pendurado em sua parede onde ela está vestida como Pandora. Tudo que eu preciso é uma peruca dourada escura para refletir sua coloração sueca, um longo vestido branco de coluna, uma tiara de folha de ouro e um painel de tecido de sálvia para usar como um envoltório. Há infinitas fantasias e apliques atrás das portas trancadas da casa de ópera. Etalon me garantiu que temos tudo para completar o visual. Ele está montando hoje, usando o retrato como guia. Ele colocará os artigos em uma sacola no fosso da orquestra esta tarde, já que os ensaios foram cancelados para permitir que todos pudessem se preparar para o baile de máscaras às seis.

Quando o Fantasma chega, cabe a mim torná-lo vulnerável. Agitá-lo de volta à realidade e à fealdade de sua obsessão. Esperamos que ele ultrapasse seu

choque inicial. Ele está determinado demais para ser parado tão facilmente. Então, vou fingir que acredito que ele é Tomlin, mas assim que sairmos da festa, eu vou correr pelas escadas... levá-lo à oficina de Bouchard no segundo andar. Jippetto já estará esperando dentro para forçar Erik a encarar o homem calmo e gentil que ele usou tão insensivelmente e os animais que ele matou inadvertidamente.

Se isso não for suficiente, vou fazer uma serenata com a balada do leito de morte.

O trabalho de Etalon, enquanto o Fantasma está preocupado conosco, é desmantelar a máquina no laboratório da adega que ajuda na transferência... no caso de falharmos e o Fantasma ainda conseguir me arrastar para baixo.

Se isso acontecer, ou se alguma coisa der errado, tia Charlotte e Bouchard serão cobradas pela segurança de todos. Etalon irá fornecer-lhes bombas de fumaça para disparar os alarmes e sprinklers, para que todos os professores e alunos saiam correndo, longe das armadilhas não descobertas de Erik.

Seria mais fácil se não estivéssemos tentando esconder a sociedade secreta dos vampiros, e se o Fantasma não fosse um gênio louco com armadilhas em cada esquina. Esta é a única maneira de proteger a todos.

Meu intestino torce novamente na conspiração perigosa. Estou prestes a vasculhar as cartas de Christine para me distrair quando ouço uma batida. Mais ansiosa para ver tia Charlotte do que minha comida, abro a porta para encontrar o rosto sardento de Sunny olhando para trás, a bandeja de almoço na mão e a mochila sobre o ombro.

Um gemido escapa dos meus lábios. Com todos os túneis espiões secretos e janelas espelhadas neste lugar, você pensaria que alguém teria pensado em instalar buracos nas portas do dormitório.

O cheiro de bacalhau assado circula entre nós, fazendo meu estômago roncar.

— Exatamente como pensei. — Diz Sunny. — Quando vi seus olhos ontem à noite, soube que você deveria ter tirado uma página do meu caderno de jogo e os roubado de sua tia. — Ela se inclina para perto. — Melhores lentes de contato zumbis de todos os tempos. Como você conseguiu que ela a perdoasse e deixasse você usá-los hoje?

Alguns alunos caminham pelo foyer a caminho das escadas e olham por cima dos ombros para nós. É tarde demais para se esconder de Sunny, mas ninguém mais precisa me ver. Eu a levo e continuo com sua teoria de contatos assustadores. Se ela soubesse a ironia disso tudo.

Quando fecho a porta e me inclino contra ela, ela coloca a bandeja na minha mesa de cabeceira e deita na minha cama. Diable pula, dando um passeio digno para a carruagem.

— Estou surpresa que você esteja aqui. — Digo a minha convidada inesperada. O que eu quero dizer é: Como você viu meus olhos ontem à noite?

Sunny franze a testa e tira a mochila do ombro. — Eu peguei sua bandeja de almoço antes que sua tia visse. Eu queria te dizer que eu sei o que você está fazendo. É honroso e tudo isso, mas tem que haver outro jeito.

Eu luto para ficar em pé. Ela não pode saber meus planos para a festa. — O que você quer dizer?

—O que você disse ontem, antes de sair para a parte de Renata. Isso não é como você. Você teve um motivo oculto... você está planejando deixar para que Audrey possa ter a liderança. Estou certa?

Eu suspiro. Como muitos segredos que eu estou escondendo, eu não posso resistir em compartilhar pelo menos um com Sunny.

— Sim. E está funcionando. Jax me odeia e Audrey não está mais brava com ele.

Sunny sacode a cabeça. —Ele não te odeia. Nem ela. Todos nós, bem, todos, menos eu, estamos confusos, só isso.

Eu faço o meu caminho até a cama para me sentar no outro extremo, brincando com os punhos de babados da minha camisa.

—Bem, eu sou uma pessoa confusa.

—E misteriosa. — Uma expressão estranha cruza seu rosto quando ela vê a pilha de cartas de Christine no meu travesseiro atrás dela. Ela agarra-os antes que eu possa. Seus olhos roxo-azulados se voltam para mim. — A Christine?

Eu procuro por uma desculpa. — Eu... eu as encontrei.

— Oh sim? Na capela ou no telhado? — As sobrancelhas dela se levantam acusadoramente na última palavra.

As náuseas doentes se acumulam em meu estômago de novo, e o bacalhau não cheira mais apetitoso, exceto para Diable, que está sentado na base da mesa de cabeceira e está olhando para cima, farejando o ar.

Sunny se inclina para abrir sua mochila, as letras aconchegadas em seu colo. Ela arrasta duas latas familiares com furos no fundo e uma meia-máscara branca rachada. — No começo eu pensei que isso pertencia ao professor Tomlin, uma vez que estas são as latas que ele usa em nossos laboratórios para armazenar solventes e outras coisas. Mas por que você iria encontrá-lo lá em cima? E por que a máscara?

A sala se inclina às avessas. Etalon deve ter tido tanta pressa na noite passada que deixou algumas coisas para trás. Mas como Sunny encontrou a passagem secreta? E como ela abriu a porta?

— Eu... Eu não sei do que você está falando.

— Certo. — O brilho presunçoso de Sunny se destaca contra as paredes iluminadas de roxo, mais brilhante do que seu cabelo vermelho. — Você estava tão ocupada discutindo com a Noiva de Frankenstein sobre roubar as lentes de contato descartáveis de sua tia, esqueceu que largou isso, hein? — Ela coloca a chave do telhado na cama ao lado dos outros itens.

Minha língua congela. Eu reuni os eventos do meu encontro com Bouchard na noite passada, as palavras dela para mim antes de ela tirar o colar: Eu já vi esses olhos antes. Ela vai querer saber disso. Sunny interpretou isso como Bouchard me acusando de roubar contatos. Mas onde ela estaria, para ver e ouvir tudo?

Então eu lembro.

— Você. Você era o farfalhar que eu ouvi atrás do recorte fantasma... você estava na escada...

— Sim. Eu saí para ir ao banheiro e vi a porta do espelho se abrindo, com você se esgueirando. Decidi refazer seus passos depois que você largou a chave. — Sunny solta a corda das letras.

Eu luto por eles, mas ela se afasta. Os jornais voam, enviando Diable a subir a escada em espiral até o mini-loft. Eu me agacho para pegar as cartas antes que Sunny possa. Meu cérebro folheia cenários incontáveis, tentando encontrar um que explique tudo isso.

— Uau. Isso é assustador como o inferno. — Diz Sunny de onde ela está pegando atrás de mim.

Meus ombros endurecem quando me viro.

Seu rosto é tão pálido que suas sardas se destacam como manchas de lama em uma cerca branca. Ela segura um esboço do Fantasma desfigurado semelhante ao que Etalon me mostrou no telhado. Deve ter sido colocado dentro da pilha de cartas. Respingos vermelho-amarronzados mancham o fundo, como sangue envelhecido. O dedo trêmulo de Sunny aponta para o fim, ao lado da assinatura, onde Christine escreveu as palavras: *guarde suas gargantas e esconda os olhos. Ele não está morto, seus tolos. Lendas nunca morrem.*

Sentado em sua cama, Thorn enfiou os pés nas meias novas e mexeu-as. Os rostos coloridos nos dedos pareciam dançar na luz azul nebulosa de seu aquário. Ele sorriu, então enfiou os pés nas botas, amarrando os cadarços às panturrilhas, sua mente naqueles momentos passados com Rune no aviário.

Ele leu a insegurança em sua aura — sentiu que estava preocupada que ele achasse que seu presente era infantil. Foi um gesto tão íntimo e gentil. Um que o fez sentir-se estimado e lhe deu esperança. Ele queria compartilhar essa esperança, compartilhar a energia que ela inspirava nele.

Segurando-a em seus braços, saboreando seu nome em seus lábios, tinha sido ainda mais doce do que ele imaginava que poderia ser. Assim como seus gemidos pedindo mais.

E a voz dela quando ele tocou para ela? Seráfico, assim como Erik sempre dizia. Thorn sabia que eles estavam tendo uma chance de vesti-la como Christine. Poderia sair pela culatra, apresentando-a como o objeto do desejo de Erik. É por isso que a tia de Bouchard e Rune estava lá. Como plano B. Ele odiava colocar Rune em perigo, mas ela era mais forte do que ela percebia. Ela descobriria isso esta noite.

Ele não contou tudo sobre a balada. Ele queria poupá-la do conhecimento que Erik costumava cantá-la, com lágrimas nos olhos, para o corpo na câmara criogênica. Algumas imagens eram muito mórbidas e trágicas para alguém ter que conviver. Era o suficiente que Thorn nunca deixaria de ver a si mesmo.

Ele alisou a bainha de sua calça preta sobre as botas antes de puxar a blusa combinando, saturada com o cheiro de álcool. Ele teve que olhar a parte do cirurgião. Ele também usaria a jaqueta do laboratório para encobrir a marca da fita em seu braço. Essa é a última coisa que Erik precisava saber.

Thorn ficou de pé, verificando seu quarto, assegurando que tudo estava no lugar. Ele já esvaziou o aquário do peixe. Libertou-os no rio de onde os pegou; embora ele tivesse deixado o aquário cheio de água e a luz acesa, para impedir que Erik notasse a mudança. Todos os pacientes de animais de Thorn estavam livres e ele nunca precisaria alterar outra voz. Na capela havia uma maleta com suas posses escassas: roupas, algumas meias-máscaras, uma escova de cabelo, uma escova de dentes, um pouco de sabão, o livro de contos de fadas que Rune lhe deu e o Stradivarius.

Se ele escapasse vivo esta noite, Erik o rejeitaria ou, no pior dos casos, perseguiria até que ele se vingasse.

O pensamento não só encheu Thorn de pavor, como também fez seu coração afundar. No entanto, uma coisa a animava: imaginar uma vida que

estivesse acima do solo, sem máscaras, laboratórios de adega ou armadilhas mortais. Uma vida entre as pessoas que tinham emprego, que iam jantar e frequentavam as casas de ópera como convidados... não fantasmas eternos assombrando os artistas dentro.

Ele queria levar Rune para Paris todas as manhãs com o sol quente em seus rostos, e deixá-la fazer compras para o coração, ou entrar em uma livraria antiga durante uma tempestade e ler juntos a tarde toda. Ou caminhar ao lado de cafés e jardins elegantes — de mãos dadas até o sol desaparecer, depois sentar-se com ela em frente à Torre Eiffel, toda iluminada como um farol — e beijar seu rosto no brilho da luz amarela.

Para ser um casal de verdade. Para ter amigos de verdade. Para se misturar, exceto quando eles estavam sozinhos e podiam deixar suas feras internas brincarem.

Aquele momento revelador no esgoto, doze anos atrás, continuou surgindo como um presságio:

—*Você ainda pode ter uma vida normal.* — Dissera Erik. — *Seu rosto perfeito, características perfeitas... eles vão te dar um lugar de respeito e poder nesse mundo. Você pode misturar, até mesmo governar, onde eu nunca pude.* — E a resposta ingênua e infantil de Thorn: — *Eu não quero me misturar. Eu quero pertencer.*

Ele não pertencia. Aqui não. Não mais. Ele não pertencia lá também. O único lugar que ele pertencia era com Rune. Mas como isso significava morar lá, bem, ele tinha se acostumado com a ideia de se misturar.

Ele não tinha certeza se o filho de um fantasma poderia ter uma vida normal, sem nada a oferecer além de talentos sombrios e sangue nas mãos.

Uma parte dele queria voltar para a noite passada, reviver infinitamente aquele momento calmo e perfeito no jardim ao luar com Rune, bebendo sua deliciosa aura branca, saboreando sua pele macia, enquanto dava a ela todos os prazeres que ele havia prometido. Porque aqui no presente, uma nuvem de escuridão se aproximava. Algo primitivo pairava no ar — perfumado com uma mistura de carne queimada e composta. Arrependimento e morte.

O plano que ele fez foi bom, mas não era a prova de falhas. Se ele soubesse alguma coisa sobre o homem que o criara, ele sabia que o Fantasma estava sempre um passo à frente.

Sempre.

Thorn tinha colocado antenas no dia em que Rune veio, feliz demais na reunião para prestar atenção. Mas agora, olhando para trás, viu os sinais. O

tempo todo, o pai Erik estava ciente de que Thorn estava secretamente ajudando Rune a se libertar de seus demônios musicais. No entanto, ele fingiu não perceber e continuar. Agora, nessas horas finais de sua liberdade, Thorn percebeu que deve ter havido uma razão subjacente.

Erik insistira desde o início que a garota que abrigasse a voz de Christine teria que querer sacrificá-la pela transferência para o trabalho. Então, por que permitiria que Thorn a ajudasse a aprender a valorizar seu talento, a menos que, de algum modo, ajudasse sua causa? Certamente não foi um gesto virtuoso, uma mudança de coração causada pela observação de seu único filho se apaixonando.

De um jeito ou de outro, Thorn descobriria hoje à noite — um conhecimento que enviava golpes de facas em seu peito.

O motor do elevador acionou o grito de resposta de Ange. Erik estava subindo do porão. Ele estava em traje por horas, impaciente para ir. Agora que já era hora, ele esperaria que Thorn o visse.

Lutando para firmar seu pulso furioso, Thorn se levantou e enfiou a jaqueta do laboratório. Ele respirou fundo, passou os dedos pelo cabelo e olhou no espelho. Pensou nos revestimentos que criara para se esconder ao longo dos anos: barro, porcelana, cetim e cobre. Então ele ensinou suas feições para um disfarce de obediência, porque hoje à noite, seu rosto era a máscara mais importante que ele já usaria.

24
Fogo e gelo

"Alguns dizem que o mundo acabará em fogo, alguns dizem em gelo. Pelo que eu provei de desejo, eu seguro com aqueles que favorecem o fogo."

Robert Frost



O salão de baile está cheio de atividade. As auras coloridas de cinquenta alunos e seis professores misturam-se, confrontam-se e confundem, até me

desviam os meus olhos do que os trajes luminosos e extravagantes que vão da cultura moderna ao mitológico, ao conto de fadas e ao clássico.

Sentada à mesa, belisquei aperitivos — rolinhos de abobrinha grelhados com queijo de cabra com ervas, geleia coberta com bacon e tomate sobre a bruschetta — em um esforço para parecer indiferente, sem deixar de ver a entrada.

O Fantasma está atrasado.

Ou isso ou ele está atrás da parede espelhada, observando e criando estratégias. Estou chocada por preferir o último. Caso contrário, algo está errado com Etalon, e é insuportável imaginar isso. A tatuagem da fita no meu braço continua picando, como se para validar esse medo. Estava me sentindo assim antes mesmo de Sunny tocá-la na minha chegada e comentar sobre o quão bem eu desenhei, e que foi uma adição interessante ao meu tema Pandora, e também, por que eu mudei de qualquer maneira, e onde está a brilhante ligação?

Se não fosse contra a lei vampírica, eu contaria tudo a ela. É exaustivo fabricar histórias de capa para uma mente tão inquisitiva. E seria bom ter uma amiga para falar sobre Etalon.

A bobina vermelha no meu braço arde novamente com o pensamento dele.

Eu olho para baixo, onde Diable bate na bainha do meu vestido branco esvoaçando, expondo meus pés descalços — um resultado de não ter as sandálias certas para ir com o meu traje.

— Ei, Gato Fantasma. — O gato faz uma pausa e pisca para mim. — Vá encontrar seu mestre. Certifique-se de que ele está bem. — Eu meio que espero que ele se recuse, considerando seu orgulho e que ninguém é seu mestre, mas ele parece sentir a tensão na minha voz.

Balançando os bigodes, ele se estica, boceja e jinga, correndo entre os estudantes e através das portas duplas.

Talvez eu esteja preocupada com nada. Isso ainda é novidade para mim. Tudo o que sei é que quanto mais cedo eu pegar o Fantasma na oficina de Bouchard e incapacitá-lo com a música que quebra seu coração, mais cedo eu posso procurar por Etalon.

O aroma de cera derretida, cidra temperada e salgadinhos defumados oferece um olfativo paralelo à rica decoração. Considerando a aliança assustadora de Tomlin com Erik, eu esperava gótico, mas ele escolheu a elegância acima do fantasmagórico.

Construindo no chão de ouro reluzente, ele tinha mesas redondas pretas e cadeiras combinando ao longo das bordas da sala, adornadas com teias de aranha

feitas de correntes de ouro delicadas no lugar de toalhas de mesa. Placas de plástico preto e ouro damasco, talheres de ouro, abóboras em miniatura enroladas em glitter, e buquês de laranjeiras, rosas de marfim e vegetação sálvia em vasos de cristal completam o cenário. As velas de marfim nos candelabros de ferro fundido dão um toque de iluminação entre as mesas. Organza de brilho negro cobre as paredes laterais em arcos extensos que chegam até o centro abobadado do teto. Cada painel está ligado a um candelabro quase do tamanho do teatro. Brilhantes fitas de ouro escorrem da luminária de cristal, fazendo-me pensar no “polvo” da rave, deixando meu estômago mais enjoado do que já está. Eu alcanço a minha sidra de abóbora, levantando o copo de plástico aos meus lábios.

O revestimento de açúcar mascavo e noz-moscada na borda adiciona uma dimensão reconfortante ao sabor.

O forro da parede espelhada de volta está adornado com uma fileira de árvores de marfim com galhos torcidos, sentados em vasos de correspondência e variando de quatro a seis metros de altura. As folhas pretas, ligadas às extremidades irregulares, acrescentam uma qualidade assombrada, enquanto alguns galhos são deixados nus. Atrás, painéis de pura organza dourada cobrem os espelhos do teto até o chão, com folhas pretas individuais presas no lugar para simular o movimento do vento. Folhas soltas salpicam o chão em intervalos e trazem o círculo completo do motivo. As lâmpadas elétricas do candelabro são desligadas, deixando apenas as velas para lançar luz suave e quente e longas sombras sobre tudo. É brilhante e místico, com apenas um toque sutil de Halloween.

A opulenta serenidade está em desacordo com o que sinto.

Parece esquecida. A instrução de Etalon continua passando pelo meu cérebro, me fazendo adivinhar tudo. Como eu pareço indiferente, sabendo que o perigo escondido debaixo desta casa de ópera por mais de cem anos está prestes a se esconder? Dois mundos colidindo e meus quatro cúmplices e tenho que garantir que não haja baixas.

Meu batimento cardíaco bate em ritmo rápido contra o meu esterno. Eu posso realmente ver o seu movimento debaixo do meu vestido, onde o corpete de uma só alça abraça minhas curvas como uma segunda pele. O painel de tecido de sálvia que estou tentando usar como um envoltório continua escorregando dos meus ombros. Suspirando, esfrego minhas têmporas. A faixa de metal de folha de ouro está muito apertada em cima da peruca castanha dourada que eu coloquei em um coque alto. Sob a touca de peruca, meu cabelo grosso se incha e

ocupa muito espaço. Considero remover a faixa de cabeça, mas há muito trabalho em conseguir esse papel certo. Então eu escolho ignorar a dor de cabeça latejante, embora o estresse não esteja facilitando.

No buffet de sobremesas, meus amigos se reúnem para encher os pratos com trufas de ganache e doces variados. Quan e Sunny vieram como a Noiva Cadáver e seu futuro noivo — completos com pele cinza-azulada. Ele a ajuda com seu prato, já que ela tem apenas um braço de trabalho. O outro está escondido dentro de seu vestido esfarrapado para dar lugar ao membro esquelético encoberto pelo corpete. Jax é um colecionador de borboletas com óculos redondos que ampliam seus olhos azuis e um bigode que parece uma lagarta marrom e gorda. Minúsculas monarcas artificiais agarram-se ao seu chapéu, camisa e calças de safári. Ele enfiou a rede gigante debaixo do braço para ajudar Audrey a posicionar seu conjunto de asas de monarca do tamanho de um anjo sobre o collant preto e a saia de bolinhas de spandex que se agarram à sua forma delicada. Depois que as asas estão no lugar, Jax bate em uma de suas antenas elásticas, fazendo com que a lâmpada brilhosa baleie para frente e para trás em sua cabeça. Ela dá a ele uma carranca brincalhona antes de pegar as xícaras de biscoito e derrubar duas em seu prato. Ela provavelmente não teria concordado com as fantasias combinadas se não as tivessem comprado antes que eu chupasse seu rosto e sua energia; mas pelo menos está dando a eles algo para se ligar agora. Vê-los felizes e provocantes é meu único ponto positivo. Estou determinada que eles terão a chance de muitas outras memórias como essas.

Como se estivesse me observando, Jax lança um olhar por cima do ombro em minha direção. Eu olho para longe, me concentrando em vez disso em Kat e Roxie em um canto. A brilhante maquiagem de estátua de estanho e a roupa justa de Roxie, com rachaduras na pedra, são impressionantes com os contatos cinza que embaçam suas íris e o brilho prateado metálico em seus cabelos. A maquiagem e o traje meio-esqueleto e semi-humano de Kat são tão criativos e maravilhosos. Ambas têm uma chance de ganhar a parte artística dos concursos mais tarde, mas com a maneira como seus olhares continuam passando, essa é a última coisa em suas mentes. Elas estão conspirando em retorno. Mal sabem elas que a sua pequena vingança é a menor das minhas preocupações esta noite.

A maioria dos alunos fica conversando, enquanto outros estão na pista de dança, tocando a lista de músicas indie-pop escura que flui pelos alto-falantes. Tomlin reuniu tudo. Difícil de acreditar que ele teve tempo com o ensino todos os dias e clandestino para o lado negro. Alguns pequenos grupos ocupam as mesas ao meu redor. Um casal vestido de personagens do cinema mudo — em

preto e branco da cabeça aos pés — agarra sinais com diálogos inteligentes para responder às perguntas dos amigos. Eles todos riram, ignorando quem está na lista de convidados.

Tia Charlotte e Bouchard estão do outro lado da sala, me observando. Elas vêm como Chapeuzinho Vermelho — com uma longa capa vermelha e vestido — e Vovó com uma fantasia de lobo, completa com camisola e boné. Sem surpresa, Bouchard escolheu ser a metade peluda e rosnante da dupla.

Elas estão mantendo distância, embora Bouchard nem gostasse de entregar a chave a Jippetto. Previsivelmente, tem mais a ver com a aversão dela a quem entra em seu sagrado santuário de animais mortos do que em me vigiar.

Eu toco o colar pendurado no V profundo do vestido acima do meu decote. O pingente de anel de rubi é apenas bijuterias. Etalon colocou com as peças de Pandora para ser usado como o prego final no caixão sentimental de Erik. E eu entendo o significado agora. O verdadeiro significado do anel.

Durante o almoço, convenci Sunny de que as cartas de Christine eram outra brincadeira, junto com a máscara quebrada, e que o professor Tomlin ia me ajudar a pegar minha voz essa noite. Eu disse a ela se ela me ver sair com ele para não seguir, porque ela poderia estragar o plano. Estava tão perto da verdade quanto eu poderia protegê-la sem explodir sua mente.

Depois que ela partiu para o quinto período, optei por pular o teatro, que deveria ser outra sala de estudos, e ler as entradas do diário de Christine, para o caso de poder encontrar alguma coisa para usar. Em vez disso, encontrei o final comovente para o Fantasma e a saga de seu amor.

Pouco depois da morte do marido de Christine, Erik fingiu que ele também estava morrendo. Anos antes, ele e Christine fizeram um pacto de que nenhum dos dois deixaria o outro morrer sozinho. Quando ela o encontrou, ele confessou que ainda a amava. Ele não envelheceu um dia nos dez anos desde que se viram pela última vez, mas Christine estava com quarenta e poucos anos e finalmente amadureceu além do medo. Ela cedeu ao coração depois de anos negando, e eles tiveram uma noite de paixão que resultou em uma concepção inesperada. Com medo de como um bebê reagiria ao seu rosto, Erik se escondeu no subterrâneo e trancou Christine para fora de sua vida. Ele levou cinco meses para conceituar uma máscara tão real que ele poderia usá-la e parecer “humano” o suficiente para não assustar seu filho. Ele foi para Christine. Ela estava escondendo a gravidez para executar, como ela assinou um contrato com uma casa de ópera francesa, dois anos antes. Ele disse a ela seu plano, mas ela disse que não queria que ele se escondesse do bebê, que a criança crescesse vendo-o todos os dias.

Que seu filho seria a única pessoa no mundo que nunca o consideraria repulsivo ou diferente. Dominado pela felicidade, o Fantasma pediu-lhe que se casasse com ele, oferecendo o anel de rubi. Ela disse que sim, e por uma semana eles se esconderam, alegremente felizes em seu apartamento no subsolo. Mas lá, Christine entrou em trabalho de parto prematuro, dando à luz uma linda garotinha perfeitamente formada — pesando menos de meio quilo e sem a capacidade de respirar — muito frágil para sobreviver fora do corpo de sua mãe. Christine ficou devastada e acamada, incapaz de sequer nomeá-la, por isso Erik enterrou a criança enquanto compunha a balada que seus pequenos ouvidos nunca ouviriam.

Não havia mais na entrada. Depois de ler, verifiquei o cemitério. A lápide do bebê não identificado — que embalava minhas rosas e me levou à capela há um mês — teve o mesmo ano de nascimento/morte do bebê pobre e trágico de Erik: 1883.

Ele quase tinha tudo, então ficou com menos do que nada — com um coração tão machucado e espancado, que se tornou pedra tão densa e imóvel quanto o túmulo sem nome de sua filha.

A balada que Etalon me ensinou, a que Erik cantou com Christine, pertencia àquela criança. É inegavelmente a arma mais poderosa que eu poderia usar, mas temo usá-la.

Como se alimentando dos meus pensamentos mórbidos, a música em cima muda para uma música pulsante e irritada, me levando de volta ao presente. Por toda a sala, as velas tremeluzem como se fossem sopradas por uma brisa. No entanto, não há vento em nenhum lugar. Volto minha atenção para a entrada assim que ele entra — calça e sapatos pretos, jaqueta de couro preta e luvas, máscara de borracha preta moldada para parecer um chacal com focinho e orelhas pontudas, mas de alguma forma ainda humana e inegavelmente masculina. Apesar de seu conjunto monocromático, tudo o mais parece drenar de cor e vida, empalidecendo para seu domínio feroz e aqueles olhos amarelos brilhando nas profundezas de sua máscara.

Ajusto meus ombros para me fazer pequena, tempo suficiente para acenar para minha tia que está conversando com um grupo de dançarinas juniores que ela tem ensinado. Ela acena de volta, a preocupação no rosto dela brilhando. Embora meus instintos me digam para rastejar debaixo da mesa, fico em pé.

Seus olhos se fixam nos meus, e a onda de choque de reconhecimento se espalha através de minhas pernas e braços, minando minha força. O envoltório cai dos meus ombros enquanto aperto a mesa para manter o equilíbrio. Ao

mesmo tempo, ele hesita e recua quatro passos atordoados, esbarrando no diretor Fabre, que está falando com o diretor Norrington e Madame Harris. Todos os três se voltam para ele e riem, depois o recebem em seu grupo, conversando, alheio.

Seus olhos continuam piscando em minha direção, sua inteligência se reunindo novamente como uma tempestade de raios irradiando através de sua estrutura e colorindo sua aura vermelha de tijolo: raiva controlada, resolução fervente.

Meus picos de frequência cardíaca. Sunny e os outros seguem meu caminho com pratos cheios nas mãos. — Ok, Rune. — Diz ela. — Vamos compartilhar nossas sobremesas com você. Você está muito solitária por aqui. Hora de o passado ser passado, certo?

Sentindo o olhar do Fantasma em nós, eu estremeço. Eu não posso deixar ele vir até mim. Eu não posso arriscar que eles fiquem no meio.

Balanço a cabeça para Sunny, um sinal só para ela. Eu faço mimica para dizer “o plano” depois viro, deixando meus amigos boquiabertos enquanto me dirijo à porta.

Eu passo pelo Fantasma. Mesmo com a distância entre nós, sinto a energia pulsando ao seu redor. Sua voz enfeitiça os professores — a imitação perfeita de Tomlin com um comando musical subjacente tão sutil que eles são incapazes de pará-lo, tão dolorosamente adorável que cutuca aquela música que ele plantou dentro de mim na rave, e acorda.

Empurrando um grupo de estudantes, eu entro no corredor abandonado, onde o piso brilhante reflete a luz de velas cintilante do salão de baile. O mármore está frio aos meus pés, mas é a minha respiração que congela, meus pulmões que parecem pesados e glaciais. Eu forço o ar a entrar e sair. Então eu vou para as escadas.

Para a oficina de trabalho de Bouchard. Tudo o que tenho que fazer é chegar lá. Jippetto está esperando com os animais e eu não vou ter que cantar aquela balada assombrada.

Eu sinto a presença sinistra de Erik seguindo. Não apressado. Quieto. Essa canção celestial que ele plantou no fundo da minha mente está guiando-o, torcendo e entrelaçando... inquieto.

Minhas pernas tremem quando eu dou os passos, enrolando o mais rápido que posso, sem deslizar nas solas nuas. Finalmente, estou no segundo andar e a porta está no fim do corredor, entreaberta e inclinada no chão como um farol.

Ele está perto o suficiente agora para ouvir o seu hálito dentro da máscara

de gás, um som mecânico que se infiltra no meu cérebro, fazendo com que eu tropece no meu vestido e bata meu joelho marcado no mármore. Estremecendo, eu olho por cima do meu ombro. Ele está apenas descendo o último degrau, mas sua respiração macabra balança nos meus ouvidos, um truque de ventríloquo.

Rangendo os dentes, manco o resto do caminho, depois abro a porta de Bouchard.

Jippetto levanta as sobrancelhas brancas com uma pergunta e eu aceno com a cabeça, voltando-me para a parede mais distante embaixo do corvo empalhado que me recebeu com um miado de gato no primeiro dia em que cheguei... o que parece uma vida inteira atrás.

O Fantasma entra. Seus olhos me roçam, mas se fixam em Jippetto quando o zelador solta seus assobios. A cabeça de Erik vira da esquerda para a direita, pegando tudo, e eu vejo... a clareza, a culpa, a mudança. Um derretimento de gelo e geada. Sua vulnerabilidade me dá a força que me falta. Ele precisa de mais um empurrão, então eu solto a balada. Minha voz se eleva, sobe acima dele, angelical e acusatória. Ele cai de joelhos e se junta — um dueto soluçando — puro, lindo, com remorso. Seu corpo treme, seus olhos molhados de lágrimas dentro de suas profundezas sombrias.

Está funcionando. Eu elevo o volume da minha voz, canalizando o fantasma de seu amor morto com nova confiança.

Ele cai para a frente, o focinho do chacal quase tocando o chão. Suas mãos enluvadas apertam os ouvidos de sua máscara. —Perdoe-me, Christine. — Sua voz um poderoso e sinfônico lamento quando ele olha para mim — Eu tinha que mantê-la viva. Por favor, por favor, deixe-me fazer o que resta. Eu esperei tanto tempo. — Soluços soltando rolam para fora dele, sacudindo seu corpo inteiro.

Ainda cantarolando as notas da balada, aproximo-me mais, tentando entender sua confissão, quando pego o movimento no corredor e perco a melodia.

Bouchard fica no limiar em sua fantasia de lobo, a poucos centímetros da forma prostrada do Fantasma, balançando um pedaço de corda em suas patas peludas. — Depressa, vamos amarrar suas mãos!

Ele está de pé antes que eu possa piscar, sacudindo qualquer transe que Jippetto e eu conseguíssemos evocar. Em um borrão controlado de couro preto e raiva, ele empurra Bouchard no corredor depois de arrebatar a corda. — Não se mova. — Ele lança o comando como uma rede de seda. Ela obedeceu, de barriga para baixo e sem se mexer. — Você também. Sente-se. — Ele faz um gesto com a cabeça de chacal, dirigindo o zelador para a mesa de trabalho de Bouchard.

Como um robô, Jippetto senta-se na cadeira e fica imóvel como pedra.

Testemunhar o domínio hipnótico de sua voz é terrível e inspirador — uma lenda fictícia trazida à vida.

Os olhos do Fantasma brilham dentro da máscara. Eu tremo, voltando para o meu lugar contra a parede. — Venha, pombo. — Ele segura uma palma enluvada, o outro em volta da corda de Bouchard. — Você não vai querer estar aqui para isso.

Eu luto contra o desejo de obedecer, mas sua voz sedutora sacode a música enjaulada na minha cabeça como se fosse um animal selvagem, agitando-a a alturas primais. A única maneira de eu poder acalmar a besta é alcançá-lo.

Ele me puxa para perto e amarra meus pulsos antes de tirar a bandana de metal, a peruca e o boné. Meu cabelo preto sai livre, selvagem e emaranhado. Ele levanta meu queixo para me estudar, como se estivesse se certificando de que eu não sou Christine.

Em seguida, envolvendo um braço em volta de mim, ele levanta a mão livre em uma onda direcionada para os troféus de pelúcia na parede. Um zumbido alto resmunga das gargantas dos animais.

Eu engulo um grito quando enxames de abelhas surgem dos focinhos — nuvens de ferrões e asas poluindo o ar.

Sunny e sua alergia surgem em minha mente, seguido por todos os outros que eu deveria estar protegendo.

Eu luto, mas o Fantasma passa meus braços amarrados em volta do seu pescoço, então estou de frente para o peito dele. Com o calcanhar, ele cutuca um sulco no rodapé, abre um painel secreto e me puxa para dentro, antes de empurrá-lo e deixar os insetos confusos do outro lado.

A escuridão nos rodeia. Ele me arrasta algumas escadas. Eu agarro as beiradas de cada degrau com os pés descalços, entediando com as unhas dos pés até sangrar. Ele me domina e alcançamos o nível superior. No instante em que entramos na passagem estreita, ele me pega. Seus aromas de formaldeído e couro picam meu nariz, me deixando tonta. Aquela canção embutida se agarra mais profundamente no meu crânio, me incapacitando.

— Leve ela. — Desta vez, suas palavras não são direcionadas para mim. Eles são para o professor Tomlin, que está esperando nas sombras.

— Acabará logo, Rune. Então você pode ter sua vida de volta. — Meu corpo está muito mole para reagir à traição deslizando pelas minhas veias enquanto Tomlin desliza meus pulsos amarrados de volta da cabeça do Fantasma e me pega em seus braços, sua barba roçando minha têmpora.

Eu estou apenas parcialmente consciente quando meus captores param do outro lado da parede espelhada do salão de baile. O tecido de ouro transparente pinta uma cena nebulosa: funcionários e colegas alheios aos enxames de abelhas que subiam. Eu tento encontrar meus amigos ou minha tia no meio da multidão, mas minha visão se confunde. Com um movimento de seus dedos, o Fantasma conjura outro truque, agitando a vida nas folhas pretas das árvores e do chão. Elas explodiram como morcegos, levantando as correntes de teias de aranha das mesas e bombardeando os estudantes e professores que agora gritavam. Os morcegos largam suas redes, prendendo todo mundo. Minha mente está confusa... eu não posso decidir se eles realmente se transformaram em morcegos, ou se estou totalmente inconsciente agora, tendo um pesadelo.

Tomlin nos tira do caminho. O Fantasma puxa uma alavanca na parede que instantaneamente fecha as portas duplas do salão de baile, trancando todos dentro, depois solta o enorme lustre. Ele cai no chão em um assobio agudo, elevando o caos a outro nível, enquanto as pessoas lutam para sair do perigo enquanto se enroscam nas redes. Eu devo estar sonhando, porque uma estátua vem à vida para empurrar um dos estudantes para fora do caminho, e acaba sendo esmagado por baixo de um estrondo de vidro e metal. O tecido amarrado à luminária de cristal pega fogo quando entra em contato com as velas ao redor da sala. Em um instante, as árvores contra a parede irrompem como lenha, cortando minha visão com uma parede de fumaça e chamas.

Eu mal ouço os gritos por dentro. Eu mal ouço nada além da voz lírica do Fantasma, filtrada através de sua máscara.

—Então, tão inteligente... usando sua música, vestindo-se como ela, usando suas correntes. — Ele sacode o colar de anéis do meu pescoço. — Mas você quebrou a ligação da ilusão apenas um momento cedo demais. — Ele traça as marcas de fita enroladas no meu pulso que mostram entre os espaços de corda, enviando um arrepio através de mim. — Meu filho deveria ter te ensinado melhor. O diabo está nos detalhes. — O Fantasma me leva de volta de Tomlin, prendendo meus pulsos ao redor de seu pescoço novamente, e embalando meu corpo em seus braços. Minha cabeça enevoada se debruça contra o couro frio de sua jaqueta.

— Você, fique e veja que tudo vai como planejado. — Ele se dirige Tomlin. — Senhorita Germain e eu temos um compromisso com o destino.

25
Canção do cisne

“O momento da morte, como o final de uma história, dá um significado diferente ao que a precedeu.”

Mary Catherine Bateson



A serpente mostrou suas presas e atacou. Thorn endureceu, adrenalina bombeando através de seu corpo, colocando todos os seus nervos em alerta máximo. Uma resposta instintiva. Ele se lembrou de que o painel claro que o separava de sua morte não se abriria para permitir que as cinco serpentes de seu compartimento inferior entrassem na caixa de vidro em torno dele, a menos que Erik estivesse aqui para ativá-lo.

Outra serpente atingiu, deixando para trás gotas de veneno claro e mortal na superfície de vidro abaixo dele. Um feromônio filtrado em sua seção do caso provocou os répteis em um estado violento. Suas auras eram brilhantes, frenéticas. Os pés de Thorn mudaram, mas ele reprimiu o desejo de mover as mãos. Não adiantaria tentar com as bandas de ferro que o seguravam na parede.

— Você quase teve o tempo. — Thorn ergueu o ombro o mais alto que

pôde para dar vantagem a Diable. Ele sabia que Rune o havia enviado; ela era seu anjo da guarda. Se ela não tivesse, ele estaria sozinho e inútil, contemplando os piores cenários para o baile de máscaras acontecendo centenas de metros acima dele e incapaz de fazer qualquer coisa construtiva para ajudar.

Agora, ele poderia sair e fazer a diferença.

O corpo do gato esticado, as patas traseiras assentadas no ombro direito de Thorn, enquanto um dos pés da frente planeava seu antebraço e o outro cavado com garras estendidas no buraco da fechadura do mecanismo de trava.

O estojo de vidro de Thorn estava encostado na parede e a poucos metros da mesa de operação, para dar a ele uma visão panorâmica do tormento de Rune e uma visão panorâmica de sua situação fatal. Seu estômago deu um nó. Erik o havia nocauteado com gasolina antes de sair. Um tributo ao seu senso de humor desviante, já que ele próprio usava uma máscara de gás. Quando Thorn despertou, ele foi amarrado apenas em seus uniformes, com as botas despidas, embora Erik tenha lhe deixado as meias. Essa também era uma estratégia para jogar com os sentimentos de Rune.

O tempo todo, esse era o seu plano. Para usar Thorn como a isca que a convenceria a desistir de sua voz. É por isso que ele permitiu que Thorn cortejasse a música nela, para se unir a ela. Ela poderia ter escolhido a vida de Thorn sobre a música mesmo antes de eles terem o ritual de união. Mas agora, seria fisicamente impossível para ela deixá-lo morrer. Ao tentar protegê-la, Thorn a amaldiçoou.

Mas havia três coisas com que Erik não contava: uma, ele estava entrando em uma armadilha; dois, ele deixou Thorn ao alcance da alavanca que liberaria as represas e inundaria o apartamento — a própria armadilha de Erik. Estava na parede, ao nível da cabeça de Thorn, a não mais de dois metros de distância. E como o estojo de vidro só chegava ao peito, se ele pudesse libertar o braço direito, ele poderia se esticar o suficiente para acionar a sequência de autodestruição. E três, embora o cordão entre as chamas gêmeas nunca se quebrasse, poderia ser cortado se um deles morresse. Thorn estava disposto a encontrar uma morte por afogamento, pela liberdade de Rune.

Erik perdeu de vista esse detalhe, já que ele nunca compartilhou o ritual com Christine. Desde que ela o deixou para sempre depois que ela descobriu que ele não enterrou a filha deles... depois que ela entrou no laboratório algumas noites após o parto, e viu sua criança prematura meio morta sendo tratada como uma experiência científica. Erik estava tão desesperado para manter sua filha viva que nunca considerou que poderia perder o amor de sua vida no processo.

Thorn desviou o olhar da câmara criogênica e da luz amarela pulsante do outro lado da sala. Mesmo agora, ele não conseguia olhar para sua forma minúscula e perfeita. O bebê sem nome que teria sido sua irmã. Ele odiava o que destruir esse laboratório faria com ela. O que isso faria com Erik? Obliteração total de seu sonho para uma família e amor incondicional.

Por quê? Por que Erik nunca viu que ele já tinha isso? Era justamente por isso que Thorn desviou os olhos da depravação por tanto tempo, para trazer alguma medida de felicidade à alma quebrada de seu pai. Teve a chegada de Rune aqui, não forçou os olhos de Thorn, quem sabe o que ele poderia ter feito...

Se Rune pudesse gerenciar o mesmo despertar para Erik, ela poderia influenciar seu lado negro e alcançar sua humanidade. Ela tinha o poder. Contanto que nada ou ninguém intervisse.

A tatuagem de fita por baixo da braçadeira de ferro de Thorn fustigava apenas o pensamento dela, aludindo que algo havia dado errado. Ele faria qualquer coisa para estar lá com ela agora.

Apertando os dentes contra as farpas afiadas do gato cavando em seu bíceps, Thorn manteve o braço imóvel. Diable já deixara rastros de marcas de garras sangrando na bochecha, pescoço e ombro esquerdos, saltando de uma das prateleiras de madeira da parede para chegar até ele. Era o único meio de contato, com o copo entre eles.

Enquanto Diable mudava de posição, ainda cavando no buraco da fechadura, a cabeça de Thorn caiu, tentando aliviar a tensão de seu pescoço. Ouvindo um pequeno clique na barra de ferro, ele olhou para cima. Antes que ele pudesse testar seu pulso, o motor do elevador começou a funcionar e Ange trombeteado por dentro.

De orelhas viradas ao lado da cabeça, Diable caiu no chão e correu para um esconderijo. Seus jingles silenciaram ao encontrar um.

O pulso de Thorn correu enquanto ele esperava, esperando contra toda a esperança que Erik estivesse vindo para confessar o erro de seus caminhos. No minuto em que a porta se abriu, seu coração caiu, vendo Rune inconsciente nos braços de Erik. Este não era mais seu pai. Este era o Fantasma — em toda a sua glória sombria e depravada. Cada centelha de luz havia sido apagada.

O olhar amarelo do Fantasma encontrou o de Thorn quando ele passou por ele para colocá-la sobre a mesa. Ange cambaleou para trás, grunhindo, obviamente irritada com o estado imóvel da hóspede.

Rune gemeu sem abrir os olhos — dedos manchados com sangue seco; cabelo desarrumado; roupas empoeiradas, amarrotadas e cheiradas a fumaça. Ela

passou por uma briga infernal. Isso só podia significar uma coisa: o Fantasma não tinha caído em seu truque, ele segurava Rune dentro de uma escrava musical, e a casa de ópera estava queimando.

Thorn deu uma olhada em seus pulsos amarrados e toda a sua estrutura se deslocou e compactou — músculos e ossos se unindo como placas tectônicas contra a explosão que ele sentiu dentro de si mesmo, uma detonação final que matou cada gota da compaixão que ele estava lutando por anos. Não há mais hesitação. No momento em que a oportunidade se apresentasse, ele destruiria esse covil e tudo nele. Ele preferiria ver sua casa demolida e vidas terminadas, do que Rune pagando o preço por suas escolhas desviantes.

O punho no pulso direito ficou mais solto. Diable conseguiu desbloqueá-lo. Com apenas um puxão, ele se abriria. Mas a mão esquerda ainda estava trancada no lugar; ele não conseguiu puxar a alavanca até que Rune pudesse nadar para fora daqui.

O Fantasma deu as costas e tirou a volumosa máscara de gás, substituindo-a por uma cor de carne que parou no fundo do lábio superior. Era sempre a sua escolha para um trabalho meticuloso: forma equipada com buracos para os olhos maiores, deixando-o desimpedido enquanto ainda coberto. Ele murmurava baixinho como um louco quando tirava a jaqueta do chão.

Curiosa se a chave das algemas pudesse estar dentro de um dos bolsos, Thorn mandou um comando silencioso a Diable para dar uma olhada. O gato escapou de seu esconderijo, nem mesmo tocando uma campainha, e enrolou as bordas da sala na direção da jaqueta. O longo pescoço de Ange arqueou graciosamente enquanto ela observava seu amigo felino, considerando se era um jogo que ela queria jogar.

— O que você fez, Erik ?— Thorn jogou a pergunta como uma diversão.

— Christine vai me perdoar. Ela tem. Eu estou dando sua voz para nossa filha. — Erik recolocou suas luvas de couro com látex, apertando-as com força ao longo das mãos trêmulas.

Thorn nunca tinha visto Erik tão abalado. Seu olhar caiu para o rosto adormecido de Rune — esperança despertando novamente. Isso funcionou. Ela havia esculpido o casco protetor do Fantasma o suficiente para dar a Thorn um lugar sensível para roer.

— Ela não vai te perdoar. — Thorn deu a isca, ignorando como seus músculos do braço estavam doendo de sua posição. —Você foi até ela em seu leito de morte e jurou que abandonara essa loucura. Você cantou com ela em uma homenagem final a sua filha que foi finalmente liberada para a terra.

Christine não pode te perdoar, a menos que você siga adiante. A menos que você faça verdade.

Gingando em volta dos pés de Erik, Ange voou até a mesa e se empoleirou no estômago de Rune, onde suas mãos estavam amarradas. O cisne cutucou as cordas com a conta e buzinou para Erik, repreendendo.

— Chega de vocês dois. — Os dedos trêmulos de Erik foram classificados através de bisturis e instrumentos, organizando preferências em uma bandeja de prata com rodas. Ele também acrescentou a agulha com o cabelo de Katarina — planejando costurar a incisão do bebê com o DNA de Nilsson, sua própria precaução supersticiosa. — Rune ofereceu seu consentimento, a caminho daqui... ao ouvir sua situação. Então não há mais culpa. Ela vai viver, assim como Jippetto.

Thorn observou seu pai tremer. Rune nunca sobreviveria à cirurgia sob essas mãos trêmulas. Erik cortaria sua artéria carótida e ela sangraria até a morte.

— Ela tem um pequeno sacrifício para fazer, então você pode ficar junto. — Continuou Erik. — Tão irônico. — Seu olhar pegou Thorn com potência sobrenatural. — Eu nunca esperei encontrar você primeiro. Metade da *flamme jumelle*.

O queixo de Thorn caiu. — O que? Como-

— Adella me disse, antes de você nascer. Que desde que Christine e eu éramos chamas gêmeas que nunca se uniram ritualmente, a alma de Christine seria dividida. Um menino e uma menina. Você provou que era a outra metade quando me seguiu até as profundezas daquela catacumba todos esses anos atrás. Você teve seu fogo. E quando você tocou minha mão e roubou minha energia, eu a senti. Eu sabia então que a previsão se tornaria realidade: unir as almas e a canção renasceria. Um sacrifício voluntário para acabar com toda dor. Tudo o que eu tinha que fazer era encontrar a garota e fazer com que ela nunca dissesse não.

Thorn quase engasgou com a bile subindo por sua garganta. Nem uma vez Erik mencionou almas gêmeas como parte da predição. É por isso que ele trouxe Thorn para casa com ele quando criança, mesmo depois que sua voz foi tirada. É por isso que ele lhe deu o violino depois que a avó de Rune o deixou na caixa. Era para ligar Thorn a Rune cedo o suficiente em suas vidas para fazer toda essa inevitabilidade acontecer no cronograma de Erik. Ele sabia que eles estavam destinados a ficar juntos mesmo antes de Thorn. E ele arranjou para fazer acontecer aqui neste lugar, nesta noite.

— Você... — A voz de Thorn não era nada mais que um gemido áspero,

seus olhos ardendo com lágrimas de raiva.

— Às vezes o destino precisa de um empurrãozinho. — Erik ligou a máquina de transferência. As luzes se acenderam e refletiram ao longo das paredes a tempo, com uma barragem de cliques metálicos. — Aprendi a não confiar no universo para acertar as coisas sozinho. — Ele recolocou a máscara, enfatizando a afirmação. Ele levou a bandeja para o lado oposto da mesa de operações, encarando Thorn com sua paciente entre eles. — Agora, aqui estamos na Noite de Todos os Santos, a noite da liminaridade. Nós quatro juntos... e a música de Christine vai viver novamente.

— Tem certeza? — perguntou Thorn, compondo-se. As cobras debaixo de seus pés ficaram mais agitadas, atingindo o vidro com tenacidade tenaz. Thorn absorveu sua força vital combinada, sugando-a pelos pés. Um puxão de energia tão minúsculo, parecia agulhas pinicando sua pele, tão sutil que Erik não notaria. Thorn desviou os pulsos energizados para Rune através de suas impressões compartilhadas. Uma sensação de fogo inflamou-se ao longo das espirais de seu pulso, real o suficiente para aquecer o ferro preso em sua pele. As bobinas de Rune responderam, e uma trilha de fumaça em forma de fio subiu das cordas que a prendiam, queimando as fibras...

Ange se esticou, abrindo as asas pelo corpo de Rune, escondendo o fenômeno.

— O que você quer dizer com isso, tenho certeza? — Alheio, Erik plantou uma mão na borda da mesa de aço para firmar, e se inclinou sobre Rune, sua sombra rastejando sobre a pele exposta acima do corpete de seu vestido branco. Em sua outra mão trêmula, segurou um bisturi, estudando atentamente sua garganta. — Eu ouvi a voz dela esta noite. Isso foi-

— Seráfico? — perguntou Thorn, reprimindo uma onda de pânico. Os longos cílios escuros de Rune se agitaram, então o olho mais próximo a ele abriu uma fenda, olhando em sua direção. Ela estava acordada e consciente, aguardando seu tempo, ouvindo. *Boa menina. Não se mova até ele virar as costas para você.*

— Sim, seráfico. Precisamente. — Erik baixou a lâmpada no teto para iluminar a cabeça de Rune. Ele inclinou o queixo e colocou o metal no pescoço dela, planejando a incisão, embora sua mão ainda tremesse. — Eu não consigo lembrar. Onde é que você faz o primeiro cor-

— Você não considerou. — Thorn interrompeu ao ver Rune ficar tensa — uma contração minúscula de suas maçãs do rosto que só ele pegaria. — Que a previsão já foi cumprida? E que você é quem tem que fazer o sacrifício para

todos nós estarmos em paz?

Erik recuou, olhando para ele. Bisturi na mão, ele andou ao redor da mesa para o lado de Thorn, de costas para Rune. Seus músculos do rosto relaxaram.

— O que você quer dizer ?— Erik perguntou, sua voz adorável e ameaçadora mais do que uma pergunta.

— As almas minha e de Rune estão unidas, como você sabe. — Thorn segurou seu olhar, capturando o movimento de Ange em sua visão periférica. Ela voou para o chão com as cordas desgastadas e queimadas de Rune em sua conta e se jogou em um canto, fora do alcance de Erik. — A música vive nela e juntos a domesticamos. Agora, a voz de Christine prospera em Rune. Ela pode usá-la, cultivá-la e glorificá-la. Mas você deveria retirá-la e colocá-la em uma...

— Sua irmã não é um cadáver! — Erik ergueu o bisturi para a garganta de Thorn, do outro lado do vidro, com a mão tremendo. Thorn esticou o pescoço, sentiu a contração do tendão — pele ainda intacta, mas fria pela mordida de metal. Ele engoliu e seu pomo de Adão rolou sob a pressão da lâmina. Rune conseguiu se sentar, um pouco instável, mas consciente o suficiente para escapar.

Thorn manteve a atenção do pai sobre ele, atraindo-o novamente. — Não há garantia de que a incubadora que você fez crescerá um par de pulmões. Isso tudo é um design idealista que nunca foi testado. Você poderia estar matando a essência de Christine...

— Silêncio! — Erik fervia, acidentalmente cortando o pescoço de Thorn em sua raiva. Thorn sentiu o chuvisco de sangue. Era apenas superficial, mas ardia muito mais profundamente que a pele dele.

Com os olhos arregalados por trás da máscara, Erik recuou e jogou o bisturi no chão com um ping metálico. — Sinto muito. — O pedido de desculpas pareceu estranho — tão vago e vazio — considerando que ele tinha Thorn de pé sobre um ninho de aspas. Erik tirou um lenço do bolso e estendeu a mão sobre o vidro para cobrir o pescoço de Thorn comuma mão gentil. — Eu sinto muito, meu filho.

— Eu nunca fui seu filho. Eu era apenas um meio para um fim.

— Não, eu cresci para amar você. — Erik fechou os olhos e pressionou a testa encovada na caixa de vidro a centímetros do peito de Thorn. — Eu amo você.

Rune caiu no chão do outro lado da mesa enquanto Ange agitava as asas para camuflar o som das roupas farfalhando. Agarrando a mesa em busca de equilíbrio, Rune virou os olhos brilhantes para Thorn, uma pergunta silenciosa sobre como ela poderia ajudar. Ele balançou sua cabeça. Erik era muito instável,

flutuando entre o monstro e o homem.

— Você e eu. — Erik gemeu, as mãos segurando a borda do vidro, os olhos ainda fechados. — Nós temos nossa família juntos finalmente. Por favor, me diga que você pode ver isso, como ela nunca pôde...

— Sim. — Respondeu Thorn, sombrio e assustador. — Eu vejo isso. Nós vamos viver como uma família, você e eu. Ou nós vamos morrer como uma família, nós três. — Ele puxou seu pulso direito para fora do punho solto e abaixou a alavanca. — Você escolhe. Esse é o sacrifício. — O rugido da água jorrando subiu as escadas no apartamento, instantâneo.

A cabeça de Erik apareceu. Sua boca ficou boquiaberta no fundo de sua máscara. A percepção horrorizada rastejou através de seus olhos brilhantes, enevoando-os como nuvens de tempestade, enquanto a água inundava a câmara do elevador e enchia o porão, cheirando a peixe, lama e algas. Em segundos, subiu para os joelhos de Erik e para as coxas de Rune.

Com um grito agonizante, Erik girou, chafurdando em direção ao brilho pulsante da câmara criogênica. Quando ele alcançou a caixa de vidro, ele lutou com cordas e tubos, lamentando enquanto lutava para libertar o corpo minúsculo.

— Etalon...

A voz de Rune, pouco mais que um guincho através do quarto sob o trovão da água.

— Vá agora! — Thorn insistiu. — Diable mostrará o caminho. É irreversível. Só faltam quarenta segundos.

A água puxou seu vestido branco, subindo até o pescoço.

— Não... — Ela sussurrou. — Eu não vou deixar você! — Ela ficou lá, teimosa mesmo enquanto sua aura estava desesperada, milhares de emoções em seus olhos marejados.

Sua dor de coração rasgou seu próprio coração, deixando sua língua azeda com o sabor da desesperança. Thorn puxou o pulso esquerdo ainda preso à parede quando a água começou a cair em sua caixa de vidro, perturbando as cobras sob seus pés. — Eu vou encontrar uma saída. — Uma mentira. O único que poderia salvá-lo era lamentar a criança que ele nunca teve, alheio ao que ele fez — uma verdade cruel que sangrava como uma ferida aberta no centro de seu ser. — Seus amigos, sua tia... eles precisam de você.

As feições delicadas de Rune mudaram para uma resolução dolorosa. Diable remava em cima da água, girando círculos ao redor dela. Soluçando, ela deu a Thorn uma final, implorando olhar com o olhar — enfrentando seu medo

de água e desaparecendo com o gato na passagem que levava à capela.

O primeiro lugar que ele tocou seu rosto... e o último lugar que ela veria o dele.

26
Lendas

“As lendas morrem duramente. Elas sobrevivem como a verdade raramente faz.”

Helen Hayes



Depois que Diable e eu saímos da câmara hermética que se abria para o batismo, o resto da noite de Halloween se desenrolou em câmera lenta e agonizante. Eu tropecei na mala de Etalon na capela e a abri... chorei sobre o violino, o livro de contos de fadas e as roupas lá dentro. Mas quando eu encontrei as meias-máscaras, cópias perfeitas de seu lindo rosto, eu desmoronei completamente. Então ouvi sirenes, cheirei a fumaça e lembrei do outro lado da minha vida.

Fechei a mala e deixei tudo para trás, correndo pelo cemitério escuro com roupas encharcadas e pés descalços com Diable nos tornozelos — fazendo questão de não olhar para o túmulo do bebê — do outro lado da passarela, do jardim e para a casa de ópera.

Alguém tinha usado o telefone fixo para pedir ajuda, e as luzes de ambulâncias e caminhões de bombeiros me saudaram. Fiquei surpresa com

isso... O Fantasma poderia ter desativado as linhas, se ele quisesse. Ele nunca teria esquecido um detalhe como esse. Ele nos deixou um jeito de nos salvar. O que me deu esperança para Etalon.

Quase todo mundo estava no estacionamento. Tia Charlotte e Bouchard, incluídas. Além de Tomlin, todos os professores foram contabilizados. O mesmo acontece com os alunos, além de Sunny e dos meus amigos, que a tia Charlotte viu sair logo depois de "Tomlin" me seguir para fora do salão de baile.

Ela não conseguia encontrar Bouchard para ajudar, então ela foi atrás de meus amigos, para se certificar de que eles não se envolvessem. Ela os perdeu quando chegou ao segundo andar e viu os enxames de abelhas cercando Bouchard e Jippetto. Como nenhum deles estava se movendo, os insetos não atacaram. Outro detalhe inesperado que me deu esperança... O Fantasma ordenara que ficassem parados para sua segurança — vi isso com meus próprios olhos. Ou talvez fosse para proteger os insetos, para que eles não picassem e morressem.

Tia Charlotte liberou suas bombas de fumaça para ofuscar as abelhas. Então ela acordou Jippetto e Bouchard de seus transes antes dos gritos começarem no salão de baile. As portas se fecharam quando os três subiram as escadas. Juntos, eles foram capazes de remover as dobradiças e tirar todo mundo antes que as chamas engolissem a sala. O sistema de incêndios suspensos havia sido desativado.

O Fantasma não era nada se não mercurial.

Quando percebi que eles também tinham que remover as dobradiças da porta da frente para sair, não foi difícil separar onde Sunny e os outros foram, uma vez que avistaram as abelhas que seriam mortais para ela. Eu nem tinha pensado sobre a minha chave do telhado estar faltando novamente até aquele momento. Como todos os segundo e terceiro andares estavam em chamas naquele ponto, e as passagens secretas também foram consumidas pelo fogo, procurei ajuda de Diable, lembrando como ele e Ange haviam invadido o telhado na noite anterior, durante meu encontro com Etalon.

Com os sinos tilintando, o gato me levou a uma passagem secreta atrás de alguns arbustos — uma aba semelhante a uma grande porta de cachorro — na parte de trás do prédio. Levou todo o caminho até a cúpula no telhado, então eu fui capaz de guiar meus amigos para a segurança e ganhei o título de heroína.

Mas eu sabia quem era o verdadeiro herói, e meu coração disparava um pouco mais toda vez que pensava nele.

Descobri, enquanto caminhava com meus amigos até o estacionamento,

todos de braços dados, que depois que saí do salão, Sunny contou-lhes sobre Tomlin “me ajudando” a encontrar minha voz. Quan, Jax e Audrey debateram durante vinte minutos antes de decidir que Tomlin poderia ser o único a me perseguir. É por isso que eles me seguiram, para ter minhas costas, como sempre fizeram. Como verdadeiros amigos fazem.

Quando os carros chegaram para nos levar para a cidade — aqueles que não estavam em ambulâncias — percebi que Diable tinha sumido. E eu sussurrei uma oração sobre o vento com cheiro de perfume floral que ele encontrou seu mestre e eles estavam em algum lugar seguro.

Um dia depois, minha mãe chegou a Paris para ficar por uma semana... para ter certeza de que eu não queria voltar para casa. Eu disse a ela que Paris era onde eu pertencia agora.

Enquanto procuravam na academia, a polícia descobriu o cadáver de Tomlin atrás da parede do espelho, que se despedaçou durante o incêndio para revelar a passagem secreta. O professor de ciências foi queimado e fatiado com cacos de vidro, mas não além do reconhecimento. Eles suspeitaram que ele estava por trás de tudo. O arranjo elaborado no salão de baile — completo com comida cheia de alucinógenos — e as abelhas filtradas através de canos que ele instalou na parede de Bouchard atrás de suas placas. Ele também era responsável pelos meus uniformes rasgados, o corvo morto na minha cadeira, a meia-máscara branca quebrada, as cartas “falsas”, as rosas na capela, a pulseira e a tubulação — embora eu e meus parceiros nunca ousassem admitir que aqueles nos levaram a um clube; que diferença faria, já que não conseguimos nos lembrar onde estava ou o que aconteceu lá?

Uma parte de mim se arrependeu de ter levado toda a culpa. Eu mesmo vi com que facilidade Erik podia manipular as pessoas. Tomlin não era de todo ruim. Ele era justo... ele foi enganado. Eu, no entanto, tive que admitir que ele me sequestrou e me segurou nas passagens secretas onde eu o vi lançando aparelhos e interruptores para o pesadelo no salão de baile. A polícia também vasculhou a capela em busca de provas, mas não encontrou nada ali, a não ser um cisne vermelho que tremulou no momento em que abriu a porta e voou para a cobertura da floresta antes que ela pudesse ser capturada. No entanto, nada foi mencionado sobre a bagagem cheia de roupas, máscaras e um violino.

No final do dia, a polícia decidiu que se tratava de um caso aberto e fechado: um professor cuja mente inteligente havia sido danificada em um acidente de motocicleta anos antes. Que nunca foi o mesmo desde então. Que tinha uma obsessão doentia por O Fantasma da Ópera, e decidiu viver sua

fantasia através da promissora estrela de ópera da academia, Rune Germain. A garota uma vez possuída por música.

A garota que foi curada pelo filho do Fantasma.



As primeiras semanas de novembro passam rapidamente, apesar do meu coração dolorido. O fato de minha impressão da faixa — ou tatuagem de henna, no que diz respeito a todos que não são tia Charlotte e Bouchard — parecerem quentes, mas não doer ou machucar, me dá uma pequena fração de esperança. Mas por que ele não tentou me alcançar, pelo menos nos meus sonhos?

Toda vez que canto, penso nele, junto com aquele pôster em minha parede, na casa da rosa sangrenta: pétalas brancas, líquido vermelho escorrendo de seu coração. Só que eu sou a garotinha destemida alcançando os espinhos, não me importando se estou sangrando; porque essas asas valem cada gota da dor.

Aprendi a controlar meus apetites com amostras diárias de energia, embora eu saiba que às vezes preciso de alimentação maior. Sem Etalon para me guiar, confio na tia Charlotte e sigo suas rotinas. Ela tem mantido segredo desde os quinze anos, afinal. Ela encontrou o tom perfeito de contatos para meus olhos e já estou acostumada a usá-las quando mamãe e Ned voam para passar o Dia de Ação de Graças conosco, trazendo notícias sobre Ben — ele está fora do hospital e indo muito bem, embora os médicos digam que provavelmente nunca recuperará a lembrança daquela noite — um presente de Natal antecipado ainda mais brilhante do que os cartões de Trig e Janine.

Nossa escola continuou com o apoio de todos os pais. As aulas, os ensaios e os dormitórios foram transferidos temporariamente para um prédio de apartamentos que estamos alugando em Paris — o diretor Fabre tem um amigo no setor imobiliário — até que os reparos na ópera sejam concluídos. Como o anônimo benfeitor não pode ser encontrado, a escritura agora pertence aos investidores, conforme o contrato. Entre eles estão tia Charlotte e Madame Bouchard, ambas determinadas que a RoseBlood voltará a funcionar, em todo o seu esplendor do velho mundo, em tempo de sobra para nossa produção de verão de O Anjo Ardente.

No entanto, há uma nova Renata. Eu estava muito “traumatizada” do sequestro para um papel tão desgastante, e escolhi uma das partes menores que se abriram, embora eu já tenha me inscrito para uma audição no Conservatório La Schola Cantorum, onde Audrey espera obter uma bolsa de estudos. E agora

que ela está tocando Renata de novo, ela tem uma chance real. É um choque para todos nós que Kat não tenha batido seus lindos olhos ao perder o papel. Ela está muito preocupada em carregar os livros de Roxie para as aulas, ajudando-a a subir as escadas e levando as bandejas de comida para a mesa para as refeições. Ela não deixou o lado de sua amiga desde que Roxie quebrou a perna enquanto empurrava Kat para longe do candelabro na noite de Halloween. Parece que Kat aprendeu que há mais na vida do que a busca do estrelato e um cara gostoso com olhos azuis e cabelos loiros.

Quanto a Jax e eu? Decidimos que o que aconteceu entre nós no clube rave foi induzido por drogas, não mais real ou misterioso do que as ilusões que todos tinham na noite de Halloween. Audrey perdoou a nós dois e contou a Jax como ela realmente se sente sobre ele. Eles estão namorando agora, e o status de super casal está no horizonte. Depois de quase morrer, eles não estão perdendo mais tempo.

Na sexta-feira depois do Dia de Ação de Graças, Ned leva mamãe para ver o palácio em Versalhes e eu vou com a tia Charlotte para visitar a vovó Lil. Aprendo alguma coisa enquanto olho para a vida inteira de rugas da minha avó, e seu nariz e olhos são tão parecidos com os do pai: o perdão é muito mais fácil do que guardar rancor. Ela não deve viver até o final do ano, mas pelo menos agora nós fizemos as pazes.

Após a visita, minha tia pergunta se eu quero ir com ela para verificar o progresso da renovação na RoseBlood. É a primeira vez que volto desde o Halloween. Eu não perco um segundo atrás dela para a casa de ópera, assim como ela não faz uma única pergunta enquanto nos separamos. A única coisa que ela diz é para estar de volta em uma hora.

O sol brilha, mas o vento é forte com o cheiro de grama e solo. Eu puxo meu boné sobre a minha cabeça e me aconchego mais em minha jaqueta bordada multicolor e costumeiro cachecol. Hoje eu usei meu jeans com os remendos, para que nenhum ar possa penetrar nos rasgos e me arrepiar. Eu sigo a trilha pelo jardim, dando olhares de passagem para as flores e plantas — algumas murchas e dormentes, outras ainda segurando sua forma e cor enquanto brilham com o primeiro toque de gelo. Na primavera, eu as visitarei todos os dias.

Minhas bochechas esquentam com o pensamento de continuar o amor de papai por jardinagem aqui, do seu lado do oceano. Por fim, posso honrar sua memória sem culpa.

Há um sorriso no meu rosto no momento em que atravesso a passarela, já não suspeito da água por baixo. Meu humor muda no momento em que vejo o

túmulo do bebê. Quando a vi naquela câmara, envolta em líquido, ligada a tubos que pulsavam luz e vida em seu corpo vazio, houve um segundo em que hesitei — quase considerei entregar meu presente — até que a lógica de Etalon surgiu. Não teria crescido um par de pulmões ou um coração batendo. Eu fui abençoada com ambos, então cabe a mim manter viva a voz de Christine.

Percebendo algo diferente sobre o epitáfio, aproximo-me do berço. Alguém gravou 31 de outubro ao lado do ano de 1883, junto com o nome: Hope. A sujeira ao redor do túmulo é recém cavada.

É a confirmação. Erik escolheu seu filho e Etalon está vivo. Lágrimas escaldam as bordas dos meus olhos, uma explosão de alívio.

Ele está vivo.

Mas... isso significa que o Fantasma também está vivo.

O que Christine disse em seu desenho? Lendas nunca morrem.

Esse conhecimento não parece tão intimidante agora. Ele nunca mais me machucará. Etalon cuidará disso.

Eu borrei meus olhos com o punho da minha jaqueta e virei para a capela. Essa dor começa mais uma vez no meu coração... um desejo tão profundo que mal posso respirar. Eu não planejei entrar; Eu não achei que estivesse pronta. Mas uma sensação magnetizada de puxar atravessa minha tatuagem, tornando impossível para mim ir embora.

Minhas mãos pairam sobre a maçaneta da porta da serpente, estimulando uma lembrança gutural de Etalon dentro daquela caixa de vidro com cobras sob seus pés. Eu desliguei o medo, porque ele conseguiu sair bem. Eu posso encontrar paz nisso, mesmo que eu nunca mais o veja.

Só por favor, onde quer que esteja, seja feliz, Etalon. Não se esconda mais. Viva.

Ele merece que, depois da infância, ele tenha suportado, e afinal ele fez para salvar a mim e à escola apesar disso.

Um nó se forma na minha garganta, impedindo minha frente corajosa. Eu sou egoísta, porque eu não quero que ele esteja em outro lugar. Ele é parte de mim. Eu quero ele aqui. Agora e sempre.

Eu empurro a porta aberta, pintando o chão sujo de pedra com um toque de luz amarela. A iluminação suave continua em manchas coloridas ao longo das paredes, estampadas no lugar através dos vitrais. Fecho a porta e o silêncio me envolve, a não ser os sussurros do vento que atravessam as rachaduras nas janelas. O cheiro de pedra úmida tinge o ar, dominado pelo aroma de rosas.

Eu me movo para frente, dando passos cautelosos pela superfície arenosa

enquanto meus olhos começam a se ajustar à luz amarelenta e fulgurante dourando a sala. Minha respiração trava em meus pulmões quando vejo o batismo e o violino de meu pai apoiados em sua base. Ao lado, um cobertor amortece a pedra, polvilhada com uma camada de pétalas de rosas duotônicas.

— Eu sei que prometi uma cama, mas não consegui encaixar as molas da caixa no batismo.

Um soluço pega na minha garganta ao som daquele sotaque francês quebrado. Eu me viro e ele sai das sombras do outro lado da capela — alto, forte e gentil. Meu maestro.

Ele segura Diable em seus braços. O gato franze a testa, enojado com o confinamento. Enquanto Etalon e eu nos encaramos em silêncio, Diable se contorce, seu colarinho tilintando, até que seu "mestre" finalmente o coloca para baixo.

O gato segue meu caminho em uma nuvem de sinos e pelo lanoso, para o suficiente para envolver meus tornozelos em saudação, depois corre para as sombras atrás do batismo. Seu tinido para, um sinal certo de que ele encontrou uma saída.

Etalon não se mexeu de seu lugar, além de tirar os sapatos. Seu cabelo ondulado escuro foi cortado e varrido em alguma aparência de ordem. Ele está vestindo um suéter azul marinho leve, blazer azul escuro e calça azul marinho com nervuras, e fica ao lado de seus sapatos descartados, mostrando minhas meias.

Eu fecho uma mão sobre a minha boca, presa entre rir e chorar. Minhas pernas tremem, prontas para correr até ele, meus braços doem para abraçá-lo. Estou com fome para beijar aqueles lábios e bagunçar seus cabelos sedosos com meus dedos. Eu queria por um mês. Mas eu não consigo me mexer. — Você parece... tão normal. — murmuro entre meus dedos.

Uma risada ressoa de seu peito. — Bem, há uma primeira vez para tudo, sim? Eu tive uma entrevista de emprego em Paris hoje. Assistente veterinário. Finalmente, posso usar meus talentos mais uma vez para curar, em vez de alterar. Erik puxou algumas cordas.

Ver Etalon tão contente, saber que ele pode começar a reparar o que ele fez — isso deve desestabilizar a reviravolta no meu intestino. Mas a imagem de Erik puxando cordas em qualquer nível envia arrepios através de mim. Ainda me lembro de como ele segurou o bisturi na minha garganta, depois fez o mesmo com Etalon, na verdade cortando-o.

E eu lembro como achei que tinha deixado Etalon morto.

— Não. — Eu deixo cair a mão e luto para conter a corrente de emoções misturadas crescendo em mim. — Não estamos fazendo isso. Ter uma conversa típica como nenhum de nós passou pelo inferno e voltou. Você poderia pelo menos me mandar uma nota! Alguma coisa! Qualquer coisa para me deixar saber...

Ele está se elevando sobre mim antes que eu possa terminar, um gracioso corte de azul profundo através da luz do sol nas paredes. — Eu pensei que você soubesse. — Ele pega minha palma e empurra a manga da minha jaqueta para o meu cotovelo, traçando a faixa da fita ao longo do meu pulso e acendendo as bobinas com um delicioso fogo. — Isso deveria ter dito a você. — Ele levanta meus dedos para seus lábios macios, em seguida, balança a cabeça. — Eu esqueço às vezes. O conceito é estranho para você ainda. Um dia você aprenderá a confiar em suas intuições.

Eu bato seu peito, apenas uma vez, com a minha mão livre.

—Mesmo se eu senti, não é bom o suficiente! Quando você não veio a mim em meus sonhos, eu temia que você não quisesse me encontrar.

Seu olhar escuro se intensifica e ele me apoia em direção ao batismo, parando quando meus quadris atingem a frieza das bordas dos tijolos. Ele tira o meu boné e joga-o na pilha de pétalas de rosa, depois enrola os dedos no meu cabelo e inclina o meu rosto para que eu possa ver a sinceridade gravada em cada característica perfeita. — Eu sempre vou querer encontrar você. — Sua voz profunda ressoa através de mim, implorando-me para acreditar.

—Às vezes não podemos estar juntos. Mas mesmo assim, eu vou estar amarrado a você. Eu estava lhe dando tempo para se encontrar, para conseguir seu equilíbrio, enquanto eu encontrei o meu. Mas nunca duvide que eu atravessaria o universo para você*, chama gêmea*.

Chama gêmea — a justaposição mais desorientadora e estimulante que já encontrei: à deriva e independente, mas ao mesmo tempo enraizada e ligada a outra.

Sua junta roça minha têmpora. — Agora, tudo melhor?

Eu me inclino em seu calor corporal, segurando-o apertado com um braço enquanto me aqueço em seu aroma amadeirado e picante. — Sim. — Eu suspiro. Isso é o que eu perdi. Isso é o que eu estava esperando. Paz, conforto e perfeição.

Casa.

Os dois braços dele se envolvem ao meu redor, os dedos arrastando minhas vértebras por baixo do meu casaco enquanto ele esfrega o topo da minha cabeça. Eu pressiono meu ouvido em seu esterno e abro minha mão em seu peito, para

que eu possa ouvir e sentir seu batimento cardíaco.

— Onde você estava? — Eu pergunto, finalmente, me aconchegando mais perto para compartilhar sua energia.

— Depois que escapamos do dilúvio... — O calor quente cobre meu couro cabeludo enquanto ele respira a resposta — Erik e eu ficamos no Jippetto por alguns dias, até que a polícia diminuiu. Depois fomos ao clube em Paris por duas semanas, arranjando para que outros assumissem a corrida. Erik tinha máscaras e roupas lá, então quando ele estava bem o suficiente para viajar, pegamos um avião para o Canadá. Nós enrolamos o rosto dele em bandagens, como se ele tivesse sofrido um acidente. Ange e Diable nos acompanharam na cabana. Há uma cidade subterrânea espelhada onde eu tenho... família.

Eu me liberto para olhar para ele. — Espelhada e subterrânea. Então, nosso tipo de família?

— Sim. Eu vou te levar um dia, se você quiser ver. Mas Erik precisa estar lá agora. Em algum lugar seguro, onde ele será aceito. Ele ainda é tão frágil. Eu o queria longe de... — Ele se interrompe.

— Mim.

Etalon estreita os olhos em pensamento. — Este lugar e todas as suas memórias, no mínimo.

Ele está tentando minimizar o dano, mas mesmo que ele tenha perdoado Erik até certo ponto, ainda há uma parte dele que não confia em seu pai perto de mim. E estou bem com isso. Eu me sinto muito mais segura aqui em RoseBlood, sabendo que o Fantasma está no Canadá e que ninguém — além de um gato mal-humorado — está à espreita nas sombras.

— Então... — Etalon pressiona. — Sua vez. Conte-me sobre você.

Eu bufo. — Meus detalhes são pálidos em comparação. Você realmente quer ouvir sobre a escola? Coisas chatas e cotidianas?

— Sempre. — Suas mãos caem para a borda da bacia em ambos os lados dos meus quadris para que ele possa se curvar para baixo, sua testa a centímetros da minha. — Mas, por enquanto, eu estava pensando em algo mais íntimo. — A maneira como ele rosna a palavra acende minhas entranhas com antecipação, mas ao invés do beijo apaixonado que estou esperando, ele esfrega meu nariz, enviando arrepios elétricos para mim. — Quando é seu aniversário? Qual é o seu café da manhã favorito? Como se sentiu na primeira vez que você tricotou um lenço? Quantos animais de estimação você já teve. Ah, e qual é a sua cor favorita?

— Isso é fácil. — Eu interrompo sua provocação, notando seu peito

brilhando com a luz esverdeada, onde minha mão ainda está tocando nele. — É verde.

Ele ri.

Eu também rio até registrar o que sua entrevista de emprego deve significar hoje. — Espera. Você vai morar em Paris?

— Eu já tenho um apartamento. Eu mostro a você assim que eu me mudar.

Eu mordo meu lábio, tentando não revelar o quão feliz isso me faz. Embora eu saiba que ele possa ler na minha aura. — Hmmm. Você assumiu muitos compromissos para me mostrar as coisas. A cidade espelhada... seu apartamento... a cama coberta de pétalas de rosa.

Ele levanta uma sobrancelha escura. — Essa é a minha favorita.

— A minha também. — A admissão aquece minhas bochechas. — E talvez você também possa me mostrar como tocar violino?

— Claro. No entanto, você sabe que eu gosto de tocar meio vestido. — Ele sorri, uma provocação sedutora de dentes e lábios.

— Sou tudo para aprender as técnicas do meu maestro. — Respondo sem perder o ritmo.

— Apenas a resposta que eu estava esperando. — Ele está preocupado com o meu cabelo novamente, enrolando as ondas em torno de seus dedos como se fosse a coisa mais natural do mundo. Há um relacionamento fácil entre nós agora... um contraste agradável com todas as emoções pesadas e drama que nos uniu. Vai ser bom finalmente viver no momento, depois de tantos anos presos no passado.

Eu aliso as lapelas do blazer dele. — Você sabe, estou gostando desse novo visual. Isso tornará as coisas mais fáceis quando você conhecer minha família e amigos se você parecer razoavelmente humano.

— Conhecer eles... — A cor escoa de seu rosto, espelhando sua aura enquanto ela se torna puro terror cinza.

Eu dou uma risada. — Oh vamos lá. Isso te assusta? Depois de tudo o que passamos, é isso que deixa o seu sangue frio? Você tem que conhecê-los... é uma das regras não escritas do namoro.

— Existem regras para um menino cortejando uma menina? — Puxando delicadamente meu cabelo, ele traz meu rosto perto o suficiente para sentir seu hálito quente e doce. — Eu tenho medo que você tenha que escrevê-las para mim. Eu sou novo em tudo isso.

Um sorriso curva minha boca, para imaginar um íncubo pedindo dicas de namoro. — Há apenas três outras que você deveria saber. Primeiro, nunca diga a

palavra cortejar. Segundo, não faça poesia manca, a menos que a ocasião peça um pouco de romance extra. — Eu empurro um cacho de sua testa, espantada e admirada com a sorte que temos de nos encontrar neste momento. Algo que eu poderia ser grata a Erik por um dia, muitos anos a partir de agora. — E terceiro, seja você mesmo. Garantido, você terá todas as garotas caindo a seus pés.

Eu não o disse mais cedo do que ele me pegou em seus braços, embalando-me como se eu não pesasse mais do que uma das penas de Ange. — Eu tenho apenas uma garota em mente. — Diz ele, perto dos meus lábios. — E eu nunca vou deixá-la cair. Muito poético?

Eu traço as linhas esculpidas de seu queixo e mandíbula, sem fôlego.

— Não. — Eu sussurro uma vez que finalmente consegui uma resposta. — A ocasião pedia isso.

Olhos brilhando com a energia pulsando entre nós, suas feições crescem sombrias. Eu seguro seu rosto enquanto ele inclina a cabeça para um beijo — um estalo de sensações através dos meus lábios, língua e garganta— com sabor de açúcar refinado derretido por uma chama esfumaçada. Carregando-me para as pétalas de rosa, ele me deita. Então ele se abaixa sobre mim, e sua boca encontra minha pele, iluminando meu corpo com a música.



Fim.

Notes

[←1]



[←2]

É a designação botânica dada às espécies vegetais cujo ciclo de vida é longo, permitindo-lhe viver por mais de dois anos, ou seja por mais de dois ciclos sazonais. Suas folhas não caem.

[←3]

Cigarro eletrônico

[←4]

É o feito de montar ou reproduzir animais para exibição ou estudo. É a técnica de preservação da forma da pele, planos e tamanho dos animais.

[←5]



[←6]



[←7]

Espinho

[←8]

Uma mistura de pétalas secas e especiarias colocadas em uma tigela ou saco pequeno para perfumar roupas ou um quarto.

[←9]

Maldição

[←10]

Pássaro Canoro

[←11]

Silêncio